SHELLEY LUBBEN

A verdade por trás da pornografia

CONFISSÕES DE UMA EX-ATRIZ PORNÔ

A verdade por trás da pornografia

Confissões de uma ex-atriz pornô

Shelley Lubben

Sumário

Conteúdo

Prefácio do Tradutor

Ou

Como esse livro me ajudou a me libertar da pornografia.

Eu estava assistindo "Rambo - até o fim" quando vi essa cena:

Indo atrás de sua sobrinha Gabrielle, que tinha sido capturada e estava sendo prostituída pelo cartel Mexicano, Rambo vai pedir aos líderes do cartel, os irmãos Martinez, que a devolvessem.

Rambo é recebido com centenas de armas em sua cabeça.

Segurando uma foto de sua sobrinha Gabrielle em uma das mãos, Rambo caminha devagar até Hugo e Victor Martinez. Um dos bandidos arranca a foto da mão de Rambo e a entrega para Victor Martinez. Esse a olha e diz:

— Essa puta eu conheço. É uma das novas.

Ao ouvi-lo dizendo isso, Rambo se descontrola, esquece estar cercado por centenas de armas e tenta avançar em Victor. Não deu certo. Victor corta o rosto de Rambo com uma faca, Rambo cai no chão e começa a ser brutalmente espancado. Quando ele para de tentar se defender, parecendo ter morrido, uma voz interrompe o espancamento. É a voz de Hugo Martinez. Esse agacha e dá início à cena mais cínica de todo o cinema.

Ele olha para o rosto ensanguentado de Rambo e diz:

— Essas garotas não significam nada para mim e nem para os meus clientes. No meu mundo elas não são nada. Nem sequer são pessoas. São apenas... coisas. Não têm valor para homens como nós – então ele continua — eu não teria prestado atenção... — ele aponta para a foto – nisso. Eu não teria prestado atenção nela. Mas agora eu vou. Nós só a teríamos treinado, usado e vendido. Mas por conta dessa sua tentativa de “resgate”, eu vou fazê-la um exemplo para todas as outras.

Em seguida, em retaliação, começam a drogar e a prostituir a "coisa" sem cessar. Algumas cenas depois, o Rambo invade o puteiro, mata

todos os guardas com um martelo e resgata a "coisa" deles. Resgata a Gabrielle, sua sobrinha amada.

Impedido de ir a qualquer hospital no México, Rambo a põe no carro e acelera até os EUA.

No carro, ela começa a ter uma overdose e a fechar os olhos. Temendo que ela nunca mais abrisse os olhos, Rambo diz:

— Gabrielle, eu preciso que você fique de olhos abertos. Vamos conversar. Eu lembro que você andava a cavalo muito bem. Você vencia todas as competições. Quando você tinha 11 anos ganhou 5 em um dia. Gabrielle, abra os olhos... Não morra. Você tem muito pra viver. Ainda tem muito para fazer. Quando eu cheguei da guerra você era tão nova. Tão nova. Eu era um homem perdido. Então eu te conheci e vi o que eu nunca achei que veria: eu vi em você o bem nesse mundo. Eu vi a inocência.

Quando Rambo olha para o lado outra vez, Gabrielle já estava morta. Em seguida, o Rambo freia o carro e, com o rosto contorcido pela dor, a cobre delicadamente com um cobertor.

O impacto que essa cena teve em mim é praticamente indescritível.

Quando a vi, fazia 3 anos que eu lutava contra o vício em pornografia. Eu já tinha tentado de tudo. Eu já feito e desfeito diversas “streaks” de “no fap”. Eu já tinha buscado rotinas e hábitos para ter mais “autocontrole” e “força” e “maturidade” e “disciplina” e “outras virtudes que eu não tinha”. Já tinha buscado ter um “propósito” superior que de algum modo me libertasse. Já tinha criado um eu ideal para que eu o mentalizasse diariamente. Já tinha repetido várias e várias afirmações diante do espelho. Já tinha implorado a Deus. Eu já tinha tentado de tudo para que eu fosse liberto e eu tivesse uma vida melhor e eu me livrasse do vício que me reduzia a um escravinho do meu próprio corpo. Mas nada tinha funcionado.

Quando vi essa cena, eu percebi pela primeira vez algo muito importante: o motivo de eu não conseguir me libertar da pornografia não era porque eu tinha me viciado nela com 11 anos e nem porque eu não tinha a rotina certa ou a imagem de eu ideal forte ou o “autocontrole” ou a “força” ou a “maturidade” ou "disciplina" necessárias para tal libertação. O motivo da minha escravidão pela pornografia era algo muito mais simples: eu não tinha amor ao próximo, eu só pensava em mim.

Para mim, aquelas mulheres do pornô eram apenas... coisas. Elas não tinham valor nenhum para mim. Eram apenas imagens mais ou menos atraentes. Sequer eram pessoas. Eram imagens que apareciam no meu celular para pouco depois serem substituídas por outras imagens e esquecidas para sempre. Eu era como o Hugo Martinez. A minha falta de amor àquelas mulheres me tornavam exatamente como ele.

Mas como amar alguém que você não conhece?

Busquei e encontrei o remédio para isso lendo a autobiografia de uma ex-atriz pornô: o livro “the truth behind the fantasy of porn” escrito por Shelley Lubben, a mulher por trás da atriz pornô "Roxy".

Essa autobiografia me permitiu perceber que enquanto na infância, a pequena Shelley amava ir à escola de domingo, tinha uma paixão doida por Jesus Cristo e gostava de imitar o Michael Jackson, Roxy era uma loira gostosa.

Enquanto Shelley tentou desesperadamente chamar a atenção de seus pais, era amada por sua avó Nonnie, se tornou uma adolescente confusa, insegura e maluca que foi cruelmente expulsa de casa aos 17 anos, Roxy tinha uma bunda redondinha.

Enquanto Shelley virou mendiga, foi cooptada por um cafetão filho da puta, recebeu uma gozada de sangue na cara e saiu correndo desesperada jurando para Cristo, seu amor de infância, que nunca se prostituiria, para poucas semanas depois voltar ao puteiro, engravidar de um estranho e sofrer o seu primeiro aborto, lamentado por anos e anos, Roxy chupava bem um pau.

Enquanto Shelley quase foi assassinada no México, tentou se suicidar duas vezes, sendo uma delas na frente de sua filha de 5 anos, quase morreu outras cem, e o próprio Deus a salvou da morte em um acidente de carro, Roxy tinha uma buceta linda.

Enfim, a lista de “enquanto’s” continua indefinidamente. O fato é que quantas Shelley’s existem por trás das “Mia Khalifa", “Lana Rhodes”, “Sasha Grey” e outras atrizes famosas?

Quando eu busquei responder essa pergunta, imaginando e recordando quem realmente eram aquelas mulheres, como elas tinham chegado ali e o que acontece por trás da pornografia, aos poucos, eu fui deixando de ser como Hugo Martinez e passei a ser como um dos familiares de Gabrielle, sentindo compaixão daquelas

mulheres e lamentando o seu destino trágico. Esse exercício me libertou da pornografia.

Imaginar e recordar que cada uma daquelas mulheres, que eu assistia com deleite serem comidas e gozadas por estranhos, já foi uma criança pura, inocente, com sonhos e esperanças e projetos para o futuro, me trouxe tristeza pela existência dos vídeos que antes me divertiam.

Imaginar e recordar que o mundo, o tempo e uma sucessão de desgraças tinham corrompido ela a tal ponto que eu, um completo estranho, estava sozinho dentro de um banheiro, vendo-a na tela do meu celular ser gozada por um estranho, enfim, *perceber a situação real daquele ato*, me trouxe nojo pela pornografia.

E imaginar e recordar de novo e de novo que muitas delas não teriam a sorte da Shelley e que em poucos anos estariam ainda mais drogadas, ainda mais infectadas, ainda mais tristes, ainda mais miseráveis ou estariam simplesmente mortas, aniquilou o meu prazer pela pornografia.

Esse exercício de imaginação e recordação acompanhado de muitas orações, essa escolha de não fingir que o sofrimento e história daquelas mulheres não existiam para que eu pudesse bater uma reles punheta em paz, essa decisão de participar imaginativamente do sofrimento dessas mulheres, fez com que em poucas semanas eu estivesse completamente livre da pornografia.

E finalmente estando livre, mas vendo que muitos dos meus amigos ainda estavam no mesmo estado em que eu fiquei me debatendo durante anos, sem ter os recursos imaginários necessários para sair dele e ignorando totalmente a verdade por trás da pornografia, eu tomei como meu dever a tarefa infernal de traduzir esse livro.

Foi horrível.

Após ler, traduzir, ler e rever durante 6 meses o *que realmente estava acontecendo por trás daqueles vídeos* que me divertiram durante 10 anos, eu pensei que ia morrer. Quis desistir dessa tradução várias vezes. Mas eu sabia que não podia desistir: a divulgação desse livro era urgente.

Enfim, agora a tradução está pronta. E você, leitor, tem a chance de, conhecendo Shelley e o inferno por trás da pornografia, ter os recursos imaginativos necessários para participar do sofrimento das

atrizes pornô, e escolhendo participar desse sofrimento ao imaginar a tragédia necessária para que ela apareça em sua tela e ao não ignorar a dor brutalmente real por trás da ilusão do vídeo pornô, em poucas semanas, criar um horror imenso pela pornografia e finalmente ser liberto.

O livro está aí. A verdade está nas próximas páginas. Agora a escolha é sua.

Rogo a Deus para que você escolha o bem.

João Paulo Barreto

Brasília 13/06/2022

Agradecimentos especiais de Shelley

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos às pessoas maravilhosas que têm me ajudado desde minha recuperação em 1995.

Ao Pastor Kevin Gerald que me deu sabedoria, e me ensinou como viver como uma campeã.

À Pat e Argis Hulsey, meus mentores no caminho desse ministério e que me ensinaram: “Maior é Ele que está em você do que aquele que está no mundo”

Aos membros da fundação Pink Cross, que me ajudaram construir um legado de amor e compaixão para os tantas pessoas feridas.

Para Roger, meu amigo próximo e um Will Wilberforce dos dias atuais, que luta incansavelmente pela causa dos direitos humanos.

À Judith Reisman que, expondo a sabotagem sexual da nossa nação, me inspirou por sua coragem e determinação inabalável

À Tiffany, Teresa e Abigail que são troféus da graça divina e anjos enviados para trazer cura e beleza para a minha vida.

À Melanie, minha querida melhor amiga, que ministra para mim sem falhar no seu grande amor e humildade.

Para meu amado e amigo mais verdadeiro, meu marido Garrett, que me resgatou do fundo do poço e me mostrou um horizonte imenso; Garrett, eu te amo com todo o meu amor.

Dedicatória

Gostaria de dedicar este livro às centenas de homens e mulheres que morreram na indústria pornô por AIDS, suicídio, homicídio e overdoses.

Suas vozes serão ouvidas agora.

Ato 1 – A Verdade Por Trás da Pornografia

Capítulo Um - Sob o grande topo

O sexo do filme pornô, feito com aquelas loiras gostosas, cujos olhos dizem “quero mais”, é a maior mentira do mundo.

Confiem em mim. Eu sei.

Ralei por oito anos em clubes de strip e puteiros, abrindo meu caminho para o grande topo da pornografia, onde fama, glamour e fortuna me eram prometidas. Eu tinha 24 anos quando fiz meu primeiro pornô.

Eu até que dava um bom show, mas nunca gostei de atuar naquele circo de sexo. Preferia passar meu tempo com o Jack Daniels do que com os atores com quem eu tinha que fingir prazer. Isso mesmo, nenhuma de nós, loirinhas gostosas, gosta de fazer pornô. Na verdade, a gente odeia. Odiamos abrir as pernas para homens infectados com herpes, gonorreia, clamídia, AIDS, e outras DST’S. Odiamos o cheiro podre dos seus corpos sujos e suados. Algumas garotas odeiam tanto, que entre as cenas, eu as ouvia vomitando litros de bílis no banheiro. Outras, eu encontrava do lado de fora, fumando intermináveis chaminés de Marlboro...

Mas, a indústria multibilionária da pornografia quer que você creia na fantasia de que amamos o sexo. Quer que você seja otário a ponto de crer na mentira de que amamos ser gozadas por desconhecidos tarados enquanto somos filmadas por uma equipe de desconhecidos cruéis. Quer que você creia que amamos fazer todo o tipo de ato repulsivo. Quer que você creia que amamos ter nossos ânus penetrados até que um dia o nosso intestino literalmente saia para fora do corpo. Quer que você creia que amamos não saber se será nessa cena ou na próxima que pegaremos a AIDS que nos matará.

Criando vídeos bem editados, a indústria induz o consumidor a crer que é verdadeiro o tesão que fingimos nos nossos rostos lindos. Mas a única coisa verdadeira no set de gravação, é a dor indizível que as mulheres sofrem ao serem espancadas, mordidas, cuspidas, expostas a riscos, machucadas, chutadas e chamadas por nomes como “vagabunda” e “cachorra do caralho”.

Enquanto gravava o filme “sexo bruto 2”, numa entrevista para a Talk Magazine em fevereiro de 2001, uma atriz pornô descreveu horrorizada:

—Durante a gravação das cenas, eles me batiam e me sufocavam até eu não conseguir respirar. Foi horrível.

Outra atriz disse:

— Chorei porque a dor era demais para aguentar.[1]

A ex-atriz pornô Jersey Jaxin também descreveu os tormentos sofridos no set:

— Uns homens esmurrando a sua cara. Tem sêmen nos seus olhos. Você fica rasgada. Sente que vai cagar a qualquer momento. E parece que não vai acabar nunca. Lá você é vista como uma coisa que foi paga, será usada e então descartada. E não como um ser humano com espírito... Ninguém se importa com você. E é por isso muitas viram drogadas: elas simplesmente não aguentam como são tratadas.[2]

Há uma razão pela qual drogas e álcool são um sucesso na indústria. Becca Brat, que atuou em mais de 200 filmes, me disse ao sair da indústria em 2006:

— Eu andei com muita gente da indústria, sabe? Desde garotas amadoras às atrizes do gonzo. Todas, sem exceção, tinham o mesmo problema: todas eram viciadas em alguma droga. É um estilo de vida vazio, que tenta preencher um vazio interior. [3]

O ator pornô Christian XXX também fala abertamente sobre o uso generalizado de drogas no meio da pornografia. Ele escreveu no seu blog em janeiro de 2008:

— Já vi todos os tipos de drogas no set, nas festas, e nos carros do pessoal do trabalho. Drogas em todos os lugares. Se eu tivesse que chutar, diria que 90% do pessoal da indústria (atores, atrizes, diretores, assistentes, agentes, donos, funcionários de escritório, etc.) são usuários de maconha. Já estive numa cena em que uma garota desmaiou DURANTE o sexo comigo (ela usava oxicodona). Faz poucos dias que uma garota teve overdose de GBH no set (uma droga para festas que é transparente e que não vai bem com álcool). Já vi uma garota ganhar um prêmio importante da AVN, não

aparecer para recebe-lo por conta de uma ressaca de drogas e, poucos meses depois da premiação, perder 22 kg e morrer. [4]

Essa garota não foi uma exceção: o pornô pode realmente te matar. Desde os anos 2000, houve pelo menos 34 mortes relacionadas às drogas entre os atores e atrizes.[5] Após bebidas como vodca e coquetéis de oxicodona serem oferecidas, as mulheres ficam entorpecidas o suficiente para aguentar o sexo violento e a humilhação imensa da gravação de um filme pornô. Quando o álcool já não é o suficiente, e a dor passa a transformá-las em alcoólatras, as estrelas pornô são levadas a médicos locais, conchavados com a indústria, para receber receitas de Vicodin, Xanax, Valium e outras drogas ansiolíticas que as ajudam a aguentar o sofrimento.

A ex-atriz pornô, Michelle Avanti, nos conta como foi a sua primeira cena, e como essa a levou às prescrições médicas que acabaram por leva-la ao vício:

— Eu tentei desistir e não gravar a cena. Mas um ator disse que eu não podia desistir, porque eu tinha assinado um contrato. Fui ameaçada de que se eu não gravasse a cena, eu seria processada em milhares de dólares. Cedi. Acabei tomando uns shots de vodca para aguentar e fiz a gravação. Mas depois, conforme fui fazendo mais cenas e o álcool começou a não funcionar como antes, eu comecei usar os remédios controlados como Vicodin, Xanax, Norcos, Prozac e Zoloft, que me eram dados a qualquer momento por quase qualquer médico no San Fernando Valley da Califórnia. Bastava pedir para receber qualquer droga que eu quisesse.[6]

Acha que estou exagerando sobre os procedimentos maquiavélicos da indústria pornô? Pense de novo. Graças à Internet e a shows como o ABC's 20/20, confissões de vício em drogas receitadas, de agressões físicas no set e até mesmo de estupros estão se tornando cada vez mais públicas.

A atriz pornô, Belladonna contou à Diane Sawyer "Eu sempre odiei o pornô" e em seguida contou que um dia ao set, esperando gravar uma cena normal, mas o diretor pediu que ela gravasse uma cena hardcore de sexo anal. Segundo a emissora, ela tinha acabado de fazer 18 anos. Alguns meses (e várias cenas) depois, sendo agora uma atriz pornô veterana, Belladonna apareceu em outro set. Lá informaram que a cena do dia simularia um estupro coletivo numa

prisão e que ela seria dividida por doze homens diferentes. De novo, ela tentou desistir. De novo, ela foi "convencida" a continuar.[7]

Mas, você pode se perguntar: essas mulheres não escolheram estar ali? Com base nas imagens sexuais, que nos alimentaram desde a infância pela TV, revistas e internet, claro que escolhemos. Começando nos anos 70, quando nossos personagens favoritos eram mulherengos como o DOC da série "O Barco Do Amor", até chegar em 2005, quando o programa mais popular entre as crianças foi a série "Desperate Housewives" da ABC.[8] Além, é claro, das glamorosas imagens pornográficas que nos foram enfiadas goela abaixo na adolescência. Crescendo na imoralidade sexual por mais de 40 anos, não é nenhuma surpresa que as crianças da América acabaram no Facebook ou no MySpace, postando suas próprias fotos sensuais. Onde mais uma criança hiper-sexualizada conseguiria tanta atenção?

E são essas crianças que os produtores maquiavélicos da indústria têm caçado nos últimos anos. Fingindo ser adolescentes ou admiradores adultos, eles as adulam com palavras como "você é tão diferente das outras" ou "você é tão gostosa". Nós, garotas carentes e hiper-sexualizadas, caímos rapidamente na armadilha deles. Depois de alguns cumprimentos e de uma oferta financeira irresistível, nós nos encontramos em suas agências pornô. Quando percebemos, já estamos ouvindo sobre "posar nua" e "sexo anal".

— Você será a próxima estrela pornô se gravar uma cena de anal — o agente pornô promete ao entregar o contrato, enquanto uma loira peituda pisca para nós no canto da sala.

Em poucos dias, somos enviadas às clínicas da indústria para fazermos testes de DST'S. Com braços abertos e sorrisos doces, somos recebidas por uma equipe médica, que garante que "estaremos seguras[9]". Conforme vamos nos sentindo mais confortáveis, começamos a ouvir atentamente as outras atrizes, que compartilham dicas de como ser grande na terra do pornô:

— Relaxa sua garganta e respira pelo nariz. Vai ser até divertido quando você aprender como faz.

Nunca há alguma instrução séria sobre DST'S. Só há um videozinho da Porn 101, que eles sabem que nenhuma de nós jamais assistirá. A mentira é a rainha de todo o processo de aliciamento.

Algumas de nós contraíram HIV por conta dessas mentiras imundas.[10] A atriz pornô, Darren James lembra o pesadelo de testar positivo para HIV em 2004:

— Descobrir que eu tinha HIV foi como receber um chute no estômago. Senti que minha vida tinha acabado ali.[11]

Dr. Sharon Mitchell, "médico" das atrizes pornô, que usa um jaleco branco e parece não ter um diploma, afirma que entre os artistas da indústria pornô, menos de 7% estão infectados com HIV, e que apenas de 12 a 28% possuem alguma outra DST — desde não seja a herpes, estando essa sempre na casa dos 66%.

Contudo, apesar do que diz o funcionário da indústria, além da taxa de herpes estar sempre alta, por experiência pessoal, as taxas de gonorreia, clamídia e hepatite também estão sempre altas. Essas doenças simplesmente continuam a grudar em tudo, desde dildos às superfícies lisas e até mesmo nas nossas mãos. Então, perdoem a sinceridade, mas até nos nossos c#s tinha clamídia.[12]

E segundo o Departamento de Saúde Pública de Los Angeles, a indústria pornô ainda está metida em muitas outras coisas. Em setembro de 2009, o departamento publicou relatórios impressionantes, que relataram 2.396 casos de clamídia, 1.389 casos de gonorreia, e cinco de sífilis entre os atores e as atrizes da indústria pornô. Entre 2004 e 2008 infecções recorrentes foram relatadas em 25.5% desses indivíduos. Também foi relatado que a prevalência de clamídia e gonorreia entre os artistas é dez vezes maior do que em toda a população entre 20—24 anos do condado de Los Angeles, e cinco vezes maior do que em uma das comunidades mais vulneráveis de Los Angeles. Além disso, desde 2004, 25 casos de AIDS foram relatados pela Adult Industry Medical Healthcare Foundation (AIM).

AIM é sigla das clínicas médicas subordinadas à indústria. Elas oferecem testes, diagnósticos e cuidados *limitados* para os atores e atrizes. Mas devido à incompetência dessas clínicas de testes em diagnosticar infecções bucais e retais, um alto índice de doenças ainda prevalece entre os artistas da indústria .[13]

Como se não bastasse sermos coagidas, enganadas e expostas repetidamente a doenças perigosas e incuráveis, muitas de nós sofreram danos permanentes nas partes internas do corpo. A atriz

veterana, Kemi Andrews, confessa que ela ama o dinheiro e o glamour do pornô, mas que odeia não poder "cagar direito".

— Você sempre está fazendo "chuca", jejuns e tomando um monte de laxantes e remédios para seu intestino. O resultado disso é que após algumas cenas de anal, o seu sistema intestinal já foi praticamente destruído.[14]

Fezes anormais e problemas intestinais são apenas o início dos danos que os atos hardcore de anal causam. Muitas mulheres sofrem um mal ainda pior: o prolapso retal.

Um prolapso retal é uma condição horrível em que as paredes intestinais saem pelo ânus, e se tornam visíveis fora do corpo. Você literalmente caga o seu intestino para fora. Chega uma hora, após vários tratamentos, que tratar o prolapso se torna inútil e ele se torna permanente — para a alegria imunda de diretores bestiais, que tornaram essa condição abominável num simples "fetiche".

Quando as estrelas pornô terminam o dia de trabalho, e vão para casa com corpos roxos, gozados e ensanguentados, muitas ainda tentam manter relacionamentos saudáveis. Mas isso também não costuma a dar certo porque inevitavelmente chega o dia em que os nossos namoradinhos enciumados começam a nos bater.

Então ao invés de passar por isso de novo e de novo, nós acabamos nos casando com nossos diretores pornô ou voltamos à infância, sendo cuidadas pelos bolsos de algum sugar daddy de 60 anos. Eu preferia os sugar daddies porque eu sempre quis desesperadamente o amor e a atenção do meu pai. Já a Jenna Jameson, Jill Kelly, Rita Faltoyano, e Tera Patrick preferiram casar com gente da indústria, e agora são vítimas do que a atriz pornô, Tera Patrick, chama de "a maldição do casamento pornô." Falando sobre a quantidade imensa de divórcios nesses casamentos, ela diz no seu livro, "Eu não queria ser mais uma na estatística".

Aliás, atrizes pornô não são apenas más esposas, mas também são péssimas mães. Gritamos, berramos e batemos nos nossos filhos sem termos qualquer motivo. Estamos bêbadas ou drogadas na maior parte do tempo, e os nossos meninos de 4 anos precisam arrastar nossos corpos sem vida até a cama ou o chuveiro. Quando clientes ricos vêm para se divertir, trancamos as crianças no quarto e as mandamos calar as bocas. Eu costumava a dar um Pager para minha filha de 4 anos, fazendo ela esperar até que eu enviasse a

mensagem “Mamãe terminou. Pode sair”. Quanto às que são mães e casadas, o papai não liga de cuidar das crianças enquanto estamos no trabalho sendo penetradas e espancadas por outros homens. Claro que não, nossos maridos narcisistas só ligam para o dinheiro.

A verdade é que não há fantasia no pornô. Tudo ali é falso. Uma olhada mais atenta às cenas hardcore do dia a dia de uma atriz pornô, te mostrará um show que a indústria quer esconder. A verdade é que nós, atrizes pornô, queremos acabar com o trauma e vergonha dos vídeos e filmes, mas não conseguimos sozinhas.

Nós precisamos que vocês, homens, lutem por nossa liberdade, e nos devolvam a honra. Nós precisamos que vocês nos segurarem em seus braços fortes enquanto choramos e contamos os nossos traumas, e ganhamos uma chance de nos curar. Nós queremos que vocês joguem fora os filmes, deletem os vídeos e nos ajudem a colar os caquinhos de nossas vidas despedaçadas. Precisamos que vocês rezem por nós, para que Deus escute e conserte nossas vidas arruinadas.

Não acredite na fantasia dos vídeos. Pornô é sexo falso, fingimento, mentiras e sofrimentos compactados em vídeo e enfeitados com edições. Nada mais nada menos. Confiem em mim: Eu vi.

Capítulo Dois – Chamem os palhaços

Meu nome de atriz pornô era Roxy. Fiz meus truques de circo em cerca de 30 filmes hardcore, entre 1993 e 1994. De anais a facials, gangbangs a interracials, competindo com as melhores, eu fazia de tudo para provar ao mundo que seria a próxima grande estrela pornô.

Meu treinamento para a pornografia começou aos 9 anos de idade, quando uma colega de sala e o irmão dela me abusaram sexualmente numa piscina. Até aquele dia, eu era uma garota normal que fazia coisas normais, como brincar de Barbie, assistir Vila Sésamo, etc. Depois daquele dia, eu me tornei uma garotinha traumatizada e pervertida, fazendo com que o meu boneco do Ken começasse a levar a brincadeira com a Barbie longe demais, puxando o seu amiguinho e a violentando dentro de sua casinha rosa.

Garotinhas traumatizadas são exatamente o que a indústria pornô caça e de quem ela depende para existir. Estima-se que 90% dos artistas sofreram abusos sexuais na infância, e que a idade média de uma atriz é de 22.8 anos.[16] [17] Eu repito, garotinhas traumatizadas.

Segundo a ex-atriz pornô, April Garris, conselheira de ex-atrizes, "na maioria dos casos, há um histórico de abuso ou negligência infantil."[18]

A rainha do pornô Jenna Jameson também era uma garotinha traumatizada antes de se tornar a estrela pornô com mais downloads na internet. Na sua autobiografia, Jenna descreve o doloroso vício em drogas do seu pai, o abandono sofrido na infância, dois estupros na adolescência, seu próprio vício em drogas, e vários casos com mulheres e homens comprometidos. Jenna afirma que o estupro não teve nada a ver com sua escolha pela pornografia.[19] Ela tem o que eu gosto de chamar de "Histórico Clássico da Atriz Pornô"

O histórico clássico da atriz pornô (HCAP) é uma compilação realista do passado traumático e das experiências traumáticas atuais da atriz, que inclui o abuso sexual e exposição à pornografia na infância, abandono dos pais, agressões físicas e verbais, disfunção familiar, uso de drogas, estupro e revitimização sexual. O efeito cumulativo dessas experiências leva a vítima a desenvolver mecanismos poderosos de autoproteção.

Por conta desses mecanismos, aquelas garotinhas traumatizadas se tornam aptas para a vaga de atriz pornô, que exige que elas aguentem praticamente tudo, desde receber sêmen nos olhos até ser penetradas por 12 homens na mesma cena.

A carapaça que nós fomos forçadas a desenvolver desde a infância, nos tornou artistas de circo perfeitas. Andamos na corda bamba, nos equilibrando entre a vida e a morte, a saúde e as DST'S, o vício e a overdose. Somos mágicas e encantamos o público com nossos truques e técnicas. Palhaças que fingem estar felizes quando a pouco tentaram se suicidar. Acrobatas, contorcionistas e trapezistas que fazem manobras incríveis com seus corpos infectados e maquiados. Somos grandes artistas de um grande show de horrores. Mas somos mentirosas ainda maiores num show de horrores ainda maior: nossas próprias vidas.

Quando fomos abusadas sexualmente na infância, fomos forçadas a crer que só prestávamos para uma coisa: sexo. Como tínhamos medo de contar o que aconteceu para alguém, nunca tivemos a chance de ver qualquer punição para nossos abusadores ou de buscar um tratamento para o abandono e o trauma sexual do passado. Estando abandonadas, sofrendo sem ter ninguém para nos ajudar, nos sentimos descartadas. Nos sentindo descartadas, nos tornamos garotinhas raivosas que tentavam atenuar seu abandono com atos, cada vez mais extremos, que tentavam fazer alguém prestar atenção em nós.

Mas nossos pais não prestaram atenção. As igrejas não prestaram atenção. Nossas escolas não prestaram atenção. Na real, ninguém prestou atenção nas aberraçõezinhas em que nos tornávamos dia após dia. Certamente nossas deformidades eram notáveis. Éramos pervertidas e rebeldes que arrancavam os próprios cílios e que passavam os dias trancadas em nossos quartos, onde ficávamos nos masturbando durante horas. Provocávamos os meninos da sala até que a professora nos repreendesse. Nossas brincadeiras de crianças consistiam em pique esconde do sexo, verdade ou consequência, sendo a consequência geralmente mostrar o pinto ou a vagina para a turma. Nosso show de aberrações estava no centro do palco para o mundo inteiro ver. Mas ninguém prestou atenção.

Ninguém nunca nos perguntou se estava tudo bem, deixando-nos abandonadas às lagrimas e à vergonha para sobreviver e treinar a única coisa em que nos considerávamos boas: sexo bruto e sujo.

Por meio do nosso treino, descobrimos na adolescência que a nossa sexualidade poderia ser usada como uma arma poderosa. Com ela, poderíamos recuperar o controle, e até nos vingar da sociedade por ter nos ignorado tanto tempo. Tínhamos como referência mulheres rebeldes e mais velhas, como a Madonna, e nós as imitávamos usando minissaias e blusinhas apertadas. Fazia todo o sentido para nós. Se fossemos como essas mulheres, receberíamos a mesma admiração doentia dos meninos e adultos que elas recebiam dos meninos e adultos do mundo inteiro. Assim manipulávamos nossos colegas de sala com a nossa sensualidade e às vezes com os nossos favores sexuais, crescendo dia após dia no conhecimento do grande poder que tínhamos.

Quando nos tornamos adultas e viramos espetáculos sexuais, como compensação pelo abandono e pelo abuso sexual que sofremos na infância, começamos a exigir pagamentos mais altos do que a simples admiração. Começamos a exigir idolatria e dinheiro. Essas são as moedas da atriz pornô. Nós mentiremos para tê-las. Nós roubaremos para tê-las. Nós nos prostituiremos e arriscaremos nossas vidas para tê-las. Nós, atrizes pornô, nos arriscaremos a pegar AIDS, gonorreia e clamídia enquanto destemidamente nos infectamos com ainda mais DST'S para ter apenas alguns centavos dessas moedas.

Obtemos essas moedas usando os nossos corpos e mentes, podemos fazer coisas incríveis que apavorariam a maioria das pessoas comuns. Com a ajuda do álcool e das drogas, são aumentadas as nossas habilidades para tolerar quantidades absurdas de dor física, mental e emocional. Escondendo nossos hematomas sob nossa maquiagem e escondendo nossos traumas sob nossa imagem de mulheres fortes e ousadas, nós nos tornamos as glamorosas "estrelas pornô". Sob nomes fantásticos, estamos atuando no maior show de horrores do mundo, a qualquer hora do dia, a apenas alguns cliques de distância do seu banheiro!

Mas por mais elevadas que pareçam as estrelas, muitas delas despencam do topo para uma morte prematura. Dos 1.500 artistas entre 2007 e 2010, 34 pessoas — que nós sabemos quem são — morreram de AIDS, suicídio, drogas e homicídios. Outras 17

morreram prematuramente por condições médicas, como doenças pulmonares, ataques cardíacos e cânceres.[20, 21] Isso são 51 mortes prematuras. Nenhuma outra indústria tem esse tipo de estatística, nem mesmo a musical, que é 10 vezes maior do que a indústria pornô.

Em 2009, a indústria musical lançou 97.751 álbuns, enquanto a indústria pornô lançou, incluindo os amadores, 13.056 filmes.[22, 23] Entre 2007 e 2009 houve 9 mortes relacionadas às drogas e 2 suicídios entre os músicos e cantores numa indústria de 12.765 gravadoras, enquanto na indústria pornô houve 10 mortes relacionadas às drogas e 8 suicídios numa indústria de 900 gravadoras. [24, 25, 26, 27] . Isso dá uma morte a cada 1.160 gravadoras musicais, versus uma morte a cada 50 gravadoras pornô.

Não precisa ser um gênio da matemática, para entender que a indústria pornô é muito menor do que a indústria musical, mas ainda assim tem muito mais mortes por drogas ou suicídios do que essa. Repito, nenhuma indústria destrói tantas pessoas como a indústria pornô!

Quando as mortes de 129 atrizes pornô foram analisadas num período de 20 anos, foi descoberto que a expectativa média de vida de uma atriz é apenas 37.43 anos, enquanto a expectativa média dos demais Americanos é de 78.1 anos.[28]

E quando ela não destrói pessoalmente as pessoas, leva outros a destruí-las por ela. Agora há pouco, em Junho de 2010, na cidade de Van Nuys, Califórnia, o ator pornô Stephen Hill, usando uma espada, eviscerou e matou um colega de trabalho e tentou fazer o mesmo com outros dois que estavam no set de gravação. O ator de 30 anos, Hebert Wong, morreu antes do socorro chegar. Os eventos tristes e trágicos não acabaram aí. Uma perseguição começou e Stephen foi encontrado no quintal de sua casa em Chatsworth, que beirava um penhasco. Após um impasse com a SWAT de Los Angeles, o ator de 34 anos se lançou do penhasco, morrendo esmagado como uma banana amassada. Muitos relataram que ouviram ele dizer antes da morte:

— Não era para ter sido assim.

A indústria pornô nunca deveria ter sido assim. Mas um entre quatro Americanos a fizeram ser assim. Enquanto homens e mulheres do pornô se destroem com drogas, álcool e suicídio, nós sentamos confortavelmente atrás de nosso computadores com a “pipoca” numa

mão e o mouse na outra, gananciosamente clicando fora suas vidas. Que Deus perdoe o nosso mal.

Rostos tristes e pintados
Que trazem às massas furor.
Leoas, focas e acrobatas,
Você, sem horror,
Puta de cara pintada,
Finge estar sendo a todos.
Mas, pelo o que está morrendo?

Por Shelley Lubben

Ato II – Conheça a Shelley #1

Capítulo Três – Nascida para ser má

Nasci como Shelley Lynn Moore em 18 de Maio de 1968, na cidade de Pasadena, Califórnia. Venho de uma longa linhagem de pastores metodistas da parte materna, e católicos italianos da parte paterna. Meu pai e minha mãe eram opostos na natureza e na formação, mas muito parecidos no amor que tinham por mim. Tenho dois irmãos mais novos, uma menina e um menino. Sou a filha mais velha, a mais morena e única com olhos verdes da família. Por eu ser tão diferente dos meus irmãos, minha mãe às vezes me chamava de VL (vira lata).

Cresci numa casa de classe média em Temple City, Califórnia, onde minha família ia frequentemente à Igreja de Alhambra. Nessa Igreja, eu conheci o primeiro amor da minha vida: Jesus Cristo.

Todo domingo, a minha professora contava histórias maravilhosas sobre Jesus. Falava sobre como Ele tinha compaixão e sobre como Ele curou milhares de doentes. Eu ouvia tudo aquilo maravilhada. Como eu amava Jesus!

Minha parte favorita da escola de domingo era quando a professora pegava um ukulele marrom e tocava a música mais bonita do mundo. Com minha cabeça para trás e com os olhinhos apertados, eu acompanhava as batidas do ukulele, cantando com todo meu coração:

— Aaaah, eu te amo Jesuus —eu sentia o mundo desaparecer — Aaaaaah, eu te amo Jesuuuuuuus — parecia existir somente Jesus e eu no nosso lugar especial — Ah, como eu te amo JeSUUUUUUUUS — eu berrava outra vez.

E como eu odiava quando os meus pais apareciam para me buscar. Eu não queria que escola de domingo acabasse nunca. Tudo o que eu queria era ouvir a professora contar mais histórias da Bíblia enquanto comia meus biscoitinhos Ritz crackers.

Em 1977, meus pais me afastaram da minha vida feliz e cristã ao decidir que mudaríamos para uma cidade maior, chamada Glendora, ou como eu a chamava, Gleentediante. Numa cidade lotada de pés de laranja e com uma população de apenas 20 mil habitantes, não tinha

muito para fazer além de ter guerras de laranja. E falando em guerra, eu estava com ânimo para uma. Estava furiosa porque meus pais me fizeram abandonar meus amigos e os outros parentes que eu tanto amava. A escolinha de domingo e biscoitinhos eram a minha vida!

Como se não bastasse ter me levado para longe dessas pessoas, meu irmãozinho tinha toda a atenção da minha mãe, fazendo com que eu e minha irmã ficássemos largadas e sem qualquer supervisão. Assim, minha irmã e eu ficávamos durante horas e horas largadas na frente da TV, ou como minha mãe dizia, na frente da “melhor babá do mundo”.

Realmente, tendo uma babá como essa, eu pude aprender muita coisa. Ainda sendo uma garotinha de 9 anos, assistindo shows como “Um é Pouco, Dois é Bom e Três é Demais” e “O Jogo Perigoso do Amor”, eu aprendi muito sobre sexo. Assistindo um show chamado “Dias Felizes”, eu aprendia sobre o meu corpo ao ficar excitada vendo Fronzie se esfregar nas meninas no Inspirational Point. E quando nossa família se reunia para assistir “Tudo Em Família”, um show com aviso parental na primeira vez que foi ao ar, aprendi muito sobre política, piadas racistas, trocas de casais, direitos das mulheres e homossexuais. Mas a televisão não foi minha única professora sobre o mundo adulto. Não. Nessa época em Glendora, quando eu tinha 9 anos, eu pude aprender muito com o menino e a menina que me abusaram sexualmente.

Aconteceu na piscina da minha amiga da escola. Estávamos sozinhos — eu, essa minha amiga, e o irmão gatinho dela. Como eu fui convencida a nadar pelada por essa amiga? Não sei. Mas lembro de pensar que toda a escola me chamaria de covarde se eu não nadasse. Com muito custo, tirei meu maiô e rapidamente me lancei na piscina, tentando esconder logo o meu corpo nu.

Depois do meu mergulho, o irmão dela foi até a borda da piscina, onde sua irmã e eu estávamos, e começou a nos provocar. A irmã jogou água nele, dizendo para ele ir embora. Ele riu, tirou a sunga e entrou na água. Tive tanta vergonha que virei meu rosto e nadei para o outro lado da piscina, querendo pegar minhas roupas para me vestir e sair correndo de lá. Mas quando olhei para trás, eu vi os dois embaixo d’água nadando na minha direção.

O que ali senti é indescritível. Vi a cabeça loira do irmão dela emergindo perto de mim. Quando a cabeça dele saiu d’água, nossos

olhos se encontraram e eu fitei seu rosto. Nenhum garoto nunca tinha estado tão perto de mim. Fiquei paralisada. Eu podia sentir sua respiração no meu rosto enquanto eu admirava os seus olhos azuis. Ele mexeu a mão e eu senti um toque entre as minhas pernas. Uma sensação esquisita tomou conta do meu corpo pela primeira vez, e eu já não podia respirar direito ou me mexer.

Algo cutucando o minha barriga me trouxe de volta para a realidade.

— Deve ser o dedão dele — pensei — Mas esse dedão... tá meio grande não?

Olhei para baixo e vi o "troço" dele.

Desmaiei.

O medo me trouxe de volta. Pensamentos de estar encrencada correram na minha mente. E se minha mãe descobrir isso? O que vai acontecer? Será que mais alguém viu? E se o pessoal da escola descobrir? Conforme o turbilhão de perguntas rodava na minha mente, senti um enjoo ir tomando conta de mim. Nauseada e assustada, eu empurrei ele com toda minha força, e nadei o mais rápido que pude até o fim da piscina para pegar o meu maiô. Saí da água, peguei minha roupa, e freneticamente fui me vestindo enquanto procurava a toalha mais próxima.

— Toalha, toalha, preciso de uma toalha. Cadê minha toalha!? — me perguntava girando meus olhos pelas cadeiras da piscina.

Vi uma toalha azul, enfiei ela no ombro, e saí correndo para dentro da casa a toda velocidade.

Me tranquei no banheiro e ouvi minha amiga gritar durante uns 30 minutos:

— Vem pra cá, Shelley! Meu irmão só tava brincando...

Tá bom, sei.

Enxugando as lágrimas, depois de muito tempo, tive forças para sair do banheiro. Abri a porta e fui para o quarto dela, onde a cama de hóspedes estava. Me deitei e me cobri com as cobertas até o pescoço.

— Ninguém vai me tocar de novo — eu pensei embaixo das cobertas. Tentei ficar acordada para vigiar e me proteger, mas o choque tinha sido tão intenso que, em poucos minutos, dormi.

Acordei com um vulto em cima de mim.

— Mas... QUÊ???

Abri meus olhos e vi um cabelo loiro roçar o meu rosto. Estava muito escuro para ver claramente, mas senti um negócio úmido se esfregando nas minhas coxas. Quando meus olhos se ajustaram a luz, em choque eu vi a minha amiga montada em mim, gemendo e esfregando seus quadris de um lado para o outro.

Empurrei ela com toda minha força. Ela se afastou. Ficamos nos encarando no escuro. E estando com medo dela, eu me meti embaixo das cobertas, onde fiquei encolhida como uma bolinha. Ali fiquei chorando durante horas. Eu só queria ir para casa.

Passei o resto da noite naquela posição, atordoada e olhando para a escuridão, ouvindo vozes assustadoras sussurrarem na minha cabeça:

— Você é uma garotinha muito má, Shelley.... Muito má...

E então as vozes explodiam em risadas malignas.

Eu era muito nova para entender que tinha acontecido naquele dia. Naquele dia, as sementes da perversão e da maldade tinham sido plantadas dentro de mim. Regadas pelo abandono e pelo abuso verbal, aquelas sementes satânicas foram cultivadas na minha alma e deram frutos maduros de maldade pelos próximos 17 anos da minha vida.

Tendo elas enraizadas na minha alma, eu pude ser realmente má.

Capítulo Quatro - O inferno cresce

Jurei para o policial que eu só tinha bebido uma cerveja, mas ainda assim ele me fez andar naquela linha idiota. Bati com raiva no painel do carro e abri a porta com um chute do meu salto alto vermelho. Aquele babaca tinha escolhido a garota errada para sacanear.

Eu não só pude andar perfeitamente naquela linha, tendo meia garrafa de Jack Daniels no sangue, como também pude recitar o alfabeto ao contrário mais rápido do que qualquer outro ser humano na terra:

— ZYXWVUTSRQPONMLKJIHGFEDCBA.

Deixei ele boquiaberto. Então, dando um sorriso, o policial desmanchou sua cara séria e me convidou para tomar um drink.

Mais um dia da minha época de puta.

Você pode perguntar: eu sempre fui tão má assim? Claro que não. Tá bom, eu admito que eu era malvadinha quando novinha. Mas as coisas não começaram assim. Eu era uma criança decente até fazer 14 anos e conhecer a fonte de carinho e poder que me perverteu de vez: os garotos.

Descobri que se eu deixasse um deles tocar nos meus peitos, ele me diria “eu te amo". Como era bom ouvir essas palavras. Mas quão melhor seria se elas saíssem da boca do meu pai, quebrando seu silêncio desesperador uma única vez.

Mas, compensando o silêncio do meu pai, eu tinha o barulho da minha mãe berrando tempo todo:

— SHELLEY, SUA DISTRAÍDA. SHELLEY, SUA PREGUIÇOSA. SHELLEY, SUA PORCA. SHELLEY, SUA MALUCA. SHELLEY, SUA...

E então, após perder paciência com os berros e críticas do dia, eu a respondia com os meus próprios berros, transformando a casa num verdadeiro campo de batalha. Assim, o nosso convívio desgastado nos levava quase que diariamente às brigas e aos xingamentos.

Se tem algo que me lembro da adolescência é de todos os dias ouvir os gritos da minha mãe. Além de me deixar destruída emocional e

verbalmente ao longo dos anos, essa situação constante e infernal me tornou rancorosa, e me fez chegar ao ponto de, na época do ensino médio, odiar *de verdade* a minha própria mãe.

Penso que o ódio entre nós nasceu quando eu tinha 5 anos e meu irmão estava prestes a nascer. Eu era uma menininha ciumenta que buscava *desesperadamente* atenção por simplesmente não encontra-la em lugar nenhum. Tentando ser notada por meus pais, antes da chegada do meu irmão, eu comecei a inventar histórias bizarras como a de que uns homens tentaram me sequestrar. Quando meus pais ficaram perturbados, e mostraram preocupação genuína por mim, foi como se minha alma recebesse um sopro de ar fresco. Mas depois de algum tempo vendo—os naquele estado, eu me senti culpada e contei a verdade. Eu *ainda* não era uma mentirosa experiente.

Em contraste, minha irmã era um anjinho. Dois anos mais nova, tendo a cor e disposição de um Cocker Spaniel dourado, minha mãe amava ela. Claro que a amava. Ela era a criança boazinha da casa enquanto eu era a cientista maluca da família. Presenteada com PSE (personalidade super especial), eu tinha "algo" de diferente. Era um "algo" que ninguém mais tinha e que fazia minha mãe dizer que eu era “peculiar”.

Nascida nesse mundo com reservas infinitas de energia, eu era uma máquina de falar, andar, dançar, escrever, atuar e perturbar os outros. Aos 6 anos, eu já era uma celebridade em ascensão que escreveu, dirigiu, ensaiou e estreou sua primeira peça no teatrinho da escola. Após a apresentação, minha professora disse à minha mãe que eu a encantava. Quando eu ouvi essas palavras, perdi o chão. Para minha mãe eu era uma encheção de saco peculiar, mas para minha professora carinhosa, eu era William Shakespeare.

Na primeira vez em que atuei num palco para um público grande, eu tinha oito anos. Na audição para o papel na peça da escola, eu marchei pelo palco, bufei minhas palavras e dei um rugido tão feroz que quase derrubei o telhado da lanchonete. As outras crianças ficaram mudas ao me ver. Enquanto elas liam suas falas como retardadas, eu tinha memorizado as minhas. Quando terminei a cena com o sopro final, finalmente vieram eles: os aplausos. Mãos ao alto, ganhei o papel. Eu seria o lobo mau.

Era óbvio que eu tinha sido feita para os palcos. Mas esse dom nunca foi desenvolvido em mim. Minha mãe jovem, que não sabia o que

fazer comigo, se envergonhava da sua filha excêntrica. Meu pai, que chamava a si mesmo de “o homem máquina”, estava muito ocupado vivendo mecanicamente sua vida para prestar atenção na sua filha.

Tendo um QI de gênio e temperamento irrequieto, meu pai era verdadeiramente um cientista maluco. Se eu quisesse falar com ele durante o dia, bastava ir à garagem ou olhar embaixo do carro para acha-lo. Se eu quisesse falar com ele durante a noite, bastava ir à sala para vê-lo sentado na poltrona assistindo TV. Ou na garagem ou na TV. Apenas. Minto. Às vezes ele precisava sair da garagem para buscar mantimentos para passar ainda mais tempo na garagem. Quando surgia essa necessidade, ele e eu íamos a um lugar que eu amava muito: a loja de ferragens.

Eu amava passar o tempo com o meu pai procurando pecinhas com o ele naqueles corredores imensos. Ainda posso sentir cheiro daqueles fios coloridos pendurados na parede. Eram um dos poucos momentos em que ficávamos juntos. Eu amava passar o tempo com ele.

Já minha mãe era o completo oposto do meu pai. Ela *realmente* me confundia. Nascida na família de um pastor fervoroso, minha mãe era a caçula de cinco filhos. Criada num lar severamente religioso, a pior coisa que ela fez na adolescência foi ouvir escondida uma música do Elvis. Como o meu pai, católico e gênio maluco tocador de guitarra, se encantou por minha mãe, carola e entediante, continua um mistério para mim. Mas de algum jeito aconteceu. E ele a amava muito, e ela o amava muito também. Na verdade, ela o amava tanto que chegou a me dizer uma vez:

— Seu pai eu não posso substituir, mas você? A gente faz outra em uma noite.

As palavras frias daquela mulher eram facas atravessando meu coração.

Minha mãe, vinda de família religiosa, pregava diariamente a religião para mim. Mas poucas vezes me mostrou ter a compaixão ou um pouquinho do amor de Jesus. Eu ou alguém sempre estava indo para o inferno por algum motivo besta. Minha mãe era a juíza suprema da humanidade que condenava todos que não agiam de acordo com suas leis, todos de outra origem étnica e todos de outro status social. Eu nunca entendi as ações dela porque o meu avô, pai dela e pastor metodista, era um homem sensível e extremamente amoroso. Nas raras vezes em que visitávamos meus avós, eu sempre podia contar

com meu avô para caminhar comigo na praia, onde ele me contava com os olhos *cheios* de lágrimas o quão maravilhoso é o amor de Cristo.

Muitos anos depois, quando lhe pedi o seu melhor conselho de todos, ele sussurrou:

— Shelley, você precisa praticar a Presença de Deus.

Alguns meses depois ele morreu aos 98 anos de idade.

Confusa com o Cristianismo e grudada na TV, comecei a sonhar acordada e a imaginar como seria ser famosa. Mais do que ser famosa, eu imaginava como seria ser amada por milhões de pessoas. Eu queria ser como aquelas pessoas que recebiam todos aqueles elogios, aplausos, longas salvas de palmas em pé, atenção, amor...

Quando após horas de televisão, eu finalmente largava a tela, eu tentava me expressar e desenvolver talentos para a fama escrevendo poesias, contos e peças de teatro. Escrevi meu primeiro poema “Natureza" aos 8 anos de idade. Escrevi meu primeiro livro aos 9, sendo eu mesma a designer da capa. Foi o único livro escrito por uma criança que foi aceito na livraria da escola. Ainda criança, eu também aprendi a tocar guitarra, e até tentei o violino por um tempo, mas sem ter qualquer incentivo, meu talento musical nunca foi para frente.

Eu era a melhor em começar e a pior em continuar qualquer coisa. Sem ninguém para me encorajar e me ensinar a ter disciplina, fiquei largada e com muito tempo livre. Muito tempo livre. Tempo livre o suficiente para desenvolver maneiras maquiavélicas de conseguir o que eu mais desejava: atenção.

Comecei aprontar para valer quando eu tinha uns 9 anos de idade. Cheguei a me dar o apelido de “ChocanteShelley”. Vivendo no tédio absoluto e buscando honrar meu novo nome, criei uma lista de coisas loucas para fazer e convenci meus amigos a fazê-las comigo. Um dia nos reunimos e lemos em voz alta na lista:

— Fingir que morreu.

Nos olhamos, e acenamos nossas cabeças com sorrisinhos em nossos lábios. Imediatamente corri para casa, peguei uma garrafa de ketchup, e voltei aos meus amigos, que derrubaram o "sangue" no meu rosto e nos meus braços. Fomos até a beira da pista. Meus amigos ficaram atrás de um arbusto e eu caí “sangrando” na calçada. Era

genial. Os carros freavam com toda a força e deles desciam mães preocupadíssimas para ver se eu estava viva. Quando elas se aproximavam para ver se eu respirava, eu pulava dizendo:

— Pegadinha!

E saía correndo.

Outra vez, quando estava entediada e querendo atenção, eu achei no meu quarto um pedacinho de pano preto, que parecia uma aranha. Minha mãe tinha fobia de aranhas, especialmente das viúvas negras. Sorri. A combinação estava feita. Peguei o pedaço e, sem que ela percebesse, o coloquei no ombro dela. Então calmamente eu respirei fundo, e com toda a minha força eu urrei:

— MÃE, TEM UMA ARANHA NO SEU OMBRO!!!

Eu nunca vi alguém pular tão alto.

Qual foi sua reação depois? É claro que foi querer me bater E também é claro que eu saí correndo...

Meu lugar favorito para me esconder era a pequena Igreja Batista que ficava na esquina do meu bairro. Os fiéis de lá sabiam que eu era uma pestinha, mas mesmo assim me amavam. Tinha uma pessoa que particularmente me amava, a Mrs. Mumby. Ela era uma professorinha com os cabelos branquinhos, e que me aguentava por todo o verão nas Férias da Escola Bíblica.

Em um dia dessas férias, enquanto a Mrs. Mumby procurava algo no armário de suprimentos, eu a empurrei. Ela caiu dentro do armário e eu tranquei a porta. Eu ria histericamente apontando para o armário, enquanto eu ouvia as batidas e os gritos:

— Me deixa sair, Shelley! Me deixa sair!

Ouvi-la gritar me fazia rir ainda mais. E gargalhando eu me virei para trás, esperando que todos estivessem rindo comigo, mas para minha surpresa, as outras crianças me olhavam como se eu fosse demônio. A situação ficou menos engraçada. E depois, quando descobrimos que ninguém tinha a chave para abrir o armário, e tivemos que chamar os bombeiros para arrombar a porta e resgata-la, a situação perdeu toda a graça. Mrs. Mumby saiu daquele armário quase desmaiando por exaustão de calor. Dessa vez me senti mal.

E então me senti mal por perceber quem eu era. Eu era uma garotinha má, solitária, bagunceira e inconveniente numa busca desesperada por amor e atenção. A única pessoa que me entendia e que me dava amor e atenção era a Nonnie, minha avó italiana.

Ela era fantástica.

— Pega um cigarro, amorzinho, e acende ele pra vovó — Nonnie dizia com uma voz sexy enquanto fingia tragar sua longa piteira vazia.

Minha Nonnie amava imitar a Mae West, a primeira estrela de Hollywood, símbolo sexual, loira ousada e presa em 1918 por "corromper os valores da juventude."

Bem, talvez a Nonnie tenha me corrompido um pouquinho.

Ela era moreninha com um coque preso por um alfinete, sempre bem vestida, simpática e eloquente, que tinha a habilidade de influenciar qualquer pessoa em sua presença. Nonnie era a mulher mais glamorosa que eu conhecia.

Todo dezembro, minha vovó glamorosa ia nos visitar e ficava conosco até a metade de janeiro. Eram as melhores seis semanas da minha vida vazia. Por seis semanas eu tinha alguém que me dizia constantemente:

— Eu te amo, Shelley

Por seis semanas havia alguém que se importava comigo ao ponto de separar *um tempinho* e me ensinar coisas básicas como lavar as mãos antes das refeições. Por seis semanas eu aprendia a dobrar guardanapos de forma chique, servir adequadamente uma mesa e a fazer Veal Scaloppini, um delicioso prato italiano. Por seis semanas eu recebia amor, orientações gentis e a motivação que eu precisava para ter sucesso na vida. E por seis semanas, eu me sentia bem comigo mesma devido ao senso de dever cumprido que eu adquirira. Mas seis semanas depois, minha Nonnie ia embora, e eu acabava voltando aos meus hábitos rebeldes até o próximo dezembro.

Infelizmente, na época da adolescência, eu já estava com muita raiva e com muita frustração para tentar ser um anjinho durante o natal. Para ser sincera, eu me tornei o oposto. Eu me tornei um demônio.

Tendo modelos como a Maddona para me inspirar e pais que fingiam não ver nada nunca, eu era livre para fazer *qualquer coisa* que eu quisesse.

Me deixaram ir ao baile de formatura dos veteranos com um garoto não cristão. Uma limusine me buscou em casa. Nela eu entrei e parti para os primeiros goles de whisky da minha vida. No dia seguinte à festa, meu pai teve que sair da nossa cidade e ir até Los Angeles para me buscar. Não me perguntem como eu cheguei lá. Só sei que meu pai encontrou sua filha, que passou a noite tão bêbada que tinha começado a apagar cigarros na própria roupa, num vestido de formatura imundo e esburacado.

Aos 14 anos, me deixaram ir para o Halloween fantasiada de coelhinha da playboy: orelhinhas de coelha, cinta liga, rabinho felpudo, pernas expostas e todo o resto. Aliás, minha mãe que tirou a foto de recordação.

Aos 16 anos, me deixavam dirigir o Thunderbird da minha mãe junto do meu namoradinho de 15 anos que, depois das festinhas regadas a álcool em que íamos, passava o resto da noite me comendo dentro do carro. Sim, a gente transava no carro da minha mãe. Quando ela me perguntava o que eram aquelas manchas brancas no banco do carro, eu tranquilamente a respondia:

— Milk-shake de baunilha, mamãe.

Meus pais também me deixaram fazer uma festa de aniversário. Foi na minha própria casa. Sei que não tem nada de mais numa festa, ainda mais sendo na sua própria casa. Mas houve um pequeno detalhe nessa festa: a molecada ficou completamente bêbada enquanto meus pais assistiam televisão no quarto deles. Tudo bem que eles não sabiam que a gente tinha trago bebida. Mas que tipo de pais permitem sua filha rebelde de 16 anos fazer uma festa sem nenhuma supervisão? Nesse dia até minha irmã de 13 anos ficou bêbada.

Por grande parte da minha adolescência, eu pude fazer qualquer coisa porque simplesmente ninguém se importava.

Ninguém se importava se aos 16 anos eu já era uma alcoólatra. Ninguém se importava se eu matava aula ou tirava notas baixas. Ninguém se importava se eu usava meias arrastão e minissaias na escola. Ninguém se importava se eu transava sendo menor de idade. Ninguém se importava se eu era tão barbeira no trânsito que consegui perder minha carteira de motorista poucos meses depois de tira-la. Ninguém se importava comigo sendo presa por roubar a Target.

Ninguém se importava se com nada que eu fizesse.

Quando meu pai decidiu se *importar* com a sua filha e tomar uma postura firme, ele simplesmente escancarou a porta e rugiu:

— SOME DA MINHA CASA!!!

Depois, rosnou as quatro palavras cruéis que eu nunca esqueci:

— Você morreu para mim.

Assustada, eu fui expulsa de casa segurando uma sacolinha de roupas numa mão e uma Bíblia noutra, jurando a Deus que enquanto eu vivesse eu nunca mais falaria com meu pai.

Mas por mais que eu realmente tenha saído da casa, suas palavras de despedida nunca saíram de mim. Elas se repetiram sem parar na minha cabeça durante anos. Por muitos anos, eu podia ouvi-lo com clareza ele dizendo:

— Você morreu para mim...

E conforme elas se repetiam, o inferno crescia dentro do meu coração.

— Você morreu para mim...

Rejeição entrou no meu coração.

— Você morreu para mim...

Ódio entrou no meu coração

— Você morreu para mim...

Ira entrou no meu coração.

Por fim, por meio dessas palavras, o próprio satanás entrou no meu coração e me fez uma escrava sua pelos próximos oito anos da minha vida.

Capítulo Cinco – Prostituta dos infernos

Sendo uma loirinha com nomes de palco como “Marylin” e “Blondie”, eu ralei por oito anos fazendo strip-tease, me prostituindo e gravando filmes pornô.

Comecei minha carreira num bar de strip chamado “The Top Hat” aos dezessete anos, quando ainda morava em Glendora. Ser de menor não trouxe qualquer dificuldade para a minha contratação: tendo uma identidade falsa e dançando tão bem quanto eu dançava, após segundos de conversa com o dono, eu me tornei a nova stripper da casa.

Modéstia à parte, eu dançava tão bem que até o Michael Jackson teria orgulho. No meu primeiro dia de palco, eu fiz o moonwalk com os peitos de fora ao som de “Billie Jean”, enquanto os homens enlouqueciam e jogavam dólares em mim. Quando terminei o show e olhei para a plateia, vi que aqueles homens desconhecidos agora se aproximavam para tocar em mim. Saí correndo assustada, jurando a Deus que eu nunca mais faria strip-tease.

Nunca diga nunca.

Um ano depois fui parar em San Fernando Valley, capital mundial da pornografia e lugar onde sentei chorando num meio-fio pela dor que a fome me causava. Fazia dois dias que eu não comia. Eu estava absolutamente faminta. Pensei em arrumar um trabalho. Mas eu não tinha carteira de motorista. Tentei mendigar. Ninguém quis me ajudar. Senti que estava tudo perdido. Desesperada, olhei para a Bíblia que eu tinha trago comigo, implorando por respostas:

— Jesus, cadê Você!? Como o Senhor deixou isso acontecer comigo??? Quando eu era uma garotinha, o Senhor me disse que eu pregaria o Evangelho para muitas pessoas... Agora eu tô sentada num meio fio, mendigando e sem ter nada para comer ou beber. Preciso de um milagre agora!

E fiquei lá sentada, tomando o sol quente na cabeça e chorando durante horas no meio-fio da Sherman Way. Chegou a um ponto em que meu desespero e a minha desidratação estavam tão grandes que eu comecei a pensar na morte como um grande alívio...

Uma voz grave de homem interrompeu o meu desespero. Levantei a minha cabeça. Vi um negro forte e elegante olhando para mim. Ele parecia um anjo:

— Meu bem, o que aconteceu? Por que você está chorando? — ele me perguntou sentando-se ao meu lado no meio-fio.

Com os olhos inchados e com catarro escorrendo do nariz, eu solucei:

- Eu virei mendiga e.... não tenho hm... nenhum... dinheiro ou comid... e meu... meu pai me expulsou de casa... e.... e.... eu não sei o que faze...

E desatei a chorar ainda mais. Pus minha cabeça entre as pernas para esconder as lágrimas. Eu nunca sentido tanta vergonha na minha vida. Nunca tinha estado tão humilhada.

Mas aquele bom homem, comovido pela minha situação, cheio de compaixão por meu sofrimento, gentilmente me abraçou e me trouxe para perto dele. Quando minha cabeça encostou o peito dele, senti um alívio inexplicável. Foi a primeira vez na minha vida que um homem mais velho me abraçou com carinho. A sensação foi maravilhosa. Não queria que aquele abraço acabasse nunca. Queria ficar envolta em seus braços, descansando eternamente minha cabeça naquele peitoral forte e aconchegante.

Então, depois de me abraçar por alguns segundos, ele carinhosamente tocou meu rosto, virou meu queixo na direção dele e disse:

— Eu posso te ajudar, meu bem. Posso arranjar dinheiro e comida para você.

Jesus veio me resgatar!

Pensando que a minha prece tinha sido atendida, renovada pela esperança, me endireitei animada, ansiosa para ouvir o que aquele bom homem diria. Ele continuou com uma voz suave:

— Há um homem do outro lado da rua, vê? Sim, aquele bem vestido em frente ao prédio. Ele está disposto a te ajudar. Sim, meu bem, ele realmente quer te ajudar. Por quê, meu amor? Porque ele te achou uma gostosa e tá querendo te comer por 35 dólares.

— QUÊ????

Fiquei pasma. Como assim??? Aquele cara queria que eu me prostituísse?!

— NUNCA — falei e me afastei sentindo repulsa dele.

Mas ele continuou falando com aquela voz suave, usando palavras tranquilizantes, e me garantindo que o homem que queria transar comigo era gentil e seria muito delicado comigo. Ele disse que eu poderia ganhar muito dinheiro, comprar comida, água, um apartamento e nunca mais precisaria mendigar ou morar na rua.

Conforme ele falava, comecei a pensar nos meus pais e no que eles tinham feito comigo. Pensei que enquanto eles dormiam em suas camas limpas e macias, eu passava minhas noites deitada num meio-fio sujo e duro, sem ter dinheiro nem para comprar uma jantinha. As palavras cruéis do meu pai começaram a ressoar na minha mente outra vez:

— Você morreu para mim... Você morreu para mim...

E então uma voz sussurrou na minha cabeça:

— Deus não se importa. Seus pais não se importam...

Eu a ouvi e pensei cheia de ódio:

Então por que eu deveria me importar?

Foi assim que eu concordei em me vender por 35 dólares.

O "bom" homem deu um joinha e o homem bem vestido subiu entrou no prédio. Me levantei com dificuldade pela fraqueza da fome e atravessei a rua tremendo pelo meu nervosismo. O "bom" homem me guiou até o prédio. Lá subimos as escadas e ele parou na frente de um apartamento. Bateu na porta e saiu. A porta abriu e eu pude ver as boas roupas do outro homem, mas o quarto estava escuro e eu mal conseguia ver seu rosto. Entrei no quarto e com a mão trêmula eu fechei a porta. Ele andou até onde eu estava e trancou a porta. Nos encaramos. Ficou tudo em silêncio.

— Oi — disse finalmente uma voz de velho.

Não respondi e nem fiz qualquer som. Éramos dois estranhos juntos num quarto escuro. Ele se aproximou, acariciou os meus cabelos e puxou minha cabeça na direção do seu rosto. Tentei desviar, mas ele segurou minha cabeça com mais força. Me beijou. Preciso confessar que depois de alguns minutos sendo beijada, eu fiquei confortável porque o homem era realmente muito delicado. Na verdade, eu lembro de pensar que ele beijava muito melhor do que os meninos da escola.

— Ah, nem é tão ruim assim — pensei.

E então me prostituí para aquele estranho e saí com meu maço de 35 dólares.

Aquele homem bem vestido foi o meu primeiro cliente, e aquele "bom" homem acabou virando o meu primeiro cafetão. Depois de me vender para um primeiro cliente gentil, ele começou a me entregar para pervertidos que queriam sexo bizarro. Quando eu recusava fazer os fetiches imundos dos clientes, ele ameaçava me espancar e tentava me trancar no apartamento dele. Mas eu tinha tanto ódio que consegui me libertar daqueles braços fortes, do seu apartamento, da sua presença, e acabei em outro meio-fio na Ventura Boulevard...

Tendo outra vez virado mendiga e estando outra vez morrendo de fome, mas tendo na lembrança aquele primeiro maço de 35 dólares, eu me degenerei ao ponto de vagar pelas ruas perguntando aos homens se queriam me comer por uns trocados. Tudo o que importava era sobreviver. Minha situação estava tão miserável, que houve um dia em que, sob um sol de 40 graus, eu me arrastei até uma oficina mecânica para tentar me prostituir.

Entrei naquela oficina e fiz a minha propaganda para aqueles homens que estavam trabalhando imundos de graxa, fuligem e suor. Um dos mecânicos gostou de mim e me levou para os fundos. Entramos num banheirinho no fundo da loja. Ele trancou a portinha. Quis um boquete. Me ajoelhei e chupei o pau daquele e mecânico peludo e imundo até ele ejacular na minha cara. Quando ele terminou e eu fui limpar meu rosto lambuzado de gozo, percebi que ele tinha gozado sangue. Apavorei e saí correndo desesperada daquela oficina, implorando para que Deus viesse me ajudar. Mas Ele não me respondia...

Depois disso, por sorte, eu conheci uma garota chamada Beth. Ela foi bem sincera e me disse com toda franqueza que, mais cedo ou mais

tarde, se continuasse me prostituindo nas ruas, eu seria assassinada. Ela me apresentou à Vanessa, uma cafetina dona de uma casa de massagem chique.

Como eu não queria mais me prostituir e nem queria ser uma mendiga, eu implorei para a Vanessa me deixar cuidar do jardim em troca de um teto por alguns meses. Ela tentou me convencer a voltar para a prostituição, mas eu estava tão traumatizada pelo cafetão e pela gozada sangrenta, que com toda a minha firmeza respondi:

— Não.

Mas ela sabia conseguir o que queria...

Toda manhã, ela me dava uma pá e uma lixeira, e me fazia trabalhar por 8 horas seguidas embaixo do sol de 40 graus da Califórnia. Enquanto o sol me cozinhava viva e eu enxugava o suor das minhas roupas encardidas de lama, as outras garotas ficavam num lugar onde eu podia vê-las, sentadas confortavelmente sob um ar-condicionado, usando lingeries e bebendo drinks com chá gelado. Enquanto eu enfiava cansada a minha pá na terra e a retirava exausta, eu via os homens entrarem tensos pela porta e por ela saírem relaxados. Enquanto eu parecia uma escrava desgraçada, as garotas pareciam bem-sucedidas e felizes. Elas mexiam no seus dólares, eu mexia na terra do quintal.

A situação continuou assim até o dia em que ouvi de novo aquela voz dizer:

— Deus não se importa... Seus pais não se import...

Nem precisou continuar. Atalhei:

— É mesmo. Por quê vou me importar com o que os outros pensam? São eles que estão encardidos de lama enquanto são cozinhados por esse sol monstruoso da Califórnia?

Depois disso eu me prostituí de novo. Mas dessa vez por 150 dólares.

Entrei no time de prostitutas da casa, e Vanessa me ensinou coisas que a minha mãe nunca me ensinaria. Ter higiene íntima foi uma das muitas coisas que aprendi com ela. Depois que um cliente reclamou que eu fedia, me deixando completamente humilhada diante das outras garotas, a Vanessa me arremessou uma esponja e me ensinou o

modo de lavar minhas partes e de depila-las. Ela era a mulher mais descarada que eu já conheci.

Além da higiene básica, ela me ensinou a manipular os homens. Aprendi a pôr uma camisinha num homem sem que ele percebesse, e a fingir um orgasmo para que ele se sentisse um herói:

— Isso, assim gostoso, vai, vai, eu vou gozar...

Tá bom, sei.

Aprendi como trocar sexo por roupas, joias e móveis. Eu e a Vanessa visitávamos regularmente as joalherias da Ventura Boulevard, e "negociávamos" com os donos. A época da oficina tinha passado, e agora eu nunca andava sem ter anéis nos dedos e colares caros no pescoço.

Também aprendi a fazer os clientes me darem mais dinheiro. Vanessa me mostrou como atrasar o sexo, fazendo os homens falar de suas fantasias até que a hora deles acabasse, forçando-os a pagar outra se ainda quisessem transar comigo.

Eu costumava me gabar o tempo todo de que poderia esvaziar a carteira de qualquer homem. Eu não tinha dó. Queria a última moedinha daqueles porcos que pagavam para transar comigo. Eu era ridícula.

Hoje eu vejo que essa atitude, estando numa posição tão vulnerável quanto eu estava, era absolutamente ridícula. Mas sabem o que é ainda mais ridículo? Eu ter engravidado duas vezes no meu primeiro ano de prostituição.

Embora me achasse cuidadosa por usar camisinhas, eu tive que aprender do jeito difícil que as camisinhas podem e irão estourar. Quando não estouravam por acidente, seriam estouradas de propósito. Vários tentaram isso comigo. Eles eram porcos a esse ponto.

Como podem ver, eu aprendi muito nesse primeiro ano. Aprendi que perder um bebê é algo física e emocionalmente doloroso. Quando perdi meu primeiro filho, eu já estava grávida de dois meses. Me senti tão culpada que imediatamente saí do puteiro da Vanessa, jurando nunca mais me prostituir.

Mochilei até Los Angeles, e lá arrumei um bico de "dançarina de aluguel" num clube de dança. Por quê as aspas? Porque dançar por dinheiro é se prostituir com roupas. Mas nessa época, por incrível que pareça, eu ainda era inocente e realmente achava que existiam homens que só queriam dançar!

Toda noite às oito, eu me sentava naquele sofá vermelho e esperava um estranho pagar uma dança comigo. Sentada naquele sofá, sendo mais uma na fileira de loiras, ruivas e morenas, eu me sentia uma balinha amarela no corredor da loja de doces.

Me escolhe. Me escolhe. Me escolhe, eu pensava sorrindo para cada homem que entrava no salão.

Por noites e noites, eu vi gordos, magros e principalmente velhos passarem por aquela porta. Uma noite, eu vi um asiático. Eu fiquei encarando ele com um sorriso até que ele me viu, sorriu e me escolheu. Ele se aproximou, pagou uma dança comigo e me levou para um cantinho escuro do salão, onde não tinha ninguém por perto. Começamos a dançar e logo ele pôs uma nota de 100 dólares na minha mão. Peguei o dinheiro. Ele começou a se esfregar na minha coxa. Como não queria que ele gozasse no meu vestido — igual o último cara — eu sugeri que fossemos para uma cabine privada.

Quando chegamos na cabine, eu comecei a conversar com ele, querendo enrola-lo para que ele desistisse de ganhar a punheta. Deu certo. Deu muito certo. Deu tão certo que não só ele desistiu de ganhar a punheta como também me ofereceu duzentos dólares para jantar comigo. Não preciso nem dizer que eu aceitei.

Saímos para jantar na noite seguinte. Conversamos durante algumas horas. Foi um jantar incrível onde eu acabei me apaixonando, por seu dinheiro. Quanto ao chinês na minha frente, além de tentar entender o seu sotaque horroroso e tentar fingir interesse no assunto ao mesmo tempo, eu me lembro dele dizer que o seu nome era Tagi não sei o quê da Chang.

Essa foi a primeira noite de muitos encontros profissionais que tivemos. Eu lhe oferecia um rosto bonito e companhia, e em troca ele me dava dinheiro e presentes caros. Tínhamos um relacionamento perfeito

O mais perfeito do nosso relacionamento era que a gente nem transou nos primeiros encontros. Na verdade, nos nossos encontros que ele

nem queria saber de sexo e que ele só queria saber mesmo de apostar. E por algum motivo que ignoro, ele amava me levar junto para o cassino, em especial para o Bicycle cassino, onde pude aprender a jogar pôquer enquanto passava horas jogando Pai Gow, um jogo de apostas chinês.

Descobri que quando Tagi se dava bem, ficava de bom humor e gastava centenas e centenas de dólares comigo. Mas quando ele se dava mal.... A vida virava um inferno. Passava a noite gritando comigo no estacionamento. Ameaçava matar as pessoas para quem perdera. Esmurrava o painel do carro. Enfim, ele ficava completamente descontrolado.

Conforme passamos muitas noites de vitória e de derrota no Pai Gow, fui conhecendo mais o Tagi e eu pude descobrir que havia um coisa que ele gostava ainda mais do que as apostas: cocaína.

Eu não deveria ter continuado a andar com ele. Eu sei. Mas por mais que eu quisesse abandonar ele, lidar com um chinês rico e nervosinho era muito melhor do que lidar com aqueles homens pegajosos que queriam gozar nas minhas coxas numa pista de "dança". Ah, sim. Muito válida sua pergunta, leitor. Por que eu não simplesmente largava a indústria do sexo? A resposta é simples: largar e ir para aonde?

Depois de um tempo, Tagi exigiu transar comigo.

Fomos ao Hotel Bonaventure no centro de Los Angeles. Subimos para o quarto. Quando ele abriu a porta e eu vi aquele quarto bonito e elegante, me lembro de ter desejado estar numa lua de mel com alguém que prestasse e não com um chinesinho tarado. Mas como a minha vida já estava abarrotada de sonhos frustrados e já não tinha espaço para mais um, eu afastei essa ideia da cabeça indo para o banheiro e colocando a calcinha sexy que o Tagi tinha comprado. A vesti e saí de lá pronta para aqueles chinês idiota. Ele me olhou de cima a baixo e acenando com a cabeça em aprovação, pôs duas notas de cem dólares na minha mão e me puxou para a cama.

Durante os dois minutos em que transamos, a camisinha ficou saindo e o gozo dele escorreu para dentro de mim. Quando ele terminou, eu pulei da cama saí correndo para o banheiro, onde enfiei o chuveirinho na minha vagina, tentando tirar o gozo dele de mim. Enquanto a água e os fluídos escorriam por minhas pernas, ouvi a voz de Tagi:

— Que aconteceu elado?

O que aconteceu de errado? Ele tava me zoando? Tudo aconteceu de errado! Eu não queria engravidar na prostituição de novo. Eu não queria perder outro bebê. E eu não queria parir um bebê asiático feio. Liguei a água do chuveiro, e me esforcei ainda mais para tirar do meu corpo todos os fluídos dele. Mas toda aquela água não estava limpando a sensação horrível que eu tinha no meu peito...

Três semanas depois meus seios incharam e eu não tinha menstruado. Morrendo de medo, fiz o teste de gravidez. Positivo. Não podia acreditar. Fiquei irada comigo mesma:

— COMO EU FUI ENGRAVIDAR DAQUELE CARA?!! — eu berrei vendo as duas barrinhas positivas no teste.

Então, quando me acalmei um pouco, as perguntas começaram a inundar minha mente:

Como vou trabalhar grávida? Será que eu faço um aborto? O que meus pais vão dizer? Como eu vou educar uma criança? Vou ser uma mãe solteira?

Eu simplesmente não sabia o que fazer. E pior: não tinha ninguém para me ajudar.

Olhei para baixo e deixei as lágrimas cair sobre minha barriguinha inchada. Eu sabia que não podia matar o meu bebê. Eu ainda tinha alguns dos valores que eu recebi na Igreja. Pensei em dar o bebê para a adoção quando ele nascesse, mas eu sabia que me perguntaria todos os dias se ele estava numa boa casa. Pensei nos meus pais criando o bebê, mas esse pensamento logo evaporou. Para piorar ainda mais minha situação, quando dei a notícia ao Tagi, ele surtou e ameaçou levar embora o meu bebê.

Por fim, eu acabei decidindo ter o meu bebê e dar um jeito de nos sustentar sem que eu precisasse voltar para a prostituição. Eu não podia voltar. De jeito nenhum. Precisava de um plano.

Apesar de só ter 18 anos, eu tinha uma identidade falsa, o que me abria várias oportunidades. Andando na rua do meu hotel, na esquina da Flower com a Figueroa, eu vi um prédio alto com uma placa neon que brilhava a palavra "TOPLESS". Subi as escadas e vi que era um clube de strip mexicano. Eles estavam contratando. Resolvi tentar a

sorte. Fui para a "entrevista" de emprego. Não consegui conversar quase nada com o dono porque ele só falava espanhol. Mas ele não pareceu ligar nem para a minha língua e nem para minha cara de criança. Ele apenas viu uma loirinha de olhos verdes com 21 anos de idade num papelzinho e não precisou pensar muito: fui contratada.

Eu amei trabalhar nesse clube de strip. Fiquei três meses lá. Quando os mexicanos viam que eu podia dançar que nem o Michael Jackson, as notas voavam até mim. Ao contrário da maioria dos homens americanos, os latinos amam ser entretidos por uma boa dançarina. Eu fazia moonwalks, aberturas, agarrava meu "saco" e fazia hihis. Conforme a música "Beat it" ia acabando, eu pulava na barra de pole dance e girava tirando o sutiã do biquíni até jogá-lo na plateia de mexicanos enlouquecidos:

— OLÉ!

Os latinos me amavam e me chamavam de "La Huera Loca", a loira louca. Eu fiz tanto dinheiro naquele clube que as notas literalmente caíam do meu biquíni! Quando ia ao banheiro contar a minha "propina" (gorjeta), eu costumava a encontrar saquinhos de cocaína amarrados nas notas.

Eu sabia que cheirar pó faria mal para o bebê, mas sei lá... Se fosse só um pouquinho... Exausta por ser uma grávida que dançava durante 8 horas seguidas numa só noite, eu enrolava uma nota e cheirava aquelas linhas brancas. Nariz branco, olhos dilatados, cabelo solto: agora eu podia dançar de verdade!

Dancei com meu coração movido a pó até virar "carne velha". Quando uma garota já trabalhou num clube de strip por alguns meses, os homens costumam se entediar dela e exigir "carne nova" para o dono do clube.

É por isso que as garotas da indústria do sexo andam tanto por aí, usando um nome novo para cada lugar que vão. Quando uma garota se torna carne velha, ela precisa inventar truques novos se quiser colocar alimento na sua mesa. Faz parte do jogo.

Como eu era cismada com Hollywood, comecei a procurar emprego na Melrose Boulevard. Achei uma vaga num clube de strip chamado "The Last Call". Esse clube era diferente do clube mexicano. Em primeiro lugar, o clube tinha um bar, o que significava bêbados enchendo o saco. Em segundo, o clube tinha uma clientela mais

branca, o que me significava uma maior competição para mim. Em terceiro, aquele lugar tinha loiras e morenas muito mais gostosas e muito mais experientes do que eu. E por acima disso tudo: eu estava grávida de três meses!

O dono desse clube também era diferente: era mais esperto do que o outro. Achou estranho a minha carteira de identidade e me perguntou sobre quando a tirei, onde eu a tirei... Me livrei inventando uma historinha qualquer, e sem ter nenhuma vontade de saber mais, ele me contratou.

Aliás, nessa época eu já era uma mentirosa experiente. Essa habilidade é essencial para sobreviver no mundo do sexo. As mentiras, drogas, noites sem dormir, e perigos do trabalho nos levam a ser chamadas de hustlers. Não é por acaso que uma das revistas adultas mais populares se chama “Hustler”. Preciso dizer mais?

Fui contratada e em poucas semanas estava exausta. Eu tinha começado a sentir o peso de ser uma stripper grávida. E, além do cansaço do novo trabalho, também estava me cansando pensar em como eu contaria para meus pais sobre o primeiro neto deles. Depois de muito pensar, eu acabei me iludindo e acreditando que eles me ajudariam a criar meu bebê. Cheguei a pensar que eles até se alegrariam com a vinda de seu primeiro neto!

Errei feio.

Quando juntei a coragem necessária e contei, minha mãe, a pessoa que eu mais precisava naquele momento crucial da minha vida, simplesmente respondeu:

— Se alguma coisa acontecer com você, eu não vou cuidar dessa criança.

As palavras dela me esmagaram.

Grávida, cansada e outra vez abandonada por meus pais, ralei no “The Last Call” até o gerente me chamar para conversar. Ele me disse que eu não podia mais trabalhar no clube. E sabem de uma coisa? Eu acho que ele tinha razão. Uma grávida de seis meses não devia ficar muito bem rebolando com uma minissaia rosa.

Desempregada, eu me cadastrei para o auxílio financeiro do estado da Califórnia e recebi o suficiente para pagar o aluguel de um muquifo

na Huntington Park que eu cinicamente chamava de casa. Além de horrorosa, minha "casa" ficava em uma favela latina, o que significava que eu era literalmente a única garota branca num raio de 10 quilômetros. Como cheguei lá? Concordando em morar com uma stripper mexicana e colega de trabalho. Se eu deveria ter sido mais cautelosa? Eu não me importava com nada disso. Eu era a La Huera Loca!

Depois que fui demitida do clube e tive que ficar em casa para ser uma boa gestante, comecei a me preparar para a vinda do bebê.

Um amigo do strip, que me visitava com frequência, começou a comprar e trazer umas coisas para o bebê. Ele me ajudou a pôr um papel de parede infantil, me trazia bacon, alface e sanduíches de tomate quando os desejos de grávida surgiam (a cada duas horas durante seis meses). Ganhei 27kg por conta dos sanduíches. Mas foi só quando ele apareceu na minha porta, segurando várias sacolas do shopping e quatro ursos de pelúcia, que percebi seu amor por mim. Eu não tive reação. Ninguém demostrava me amar a muito tempo...

Esse gesto foi um alívio imenso para mim, uma grávida que frequentemente parava em frente ao espelho se perguntado como sustentaria seu bebê e a si mesma.

Gorda, mal-humorada e cansada de ter uma criança chutando minhas entranhas durante nove meses, o dia finalmente chegou em 28 de junho de 1988.

A história do meu parto começou no dia 27. Tinha ido para a casa dos meus pais. E depois que minha mãe percebeu que eu estava gemendo e resmungando como um bebê gigante já fazia algumas horas, ela pensou que a hora tinha chegado. Fomos para o Hospital Francês no centro de Los Angeles, onde o doutor, depois de me examinar, disse calmamente:

— A hora ainda não chegou. Você só tem alguns centímetros de dilatação.

Puta que pariu, o meu médico é burro, pensei. Era óbvio que toda aquela dor mostrava que o bebê nasceria a qualquer minuto:

— Isso é simplesmente impossível.

Mas então ele me respondeu se exibindo com palavras difíceis, tentando provar que estava certo.

Por fim, saímos do consultório e fui levada até o carro. Eu e minha mãe voltamos para Glendora. Cheguei exausta em casa. Enquanto eu descansava conversando com o meu irmão de 12 anos, para o nosso nojo infinito, uma bolsa de água verde saiu da minha vagina e estourou na cama dele.

Fomos de novo para o hospital, e lá eu agonizei na sala de parto durante doze horas. O tormento pareceu acabar quando a enfermeira gritou pela última vez:

— Empurra!

E com toda força que ainda restava em mim, empurrei ao mundo uma garotinha linda de 3 quilos e 250 gramas. Eu a empurrei com tanta força que os vasos sanguíneos dos meus olhos estouraram, deixando meus olhos ensanguentados por duas semanas. Acho que isso já serve para dar a noção de que eu fiquei completamente destruída depois do parto. Até o médico ficou impressionado com o meu parto de 12 horas. Teve um momento em que ele chegou a pensar que eu precisaria de uma cesárea. Bem que ele me avisou, quando eu estava grávida, que se continuasse comendo daquele jeito eu teria problemas na hora do parto. Mas aqueles sanduíches eram tão gostosos....

Enquanto o médico suturava o rasgo no meu canal de parto, uma enfermeira se inclinou segurando a minha filha para que eu a olhasse Pude me deliciar por alguns segundos com a primeira vista da minha amada filha antes da enfermeira sair do quarto correndo com ela. Minha filha mal tinha aberto os olhos para me ver, e já fora levada embora.

Não entendi nada.

Perguntei o que tinha acontecido. Ninguém me explicava.

Comecei a surtar:

— Qual o problema com a minha filha? - berrava - Eu quero segurar a minha filha! CADÊ A MINHA FILHA CARALHO???

— Por favor, senhora, se acalme - falou algum médico.

— CADÊ A MINHA FILHA CARALHO??? — eu berrava como um animal selvagem.

— Por favor, senhora, se acalm...

— CADÊ A MINHA FILHA CARALHO???

Isso durou por vários minutos.

Depois de me acalmarem e me explicarem o que tinha acontecido, me levaram para um quarto, onde esperei por várias horas até poder visitar minha filha na UTI. Acabou que aquela água verde era sinal que tinha Mecônio (cocô de bebê) no meu líquido amniótico. Me explicaram que por ter inalado um pouco de Mecônio, minha filha estava com alguns problemas respiratórios. Disseram também tinha umas manchas azuladas nas costas. Quando eu vi as manchas, imediatamente comecei a me culpar e confessei chorando ao doutor que tinha cheirado cocaína nos três primeiros meses de gravidez. Mas ele disse que as manchas não vinham do meu uso recreativo de drogas:

— Na verdade — ele disse — essas manchas são comuns em bebês asiáticos — me olhou curioso — o pai do seu filho é asiático?

Silêncio.

— Hmm...Então... Hm... É que... sim — respondi baixinho.

Virei paro o outro lado da cama, rangendo meus dentes de raiva. Não precisava ser lembrada, enquanto ainda sangrava, sentia dor e me sentia rasgada, que eu tinha uma filha metade asiática. Toda vez que ouvia a palavra "asiática" eu me envergonhava por lembrar do Tagi e de como eu tinha me prostituído para ele.

Várias horas depois, a enfermeira me pediu para assinar a certidão de nascimento da minha filha. Finalmente chegara o momento de anunciar ao mundo aquele nome lindo que eu tinha escolhido para minha filha: Tiffany Ann Moore.

Escrevi o nome em perfeita caligrafia, e fui assinando todo o resto até chegar na parte "Nome do Pai".

Parei de escrever.

Não colocaria nunca o nome do Tagi na certidão da minha filha. Não depois dele ter ameaçado leva-la embora.

A enfermeira me olhou estranho.

— A senhora não sabe o nome do pai do bebê, certo? - perguntou.

Quis cuspir na cara dela:

— Não, eu não sei o nome do pai dela porque sou uma prostituta retardada.

Mas segurei minha língua e disse com timidez:

— Hm.. É que... Não.

A enfermeira pegou a certidão, riscou algo nela e quando ela me devolveu, vi que estava escrito perto do Nome do pai, “recusou-se a declarar”.

Ótimo, pensei, *agora sou oficialmente uma mãe solteira.*

Mas eu só senti a gravidade de ser uma mãe solteira e o peso da minha situação, quando depois de um parto traumatizante como aquele, eu cheguei em uma casa vazia. Só então eu entendi o quão sozinha estava.

Sendo uma criança de 19 anos que criava outra criança de 1 semana, eu não tinha ideia do que eu estava fazendo e nem tinha alguém para me ajudar. Minha mãe estava longe e não se importava comigo e as únicas amigas que eu tinha eram as vizinhas mexicanas que mal falavam inglês.

— Hola, como estas?! — disse quando cheguei segurando o meu novo bebê.

— Hola!!!! Que hermosita!!!!!

As moças mexicanas amaram minha filha Tiffany. Quando eu cheguei e a mostrei pela primeira vez, elas pensaram que ela era metade mexicana.

— Não! — respondi — Ela é metade asiática...

— Ahhh... — elas responderam.

Quem me dera ter ganhado um dólar em cada vez que eu disse isso e recebi um olhar estranho.

Enfim, depois de vários meses vivendo do auxílio opulento do grandioso estado da Califórnia, finalmente chegara a hora de voltar a trabalhar.

Liguei para o meu antigo chefe no "The Last Call", e contei que tinha parido minha filha e que já tinha perdido os 27kg. Ele ficou feliz em me ter de volta.

Voltei ao clube e vi que os meus clientes fiéis continuavam lá. Eles me deram muitos presentes para celebrar a minha volta. Às vezes um pedia, enquanto eu servia drinks, para que eu mostrasse uma foto da Tiffany.

Assim a minha rotina e minha renda voltavam a ser como antes. Servindo drinks, fazendo strip, deixando algumas espiadelas... Mas chegou o dia em que um homem mudou:

— Te dou 20 dólares para pôr leite materno no meu café.

Mas que ideia maravilhosa!

Depois desse primeiro pedido, eu me ordenhei durante alguns meses, e sendo a única que podia fazer aquilo, fiz muito, muito, muito dinheiro com o meu leite materno!

Mas depois de um tempo, outra vez virei "carne velha". Os clientes se entediaram com o meu leite materno, e eu tive que ir para outro clube de strip para conseguir sustentar a Tiffany e eu.

Era o mesmo ciclo vicioso que se repetia de novo e de novo e de novo. Mas dessa vez, eu decidi que iria quebra-lo: jurei a mim mesma que nunca voltaria à prostituição.

Espera, eu disse nunca outra vez, certo?

Capítulo Seis - Portão do inferno

Era sexta feira e o clube estava lotado. A música “Love Hurts” tocava nas caixas de som. Uma latina dançava no palco e eu estava na porta conversando com o Mario, o novo segurança gatinho da casa. Ele estava me contando sobre o filho recém-nascido quando um barulho de tiro estrondou de repente. Mario desmoronou no chão. Berrei:

— ALGUÉM CHAMA UMA AMBULÂNCIA!!!

Pessoas se amontoaram ao redor do Mario para tentar estancar o rio de sangue que jorrava do corpo dele. As garotas gritavam assustadas no meu ouvido:

— Mataram ele!!! O que aconteceu??!! O que acontec...

— CALEM A BOCA — gritei interrompendo a histeria delas e antes de enfiar todas elas no vestiário do clube.

Ouvi a sirene da ambulância e já estava saindo do vestiário quando me olhei no espelho do vestiário: manchas de sangue em todo meu top.

— Meu Deus, o que acabou de acontecer? – sussurrei para mim mesma.

Ainda atordoada com a situação, corri de volta para onde Mario estava e vi uns paramédicos tentando revivê-lo. Quando vi ele se debatendo pelo choque do desfibrilador de novo e de novo, sem abrir os olhos uma só vez, comecei a perder as esperanças. Rezei no meu coração:

— Deus, salva ele por favor – pedi – por favor, Senhor, por favor, Senhor, por favor – implorei pensando no bebê e na esposa jovem que ele deixaria se morresse.

Um paramédico veio correndo com uma maca e outros dois colocaram Mário nela. Então os três correram com Mário para dentro da ambulância. Fecharam a porta, a ambulância acelerou e nós ficamos parados na calçada, nos perguntando se veríamos o nosso amigo outra vez ou não...

Uma garota me tirou do torpor ao tocar no meu ombro e dizer que precisávamos limpar o clube porque a noite tinha acabado. Ela e eu pegamos com pressa as garrafas de cerveja e os cinzeiros. Limpamos o clube e esperamos ansiosas a notícia sobre o estado do nosso amigo. Após duas agonizantes horas de espera, o gerente do clube deu a notícia: Mario morreu.

Fui para casa, entrei sem acender a luz e me sentei no sofá. Fiquei sentada no escuro segurando o meu top ensanguentado. Os pensamentos inundavam a minha mente. Pensei em Mário. Me senti mal. Como isso foi acontecer com ele? Ele só tinha 20 anos. Pensei no seu filho recém-nascido. Me senti péssima. O que seria daquela criança? Depois outro pensamento ainda mais perturbador veio à minha mente:

— E se fosse eu?

Fui infestada por um sentimento horroroso de que era para ter sido eu. Tentei afastar esse sentimento, mas não consegui. Quanto mais eu tentava, mais eu tinha certeza: alguém lá fora queria me matar.

Qualquer um podia ter puxado o gatilho e matado o Mario. Podia ter sido algum funcionário do clube, alguma garota, ou até algum cliente meu... Não quis ficar para saber. Liguei para a Vanessa para pedir uns programas enquanto eu procurava outro clube de strip. Odiava voltar para a prostituição, mas a morte do Mario, por alguns centímetros, não foi a minha.

Vanessa ficou encantada ao ouvir minha voz dizendo que eu queria voltar ao antigo trabalho. Nessa altura, a casa de massagem tinha sido elevada à condição de empresa de acompanhantes. Muito lucrativa por sinal: a empresa fechava cerca de 40 contratos por dia. Assim fui outra vez contratada e entrei no time das acompanhantes de luxo.
Comecei a aprontar em toda Los Angeles, fazendo entre 300 e 500 dólares por hora, dependendo do que o cliente quisesse. Dirigi do norte ao extremo sul, de San Diego até o San Fernando Valley, dando para produtores de Hollywood, advogados, médicos e todo tipo de gente importante.

Depois de anos me prostituindo para mecânicos, caixas de supermercado, zeladores e taxistas, eu pensei que finalmente tinha chegado no topo da minha "carreira".

Por meio dos meus contatos da "elite", eu comecei a perseguir aqueles sonhos de Hollywood que eu fantasiava quando criança. Como todas as prostitutas no sul da Califórnia, eu tinha a certeza de que seria a próxima Julia Roberts. Tendo diretores e agentes de Hollywood enchendo os meus bolsos, passei a frequentar audições, tentando conseguir algum papelzinho em algum filme. Me tornei uma aspirante a estrela de cinema. Ingenuidade? Nem tanto. Após tantas promessas de um grande papel feitas por diretores importantes, eu acabei acreditando que um dia seria uma grande estrela de Hollywood.

O que eu não levava em conta era que essas promessas não valiam muita coisa já que elas eram feitas antes de eu me ajoelhar e enfiar seus pintos na minha boca.

Quando comecei a me desiludir com Hollywood, decidi tentar minha sorte na indústria da música. Um dos meus clientes "fieis" era um produtor musical que tinha um estúdio na sua mansão em Chatsworth. Com a ajuda dele, consegui escrever, cantar e produzir o meu primeiro álbum musical, chamado "Let There Be House", o qual incluía uma música chamada "Mentiroso", que escrevi em resposta a música do Mellon Man "Mentirosa", um rap sobre as mulheres mentirosas.

Talvez eu fosse muito sensível.

Ou talvez eu tivesse percebido que toda a minha vida era uma mentira. Rejeitada, espancada, abusada, explorada, mal conseguindo comprar comida e, sobretudo, vulnerável, eu nutria e corria atrás de grandes sonhos de glória para mim.

Tendo um pé na porta de Hollywood e outro com salto alto na prostituição, eu me sentia travada em cada jogada que eu fizesse na minha vida. Eu sentia que até Deus estava contra mim. Um dia, minha frustração com minha vida e com a cena de LA foi tão grande, que eu decidi caçar emprego em outra cidade. Procurando desesperadamente nos classificados, eu esbarrei no seguinte anúncio:

PROCURA–SE MULHERES JOVENS. TODOS OS CUSTOS DE VIAGEM PAGOS. 2000 DÓLARES POR SEMANA.

— Caramba, isso sim é um emprego de verdade – disse lendo o anúncio.

Imediatamente liguei para o número do anúncio, o número de um tal de Rico.

O tal Rico atendeu e disse que estava procurando dançarinas. Meu coração se encheu de alegria. Um emprego maravilhoso e que não tinha a ver com prostituição!

Conversamos, marcamos uma entrevista e eu fui ao que eu esperava ser a agência dele. Mas só encontrei uma salinha com dois mexicanos e uma maleta de dinheiro. Eu nunca tinha visto tanto dinheiro na minha vida. Depois de conversarmos, eles me disseram que haveria muito mais dinheiro se eu fosse dançar por duas semanas no México. Vendo minha indecisão, eles me garantiram que era tudo tranquilo:

— Tranquila, Huera, tudo ficará bien. Las chicas fazem mucho dinheiro e lá o mar é muy bonito.

Quando ouvi minhas duas palavras favoritas juntas “dinheiro” e “mar”, meus olhos brilharam. Vendo o brilho nos meus olhos, eles logo me prometeram uma passagem de primeira classe até o México. Enquanto um deles falava sobre as maravilhas da cidade em que eu ficaria, outro tirou do bolso um panfleto do resort em que eu seria hospedada. No fim acabaram me convencendo:

— Me voy a México! – disse celebrando minha nova parceria latina.

Quando contei a um amigo para onde eu iria, ele me avisou que tudo isso era muito suspeito. Ignorei ele. Nem quis ouvi-lo. Eu estava precisando tirar umas férias da Califórnia e estava louca por uma mudança na minha vida e, além disso, eu era a La Huera Loca, nada de ruim poderia acontecer comigo!

Eu só pensei um pouco na situação quando deixei minha filha Tiffany na casa de um amigo. Vendo a minha dúvida, o meu amigo me garantiu que cuidaria bem dela nas próximas semanas.

— Tudo bem, então. Tchau, Tiffany. Mamãe volta daqui a duas semanas! — disse me despedindo e descendo as escadas para pegar um táxi.

Entrei num táxi e fui ao aeroporto de Los Angeles. Peguei um voo de primeira classe na Mexicana Airlines e três horas depois eu aterrissei em Guadalajara. Depois de pegar a minha mala na esteirinha, passei a porta automática dizendo:

— Hola, México!!!

O cheiro de tacos e cigarros empesteou o ar. Caminhei entre aqueles taxistas suados e bigodudos até a zona de desembarque. Lá esperei uns minutinhos até que um carro com dois mexicanos freou bruscamente na minha frente. Acho que o cabelo loiro entregou que era eu quem eles procuravam. Os dois desceram do carro.

— Hola, como están!? — lhes disse entregando a minha mala e exibindo com um sorriso o espanhol que aprendi nos clube de strip mexicano.

— Hola — respondeu um deles.

Entramos no carro e durante todo o percurso ninguém falou nada. Estava tudo quieto demais. Comecei a achar aquilo tudo muito suspeito.

Após uns 40 minutos de viagem, nós chegamos em um prédio velho e feio.

Saí do carro e subi a escada com degraus rachados até a portaria. Depois do motorista bater na porta, um mexicano gordo a abriu. Segui ele e os outros dois por um corredor ladeado de portas de vidro. O que por trás daqueles vidros me deixou perplexa:

Que porra tá acontecendo aqui? pensei ao ver que tinha mulheres por trás daquelas portas. Elas não conversavam. Elas não sorriam. Elas mal se mexiam. Pareciam estar em transe. Percebi pelo canto do olho que uma enxugava as lágrimas do rosto.

Agora eu sabia que alguma coisa estava errada.

Pensamentos de fuga encheram a minha mente e senti minhas mãos se tornarem punhos. Quando estava prestes a perfurar o crânio do mexicano gordo com uma caneta que eu tinha no bolso, ouvi uma Voz me dizer:

— Calma, Shelley.

Eu sabia que era Deus. Respirei fundo e fui levada até a minha cela com portas de vidro.

— Esteja pronta às 8:00, Huera — disse o gordo enquanto voltava à portaria.

Me virei para o quarto e vi uma jovem loira com olhos azuis e apavorados acuada no canto da cela. Completamente atordoada eu perguntei para ela:

— Que merda de lugar é esse?

— Shshsh — ela respondeu apressada, se levantando e fechando porta. Então me sussurrou – Você não sabe aonde foi parar? Você tá numa cela do puteiro do cartel mexicano.

— Mentira – respondi — Eu não vim trabalhar num puteiro do cartel. Eu vim dançar duas semanas enquanto descansava num resort bonito!

— Cala a boca, sua filha da puta – ela me disse entre os dentes — Esses caras vão enfiar uma bala na tua cabeça se você não calar a boca. Você tá num puteiro do cartel e nunca mais vai ver sua casa.

Fiquei parada boquiaberta, olhando para ela, completamente em choque...

Mas então, eu tirei forças de algum lugar e respondi com audácia:

— Ninguém vai me prender aqui. Você vai ver.

Comecei a procurar uma rota de fuga daquela cela, mas só encontrei barras de ferro na janela e volumes estranhos sob as blusas dos guardas. Engoli em seco. Olhei de novo para aquela garota no canto da cela, completamente desamparada e assustada. Imaginei que eu poderia ser como ela em pouco tempo. Com o coração apertado pela angústia, eu comecei a implorar silenciosamente para Deus me livrar dessa...

Oito da noite chegou com uma batida na porta.

— Andem logo, Hueras. Hora de ir.

Como gado indo para o abate, nós fomos conduzidas pelo corredor em fila indiana até um ônibus amarelo no estacionamento. Usando um vestidinho, levando uma bolsinha para gorjetas e para guardar meus

tampões, entrei naquele ônibus imundo, aflita com o que viria pela frente.

— Deus, por favor, me tira dessa — eu disse quando o ônibus acelerou.

Olhando os rostos das outras jovens ao meu redor, percebi que nenhuma delas tinha qualquer emoção. Todas olhavam para o nada. Catatônicas. Era como se elas tivessem congelado ao pensar no que as esperava. Tentei conversar com uma ao meu lado, mas ela não me respondia. Eu não podia acreditar que essas garotas não tinham nenhuma vontade de lutar. Eu simplesmente não entendia a submissão delas. Eu não a podia entender: eu era uma guerreira!

Chegamos em um prédio de tijolos com muitos andares. Olhei ao redor. Muitos guardas armados.

— Meu Deus...

Enquanto saía do ônibus imundo, senti o ar ficar quente e pegajoso. Enxugando o suor da minha testa, amarrei o meu cabelo e entrei naquele prédio. Passamos pela porta e chegamos num galpão vazio e escuro, onde apenas alguns homens estavam sentados nas cadeiras. Segui as outras garotas para um vestiário próximo do palco. Depois de terminarmos de nos arrumar, eu discretamente me afastei do grupo de garotas para espiar pela cortina do palco. Eu a afastei com delicadeza e olhei por trás dela. Nenhum segurança andando pelo clube. Muito estranho. Não tinha nada a ver com as bares mexicanos que eu conhecia.

Como eu queria ver melhor o ambiente sem que ninguém me visse, subi no palco e comecei a dançar um pouco enquanto eu olhava o clube. Na esquerda, vi uma garota dançando para um homem que parecia bravo e que não estava dando nenhuma gorjeta. Isso não é bom. Na direita, vi a porta da frente sendo protegida por um gordo armado. Isso não é nada bom. No segundo andar, uns homens estavam andando e conversando.

— Cadê todas aquelas mulheres do ônibus? – comecei a me perguntar

Ok, havia algumas perto do palco, mas onde estava todo o resto? Nós chegamos num ônibus e agora todas as que eu via caberiam numa vanzinha. Mas eu estava tão focada em planejar a minha fuga que o sumiço de metade das mulheres do ônibus ocupou a minha mente apenas por alguns segundos.

Como uma vez eu tinha fugido de uma despedida de solteiro pela janela do banheiro, achei que se eu fizesse o mesmo ali eu talvez conseguisse fugir. Em espanhol, perguntei a uma mexicana onde era o banheiro. Ela respondeu:

— Segundo piso a la izquierda.

Subi as escadas com cuidado, olhando para ver se tinha alguém ao redor. Ninguém. Saí correndo escada a cima e virei para a esquerda. Vi uma placa com a palavra "Baño."

Corri para o banheiro, e quando eu já estava fechando a porta, ouvi um som que me faz congelar até hoje.

— NOOOOOO!!! – alguma mulher berrou desesperada em algum lugar.

— Puta que pariu, o que foi isso??!

Percebi que o berro tinha vindo do fim do corredor. Não consegui ignorar aquele grito e tremendo de medo eu andei na direção do som dos gritos repetidos:

— NOOOOOO!!! NOOOO!!! NOO...

Parei ao lado da porta. Espreitei: uma roda de homens assistiam uma mulher ser estuprada.

— No, no más... — a ouvi implorar.

O estuprador deu um tapão na cabeça dela e disse:

— Cierra la boca, puta.

Okay, ele mandou ela calar a boca depois de bater nela. Isso foi o suficiente para mim. Agora eu tenho certeza de que estou no inferno.

Dei meia volta, saí de fininho e voltei ao banheiro para ver se lá tinha alguma janela que me desse acesso ao telhado. Não tinha nenhuma janela. Entrei em pânico. Minhas pernas começaram a tremer muito. Achando que iria desmaiar, me arrastei até uma das cabines do banheiro para sentar e pensar em algum jeito de sair daquele inferno.

Me sentei naquele vaso imundo, respirei fundo e centenas de formas de fuga inundaram a minha mente. Comecei a criar hipóteses:

— E se eu arrumasse um fósforo e começasse um incêndio?

O fogo demoraria para se alastrar.

— E se eu enrolasse o porteiro fingindo que vou chupar o pau dele, roubasse a arma dele, estourasse o cérebro dele na calçada e saísse correndo de lá?

Hmmm, tentador, mas acho que não funcionaria.

— E se eu fingisse que estava possuída, começasse a me contorcer, girar meu pescoço igual a garota do exorcista até eles ficarem apavorados e me deixarem ir embora?

Não, eles simplesmente me matariam.

Porra, eu estava ficando sem ideias. Desistindo de encontrar uma resposta com minhas próprias forças, eu comecei a rezar fervorosamente e a implorar com toda a minha alma para Deus me salvar daquele lugar.

— O Senhor já me salvou tantas vezes – Lhe disse – por favor, eu Te imploro, me salva só mais essa, Senhor. Por favor...

Ele não respondia.

Comecei a chorar pensando que nunca mais veria a minha filha. Eu estava ficando sem esperança. Para piorar minha situação, os gritos de outra mulher encheu o ar, me deixando ainda mais aterrorizada.

Voltei a pensar nas formas de fuga e a ideia do porteiro já não me parecia tão má. Eu faria qualquer favor sexual que ele quisesse para poder sair daquele inferno. Me decidi. Levantei do vaso, ajeitei meu salto, passei batom na frente do espelho e saí pela porta ao som do grito das garotas sendo estupradas.

Conforme fui andando na direção do porteiro, minha mente teve um estalo. Corri na direção dele, agarrei o braço dele, gritei com todo o ar dos meus pulmões:

— FUEGO!!! FUEGO!!! Hay un fuego ahí arriba!!!!

Ele me olhou desesperado saiu correndo para ver o fogo no segundo andar, deixando a porta da saída desguardada. Olhei ao redor sem crer que tinha funcionado.

Saí correndo desesperada porta à fora com todas as minhas forças. Desci a rua. Parei no acostamento. Comecei a acenar freneticamente para os carros que passavam. Um taxi verde foi reduzindo, reduzindo e reduzindo até estacionar na minha frente. Me lancei dentro daquele taxi bradando em espanhol:

— Al prostíbulo del cartel. RÁPIDO!!!

Ele entendeu e começou a dirigir. Graças a Deus o segurança correu desesperado. Graças a Deus o taxista apareceu e sabia onde era. Graças a Deus o meu espanhol era bom o bastante.

Durante a corrida do táxi, comecei a me preparar mentalmente para enfrentar o gordo da portaria. Pensei na porta, no cadeado, na mesa dele, nas portas de vidro e em quanto tempo demoraria para invadir tudo aquilo, entrar na minha cela, pegar a minha mala e correr de volta para o táxi.

Mal tínhamos chegado e eu já estava pronta para degolar o gordo da portaria. Repleta de vontade de viver e de rever a minha filha outra vez, joguei uma nota de vinte dólares no motorista e disse que se ele esperasse cinco minutos, eu lhe daria 100 dólares americanos quando eu voltasse. Ele timidamente acenou com a cabeça e pegou a nota de vinte dólares.

Subi correndo pelos degraus e esmurrei a porta. O gordo a abriu e eu o empurrei e saí correndo pelo corredor na direção do meu quarto. Girei a maçaneta. Trancada. Merda!

Virei para ele e berrei.

— ABRE LA PUTA PUERTA, HIJO DE PUTA!!!

Ele ia tentar me agarrar mas eu chutei o saco dele, o empurrei na parede, e comecei a chuta-lo com tanta violência que ele acabou implorando para me dar a chave. Ele não estava preparado para as pernas de aço de uma stripper veterana. Corri para a porta e comecei a testar as várias chaves até que senti um click.

Consegui.

Peguei minha mala e corri na direção da porta da saída. Pulei as escadas e arremessando minha mala para dentro do táxi, entrei e bati a porta. Graças a Deus ele ainda estava ali. Cheia de adrenalina, bradei ao motorista:

— AEROPUERTO INTERNACIONAL DE GUADALAJARA, DALE, DALE, DALE!!!

Ele acelerou. Saímos cantando pneu, e depois de uma corrida de 40 minutos em que meu coração bateu forte e angustiado a cada segundo, chegamos ao aeroporto.

Lágrimas de alívio escorreram no meu rosto enquanto eu pegava minha mala no táxi. Agradeci chorando ao motorista e lhe dei os 100 dólares. Entrei no saguão e fui até o balcão da companhia aérea, onde disse para a atendente que minha filha estava doente, e que por isso precisava de um voo para voltar para casa naquele mesmo instante. Ela olhou assustada o meu rosto manchado de lágrimas e maquiagem. Disse que veria o que poderia fazer e começou a digitar no computador.

Sentei na cadeira que ficava de frente para o balcão, segurando o meu cartão de crédito e olhando fixamente para a atendente. Nada iria me impedir de voltar para Los Angeles.

No fim deu tudo certo e depois de uma noite de insônia no aeroporto e de um voo de 3 horas, eu beijei o solo americano ao descer do avião.

Graças a Deus eu estava em casa. Graças a Deus eu estava viva.

Eu fiquei tão traumatizada depois da minha fuga do México que eu dormi por três dias seguidos. Quando eu acordei, amaldiçoei a prostituição e fui no mesmo dia pedir emprego no clube em que Mário foi assassinado. Fazia tempo desde que eu saíra de lá, então tinha esperanças de que o assassino tivesse sido preso. Mas estando ele preso ou não, isso pouco me importava: eu precisava de dinheiro.

Loira, gostosa, tendo espanhol na minha língua e Tequila nas minhas veias, eu faria uma nota naquele lugar.

— Olé!

Capítulo Sete - Quase Morta

Eu queria ver o sangue dele.

Aquele psicopata iria se arrepender da noite em que tinha me conhecido. Quando voltei para casa e vi ele sentado no meu sofá, segurando uma faca imensa, eu fiquei furiosa.

— O que você tá fazendo aqui, Miguel?

Ele não me respondeu senão soltando uma bufada pesada e se movendo para frente e para trás no meu sofá. Entreguei minha filha de três anos para minha colega de quarto mexicana e mandei que elas entrassem no quarto.

— Fecha a porta e só abre se ouvir minha voz – disse sentindo a adrenalina correndo em minhas veias.

Elas trancaram a porta, e eu fui até a direção da sala rosnando baixinho entre os dentes:

— Vou esfaqueá-lo, esquarteja-lo, enfiar suas partes em vários sacos de lixo e vou arremessá-los no entulho da rua de trás. Eu vou destroçar esse filho da puta.

Mas por mais que eu realmente quisesse assassiná-lo, enquanto eu caminhava até sua direção, algo me disse para fingir que estava tudo bem. Se eu matasse ele, provavelmente iria para a cadeia. Ou pior, talvez ele reagisse, me matasse e depois fosse atrás da minha filha indefesa, Tiffany. Não. Esse cara precisava de um tratamento "especial".

— Oiii, meu amor — disse mudando meu tom – Miguelzinho, por que você está segurando essa faca? Eu te amo, meu querido, pode abaixá-la? Ela está me assustando, meu bem...

Olhando meu sorriso gentil, seu rosto amoleceu junto da mão que segurava a faca, largando-a no chão.

— Me desculpa por chegar em casa tão tarde, meu amor... Hoje era a minha vez de limpar o bar depois do trabalho. Sabe como eu queria estar com você mais cedo, não sabe?

Meus olhos amorosos o convidaram para meus braços. Ele me abraçou e depois se deitou no meu colo como uma criancinha.

Nessa noite, eu fiquei até às 5:00 da manhã persuadindo o Miguel de que eu o amava mais do que qualquer outro homem no mundo.
Eu falaria e faria qualquer coisa para proteger a Tiffany e a mim mesma. E assim estava fazendo nos últimos quatro meses em que aquele maníaco me perseguia.

Sei que eu devia ter percebido que ele não era normal na primeira noite em que o vi, mas o dinheiro dele me cegou. Eu só via uma mina de dinheiro jovem e bonita, que tinha um sorriso de menino e olhos gentis de um rapaz: o sonho de qualquer stripper.

Naquela noite, Miguel me deu uma rosa chique de cristal, 500 dólares em gorjetas e o pedido de jantar comigo na noite seguinte. Eu disse que estaria trabalhando, e então ele me ofereceu o dobro do que eu fazia em uma noite inteira de trabalho. Gananciosa, eu cegamente eu aceitei o dinheiro e dei início a uma das piores séries de acontecimentos da minha vida.

No início, confesso, tudo era perfeito. Ele me mimava com dinheiro e presentes. Eu o mimava com sexo e palavras doces. Mas esse cara era tão maluco que ele nem sonhava que eu tinha esse mesmo tipo de relacionamento com vários outros homens, e quando começou a descobrir ele começou a ficar enciumado e violento. Acho que ele não percebeu que eu trabalhava com sexo. Que esse era o meu trabalho. Que assim eu me sustentava e sustentava minha filha. Que precisava de dinheiro concreto, imediato, sujo e sem sentimentos, e não de algum romancezinho água com açúcar.

Eu não tinha tempo para o amor nessa época.

Além disso, serei brutalmente sincera: qualquer homem que frequenta um clube de strip, paga para uma desconhecida rebolar, se esfregar, e passar os peitos na cara dele, depois dele ter jogado dinheiro nela enquanto ela se esfregava numa barra imunda dançando seminua para vários outros, qualquer homem que faz tudo isso e ainda espera fidelidade da stripper, desculpem a sinceridade, merece ser feito de trouxa.

Mas o Miguel era um trouxa psicopata. Após duas semanas, ele ficou ciumento e começou a brigar no bar com meus outros clientes. Isso

era inadmissível. Após outra briga dessas, enquanto eu servia drinks, fui até o bar, onde ele estava sentado num banquinho, e disse:

— Você não paga as minhas contas, e por isso não tem nenhum direito de se meter nos meus negóci...

Ele me cortou:

— Eu vou matar qualquer homem que chegue perto de você, Giovanni. Você é minha. Ponto.

— Miguel, some da minha frente agora porque eu nunca mais quero te ver, seu psicopata desgraçad...

Ele deu um tapão na minha bandeja de drinks, estilhaçando todos os copos que estavam nela, se levantou completamente transtornado e deu um chute na sua cadeira, lançando-a longe.

— Você é minha, Giovanni. Nenhum outro homem vai encostar em você. Entendeu?

Maravilha. Eu tô saindo com equatoriano maluco.

Eu achava que já tinha saído com uns caras bizarros, mas esse cara ganhou de absolutamente todos. Não importava o que eu fizesse, eu não conseguia me livrar dele. Tentei implorar chorando. Não funcionou. Tentei dizer que eu tinha uma DST incurável. Ele falou que não ligava se pegasse de mim. Menti que um parente tinha morrido e que precisava de um tempo para o meu luto. Mas quando ele me viu rindo no clube, essa história morreu. Finalmente eu pedi para uns homens do bar para me ajudarem a me livrar dele. Eles concordaram. Se juntaram, seguiram ele e o ameaçaram na porta do apartamento dele. Ele nem ligou. Ele era imparável. Era um psicopata inatingível. Me lembro até que chamava ele de "furador" porque ele sempre furava os meus pneus e os das pessoas que se aproximavam de mim. Aquele cara era simplesmente implacável.

Depois que me recusei a atender suas chamadas e a falar com ele, ele começou a me ameaçar de morte. Eu ligava para a polícia pedindo ajuda, mas quando eu dizia onde eu trabalhava, eles davam risada e desligavam na minha cara. Nenhum policial nuca ouviria uma stripper.

Uma noite, eu peguei a moto do meu vizinho emprestada — o furador tinha atacado outra vez e meus quatro pneus estavam mortos. Enquanto eu saía do estacionamento, olhei com cuidado ao meu redor. Parecia não haver ninguém. Acelerei rumo ao trabalho. Quando eu já estava no meio do caminho, reparei que o som de um caminhão, que estranhamente estava indo para o mesmo caminho que nos últimos 5 minutos, começou a aumentar. Olhei para trás e vi que o caminhão estava vindo na minha direção. Merda. Eu sabia que era ele.

Acelerei. Ele acelerou. Quando olhei pelo meu ombro esquerdo, lá estava aquele psicopata gritando comigo pela janela:

— Encosta a moto, Giovanni – ele berrava o meu nome de palco. — Giovanni, encosta agora. Eu quero falar com você. ENCOSTA AGORA, GIOVANNI!!!

Ignorei. Acelerei e continuei seguindo reto, acreditando que ele pararia de me seguir quando passássemos pela primeira delegacia do caminho. Alguns segundos depois, vi o seu caminhão Toyota invadindo a minha faixa. Como achei que ele só queria me dar um susto, continuei acelerando em linha reta. Achei errado. Aquele animal jogou o caminhão em cima da minha moto!

Capotei e saí rolando até parar num arbusto. Eu estava tão assustada que eu nem percebi que tinha me machucado. Me levantei aterrorizada, corri o mais rápido que pude pelos arbustos e quintais até chegar numa varanda iluminada. Um homem me viu ensanguentada. Expliquei esbaforida o que tinha acontecido. Ele me acolheu na varanda e ligou para a polícia. Os policiais vieram, contei o que tinha acontecido, fomos à delegacia para eu prestar queixa enquanto o guincho levava a moto do meu amigo para o ferro-velho.

— Ótimo – disse para o policial enquanto guincho tirava aquele emaranhado de aço da calçada — a moto do meu amigo virou sucata.

Dessa vez o Miguel não tinha me pego, mas ele deixara hematomas e contusões para me fazer levá-lo a sério.

Precisei ser discreta enquanto o meu corpo sarava. Fiquei em repouso na minha casa e nela eu tive muito tempo para pensar. Eu precisava de um plano para me livrar de vez dele.

Uma semana tinha se passado e eu não tinha ouvido um “a” sobre o Miguel. Descobri que na manhã seguinte ao "acidente", ele se apavorou com o que tinha feito porque ele estava bêbado quando tentou me matar. Mas mais importante do que qualquer culpinha que ele sentisse: havia um mandado por atropelamento e fuga para ele.

Ele seria preso assim que saísse da sua toca e a polícia o encontrasse. Pelo menos era isso o que eu pensava.

Uma semana depois ele foi preso. Preso e liberado pela corte no dia seguinte. Quando um Miguel gentil, educado e cortês contou ao juiz que eu era uma stripper: caso encerrado. Miguel foi inocentado e eu continuei com os meus hematomas, a dívida de uma moto e o medo de sair na rua.

Saí do tribunal sem acreditar no que tinha acontecido. Não era possível que o juiz tinha “julgado” com esse critério:

— A acusadora é uma stripper? Ok, então Miguel é inocente – ele deve ter pensado ao destruir com aquele martelinho imbecil as minhas esperanças de paz e possibilidades de ação legalmente aceitas.

Então, uns dias após aquela palhaçada no tribunal, chegou aquela sexta-feira. Era meu turno para limpar o clube após o fechamento. Empilhei as bandejas de drinks, varri o chão e limpei todo o bar. Depois da arrumação, eu estava morta e precisava ir dormir. Meu amigo Justin me deu carona naquela noite. No caminho paramos par buscar a minha colega de quarto mexicana e a minha filha Tiffany na casa de uma amiga. Era umas 2:45 da manhã quando Justin nos deixou em frente ao nosso prédio.

Conversando, subimos a escada e chegamos ao nosso apartamento. A mexicana tirou suas chaves da bolsa, abriu a porta e entrou. Quando ela de repente parou de falar, eu não entendi. Entrei. Calei minha boca também. Fiquei atordoada ao ver o Miguel sentado no meu sofá segurando uma faca imensa na mão.

Aquela foi a gota d´água para mim. Ele tinha me arrastado até a insanidade. Tinha chegado no meu limite. Mais tarde, depois dessa noite em que quis assassiná-lo mas que passei persuadindo-o do meu amor, liguei para o Justin. Após conversarmos durante quase uma hora, terminamos: tínhamos um plano maligno.

Justin me amava e ele faria qualquer coisa por mim. E não só faria, ele fez.

No dia do plano, enquanto eu fiquei na frente de um restaurante perto de casa esperando o Miguel, Justin se escondeu no estacionamento. Quando o Miguel não apareceu na hora certa, Justin começou a ficar um pouco apreensivo.

Mas depois de 30 minutos, Miguel mordeu a isca e apareceu na armadilha. Eu sabia que ele não poderia aparecer no horário marcado porque ele precisava passar em casa depois do trabalho para ver sua esposa e seus filhos.

Aliás, falando sobre a família dele, eu morria de vontade de contar para a esposa dele sobre o nosso caso doentio, sobre a tentativa de assassinato do seu marido e principalmente sobre o lance da faca. Mas toda vez que eu começava a namorar demais a ideia de destruir a família dele contando a verdade, eu pensava nas crianças e me sentia muito mal por elas.

— Mas não nessa noite – disse para mim mesma ao ver o caminhão de Miguel chegar – Foda-se se essas crianças voltarão a ver seu pai algum dia.

Cumprimentei Miguel e entramos no restaurante. Começamos a conversar e percebi que estava tenso, pensando antes de cada frase ou movimento. Ele era muito inteligente e já tinha percebido que eu estava tramando algo.

Ele é inteligente, quando está sóbrio, pensei enquanto dava um sorriso falso.

Sugeri que tomássemos uns shots de Tequila, para celebrar os “velhos tempos.”

Bebemos uns 10 shots juntos, ou melhor, ele bebeu. Cada shot que eu tomava era uma cuspida que eu dava. Enquanto ele ia ficando bêbado, eu ia falando sobre como eu queria o fim das nossas brigas, que eu sabia que ele me amava e que ele precisava saber o quanto eu amava ele. Quando o álcool fez efeito nele, e ele se desmanchou em sorrisos e beijinhos, pus minha mão sob a dele. Eu sabia que derreteria seu coração. Outra coisa que eu sabia era que ele sempre andava com uma pistola embaixo da camisa. Foi assim que um Miguel armado e completamente bêbado não me percebeu deslizando um saquinho de

cocaína no seu bolso. Eu sabia que ele tinha cheirado antes de vir, então tinha esperança dele ainda ter o pó no organismo para o teste da polícia ser positivo.

Depois de uma hora de jantar, disse:

— Miguel, meu amor, preciso ir ao banheiro.

— Giovanni – me olhou com uns olhos baços – você vai me fazer uma armadilha?

— Nunca, meu amor. Como eu faria algo de mal para quem eu amo? Eu só estou muito apertada por conta dos shots de tequila...

Assim eu desconversei e fui para o banheiro, que ficava nos fundos. Outra coisa que eu também sabia era que nos fundos tinha um orelhão. Liguei para a polícia. Olhando ansiosa de um lado para o outro, enquanto eu ouvia o telefone chamar, finalmente ouvi:

— Alô, aqui é da polícia. Qual sua emergência?

— Oi, oi! Eu preciso de ajuda. Agora. Tem um homem armado me fazendo de refém aqui no restaurante X. Por favor, venham logo. Sentados na mesa perto da entrada. Rápido. Eu não quero morrer hoje, me ajuda, me ajuda, me ajuda. — sussurrei desesperada no telefone.

Os policiais chegaram em dez minutos. Giroflex, gritos, armas enfiadas na cabeça de um Miguel bêbado, armado e carregando um saquinho de cocaína no seu bolso. Foi uma delícia.

Os olhos do Miguel me fulminaram enquanto ele era arrastado algemado para o porta malas da viatura. Quando fecharam o porta-malas, não consegui me segurar. Passei perto da viatura e sorri para o Miguel, mostrando-lhe as chaves do seu caminhão e mandando tchauzinhos.

Ah, esqueci de dizer: quando enfiava cocaína no bolso dele, aproveitei para roubar as chaves do caminhão que ele tinha jogado em cima de mim.

Miguel foi preso por porte velado de arma e posse de drogas. Foi condenado a um mês de prisão. Nesse mês, enquanto ele apodrecia atrás das grades de ferro da prisão, eu dirigia serenamente seu

caminhão Toyota 4x4 pelas areias douradas das lindas praias da Enseñada no México.

Na segunda semana do mês, levei o caminhão do Miguel para o pátio da prisão, deixando as chaves e uma mensagem de boa sorte no pneu.

— Vai pro inferno, seu psicopata desgraçado — pensei ajustando meu retrovisor frontal.

Tomei até um sustinho quando me olhei no retrovisor. Senti como se uma pessoa má estivesse me encarando quando vi um sorrisinho maligno no canto dos meus lábios.

Hmmm, isso é um olhar de psico no meu rosto?

Capítulo Oito - Psico-Stripper

Eu realmente me tornei uma psicopata insana do sexo.

Sendo uma sobrevivente de anos de abuso físico e verbal, gravidezes indesejadas, alcoolismo, uso de drogas, vida de prostituta-mendiga, experiências de quase morte, tentativas de estupro, uma fuga arriscada do México e um namorado psicopata, eu me entreguei de vez para a indústria do sexo, a indústria devoradora de almas.

O único resto de "Shelley" que ainda existia era a minha vontade obstinada de sobreviver.

Continuei o ciclo vicioso de trabalhadora do sexo. Tentei de novo a sorte em Hollywood. Estava cansada das garrafas voadoras nas brigas de bar, esgotada dos strips com chapéu de Mariachi, e exausta do ambiente maluco daquele bar mexicano. Então, buscando uma vida plácida e sem emoções fortes, eu tentei arranjar um lugar no mundo cinza e frio dos homens brancos.

Fui procurar trabalho na Sunset Boulevard, uma das ruas mais famosas de Hollywood. Ela é famosa por ter os clubes de rock & roll mais famosos do mundo e muitos grafites de bandas de rock nos muros. Mas a principal razão de sua fama vem do fato que as strippers de lá são deusas gregas: loiras, gostosas, magrinhas e altas.

Eu odiava trabalhar lá. Por quê? Além da competição monstruosa, os meus peitos eram pequenos. Os meus tinham naturalmente o tamanho "P", enquanto os de cada mulher ao meu redor tinham o tamanho "G". Ao contrário dos mexicanos que eram mais atraídos pela personalidade, aparência, performance — embora uma bunda grande também fosse importante — os brancos da Sunset Boulevard só queriam saber de peitos grandes, naturais ou não. O resultado dos meus peitos pequenos com o a performance que eu usava para atrair os mexicanos foi simples: os brancos não gostavam de mim.

Eu era uma loira maluca que realmente dançava e às vezes imitava o Michael Jackson no palco, e não uma mulherzinha de dancinhas toscas que ganhava seu dinheiro vendendo espiadelas da sua vagina. Tudo bem, é verdade que eu já deixei uma espiadinha na minha pela quantia certa. Mas isso foi só algumas vezes. Eu era muito

mais do que uma vagabundinha de espiadelas, eu era uma *artista interpretativa*. Pelo menos era isso que o meu autoengano me dizia.

Escrevendo e me lembrando sobre essa época, percebo que os clubes de strip de Hollywood eram muito mais escrotos do que a prostituição. Quietos e sebosos, aqueles homenzinhos miseráveis esticavam seus braços gordos para enfiar suas notinhas imundas dentro do biquíni das dançarinas, comprando alguns segundos de contemplação arrebatadora da vagina de uma estranha. Mas mais nojento do que eles era a barra de ferro do palco, onde na mesma noite todas as mulheres do clube dançavam esfregando seus corpos, se esfregando nos fluidos vaginais das dezenas de mulheres que tinham dançado antes.

Eco!

Eu não engolia aqueles clubes de strip. Eles eram sujos, feios, nojentos e um solo fértil para DST'S. Embora à primeira vista os drinks e os seguranças parecessem ser as coisas mais fortes no clube, a competição que lá acontecia era muito mais forte.

Todas aquelas loiras de Hollywood, com seus cabelos longos e peitos imensos, todas as noites se alinhavam esperançosamente no bar, esperando vender uma espiadela ou uma dança para o primeiro que aparecesse.

Como eu não era nenhuma deusa grega e nem uma barateira, disposta a passar a noite oferecendo espiadelas, embebedando e elogiando aqueles porcos para talvez conseguir a dourada oportunidade de lhes bater uma ou duas punhetas para receber alguma nota maior, ganhar dinheiro ali estava sendo impossível para mim, especialmente na sexta.

Na sexta-feira, cinquenta garotas emergiam de seus barracos para dançar na mesma barra de ferro imunda. Se eu conseguisse me esfregar uma vez naquela barra e se eu conseguisse ser notada por algum seboso e se eu conseguisse que ele enfiasse uma notinha de 20$ no meu biquíni, tinha sido uma noite de muita sorte.

Os clubes de Hollywood definitivamente não eram para mim. Se fosse para fazer tanto esforço por mixarias, talvez eu voltasse à prostituição. Que outra opção eu tinha?

Frustrada com tudo isso, voltei a procurar emprego nos classificados do jornal.

Um dia, passando por uma banca de revistas, vi o jornal LA Xpress pelo vidro. Decidi dar uma olhada. Entrei e peguei o jornal. Comecei a passar os olhos pelos classificados. Vi uma infinidade de anúncios, mas os que me chamaram mesmo a atenção foram os milhares que anunciavam "massagens".

Hmmmm... Isso parece uma boa ideia.

Então uma voz veio à minha cabeça:

— Os homens viriam até você, Shelley. Você não teria que trabalhar tanto... Mas principalmente, você seria livre, Shelley! Você teria muito, muito, muito mais liberdade...

Eu a respondi na minha mente:

— Sim, mas isso é muito ilegal. Eu posso ser presa por gerenciar um puteir...

A vozinha sórdida atalhou:

— Mas você é muito esperta para ser pega. Nunca te pegaram antes, Shelley.

Por fim eu concordei com a voz, seja lá de quem ela fosse. Se ela era minha própria voz? Não tenho certeza. Mas provavelmente era porque nessa época eu estava tão drogada e enlouquecida na maior parte do tempo, que mais de uma vez eu cheguei ao ponto de não saber se eu estava falando comigo mesma ou conversando com alguém.

No mês seguinte, comprei um número de telefone 0800 e fui ansiosa ao prédio da LA Xpress em La Brea, onde enviei um anúncio com uma foto gigante em que eu e outra garota nos beijávamos seminuas.

— Éééé... – disse saindo do prédio – Vai ser impossível alguém ignorar esse anúncio.

E eu tinha razão. Meu telefone começou a tocar dia e noite.

— Oiiii, lindo! — eu atendia a ligação com uma voz sexy. Um homem do outro lado da linha começava a falar. Conversávamos e eu

respondia suas perguntas — Imagina, meu bem. É claro que você pode ficar com as duas. Sim, são 300 dólares por hora com cada garota. Claro, querido, nós podemos fazer isso. Também não posso esperar para te conhecer.

Agora, já sendo uma trabalhadora experiente no meu ofício, eu dava o próximo passo à prosperidade e abria o meu próprio puteiro no meu apartamento.

Aliás, além de ser experiente, eu também era uma alcoólatra violenta, usuária de drogas, mãe desnaturada e aspirante à suicida. Mas era muito mais conveniente me enxergar como uma mulher bem-sucedida que dava o seu próximo passo na sua carreira. Eu me defendia da minha realidade insuportável por meio de incontáveis mentiras criadas por meu autoengano.

Eu era tudo isso e ao mesmo tempo não passava de uma moça de 19 anos desamparada que se prostituía numa das maiores cidades do mundo para tentar sustentar a si e a sua filhinha.

Na minha fuga desesperada da realidade, eu chegava a me considerar culta. Me prostituindo em Los Angeles, terra da maior população multiétnica do mundo, eu me enxergava como uma erudita por ter um vasto conhecimento em questões de hábitos étnicos, línguas, química das drogas, vida noturna, prostituição e natureza masculina, ser fluente em espanhol e ter noções básicas de italiano, árabe, chinês, japonês... todas as línguas dos homens para os quais eu tinha dado.

Para contribuir mais ainda com a minha loucura, no final da minha carreira, eu tinha me tornado mais uma conselheira do que uma prostituta. Eu ouvia os homens durante 45 minutos xingar suas esposas ou reclamar de seus chefes. Então após uma reflexão profunda, eu dava um conselho qualquer e estendia minha mão para o dinheiro. Meu autoengano era tanto que eu me achava em condições de aconselhar outros em suas vidas privadas.

A minha vida pessoal maluca, indecente, imunda e insalubre me levava a visitar o meu amigo Jack Daniels com frequência. Numa dessas visitas, eu decidi numa tarde dirigir seminua o meu Miata vermelho. Quando uma viatura me parou por direção embriagada, eu passei com maestria no teste de andar em linha reta. O que aquele policial esperava? Que por conta de uma garrafa eu cambalearia como uma retardada? Eu era uma stripper que dançava bêbada todas as noites!

Depois que eu andei na linha e o olhei com deboche, ele quis me pedir para testar minhas habilidades no volante, mas eu o cortei falando o alfabeto de trás para frente, mais rápido do que qualquer outro ser humano no planeta terra poderia sonhar em dizer:

— ZYXWVUTSRQPONMLKJIHGFEDCBA.

O policial me olhou assustado e me liberou. Exibição após exibição, reconhecimento após reconhecimento e mentira após mentira, eu acabei pensando ser invencível e eu estava disposta para provar isso ao mundo tudo.

Até que o mundo resolveu me provar o contrário.

Numa noite trágica, após algumas semanas do meu novo negócio, quando eu voltava das compras com o meu sugar daddy (escravo), vi que várias viaturas estavam ao redor do meu prédio.

— Merda – rosnei entre meus dentes.

Eu sabia que eles estavam lá pela minha casa de massagem. Precisava de um plano e após encarar fixamente o brilho odioso daquelas sirenes por alguns instantes, tive uma ideia.

Caminhamos até as escadas do meu prédio, e enquanto as subíamos, ordenei o meu sugar daddy fingir ser meu esposo e pai da Tiffany. Chegamos ao meu andar e entramos no corredor de mãos dadas. Quando vimos um policial na “nossa” porta, fingimos espanto e inocência. Agora eu era uma mulher casada e assustada levando sua filha no colo após um passeio no shopping.

— Boa noite, com licença, senhor, o que está acontecendo? — perguntei em tom espantado ao policial na minha porta.

— A senhora é a moradora deste apartamento?

— Sim, senhor. Eu, meu marido, e minha filha moramos nele. — respondi com toda serenidade. Então me aproximando dele, perguntei com um olhar de preocupação — Eu não entendo, senhor, há algo de errado?

Ele foi curto e grosso:

— Você gerencia uma casa de massagem nesse apartamento?”

Fudeu.

Tive que pensar rápido. Fingi indignação:

— Claro que não. Isso é uma pergunta que se faz para uma mulher casada?!

— Tem uma garota, que foi agredida, amarrada e estuprada à mão armada na sua cama, dizendo que você gerencia uma casa de massagem aqui.

Vagabunda filha duma puta, eu a xingava na minha mente, *essa piranha vai me fazer ser presa!*

Mas repleta da vontade de ver sempre o sol nascer, expliquei, roxa de uma vergonha falsa:

— Senhor, é que... nós tínhamos pego a jovem no clube de strip na noite passada e... depois...hm... do... hm... ménage... Ela nos disse que não tinha lugar para dormir e ...

— Era só para ser uma diversão de uma noite –continuou o meu “marido” – sabe, pra apimentar nossa casamento – ele concluiu dando uma piscadinha para o policial enquanto “envergonhada” eu escondia o meu rosto no seu peito.

Por sorte, o policial era um imbecil. Comprou a nossa história e foi embora. Quando ele descia as escadas, suspirei de alívio. Dessa vez não tinha sido pega.

Dessa vez.

O meu susto foi tão grande que eu decidi fechar o meu puteiro e abandonar essa vida tão próxima da cadeia.

Mas tendo parado outra vez com a prostituição, outra vez eu fiquei desempregada, outra fez eu fiquei pobre e outra vez eu fiquei desesperada por dinheiro.

Foi assim que, repetindo de novo o mesmo ciclo vicioso, eu acabei voltando ao strip-tease. Para ser mais exata, voltei ao primeiro clube

de strip em que dançara com 17 anos. Nos anos 80 ele era chamado de "Top Hat", mas agora o clube era chamado de "Illusions".

Quanta ironia.

Minha vida tinha virado a maior ilusão da terra, e eu voltava onde tudo começou para repetir esse show horrível de novo e de novo.

Lá estava eu outra vez, muito mais machucada, traumatizada, má e cínica do que na primeira vez, atravessando aquela cortina vermelha para apresentar mais um show de strip-tease naquele circo do sexo. Mas dessa vez seria o último.

Capítulo Nove - Desafiando a morte

Nunca chegava o tempo da mudança. 1992 tinha chegado e eu ainda estava presa na indústria do sexo. Um rosto bonito em lugares horrorosos, desde a barra infecta do clube de strip até um colchão barato, me prostituindo para desconhecidos. Esse era o ciclo vicioso em que eu estava. Prostituição, strip, strip, prostituição. E quando eu fazia strip no Illusions e a música “Hotel Califórnia” tocava – todas as noites por sinal — e eu ouvia os versos “em qualquer época do ano, você pode nos encontrar aqui”, eu era espancada pela realidade: eu estava presa na indústria do sexo, e não havia nenhuma saída de lá.

Não importava o quanto eu implorasse ou rezasse nesses anos, Deus não me respondia. Ele parecia simplesmente ignorar a minha existência. Tendo essa impressão, comecei a pensar que eu tinha me tornado imperdoável.

Sem pensar que Ele ou que alguém se importava comigo, eu mesma parei de me importar comigo. Assim eu continuei desafiando a morte no clube de strip Illusions.

Tendo whisky com Coca-Cola numa mão, e um cigarro Marlboro na outra, eu dançava ignorando meu coração, minha mente e minha saúde.

Dança após dança, a minha condição só piorava, chegando ao ponto de haver noites em que eu não conseguia ficar em pé. Os clientes regulares viam minha degradação, mas eles apenas a ignoravam, *fingindo* não ver minha dor e continuando a financiar a minha morte.

— Giovanni, cê tá bebendo o que?

— Whisky com Coca-Cola – eu respondia acendendo meu cigarro.

Não lhes tinha nenhuma importância se parecia que eu morreria daqui a uma semana. Eles simplesmente não se importavam. A única coisa que lhes importava era se aquela “coisa” loira sentada no banco tinha ou não gasolina para fazer o próximo show.

E nessa noite eu teria. Engoli o copo num único gole.

— Vai mais uma, Giovanni? — perguntava alguma voz rouca.

— Por que não? — respondia limpando minha boca. Então magicamente outro copo aparecia deslizando pelo balcão — Obrigada, querido.

Engolia outra dose de uma só vez. E então, a “coisa” loira estava abastecida para o próximo show.

Tendo o orgulho na minha alma e o álcool no meu cérebro, eu me levantei para dançar quando ouvi meu nome de palco ser gritado no autofalante:

— Cavalheiros, vamos dar boas-vindas calorosas para uma das dançarinas mais gostosas do Illusions, Giiiiiioooovanni!

Enquanto eu caminhava em direção à barra imunda de strip, o reflexo dourado de várias alianças chamou minha atenção, reforçando a verdade amarga que eu cultivava: homens nunca podem ser confiados.

Mas se havia garotas burras o suficiente para querer uma vida com esses porcos, a culpa não era minha. Não me preocupava com isso. Era a final do campeonato de dançarina mais gostosa do mês, e agora a minha única preocupação era ganhar aquele troféuzinho de primeiro lugar.

Eu tinha certeza de que ganharia. Embora eu mal tivesse me classificado no segundo e no terceiro lugar nos outros meses, nesse mês eu tinha certeza de que ganharia. O primeiro lugar era meu. Meu show e eu estávamos incríveis e eu sabia disso. Subi no palco. A música começou.

Dom dom da, da diga dom dada. Dom dom da, da diga dom dada.

A batida da música me possuiu e eu senti meu corpo desmoronar sob as luzes vermelhas. Então, deitada no palco, como uma serpente, eu comecei a deslizar pelo chão e cada homem no clube começou a me olhar hipnotizado. Tendo aquelas batidas satânicas como meu guia, deslizei pelo chão rumo às minhas vítimas, caçando e seduzindo cada uma delas.

Wanting. Needing. Waiting, for you, to justify my love.

Quando a música da Madonna “Justify My Love” acabou, ninguém fez um som sequer. Não houve aplausos. Eles sabiam que tinham sido enfeitiçados, e que seria impossível quebrar o meu feitiço. Soberba com o meu poder, eu dei minhas costas ao público dominado e fui para o bar tomar mais um drink.

— Whisky e Coca – pedi ao barman enquanto olhava com pena para a outra dançarina no palco.
Eu era absolutamente arrogante. E por conta da minha arrogância, quando anunciaram a vencedora, eu cuspi a bebida gritando:

— QUÊ???????

Não podia acreditar. Os juízes escolheram a Mina, uma mexicana gorda, ao invés de mim. Quer dizer então que aquela gorda era melhor do que EU???

As lágrimas de frustração e de rejeição encheram os meus olhos. Saí correndo para o banheiro, onde me tranquei e fiquei chorando. Uma stripper lésbica quis falar comigo e me consolar, mas eu não quis ouvir ninguém. Meu mundo tinha caído e eu odiava tanto a minha vida que, se eu não conseguisse mais ganhar um campeonato estúpido de dança, eu acabaria com ela.

Mais tarde naquela noite, fui para casa e impulsivamente tomei todas as pílulas da casa. Pílulas de hormônios, de dor de estômago, de Tylenol, de Rivotril, enfim, todas as que eu achei e as engoli com álcool e metanfetamina. Eu não estava brincando. Eu não queria chamar atenção. Eu queria morrer.

— Vai, Shelley! Ninguém liga. Ninguém te ama. Vai, Shelley! Vai! VAI, SHELLEY, VAI!!! — incitavam as vozes sinistras e excitadas com o meu coquetel suicida.

Não tive forças para respondê-la. Para que fingir? Para que mentir mais? Aquela voz tinha razão. Ninguém me amava. Ninguém se importava comigo. Já fazia seis anos que eu era uma pessoa completamente descartável, uma coisa, um objeto a ser usado e que agora ninguém queria mais. Chega. Eu tinha cansado. Não viveria mais um só dia dessa vida lixo. Engoli várias e várias pílulas com um copo de Bacardi, e me deitei no sofá, esperando o fim...

— Agora é só uma questão de tempo — pensava impaciente esperando a morte chegar — só uma questão de tempo... Mas por que eu tô demorando tanto pra morrer??

Eu comecei a me irritar com a demora da morte. Quando já estava ficando furiosa, minha filinha Tiffany apareceu. Meu humor mudou totalmente. Comecei a chorar.

Entre os soluços e lágrimas, eu suspirei minha despedida para minha filinha Tiffany que me olhava sem entender:

— Mamãe te ama. Me perdoa, meu amor... eu não fui uma boa mamãe. Alguém virá cuidar de você. Me perdoa, me perdoa... Eu não aguento mais viver... Não tenha meeeeeed...

Desmaiei.

Trinta minutos depois, senti alguém me sacudindo. Abri meus olhos, e vi pequenas criaturas subindo e descendo pelas cortinas. Minha cabeça pulsava e eu sentia um zumbido horrível no meu dente. De repente vi se aproximar de mim um monstro lesma asiático com dentes enormes enquanto hordas de demônios pretos mastigavam a minha pele. Eu estava completamente alucinada. Depois dessa cena tenho flashes da minha amiga me arrastando para carro, depois flashes de pessoas gritando numa sala, e então minha memória fica um pouco mais nítida no quarto do hospital, onde lavaram até a alma do meu estômago. Então ela apaga de vez

Várias horas depois, a memória volta com clareza e eu me lembro de ter sentido minha garganta muito dolorida, aberto meus olhos, e ter visto as mesmas pequenas criaturas que eu vi nas minhas cortinas. Vendo que eu acordava, uma auxiliar chamou a enfermeira:

— Ela acordou. Pode vir trazer ficha.

E então uma mulher entrou com um bloco de notas e começou a fazer perguntas:

— A senhora é Shelley Lynn Moore?

— Sim.

— A senhora tem uma filha?

— Tenho.

— A senhora tentou se suicidar?

Pausa.

— Não.

— Você tem certeza que não tentou se suicidar?

Pausa de novo.

— Sim, eu tenho.

— Senhora, você pode ser honesta. Você é uma suicida ou não?

— Eu não sou uma suicida, cacete!!!

— Ok — ela disse anotando alguma coisa, me olhando desconfiada

— Para falar verdade, eu nem sei como eu parei aqui. Eu acho que passei mal depois de alguém enfiar droga na minha bebida no clube de strip em que eu trabalho.

Mentirosa.

Por fim, a enfermeira desistiu de fazer mais perguntas, me liberou e eu fui para casa com a Tiffany. Saí do hospital revoltada porque não tinha morrido. Deus queria me manter viva para quê? Hein? Para eu sobreviver outro dia naquele inferno?

Assim sobrevivi para apodrecer mais uns meses naquele clube, fazendo de novo e de novo aquele mesmo show. E a vida continuou na mesma tristeza, miséria e degradação de sempre até a noite em que eu conheci a Samantha.

Naquela noite, eu estava fazendo strip quando eu percebi pelo canto do olho que me encarava uma mulher com cara de bruxa e com cabelos pretos e lábios vermelhos e sensuais. Quando terminei o show e saí do palco, ela acenou para que eu fosse até ela. Ela sorriu e me disse:

— Sabe, você é uma dançarina muito boa... — ela sussurrou com uma voz sexy no meu ouvido.

Naquela noite, passamos duas horas conversando e bebendo juntas. Ela era uma bissexual que se interessava por dinheiro tanto quanto se interessava por transar com garotas. Desabafei para ela que eu estava cansada do clube de strip, que não aguentava mais, e que a prostituição tinha quase me matado. Depois de ouvir isso, ela me disse que conhecia um jeito melhor e mais seguro de fazer dinheiro e, ainda por cima, permitido pela lei.

— Existe? Sério? Como? – perguntei esperançosa.

— Você já ouviu falar sobre a pornografia?

— Pornô? – respondi assustada.

— É, pornô, Shelley. Sabia que com a gravação de um único filme, que é coisa rápida e fácil, dando pra um só cara, você pode ganhar 2.000 dólares?

— Dois mil dólares? Uau... – eu respondi maravilhada.

Sentei na cadeira e dei um golinho no meu whisky. Olhei Samantha com novos olhos. Para uma mãe solteira, suicida e exausta do strip-tease e da prostituição, dois mil dólares era uma montanha de dinheiro fácil.

— É mesmo uma montanha de dinheiro — ressoou baixinho aquela voz.

Foi assim que pendurei minhas botas de stripper, voei à Utah para botar silicone e após me recuperar da cirurgia, entrei destemidamente no mundo da pornografia, onde atuaria no meu maior show até o momento: Roxy, a atriz pornô.

ATO III - Conheça Roxy, a atriz pornô

Capítulo Dez - A vingança de Roxy

— Ai, tá gostoso, vai, vai... — eu gemia com uma cara de prazer infinito enquanto odiava ter uma loira desconhecida montada no meu corpo e lambendo o meu pescoço.

Eu era muito dissimulada.

Agora eu já era uma mentirosa mais do que experiente e tinha dado o próximo passo na minha carreira.

Nunca vou esquecer meu primeiro dia em um estúdio pornô. Vestida com uma mini saia branca, tendo mechas descoloridas no cabelo e uma bolsa numa mão e um papel na outra, eu abri duas portas vermelhas e entrei numa sala escura e enfumaçada. Me esforcei para enxergar quem estava lá dentro, mas tudo o que eu via eram vultos por trás da fumaça que uma máquina soltava no canto da sala. Conforme fui andando na direção dos vultos, começou a me oprimir uma sensação de que aquilo não seria tão rápido e fácil como a Samantha tinha dito. Quando um dos vultos acenou para mim, meu coração disparou dentro do meu peito.

— Ai, meu Deus — pensei enquanto a ficha começava a cair — Onde que eu me enfiei?

Mas eu nem prestei atenção no vulto que acenava. Meus olhos tinham se fixado em um canto iluminado da sala, onde eu via luzes de estúdio, câmeras enormes, um sofá roxo e uma caixa imensa de lenços umedecidos.

Glup.

Não conseguia tirar aquela sensação sombria de mim. Tudo parecia errado. Eu tentei virar as costas e ir embora, mas parecia que algo mais poderoso me prendia naquele lugar. O vulto se aproximou e a voz de um homem interrompeu meus pensamentos.

— Ei, você é a loira que a Samantha mandou pra cá?

Respondi tímida:

— Sim, sou eu.

Então vi que um gordinho careca e suado me pedia o papel que eu tinha na minha mão. Ele o pegou, leu, sorriu e me lambeu com os olhos depois de ler "negativo" no meu teste de AIDS.

— Você vai se sair bem — mudando a perna de apoio perguntou — Meu bem, qual é o seu nome?”

— Uh. . . Não sei...

E esperando uma resposta ele continuou me olhando. Comecei a pensar e lembrei que na noite passada tinha ido a uma festa no clube Roxy de Hollywood. Me pareceu um bom nome.

— Já sei. Meu nome é Roxy.

Ele acenou ao ouvir meu novo nome, virou as costas e caminhou até as luzes de estúdio, câmeras enormes, o sofá roxo e a caixa imensa de lencinhos. Olhando de novo para aquelas coisas e vendo aquele gordinho alegre entre elas, quis sair correndo dali. Se eu quisesse continuar com aquilo, eu precisaria enxugar a garrafa de Jack Daniels que eu tinha trago na bolsa.

Agoniada com aquele ambiente, sentindo tontura e olhando ao redor procurando um banheiro, vi que de repente, uma das portas abriu e dela saiu uma loira pelada. Ela me viu e andou de um jeito sexy até onde eu estava. Ela me devorou com seus olhos e depois de mastigar seus lábios, sussurrou na minha orelha:

— Mal posso esperar — disse exalando seu hálito quente — Nossa cena é a próxima. Você e eu.

Meu coração disparou outra vez enquanto um furacão passou na minha cabeça:

Puta que pariu. O que eu tô fazendo aqui??? Merda. Agora não dá pra ir embora. Mas como assim? Eu preciso do dinheiro. Você e eu. Mas... Meu Deus! E agora? E ela tava andando pelada por aí. E.. Aaaaaaaaaaaaaah!!!!

Depois desse furacão psicótico, surgiram cinco palavras lúcidas na minha mente:

Jack. Preciso do Jack agora.

Eu me apressei para os fundos. Entrei num quarto em que vi brinquedos sexuais jogados no chão e umas mulheres peladas se trocando. Era o vestiário. Eu queria ir no banheiro para beber a garrafa que levava na bolsa e para me trocar sem que várias pessoas me vissem pelada. Mas o banheiro era nos fundos, e como eu não queria que elas achassem que eu não tinha coragem para me trocar na frente delas, fui para um cantinho do vestiário, fiquei pelada e sequei metade da garrafa de Jack Daniels.

— Não acredito que tô fazendo isso — disse para mim mesma, tomando mais um gole de Jack Daniels — não vai dar. Acho que eu vou desistir.

E eu já ia desistindo quando pensei:

Mas a prostituição e o strip já quase me mataram... Além do mais, o pornô é permitido pela lei.

Bebi outro gole da garrafa e enxuguei minha boca passando a mão.

— Pessoal — gritou um cara na sala — Hora de gravar.

Puta merda, agora não dá mais para desistir. Eles já estão me esperando.

Coloquei meu sutiã vermelho, terminei de beber a garrafa, saí do vestiário e fui para sala.

O cheiro de álcool e sexo queimaram o meu nariz. Então aquele gordinho me apontou o sofá roxo, onde a loira mastiga-lábios e uma loira de lingerie estavam sentadas. Obedeci. Me esforçando para que ninguém percebesse que eu tremia, me sentei naquele sofá completamente apavorada.

Você consegue, Shelley, eu tentava me convencer enquanto dava um sorriso amarelo para aquelas garotas.

De repente uma pergunta veio à minha cabeça: como eu cumprimento alguém com quem vou transar daqui a pouco? "Oi, fulana, prazer em

te conhecer. Meu nome é Roxy e eu vou transar com você?" Ou então "Oi, fulana, tudo bem? Então... Acho que a gente vai transar hoje..."

Muito estranho...

Ensaiava as palavras na minha cabeça, mas antes que eu percebesse, já era tarde demais. Eu já estava em pé diante da cama junto da mastiga-lábios e da outra loira. Elas ouviram sorrindo o diretor dizer que a cena seria sobre um professor daria uma lição nas suas alunas más que não conseguiam tirar um "A".

Puta que pariu que tosco....

O diretor terminou orgulhosamente sua explicação com um berro e uma palma.

— AÇÃO!

Beleza, Spielberg.

Luz, câmera, ação. Começou. E aparentemente começou também para os caras da equipe que enfiaram as mãos nas calças. Desviei o olho da roda de masturbadores e olhei para a mastiga-lábios que já estava de conversinha com o professor, insistindo no quanto ela precisava do seu "A" e que estava disposta a levar uma boa lição para isso.

Puta que pariu que ridículo....

Ela e sua atuação horrorosa foram falando e falando sobre suas notas, até chegar num ponto em que ela apontou para mim, dizendo que eu também precisava de uma boa lição. Errado. Eu que daria a lição. Cheia de Jack Daniels e um ímpeto renovado, eu agarrei ela pelo pescoço e lhes mostrei a minha versão da cena. O diretor amou.

— Caramba, Roxy, você é tão gostosa!!! — o gordinho excitado se deliciava — Você poderia ser a próxima estrela pornô com um talento como esse!!!

Pensamentos saltitaram na minha mente. Eu amei. Eu odiei. Amei a atenção. Odiei a roda de punheteiros. Amei a câmera. Odiei ter a língua daquela idiota na minha boca. E continuei confusa até sentir uma presença sombria, tão forte que eu cheguei a olhar ao redor para ver quem tinha chegado, que me disse:

— Eu te farei famosa e o mundo inteiro vai te amar.

Com essas palavras, a confusão se dissipou. A raiva incinerou-se e, alimentada pelas palavras do meu pai e pelos homens que tinham me machucado, queimou tudo em mim até que só restasse uma vontade enorme de ser a melhor e de destruir todos no meu caminho.

Como se eu fosse uma besta sedenta de sangue, eu agarrei a minha vítima. Ela não conseguiu fazer nada contra minha fúria ao ser arremessada no sofá. Enquanto eu a imobilizava sob meu corpo, eu vi o medo nos seus olhos.

— Isso ai, gente, tá uma maravilha. Roxy, agora olha para a câmera e me mostra toda essa selvageria porque a gente tá chegando na cena final.

Obedeci ao diretor. Olhei para a câmera com meus olhos demoníacos. Pouco depois o "professor" me puxou de cima da loira e ejaculou na minha cara toda enquanto eu fingia amar aquilo.

Quando o gosto da minha degradação encheu a minha boca e eu vi a loira me olhando assustada, como quando eu era uma garotinha, a vergonha e a culpa tomaram conta de mim.

Lutando para engolir o choro, virei o meu rosto para secar algumas lágrimas fugitivas.

O diretor caminhou até mim a passos largos e disse:

— Maravilhosa, Roxy. Que cena maravilhosa — disse batendo palmas.

Em seguida deu meia volta, fez um sinal com a mão e um cara da equipe jogou um lenço umedecido em mim.

Eu queria morrer.

Mas como eu não queria que ninguém visse a minha dor, limpei logo o esperma do "professor" do meu rosto enquanto eu o amaldiçoava na minha mente. Eu nunca os deixaria me ver sofrer.
Quando terminei e olhei para o diretor, ele já estava falando para outra garota sobre a cena que ela faria.

E aquela conversa de eu ser a próxima grande estrela do pornô?

Xinguei ele mentalmente e fui até ele para receber o pagamento. Ele me deu um cartão de visitas, me pagou, e falou para eu ver o Bobby.

Dinheiro na minha bolsa, álcool nas minhas veias, e a ira no meu coração, eu estava com o arsenal certo para brilhar na terra no pornô. Eu seria a próxima estrela pornô. Eu provaria a todos que não acreditaram em mim que eles estavam errados. Eu me vingaria de todos os homens me machucaram. Todos eles pagariam o que me deviam.

Fama, fortuna e uma doce vingança.

Capítulo Onze - Usada e abusada

Tendo fome de dinheiro e desejo de vingança, eu logo entrei no mundo dos filmes pornôs profissionais.

Pouco depois da minha primeira cena, eu fui para Van Nuys, onde chamei a atenção de um dos maiores produtores da indústria, Bobby Hollander.

— Belos quadris — disse o homem com uma camisa semiaberta e uma corrente de ouro à mostra quando eu entrei na sala.

Ele parecia ser da máfia. Tentei parecer legal e experiente na indústria, dizendo que fulano tinha me mandado depois que gravei o filme tal com a atriz fulana de tal. Ele ouviu tudo com atenção, deu um sorriso bobo e me convidou para sentar no seu colo, onde gentilmente me instruiu sobre os próximos passos da minha carreira de "modelo".

Ele era um dos homens mais carinhosos que eu já tinha conhecido.

— Roxy, os seus quadris são lindos. Tão lindos que parecem ter sido desenhados... Meu bem, eu quero muito que você esteja no meu próximo filme.

Eu lhe disse que faria, mas que o meu sonho mesmo era atuar nos filmes de Hollywood, desfilar nas passarelas...

— Claro, meu bem, você é uma garota bonita e vai chegar lá. Eu acredito em você. Mas não se engane achando que está perdendo tempo no pornô, ele vai te ajudar a chegar em Hollywood ainda mais rápido.

Eu acreditei nas suas palavras. Sendo um homem mais velho, gentil e que me incentivava, ele acabou parecendo um pai para mim.

Em 1993, eu apareci no set para o meu primeiro pornô "de verdade".

Quando atravessei as portas da mansão do set, todo o meu corpo tremia. Bobby tentou me deixar confortável, me envolvendo em seus braços enquanto me apresentava para a equipe:

— Ei gente, essa aqui é a Roxy. Ela é a próxima estrela da indústria.

A equipe e Peter North sorriram para mim.

— Oi, gente...

As palavras fugiam de mim.

Era difícil falar bem ao apertar as mãos de gente pelada em plena luz do dia.

— Bobby, onde fica o banheiro? — perguntei escondendo meu desespero.

— Meu bem, fica ali nos fundas à esquerda, naquela porta marrom, viu? — ele apontou a porta no fim do corredor.

—Ah sim, obrigada.

Virei as costas e andei tentando demonstrar tranquilidade até o banheiro.

Cheguei, na porta, girei maçaneta, entrei, fechei a porta, a tranquei, e desesperada eu puxei da bolsa a minha garrafa de Vodca e comecei a engolir sedenta o líquido transparente. Depois de vários goles e vários minutos, babada e tendo o estômago encharcado de vodca, eu vi o meu reflexo no espelho. E pareceu que eu estava vendo um destroço humano.

— Eu não posso continuar assim — disse para mim enquanto olhava cada detalhe mal maquiado do meu rosto acabado.

Uma batida da porta me arrastou para a realidade

— Sim?

— Eai Roxy, já fez a sua chuca?

Meu Deus, ele disse chuca?

Dei outro gole e respondi:

— Uh... não... por que eu precisaria de uma?

— Para cena com o dildo.

Glup.

Afoguei meu medo com um longo gole da garrafa. Respirei fundo. Saí do banheiro.

Cheia de coragem líquida, atravessei o corredor em que as garotas se trocavam. Graças a Deus, a minha cena não era a primeira. Isso me deu tempo para entrar num quarto vazio e me acalmar. E eu já ia me acalmando, quando olhando para um canto vazio, eu tive a forte sensação de que Alguém estava comigo naquele quarto

O que Ele tá fazendo aqui?

A última coisa que eu queria era que Cristo viesse me visitar no set pornô. Quis fingir que Ele não existia. Peguei a minha Vodca e terminei de secar a garrafa. Mas por mais que eu bebesse e tentasse a ignorar, a Sua Presença continuava lá...

Então, tentei enxota-lo, Lhe lembrando que Ele não pagava as minhas contas, que eu tinha uma filha pequena para sustentar e que eu tinha fazer o que tinha que ser feito.

— Shelley, por favor, não faça isso. Eu tenho algo melhor para você. — disse uma Voz.

— Deus, por favor, me deixa em paz... Sai daqui, Senhor, por favor, vai embora. Eu preciso fazer isso.

Virei minha cabeça com vergonha. As lágrimas começaram a encher meus olhos conforme as memórias e as dores do passado emergiam. Mas não. Agora não era hora disso e de algum jeito, eu tive a frieza necessária para conter as minhas emoções.

Tendo a ajuda do álcool e da mentira, eu me ignorei mais uma vez, subi minha meia arrastão, saí do quarto e fui para uma das gravações mais traumatizantes da minha carreira.

Até hoje me lembro do ranger dos meus dentes enquanto o Nikki Sinn me usava e abusava com um dildo espinhento.

Eu queria morrer.

Quando cheguei em casa naquele dia, jurei para mim que aquele tinha sido o meu último pornô. Liguei para meus antigos contatos de Hollywood. Um deles falou sobre uma audição para um papel de garota de harém. E indo atrás de outra esperança vazia, eu imediatamente voei para Hollywood.

Eu tinha certeza que esse seria o meu primeiro papel. Quem não iria querer uma garota loira, gostosa e simpática como eu no seu harém? Mas quando cheguei na audição, vi que o papel não estava tão garantido assim: havia centenas de garotas exatamente como eu e, dentre essas centenas, apenas 250 conseguiram o papel para aparecer pelada num harém do filme “Dom Juan Demarco".

Saí triste e decepcionada nesse dia. A única memória boa que eu guardo dele, foi a de quando a chaminé ambulante chamada Johnny Depp apareceu no set para apreciar a vista, e eu apontei para ele e gritei:

— UÉ, MAS POR QUE ELE PODE FUMAR E A GENTE NÃO???

Ele deu um pulinho assustado, me olhou como se eu fosse maluca, e saiu deixando uma nuvem de fumaça para trás. Mas não me importava o que ele pensasse. Era eu que estava em pé por oito horas sem poder fumar.

Sempre que Hollywood não dava certo, eu voltava a ficar pobre para então ficar desesperada por dinheiro para outra vez voltar para a pornografia.

Como eu odiava ter o sêmen de um estranho no meu rosto, eu tentei gravar apenas cenas lésbicas — mesmo não sendo lésbica de verdade. Mas se eu gostava mesmo ou não pouco importava, eu sabia fingir muito bem um orgasmo que enganaria a atriz, o diretor, a equipe e o público. Esse era um presente que eu tinha recebido da prostituição.

Na minha primeira cena lésbica, eu me lembro de me sentir culpada ao ver uma bandeira americana na roupa de cama. A culpa veio nas costas de uma memória de 1976, na qual eu entregava para minha mãe um prato do bicentenário americano. Eu era uma garotinha patriota naquela época.

Mas essa garotinha não existe mais, lembro de logo afirmar para mim mesma.

Quando a câmera começou a filmar, as primeiras palavras que saíram da minha boca foram “acho que não consigo fazer isso.” Mas quando a câmera deu um zoom no meu rosto, eu senti a pressão para atuar bem.

— Oi, podem me chamar de Roxy — tentei soar como a Marilyn Monroe apesar de ser uma fumante descontrolada com voz rouca que estava ardendo de vergonha por ver o ridículo de sua situação.

De repente o diretor moveu a câmera para o canto do set, de onde alguém soltou um cachorro, que foi até onde estávamos e começou a lamber a perna da garota. Não pude acreditar.

O que tá acontecendo, meu Deus...

Nessa cena, rir foi o meu remédio. Só o riso conseguiu esconder a vergonha imensa que eu sentia. Como eu queria que a cena acabasse logo, entrei no jogo e peguei a perna que o cachorro lambia para mostrar à câmera o que eu pensava ser uma tatuagem sexy da garota. Mas quando pude ver a tatuagem inteira, fiquei chocada ao ver uma cruz no quadril dela. Nela estava escrito “abençoada por Deus”. Ler aquilo naquele lugar era algo de um cinismo sórdido, Ver aquela tatuagem me trouxe uma sensação horrível no peito. Eu tentei afastar essa sensação focando na cena, mas cada vez que eu olhava aquela tatuagem, eu lembrava que além da bandeira americana, de mim, da lésbica, do diretor e da roda de masturbadores, DEUS estava ali naquele quarto vendo tudo o que fazíamos.

— Se eu não beber, eu não vou conseguir terminar a cena — eu ia dizendo antes de ser interrompida pela língua da garota na minha garganta...

Acabou que eu nem precisei beber. O mal dentro de mim se inflamou e me deu forças para terminar a cena.

Em poucos segundos, eu virei uma pessoa completamente diferente da menina tímida do começo, depois me transformei em um animal selvagem que se tornou uma porca devoradora antes de terminar a cena como um cachorro: lambendo a mim mesma.

Odiando o quão fedida eu fiquei depois de gravar aquele pornô, eu fui para casa limpar meu corpo com um banho e lavar o meu arrependimento com Jack Daniels.

Uma semana depois voltei ao mesmo set. Profanei a bandeira americana mais uma vez. Mas desta vez foi com um homem. Quando a cena terminou e eu vi algumas manchas amareladas nela, lembro de me perguntar: será que eles não lavaram essa roupa de cama?

Até hoje eu não sei. O que eu sei é que o rumor de uma loira "intensa' tinha se espalhado com velocidade pela indústria, fazendo meu telefone tocar o dia todo:

— Roxy, preciso de você num filme com o Dave Hardman.

— Roxy, aqui é o Rodney Moore. Sou um amigo do Bobby.

— Roxy, preciso de você para uma cena com dupla penetração.

E um dia atendi e ouvi o pedido que me apavorava:

— Ei, Roxy, se você gravar uma cena de anal, eu...

Não. Anal nunca. Nunca. Tinha prometido a mim mesma. Pela pressão dos produtores, eu já tinha cedido e voltado a gravar as cenas com homens. Isso já era ruim o bastante. Já estava no meu limite ao aguentar horas em sets sujos e ter nos olhos o sêmen daqueles porcos imundos. Agora queriam que um daqueles porcos comesse o meu...? Não. Isso era inimaginável. Nem na prostituição eu tinha feito isso. Eu nunca faria isso.

Por sorte, meus peitos falsos me davam uma margem de negociação e eu pude evitar o inimaginável. E mesmo se eu não os tivesse, eu não estava desesperada por dinheiro.

Eu tinha descoberto que atrizes pornô também lucravam como prostitutas caras quando um dos maiores produtores da indústria que me contou sobre os "shows" privados:

— Roxy, agora que os seus filmes estão nos cinemas, os fãs pagarão uma nota para passar um tempo com você.

Eu odiava pensar em voltar a prostituição, mas eu odiava o pornô ainda mais.

Quando me ofereceram 2.500 dólares para passar um único fim de semana com um advogado rico, concordei hesitante e peguei um voo

para Phoenix, no Arizona, onde eu conheci o Howard, o viciado em metanfetamina.

Eu quase morri naquele fim de semana. Eu não só me entupi de metanfetamina, como fiquei com a vagina completamente assada porque o Howard transava drogado, perdendo qualquer sensibilidade e podendo "continuar" por horas e horas sem gozar.

Além disso, ele se negava a usar camisinha. Eu tentei de tudo para colocar uma camisinha nele, mas ele se negava me lembrando do dinheiro que eu receberia.

Quando liguei reclamando para o meu diretor, ou melhor, para meu novo cafetão, ele simplesmente respondeu:

— Fica tranquila, ele não tem doença.

— Porra, como você vai me garantir que esse nóia não tem doença? — quis perguntar, mas por medo eu segurei a minha língua.

Quando voltei do Arizona, dormi por dois dias seguidos. Depois de uma ressaca horrorosa e tendo 2.500 dólares na bolsa, em poucos dias, eu futilmente gastei todo o dinheiro em sapatos, sutiãs, casacos e bebidas.

Aparecendo um dia no set para trabalhar, antes de sair do banheiro para ir para a gravação, eu percebi que, tendo aquela bolsa cara e tendo a maquiagem escondendo o meu rosto acabado, eu estava exatamente como todas as outras atrizes: exausta, machucada, e pronta para ser humilhada diante de todos.

Cacete, esse cara podia gozar logo, me lembro de ter pensado durante a cena.

Escrevendo essas linhas eu me lembro do quão usada e abusada eu me sentia. Caramba. Que época horrível.

Capítulo Doze - Inferno humano

— Mais forte, me fode mais forte! — eu gritava olhando para trás.

Essas palavras obscenas eram gritadas enquanto um ator penetrava com violência o meu ânus. Quando gritar não bastava para aguentar a dor, eu enfiava o pinto de alguém na minha boca e chupava, como se fosse uma chupeta humana, para diminuir um pouco a dor. Mas quando eu largava a "chupeta" para respirar fundo, a dor voltava junto do cheiro pútrido que saía de dentro do meu ânus.

Era um inferno humano.

Eu não conseguia sair dali. Chorar não era permitido. Eu vi o que aconteceu com uma garota que chorou e estragou a cena. Eu não queria que ninguém gritasse comigo, ou pior, que socasse a minha cara. Além disso, essa era a minha chance de provar para o mundo que eu era a melhor.

Então aguentei aquela dor lancinante chupando, rangendo dentes e gritando cada vez mais alto:

— MAIS FORTE, ME FODE MAIS FORTE!!! — eu gritava mais alto e pensava a cada empurrada que eu levava:

Fodam-se eles! Nenhum homem nunca vai me machucar de verdade. Nada do que eles façam pode realmente me afetar. Esses porcos imundos não passam de escravos para pagar minhas contas.

Mas enquanto eu pensava isso, um deles estava me machucando MUITO.

Slap, slap, slap, slap, slap.

Aguenta, Shelley. Aguenta a dor. Mostre do que você é capaz. Respira, respira fundo, Shelley.

— Ai meu Deus, meu Deus — eu gemia em meio a dor.

Não. Eu não vou deixar que esses porcos vejam a minha dor. Nenhum deles vai me ver sofrer.

Então escondia a dor excruciante gritando e me forçando a fingir o mais puro prazer.

Era um inferno.

Tendo seis homens penetrando cada buraco do meu corpo, eu ia enfraquecendo aos poucos. Quando ficava fraca demais para aguentar a dor, satanás entrava no meu corpo e me dava força para continuar.

Meus olhos verdes se tornavam negros e dilatados. Com uma aparência demoníaca, eu virava os olhos para a câmera enquanto aqueles homens iam, um por um, tirando seus paus de dentro de mim e ejaculando no meu rosto. Então eu me virava de novo para a câmera, abria a minha boca cheia de sêmen amargo eu fingia amar cada minuto daquele tormento.

— Isso, amor, adorei — eu dizia para o último homem no final da cena enquanto ele mal ejaculava uma única gota.

Porco.

A gravação acabou, alguém me arremessou um lencinho e me disse que tinha feito um bom trabalho. Limpei o sêmen dos meus olhos, nariz e boca, mas não estava conseguindo limpar aquele gosto amargo impregnado na minha garganta.

Vodca. Preciso de Vodca agora.

Fui me levantar para ir ao banheiro, mas quando sentei na cama, um raio de dor atravessou todo meu corpo. Peguei o meu lencinho e gentilmente o levei lá.

Quando minha mão chegou lá, parecia que o meu ânus tinha virado um tumor.

Caralho, isso dói demais.

Xingando todos mentalmente, eu me levantei e fui mancando até o banheiro. A porta estava fechada. Alguém já o estava usando.

Ótimo. Além de estar com a cara cheia de gozo, vou ter que esperar algum porco sair do banheiro.

Peguei mais lencinhos e me arrastei para o quarto onde minha mochila estava.

— Até que não foi tão ruim, hein, Roxy? — disse um ator passando por mim pelo corredor.

— Vai tomar no cu — respondi limpando o gozo dele da minha cara.

Mal conseguindo ficar sentada para dirigir, eu cheguei em casa naquela noite e decidi fumar maconha e brincar um pouco com o tabuleiro Ouija para relaxar.

Quando eu perguntei ao espírito quem ele era, Ele respondeu:

J E S U S C R I ST O

Capítulo Treze - A última chance

Conforme os dias foram se tornando mais perigosos e as noites mais sombrias, fui percebendo que havia algo de muito errado em mim.

Em poucos meses, eu tinha ido de cenas com uma garota para cenas que simulavam estupros coletivo. Cada pedaço da minha vida tinha se enchido de trevas. E ao contrário do que vocês possam imaginar, eu gostava delas. As trevas tinham se tornado um conforto para mim, elas eram um lugar em que toda minha feiura podia ser escondida ou aceita por outras pessoas envoltas em trevas.

Além disso, as trevas e as sombras me empoderavam. Elas tinhas me tornado uma mulher poderosa e sombria, que podia atuar com igual facilidade como vítima ou abusadora.

Eu podia fingir ser uma atriz pornô que amava cada minuto do abuso, ou eu podia ser a abusadora e destruir violentamente as minhas vítimas.

O pornô era o lugar perfeito para minhas habilidades de atuação. Os diretores amavam.
Na verdade, quanto mais sombria eu me tornava, mais ricos os diretores ficavam.

Conforme eu fui fazendo filmes cada vez mais brutais e nojentos, eu pude me vingar, passando de vítima à abusadora. Com um cintaralho enorme amarrado na cintura, eu penetrava as atrizes com a mesma violência com que os homens tinham me penetrado. No final da cena, eu até fingia que estava masturbando o meu "pinto". E sabem o pior? Eu fingia direitinho. Todos aqueles anos de prostituição me ensinaram a imitar aqueles porcos. Minto. Porcos não. Os homens do pornô, ejaculando em todas as partes dos corpos de mulheres fracas, são piores do que os porcos. E por uma ironia maldita, a minha "vingança" verdadeiramente me tornou em quem eu me vingava: um porco humano.

Eu também abusava dos homens quando podia.

Na minha vida privada, eu tinha vários escravos para cuidar das minhas necessidades. Nunca paguei uma conta de luz nos meus últimos anos na indústria do sexo. Meus escravos que resolviam essas

coisas. Eram deles a obrigação de pagar minhas contas, comprar coisas e até mesmo a de abastecer o meu carro. Tendo conhecido e escravizado um homem a cada lugar que eu ia, formado um exército de escravos, eu sentia que nenhum homem podia dizer "não" para mim.

Na minha vida profissional, eu continuava na guerra com os homens em frente às câmeras. Cada filme era um campo de batalha com zonas a ser controladas e dominadas. Era preciso controlar meu corpo, minhas emoções, minha atuação e a percepção do meu abusador. Era preciso dominar o corpo, as emoções e a mente da minha vítima. Eu tinha me tornado uma senhora da guerra que, numa sede descontrolada de controle e dominação, passou a exigir que os filmes fossem feitos na sua própria casa, onde poderia controlar ainda mais o cenário e a atmosfera.

Tendo o cenário escolhido por mim, o tabuleiro ouija num canto, demônios pela casa e dentro de mim, eu tinha o domínio total sobre minhas vítimas, e pensava ter o domínio total sobre as trevas. Não tinha.

Quando ninguém estava olhando e já não era preciso representar papéis, eu era uma mulherzinha miserável e atormentada pelos demônios.
Todas as noites, eu me deitava na cama e ouvia durante horas vozes me cuspirem palavras odientas. Minha situação estava tão miserável, que se a lua estava cheia, eu a via dizer que me odiava. A visão da lua era uma entre as centenas de visões "estranhas" que eu tive. Eu pensava que essas visões vinham das drogas ou do álcool, mas quando eu perguntava a alguém ao meu redor se eles também tinham visto, eles me olhavam assustados e perguntavam se eu estava jogando o tabuleiro ouija de novo.

Eu abri a porta do inferno sem estar preparada e agora satanás tinha vindo buscar a minha alma.

Eu implorava a Deus para me salvar de satanás e de mim mesma, mas Ele não respondia. Eu não entendia porque ele não me resgatava. Eu nunca duvidei de Deus e de quem Jesus era durante o tempo na indústria. E sabendo de Seu Poder e vendo minha situação, eu comecei a duvidar de Seu Amor por mim. Por que Ele permitia tanta coisa ruim acontecer comigo se Ele supostamente me amava?

Cega pelas mentiras da pornografia e pelo satanismo, me afundei cada vez mais nas trevas.

Aliás, todas nós fizemos isso. Num mundo de mentiras, drogas entorpecentes e moedas falsas, nós ignorávamos o óbvio: nós, "glamorosas estrelas pornôs", não passávamos de viciadas esgotadas. Diretores amigáveis eram máquinas de crueldade. Os sofás roxos e sensuais eram sofás impregnados de DST's. Os banheiros eram depósitos da imundice humana. Nada ali era bom. Tudo estava destruído, corrompido, infectado ou condenado.

Éramos filhas da ira que alimentavam sua natureza corrompida sem se importar com as consequências. Algumas de nós morreram por essas consequências. Outras, como eu, desejavam a morte.

E meu desejo estava prestes a ser atendido.

Naquela noite, eu estava começando a me despir para um casal de recém-casados, que tinha me visto em um dos filmes e resolveu agendar “um encontro privado com a atriz pornô”, quando passei a mão sobre minha calcinha e percebi um calombo. Como tudo que era desagradável na minha vida, eu simplesmente ignorei. Mas com medo de que os dois de recém-casados não ignorassem e acabassem ficando apavorados com sua primeira prostituta, eu apaguei as luzes do quarto antes de me deitar com eles. Ninguém precisava saber do meu machucadinho além de mim.

Uma semana depois, acordei no meio da noite com febre e uma coceira insuportável. Ainda bêbada da noite anterior, saí da cama coçando meu rosto e minhas partes, e caminhei no escuro até espelho com o pressentimento de que veria algo nojento. Liguei as luzes. Lábios cobertos de bolhas. Quando assustada engoli seco, minha garganta doeu muito. Me aproximei do espelho, abri a minha boca, e vi uma ferida IMENSA na minha garganta.

— O QUE É ISSO??? — berrei me afastando assustada.

Me reaproximei do espelho e vi dezenas de feridas dentro da minha boca. Olhava de perto aquelas bolhas sem poder acreditar no que via.

— O que é isso? O que é isso? O que é isso? — eu me perguntava ficando cada vez mais assustada. Quando eu já estava entrando em pânico, veio um pensamento que abafou todo o resto:

Mas também tá coçando lá...

Olhei com medo para minha calcinha rosa. Respirei fundo. Tirei a calcinha.

— Ai, meu Deus...

Dezenas de bolhas na minha vagina. Peguei um espelho para olhar lá atrás. Dezenas de bolhas no meu ânus. Eu fiquei parada diante do espelho, me olhando fixamente, perplexa.

Nada parecido nunca tinha acontecido comigo.

Coloquei um vestido, tomando cuidado para não encostar nas bolhas por medo de que elas passassem para minhas mãos, corri para o carro e dirigi até o hospital mais próximo.

Esperei na fila até que chegasse a minha vez. Entrei na sala e um médico indiano me esperava. Sentei naquelas cadeira de ginecologia e quando levantei meu vestido, ele insensivelmente cuspiu:

— Ai caromba, que heppies nojenta.

— O que é heppies??? — perguntei apavorada.

Ele me explicou que eu tinha um caso grave de herpes genital, uma doença incurável. Eu fiquei boquiaberta. Não podia acreditar. Se eu assustei até o médico com a minha herpes, ela devia ser muito séria.

Enquanto ele coletava meu sangue para exames, eu ia ficando cada vez mais espantada ao perceber a gravidade de uma palavra que ele disse "incurável. "

Ai, meu Deus... Eu tenho uma doença incurável.

Um risada maligna interrompeu o meu espanto e disse com escárnio na minha cabeça:

— Ninguém nunca vai te amar agora. Olha pra você: um monstro coberto de bolhas com pus amarelo. Ninguém nunca vai te querer. Você deveria se matar logo e poupar o mundo da sua presença nojenta.

Verdade. Acenei com a cabeça. *Eu deveria me matar.*

Fui para casa e tomei mais de 30 pílulas diferentes. Dessa vez era para valer. Minha vida era horrível. Eu não tinha motivos para viver. Todo mundo me odiava. Ninguém me amava. Ninguém se importava comigo. Meus pais não se importavam. Deus não se importava. Por que eu deveria me importar?

E tive outra overdose, mas dessa vez tomei o cuidado de trancar a porta: não haveria nenhuma amiga para me resgatar.

Morrendo sozinha no quarto escuro, minha única companhia era uma alcateia de demônios que cruzavam os dedos para que eu morresse logo:

— Morre, Shelley. Morre. A gente te odeia. Você não tem nenhum valor. Você é uma desgraça. Ninguém te quer bem. Deus te odeia. MORRE! MORRE! MORRE!!!

As vozes malignas clamaram por toda a noite.

Mas de algum jeito, na manhã seguinte, eu simplesmente acordei.

E da mesma forma eu simplesmente desapareci para todos.
Deixei silenciosamente para sempre a pornografia. Parei de atender o telefone. Parei de ir às festinhas. Depois de não morrer naquela noite, eu simplesmente fingi que nada tinha acontecido.

Com nenhuma outra opção para me sustentar, voltei à prostituição, onde eu pelo menos podia usar uma camisinha para não pegar outras DST's. Quanto a que eu já tinha? Ninguém precisava saber que eu tinha herpes. Isso seria o meu segredinho.

Um dia, indo me prostituir para um cara, eu dirigia meu Miata vermelho na rodovia para Los Angeles quando uma Voz interrompeu meus pensamentos:

— Shelley, você está indo na direção errada.

Eu senti que esse era um aviso muito sério. Mas mesmo assim eu ignorei. Pisei no acelerador.

— PARA! — a Voz explodiu na minha mente.

Lágrimas encheram os meus olhos, e eu respondi:

— Deus, eu não quero voltar para lá. Eu odeio a prostituição. Mas o Senhor não está me ajudando.

— PARA! — a Voz explodiu de novo.

Eu sentia que alguma coisa ruim, alguma coisa horrível, alguma coisa terrível estava prestes a acontecer. Tomei outro gole de Jack Daniels para me acalmar. Pus uma fita cassete no rádio para calar a Voz.

— Vai ficar tudo bem — disse para mim mesma.

Fui pisar no acelerador mas não consegui. De repente eu percebi que meu carro estava no ar, a estrada de cabeça para baixo, e que tudo estava girando, girando, girando...

CRASH, BOOM!!!!

Meu carro aterrissou com o lado direito para cima.

— Ai, meu Deus, ai, meu Deus, ai, meu Deus.
Agarrei o retrovisor. Sem sangue no meu rosto. Olhei para baixo. Sem sangue nas minhas pernas. Eu não tinha um arranhão. Olhei para o lado. A porta amassada na minha direção. Virei minha cabeça. A janela de trás estilhaçada. Tudo esmagado menos eu.

Eu engatinhei para fora pela janela, pulei da lateral do carro e corri por dez minutos com a maior velocidade que o meu choque permitia. Olhei para trás. Vi luzes de viaturas indo em direção àquela sucata vermelha.

Parei na beira da estrada e acenei para que um motorista me desse carona. Ele foi reduzindo até parar na minha frente. Entrei no carro e disse para ele me levar para casa. Ele quis me levar para o hospital. Eu disse que minha filha estava em casa, e eu precisava busca-la antes. Menti. Minha filha estava com a babá, mas eu precisava ir para casa.

Ele foi dirigindo até passar na frente da sucata vermelha do meu Miata conversível, rodeado de viaturas.

Merda. Merda. Merda. Eu não posso ser presa por direção alcoolizada.

Aquele homem me deixou em casa. Entrei e fui direto para o telefone. Disquei 911 e "contei" para a polícia que meu carro tinha sido roubado. Quando eu desliguei o telefone, eu fiquei sentada em choque, perdida num turbilhão de pensamentos. Mas dentre todos os pensamentos, um dele se destacava claramente:

Talvez Deus esteja falando comigo.

Mas eu logo o combatia dizendo sarcasticamente para mim mesma:

— Ah, mas é claro que Ele está. Entre uma herpes e um acidente de carro quase fatal, Deus Todo Poderoso está COM CERTEZA falando com uma prostituta bêbada como eu.

Uns dias depois, fui à delegacia para ver os destroços do meu carro. Eu vi perplexa aquele emaranhado de aço retorcido que tinha a metade do tamanho de um carro. Entrei para pegar meus documentos no porta luva, e a pequena fita cassete, que eu tinha posto segundos antes do acidente, ejetou do rádio. A coloquei de volta, e percebi aterrorizada que a música que estava tocando antes do acidente era a “Última Chance" do Duran Duran.

Glup.

Deus estava mesmo falando comigo.

ATO IV - Dois mundos colidem

Capítulo Quatorze - Poof, ele chegou!

Fiquei entediada. Eu não tinha carro. Não podia dirigir para lugar nenhum e já tinha enchido o saco de pedir carona para os meus sugar daddies. Eles queriam ficar tocando em mim o tempo todo.

Eu não aguentava mais ficar perto de homens.

Durante as minhas “férias”, arrumei uns livros da nova era. Fiquei impressionada com aquilo tudo e decidi "despertar" as minhas habilidades paranormais. Já que Deus estava tentando falar comigo no lado de cá, eu deveria tentar entrar em contato com o lado de lá. Pelo menos era isso o que eu pensava.

Eu acreditava em Jesus e me lembrava de quando Ele dizia que eu era especial. Eu tinha apenas seis anos, mas nunca esqueci uma visão que eu tive: eu estava em pé no centro de uma arena pregando o evangelho para uma multidão de milhares de pessoas.

Quem sabe eu ainda tivesse uma chance? Assim, Deus não anularia meus 30 comprimidos suicidas e salvaria a minha vida de um acidente fatal se não tivesse nenhum propósito para mim.

Tendo isso em mente, comecei a me preparar para o grande e misterioso propósito oculto que Deus tinha para mim. Como? Me enfiando na nova era e praticando minhas habilidades paranormais.

Dia e noite eu praticava a minha paranormalidade. Dia após dia, sentada no chão estando rodeada por velas brancas, eu fiquei realmente boa nos meus poderes.

O primeiro sinal de que eu estava me abrindo para o outro lado, além do dia em que o tabuleiro Ouija disse que meu guia era Jesus Cristo, foi quando eu ouvi uma Voz amigável e eu tive certeza de que era o Espírito Santo. Ele me disse que eu era uma Escolhida, e que eu tinha recebido grandes poderes de cura.

Não preciso nem dizer que o meu ego amou ouvir o quanto eu era especial.

O segundo sinal foi que eu estava conseguindo manipular as coisas ao meu redor

Se eu quisesse que o telefone tocasse: poof, ele tocava. Se eu quisesse que a cortina se movesse: poof, ela movia. O meu barato era ficar movendo e manipulando as coisas de um lado para o outro. Teve um dia em que eu até consegui fazer um poof que impediu uma queda da minha filha!

Depois de seis semanas trancada no mundo da Nova Era, eu finalmente consegui meu carro de volta e quis praticar a manipulação das mentes das pessoas. Essa habilidade seria útil porque eu meio que estava pobre e precisava urgentemente fechar uns negócios.

Acabei num bar de Covina, onde umas bandas de rock estavam fazendo shows.

Lá estava eu, cuidando da minha própria vida naquele bar de Corvina, quando senti alguém dando um tapinha no meu ombro. Virei e vi um cara alto, gordinho, que parecia ter menos de 23 anos e que me perguntou com uma voz grave:

— Oi, você quer jogar sinuca?

— Se for valer uns drinks, sim.

Eu sabia que venceria. Era óbvio que ele não tinha ideia com quem tinha mexido. Ele era só um garotinho que parecia ainda morar com os pais enquanto era uma jogadora com anos de sinuca nos clubes de strip. E eu tinha os poof's ao meu lado.

Quando ele encaçapou a quarta bola, comecei a ficar preocupada.

Esse cara não era um estranho para a mesa de sinuca. A competitiva em mim assumiu o lugar. Eu não sabia perder e definitivamente não perderia para esse cara. Então eu comecei os meus poofs.

— Poof... — sussurrei ajeitando a minha mira. Ele sorriu me olhando como se eu fosse maluca e explodiu numa gargalhada quando eu encaçapei a bola com perfeição.

Fiquei confusa. Esse cara nem se incomodava com os meus poofs! Assim, enquanto ele mirava na bola 8, eu decidi usar outros meios de manipulação: abaixei o meu decote.

Ele errou a tacada.

No fim, ele venceu e nós acabamos tomando shots Kamikaze — por conta dele, é claro — até ele me chamar para jogar dardos.

Eu sabia que jogar dardos era uma coisa de nerd, mas como eu estava entediada, aceitei.

Além disso, ele me dava drinks de graça e era um cara super legal: nenhuma vez ele falou olhando para os meus peitos.

Tinha algo de diferente nesse cara.

Enquanto ele falava a sua história — na qual eu não prestei atenção — eu só via que ele acertava o centro todas as vezes que lançava o dardo! Ou esse cara era um bêbado que vinha aqui todo dia, ou ele treinava muito em casa ou ele tinha algo de muito especial.

Fiquei intrigada com ele.

Mas antes que vocês me entendam mal, eu não fiquei intrigada no sentido amoroso. Eu não queria saber do amor e nem dessas coisas do tipo. Eu queria saber das habilidades e da carteira dele porque quem sabe por trás daquele cara habilidoso não havia um jovem rico? Quem sabe não havia o sonho de uma prostituta doente?

Mas não tinha.

Logo eu percebi que por trás daquele loiro, alto, gordinho e feinho, só tinha um cara de 22 anos que trabalhava como jardineiro.

Puts, esse daí é pobre. Esquece.

Quando eu já estava saindo, deixando-o falando sozinho, ele me perguntou;

— Ei, qual o seu número? — ele me perguntou.

— Hm, eu não saio de graça com ninguém. Eu sou uma stripper. Apenas por dinheiro — e olhei com desprezo para o seu bolso.

Ele percebeu que o meu interesse era dinheiro e todo atrapalhado inventou uma história sem pé nem cabeça dizendo que precisava de uma stripper para uma despedida de solteiro.

Garotinho, você se mijaria se visse uma mulher pelada na sua frente.

Quando ele terminou de contar aquela história mal feita, eu dei o meu cartão, caso ele realmente precisasse de um stripper.

— Trezentos dólares por hora, querido. Te vejo por ai — disse encerrando a conversa, virando as costas e sumindo da vida dele para sempre.

Uma semana depois, o telefone tocou.

Tomara que não seja ninguém da indústria.

Atendi o telefone e disse com um sotaque falso:

— Alô?

— Oi, hm, Giovanni, quer jogar sinuca hoje à noite?

— Quem fala? — perguntei com um sotaque falso e irritado.

— Aqui é o Gary. A gente se conheceu no bar umas semanas atrás.

Quem é esse cara, meu Deus?

Em todo lugar que ia, eu conhecia homens e esses costumavam me ligar dia e noite. Fiquei em silêncio tentando lembrar dele. Depois de alguns segundos constrangedores, desisti:

— Desculpa, eu não me lembro de você — falei com minha voz verdadeira.

— Eu sou cara com quem você jogou sinuca e dardos no Boar's Head.

— Ahhh, sim, eu me lembro de você... Hm, então, hoje é sexta. Não vai dar. Tenho que trabalhar hoje à noite.

— Eu também tenho que trabalhar. Mas a gente pode passar um tempinho junto antes que eu vá ao trabalho às dez.

— Não, hoje não. Obrigada — desliguei o telefone.

Não precisava de tempo com garotinhos. Eu precisava de dinheiro.

Mas esse cara ficava me ligando! Durante o mês inteiro eu precisei dizer várias vezes “não, obrigada” e que eu precisava ir trabalhar.

Assim, eu insinuei mais de uma vez que eu sairia com ele se me oferecesse algum dinheiro. Mas ele nunca ofereceu.

Em outra sexta, ele me ligou. Dessa vez eu estava sozinha em casa, tentando decidir se eu tinha ou não voltado para a prostituição. Odiava o strip. Odiava fazer programa. Mas precisava do dinheiro que os dois me dava.

Enquanto as duas possibilidades se digladiavam na minha mente, o telefone tocou:

— Alô? — perguntei naquele sotaque.

— Oi, Giovanni, aqui é o Gary. Eai, quer jogar sinuca hoje?

Talvez esse cara tenha me ligado na noite certa.

— Tudo bem, eu jogo sinuca mas só se você pagar os drinks — falei bem sendo direta.

Eu tinha que ganhar pelo menos alguma coisa naquele encontro. E justificando a minha ida, eu pensava que talvez eu pudesse arranjar "clientes novos” no bar.

— Beleza! Até daqui a pouco! Tchau, Giovanni!!! — ele se despediu soando como um garotinho alegre.

Com que criança eu fui me meter...

Encontrei ele no bar e fui completamente surpreendida naquela noite. Aquela criança não só podia dirigir como um demônio, como alinhou e cheirou uma carreira de pó na mesa de sinuca bar.

— Caralho! Onde você conseguiu tanta metanfetamina? — disse olhando em choque para aquele gordinho rosado.

— Eu sempre tive. Você gosta?

Claro que eu gosto. Mas antes de usar a metanfetamina, hesitei um pouco. Já fazia algum tempo. A indústria pornô era a minha principal traficante. Mas depois, lembrando dos prazeres do passado, tomei coragem e usei aquela carreira enquanto eu dizia baixinho:

— Caramba... Isso pode ser o começo de um relacionamento lindo e duradouro.

Imagine se eu soubesse.

Depois de conhecer esse seu novo lado, comecei a encontrar Gary e sua metanfetamina cada vez mais.

A gente cheirava, conversava, e passava a noite toda rindo. Ele era um cara muito legal que nunca tentou encostar um dedo em mim. Quando eu o via sair, eu dava um tchauzinho enquanto dizia para mim mesma:

— Acho que uma prostituta esgotada pode se acostumar com isso...

Uma noite ele trouxe um jogo de damas.

— Hm, essas damas são para quê? — disse risonha.

— Para jogar, bobinha.

— Mas sabe qual o problema? Eu não jogo damas

Ele riu, montou o tabuleiro e depois de alinhar todas as pecinhas, disse que podia me vencer em qualquer jogo — ele já me conhecia.

Aceitei jogar.

Eu era extremamente competitiva e precisava ter controle de tudo. Ninguém me desafia para um jogo e vence.

Ninguém!

Ele venceu.

— Ai, Gary, eu te odeio! — dizia frustrada — aff, vamos jogar só mais uma?

Como eu não aceitava que ele saísse ganhando, pedi para jogarmos mais uma e mais uma e mais uma... Quando eu via que não tinha jeito, pedia para mudarmos de jogo. Jogamos Gin Rummy, Texas Hold'em, Pôquer e muitos outros. Após anos sem jogar com ninguém, aquelas noites eram noites maravilhosas para mim. Ainda hoje tenho saudades daquelas noites em que só ficávamos rindo e jogando.

Eu ainda não tinha contado para o Gary sobre o meu passado e nem sobre meu presente horrível. Esperava que continuássemos apenas amigos de jogos por um tempo. Mas uma noite ele foi me visitar, e me viu assinando um autógrafo para o porteiro novo.

— Ué, por que você deu um autógrafo pro porteiro? — ele perguntou

— Então, hmm, eu era uma atriz pornô.

— Ah... tudo bem.

E simplesmente subiu as escadas e foi montar o tabuleiro de damas na minha casa.

Isso foi estranho. Isso foi MUITO estranho. MUITO ESTRANHO.

Subi as escadas furiosa com a falta de reação dele. Enfiei o pé na minha porta e entrei gritando:

— VOCÊ NÃO SABE QUE TIPO DE MULHER EU SOU? UMA STRIPPER, UMA PUTA, UM VAGABUNDA QUE JÁ FEZ UM MONTE DE FILMES PORNÔ!

E fiquei bufando, olhando para ele, esperando uma reação.

Sentado de pernas cruzadas frente ao tabuleiro, ele olhou para mim e tranquilamente me perguntou:

— Como tudo isso começou?

Não podia acreditar. Depois do que eu tinha dito, a maioria dos caras já teria pedido para transar comigo. Mas o Gary não. Ele realmente queria saber o que tinha acontecido comigo.

Então eu contei como fui expulsa de casa com 18 anos, como cheguei no Top Hat, como eu acabei mendigando nas ruas de San Fernando

Valley e como o cafetão tinha me aliciado enquanto eu passava fome no meio fio da Sherman Way.

Ele ficou boquiaberto ouvindo a minha história. Assustado. Abismado. E principalmente, indignado com a minha história. Quando eu terminei de falar, as mãos deles pousaram em cima das minhas e com um sorriso de compaixão e com uma voz meiga ele me disse:

— Shelley, eu sinto muito por tudo isso que aconteceu com você. É horrível que as coisas tenham sido assim.

Achei que eu fosse vomitar.

Puta merda. Esse cara se importa de verdade comigo.

Puxei a minha mão.

Fiquei nervosa. Agitada. Zonza com o carinho do Gary. Mudei logo de assunto. Perguntei como ele tinha começado a cheirar pó.

— Minha mãe e meu pai eram pastores.

— Quê? Você é filho de pastor?

— Pois é, meu pai traiu a minha mãe com a secretária da igreja. Eu tinha 17 anos na época. Nossa casa nunca mais foi a mesma. Meu pai virou um marinheiro alcóolatra e nossa família ficou destruída. Uns 3 anos depois, quando eu tinha 20 anos, provei a metanfetamina pela primeira vez.

— Faz só dois anos que você começou?

— Aham.

Caramba, como esse daí é maduro.

Me perguntei se ele ainda morava com o papai e a mamãe.

— Onde você mora? — perguntei.

— Em Chino, com os meus pais.

Caralho, eu tava certa. Ele ainda mora com os pais.

Eu não podia acreditar que tinha deixado um filhinho de pastor entrar na minha vida. Como eu não percebi? Como deixei isso acontecer? Comecei a brigar comigo mesma. Os demônios em mim não estavam nem um pouco felizes. Então Gary interrompeu o meu caos mental perguntando:

- Shelley, você acredita em Deus?

Puts, agora esse cara quer falar de Deus.

Eu tive um sentimento horrível de que aquilo tudo tinha sido armado.

- Claro que eu acredito em Deus. Eu ia à escola dominical todos os domingos quando era uma garotinha... - quando comecei a falar de Deus, uma parte minha ficou muito alegre e eu passei os próximos 15 minutos falando sobre Ele - ... E um dia eu atuei numa peça da igreja chamada “O peregrino” e atuei como a Fiel, uma peregrina e amiga do Peregrino que também tinha saído da cidade da destruição.

- Eu conheço essa história! Caramba, que legal. Como foi a apresentação da peça? Você atuou mesmo como a Fiel?

- Sim, e eu apresentei muito bem porque eu tinha memorizado as minhas falas. Eu fiquei tão boa em memorizar depois disso que eu memorizei o alfabeto de trás para frente. Na verdade, Deus me disse quando eu tinha 9 anos, que eu me casaria com um homem que poderia dizer o alfabeto de trás para frente tão rápido quanto eu.

Sem hesitar ele cuspiu:

- ZYXWVUTSRQPONMLKJIHGFEDCBA.

Ficamos nos encarando.

- Some daqui.

Expulsei ele da minha casa. Eu nunca mais queria ver ele.

Depois que ele saiu, eu me tranquei no quarto, deitei na cama e fiquei absolutamente perturbada, olhando o teto pensando no que tinha acontecido.

POOF, ELE CHEGOU!

Capítulo Quinze - Invadida pelo amor

Sob nenhuma circunstância eu me casaria com ele.

Tendo anos e anos de dor enterrados dentro de mim e estando protegida pela dureza do meu coração sombrio, eu era impenetrável ao amor.

Expulsei o Gary da minha mente e voltei correndo para as mentiras e para os meus problemas mentais, para uma vida sem amor ou luz: um mundo familiar de trevas onde eu me sentia segura.

Desliguei meu telefone e fechei minhas cortinas. Eu não o veria nunca mais.

Entrei no banheiro para limpar sei lá o quê que o Gary tinha posto em mim. Mas quando a água quente do chuveiro escorreu no meu rosto, as lágrimas escorreram junto. Senti saudades dele.

Vendo meu estado, uma voz sibilou na minha mente:

— A gente não precisa dele. Tira ele da sua cabeça logo. Lembra daquela garrafa de Jack Daniels na dispensa?

— Lembro...

Ainda triste, fui até a dispensa e peguei a garrafa. Bebi até que aquela sensação quentinha se espalhasse pelo meu corpo, secasse a minha boca, me fizesse colapsar na cama e dormir chorando com a cara enfiada no travesseiro.

— Mamãe, você tá bem? — uma pequena voz me acordou.

— Oii, meu bem, a mamãe tava só dando uma cochilada. Aconteceu alguma coisa?

— Tem um homem com uma caixa esperando na porta.

— QUÊ?!

Fiquei irritada. Devia ser um dos meus sugar daddies quebrando as minhas regras de novo. Eles sabiam que não podiam vir sem ligar antes.

Babacas.

Meio bêbada e muito brava, eu avancei na porta e escancarei-a gritando:

— VOCÊ NÃO PODE VIR AQUI!!!!

Mas uma voz meiga atrás da caixa respondeu:

— Eu trouxe uma caixa de panos. Eu vim limpar sua casa.

Fiquei pasma.

Gary entrou na minha casa, e pôs vários panos brancos e dobrados sobre a mesa. Sorrindo com um pano na mão, ele me olhou enquanto eu o encarava paralisada.

— Shelley, eu me sinto mal por você. Sua casa tá uma bagunça. Você precisa de alguém para cuidar de você.

Então ele sumiu pelo corredor e pouco depois ouvi o som de água caindo no tanque.

Senti uma dor monstruosa no meu peito.

A dor subiu irradiando para minha espinha, chegou ao meu pescoço e só parou nas minhas mandíbulas. Eu sentei na minha cadeira de balanço, e balançando para frente e para trás peguei uma ponta de cigarro no cinzeiro. Depois de tentar freneticamente acendê-la, consegui e suguei o ar amargoso para os meus pulmões.

— Eu não consigo fazer isso — disse expirando a fumaça cinza.

Balançando mais rápido naquela cadeira, aquela dor se transformou numa sensação horrível que dominou todo o meu corpo — Eu preciso respirar. Eu preciso de ar. Eu preciso resp...

E tropiquei até a varanda. Fiquei andando em círculos. Não encontrava alívio. Procurando alguma lógica naquilo tudo. Não

encontrava resposta. A dor simplesmente não me largava. Não conseguia respirar.

— Shelley, você está bem? — disse um vulto por trás da fumaça e vindo na minha direção.

Era o Gary. Andei para trás. Eu estava morrendo de medo dele. Queria fugir dali.

— Fica aí. Não chega perto. Eu, eu... eu não estou confortável.

— Shelley, sou só eu, o Gary. Não vou te machucar. Calma...

— Não, não, não — joguei meu cigarro no chão e apaguei-o com o meu pé — Sai daqui. Sai. Sai. SAI DAQUI!

Corri para meu quarto escuro, onde eu tranquei a porta, deitei na cama e me escondi embaixo das cobertas.

Tremendo, apavorada pela dor intensa, rolando naquela cama quente, clamei desesperada:

— Deus, leva embora. Por favor, Deus, leva embora logo.

As vozes começaram a gritar na minha cabeça:

— VAGABUNDA IMUNDA. VACA ESTÚPIDA. VADIA DO CARALHO. NINGUÉM NUNCA VAI TE AMAR. ELE VAI TE USAR E TE MACHUCAR E TE ABANDONAR COMO TODOS OS OUTROS FIZERAM. EXPULSA ESSE LIXO DAQUI! ARRANCA ESSE...

Então uma Voz interrompeu calando as outras vozes;

— Shelley, fica tranquila. Sou Eu. O Gary foi enviado por Mim para te ajudar. Está na hora

— Na hora? Na hora, Senhor? Na hora do quê? — perguntei para a Voz.

Esperei uma resposta, mas só tive o silêncio.

Levantei da cama e fui para o banheiro, onde fiquei encarando aquela mulher feia que me encarava de volta no espelho.

Mechas descoloridas com raízes castanhas, espinhas por toda parte, pele sebosa, círculos pretos imensos ao redor dos olhos. Eu estava um bagaço. Como o Gary podia chegar perto de um troço daquele?

Ele iria me abandonar. Era óbvio para mim. Ele nunca iria querer alguém como eu. Quando percebesse quem eu era, com certeza iria me abandonar.

Tive medo. Eu tinha que me proteger. Pus uma máscara de falsidade e transformei a minha casa num grande palco. Fingindo indiferença com aquilo tudo, entrei na sala para terminar de vez com ele:

— Gary, eu...

Ele virou com o sorriso mais angelical do mundo e com uma cozinha limpa e brilhante nas costas.

— Oi, meu bem.

Fiquei sem palavras. Meu coração derreteu. O mal em mim desapareceu.

Ele andou até mim, tocou meu rosto e então nos beijamos. Ele com um beijo suave, eu com um beijo selvagem. Fazia anos que eu não beijava alguém com doçura.

Nosso beijo terminou e eu enfiei minha cabeça no peito dele. Comecei a chorar. Os anos de desprezo e abandono emergiram do meu peito em forma de lágrimas.

Mas pouco tempo depois, emergiram das profundezas os anos de rejeição, ira, rancor e medo em forma de um empurrão violento.

— EU TE ODEIO!!! EU ODEIO ELES!!!

Arremessei meu celular nele. Chutei a lata de lixo. Cuspi no chão. Arremessei copos na parede. Comecei a esmurrar o sofá.

— EU ODEIO ELES!!! EU ODEIO OS HOMENS!!! EU ODEIO TODOS VOCÊS!!! VÃO PARA O INFERNO SEUS NERDS DO CARALHO.

Arremessei um vaso grande de vidro na parede. Gary ficou assustado, mas se manteve firme. Enfiei o dedo na cara dele e comecei a berrar no seu rosto:

— SAI DE PERTO DE MIM SEU FILHO DA PUTA. VAI SE FUDER SEU NERD ESCROTO DO CARALHO!!!!!

As portas do inferno tinha sido abertas e o mal dentro de mim dava vazão ao seu ódio:

— VAI SE FUDER SEU MERDA. SEU MENTIROSO. EU TE ODEIO. SOME DA MINHA FRENTE, SEU PORCO FILHO DA PUTA!!!!

Então eu sai de perto dele, andei em círculos por alguns segundos e marchei decidida até a cozinha. Peguei uma faca. Saí da cozinha e apontei a faca na direção dele. Apontando com todo o meu ódio, ordenei ele sair da minha casa e nunca mais aparecer na minha frente.

— SAI DAQUI AGORA!!!! — eu berrava parecendo um animal selvagem.

Então ele deu um sorriso brando e disse as palavras que me desarmou completamente:

— Shelley, eu te amo. Te amo. Te amo. Eu te amo e eu nunca vou desistir de você.

A faca caiu no chão. Meu corpo caiu no chão.

Comecei a chorar como uma criança.

O amor dele me crucificava. Ele estraçalhava todas as dores que eu mantinha no meu coração e fazia o inimaginável: me dava esperança.

Gary me abraçou no chão, me apertou em seus braços, olhou para o alto e rezou com todo o seu coração:

— Senhor, suplico que cure a Shelley. Suplico que o Senhor a cure de todas as feridas que ela carrega. Eu sei que o Senhor pode e eu confio em Vós, Jesus. Por Vosso Nome Santíssimo Nome, eu Te suplico. Amém.

Foi a oração que mudou minha vida para sempre. Foi a oração que Deus escutou. Foi a oração que o inferno escutou. Foi a oração que deflagrou a guerra pela minha vida.

Capítulo Dezesseis - Casando com Madalena

Um anel em formato de coração. Eu não sentia atração por ele. Eu nem o amava ele de verdade. Mas ele me amava e era isso o que importava.

Além do mais, onde eu encontraria um cara que queria casar com uma ex-atriz pornô com herpes e uma filha?

— Shelley, casa comigo, por favor. Deus me enviou para te ajudar.

Será que Deus sabe que eu sou uma piranha?

— Sim, Gary. Eu caso com você.

No dia 14 de Fevereiro de 1995, um dia extremamente frio de inverno, dirigimos até Norwalk, Califórnia, sob um céu cinza e ameaçador.

Chegamos até a região do cartório, pesadelo de qualquer garotinha inocente: paredes cinzas e pichadas, ruas cheias de latas e seringas usadas, vários mendigos bêbados jazendo no chão. Tudo ali causava medo e repulsa.

E aquele seria o lugar do meu casamento.

— É, Gary. Uma dessas mendigas vai dar uma excelente daminha...

Continuei mal-humorada:

— ... Você tem certeza que a gente não tinha que ter marcado um horário? Deve tá lotado lá dentro e a gente vai pegar uma fila imensa por sua culpa. Eu avisei. Mas você não me escuta. Olha o tamanho da fila. Tá vendo? Ah, quer saber de uma coisa: é melhor a gente voltar outro dia. Você não acha?

Eu tentava achar um jeito de sair dali. A realidade chegou depois daquele primeiro beijo e ela me mostrou que aquilo nunca iria funcionar.

— Não. Eu não acho. A gente vai casar hoje. E não precisa de horário marcado, hoje tá lotado porque é o mutirão do dia dos namorados e eles estão oferecendo casamentos o dia todo.

Ótimo. Mutirão do dia dos namorados. Eu sou uma garota muito sortuda.

Usando um vestido preto com florezinhas e tendo a cara fechada, eu parecia estar indo para um funeral.

Esperamos na fila do cartório até chegar a nossa vez.

Uma mulher sorridente e com uma voz estúpida pediu atrás de um guichê sujo:

— Bom dia, casal! Ansiosos para seu grande dia?! Posso ver suas identidades?

— Sim — respondi sem nenhum entusiasmo.

Entreguei minha identidade e nossa solicitação de casamento. Enquanto ela anotava alguma coisa, perguntei com desdém e uma cara de nojo para ela:

— Vem cá, diz para mim: quanto custa um casamento aqui?

— 35 dólares, moça.

Engasguei com minha saliva.

— Quanto?!

— Trinta e cinco dólares, moça.

Isso foi quanto o primeiro cara pagou para me comer!

Então uma Voz falou no meu coração:

— 35 dólares para entrar na indústria do sexo, 35 dólares para sair dela.

Só podia ser Deus. Só Ele saberia disso.

Abaixei minha cabeça com vergonha e olhei para os meus sapatos surrados. Será que Deus estava mesmo me resgatando? Eu era tão má e sem valor, por que ele se importaria ou prestaria atenção em mim?

Gary pegou a minha mão e subimos a escada até um grande salão, onde os outros casais esperavam suas senhas ser chamadas. Encostei minhas costas na parede. Fiquei olhando o guichê, vendo um casal ser atendido, eu os imaginei um do lado do outro durante uma vida inteira. Filhos, doenças, dificuldades, a idade... Contemplando a imensa decisão que eu deveria tomar em alguns instantes, eu estava quase desistindo.

E somadas às minhas próprias dúvidas e inseguranças, as vozes tentavam me dissuadir. Gary percebeu o meu tormento e apertou com mais força a minha mão.

— Você consegue, Shelley.

Olhei de novo para o casal e respondi falando baixinho:

— Ai, Gary, não... Eu não consigo...

Virei minhas costas para aquele guichê. Fiquei olhando para a parede. Gary me abraçou e gentilmente sussurrou:

— É claro que você consegue, Shelley. Deus está conosco.

Mas eu mal o ouvia falar.

Eu estava presa na minha cabeça com as vozes que diziam:

— Você não presta. Ele vai te largar. Ele não sabe o quão insana você é. Quando ele descobrir quem você é de verdade, ele vai te largar. Foge, Shelley. Foge. Foge enquanto ainda dá tempo!

Comecei a ter ânsia de vômito. Dessa vez as vozes tinham razão. Gary não sabia com quem estava se casando.

Ele não sabia o quão doentios eram os abusos sexuais que eu sofri. Ele não sabia o quão graves eram os meus vícios. Ele não sabia que eu era uma manipuladora e uma mentirosa. Ele não me conhecia. Ele não tinha ideia do quão enraizada estava a influência de satanás na minha vida. Era uma guerra para a qual ele não estava preparado.

— Gary, eu não consigo. Isso não é justo com você. Eu sou muito pior do que você imagina. Muito pior. Eu tenho tantos demônios... Eu tenho certeza de que vou acabar te machucando.

— Shelley, você nunca vai poder me machucar porque eu te amo. Além disso, você ainda está preocupada? Foi Deus Quem nos juntou e Ele está conosco. Não há o que temer.

— Ai, eu sei, mas... mas... mas eu não consigo, Gary, eu acho... — insistia apoiando minha cabeça no seu peito.

— Senha 15, guichê 3 — bradou o alto falante.

Era a nossa.

Olhei para o Gary com medo. Se ele não iria me ouvir, que ao menos ele visse o pânico nos meus olhos. Ele olhou no fundo dos meus olhos e sorriu. Depois segurou com firmeza a minha mão, e me levou até o guichê, onde uma mulher preta com uma roupa preta nos esperava.

Isso é um presságio.

Olhei em pânico para ele. Os olhos azuis e gentis dele me olharam de volta enquanto sua mão apertava ainda mais forte a minha. A mulher começou a cerimônia e Gary disse os votos por mim. Eu estava tão apavorada que a única coisa que eu consegui dizer foi um tímido "aceito" enquanto eu pensava:

Aceito? Aceitar? Aceitar o quê? Tudo o que eu aceitei até hoje foi a morte e a degradação e agora eu digo que aceito...

A cerimônia acabou. Estávamos casados. E eu saí daquele prédio sem dizer uma palavra: eu estava completamente atordoada.

Quando pisamos fora do prédio, começou a chover. Andamos naquele estacionamento, desviando dos mendigos do caminho e entramos no carro. Gary me arrancou do meu mutismo perguntando se eu queria comer uns hambúrgueres no Wendy’s da esquina.

— Eu...eu... Eu não quero comer nada, obrigada, Gary.

Quando chegamos em casa, a minha deformidade mental inaugurou o casamento com um pedido que causou repulsa no Gary: pedi para consumarmos logo o casamento. Era a ritualista em mim.

— Shelley... Espera pelo menos eu chegar do trabalho... — ele respondeu chateado.

Ele queria me levar para um jantar romântico e celebrar o nosso casamento. Eu queria sexo frio e insensível. No fundo eu queria algo para poder odiar ele e eu consegui o que eu queria quando ele chegou em casa. Depois que terminamos, empurrei ele de cima de mim e ainda pelada eu gritei na cara dele:

— SOME DA MINHA FRENTE!!!! EU QUERO UM DIVÓRCIO. Eu te odeio... Você não passa de um porco, igual a todos os outros... SOME DA MINHA VIDA, SEU PORCO!!!!!

A Dor e o Abuso tomaram as rédeas de mim e ameaçaram arremessar alguma coisa nele. Ele pôs com pressa as roupas e saiu correndo do quarto. Eu pude ver a mágoa no seu rosto. Eu sabia que tinha machucado ele.

Sorri.

Afinal, eu odiava todos os homens.

O demônio e eu ficamos satisfeitos e juntos celebramos outro fracasso na minha vida com nosso amigo em comum favorito: Jack Daniels.

— Uma hora ou outra ele iria me largar mesmo — dizia a cada gole que descia pela minha garganta — antes agora do que mais tarde, quando eu poderia ter uns filhotes dele no meu pé. Mas ainda assim... — bebia mais um gole — por que eu tenho esse sentimento horrível... — conforme o líquido entrava a sinceridade saía por minha boca — Será... Será que... — engoli mais um copo — Será que eu perdi a coisa mais importante na minha vida? — terminei a garrafa perplexa — Meu Deus, o que eu fiz?

Eu quis vomitar. Eu queria morrer. Tudo aquilo era demais para mim e nem o Jack estava resolvendo a situação.

Deitei no chão e comecei a chorar. Dormi agarrada com a minha garrafa, a única amiga em quem eu confiava.

— Shelley, Shelley, acorda, meu amor.

Abri os meus olhos e vi um lindo buquê de flores vermelhas pendendo sobre minha cabeça.

— Ahn.. Quê? — disse tentando me levantar.

— Eu te amo, Shelley. Feliz dia do nosso casamento, meu bem — Gary disse e beijou a minha boca empapada de Whisky.

Me senti a pior pessoa do mundo.

Agradeci e disse que não queria sair para jantar. Me sentia muito mal por meu comportamento horrível e não queria que ninguém me visse assim.

Voltei a chorar, dessa vez implorando para que ele me desculpasse. Ele afagou o meu cabelo e beijou minha bochecha dizendo:

— Tudo bem, meu amor. Sei que tudo isso tem sido difícil para você. Estou aqui contigo.

Enfiei minha cabeça no peito dele chorei até as lágrimas encharcarem sua blusa e o meu catarro não me deixar respirar. Ninguém nunca tinha me amado como Gary me amava. Ninguém. Eu não tive o amor de uma mãe. Eu não tive o amor de um pai. A única coisa que eu tive desde menina foi a dor.

Abracei ele com muita força e exprimi cada grama de dor que havia dentro de mim.

Ele era minha cruz, alguém em que podia aguentar e crucificar meu sofrimento, alguém em quem eu podia pregar a minha dor. E eu a preguei com muita força. Eu preguei nele cada mentira, raiva, palavras odientas, malícias e maldades que eu pude imaginar.

E quer saber de uma coisa?

Ele aguentou. Ele aguentou toda aquela dor excruciante por mim, e se tornou como um Cristo para mim, e eu me tornei sua penitente, como a pecadora com os sete demônios. Mas quem me dera ter apenas sete. Eu tinha legiões.

Tendo a cabeça ainda apoiada em seu peito molhado com minhas lágrimas, sorri com maldade.

Capítulo Dezessete - Você e que exército?

Os meses seguintes ao nosso casamento foram um inferno.

Gary perdeu o emprego e precisou fazer uma cirurgia no joelho. A mãe dele tentou forçá-lo a se divorciar de mim. A tia dele ligou para o serviço social tentando arrancar a Tiffany de nós. O pai dele largou a mãe dele de vez. Quais as probabilidades de tudo isso ter acontecido no mesmo tempo?

O demônio não ia me deixar ir embora tão fácil.

Eu e a família de Gary queríamos um divórcio. Gary queria lutar por mim.

Decidido a mudar de vida para garantir o apoio de nossos familiares e para poder nos dar uma vida mais digna e mais confortável — e para aumentar meu desejo por ele, porque eu amo homens militares — ele largou a metanfetamina e entrou no Exército Dos Estados Unidos. Quando ele me deu a notícia, eu perguntei:

— Quando a gente vai para a base?

— A gente não vai para a base. Eu vou.

— Oi?

— Shelley, eu preciso ir para o treinamento básico durante 10 semanas na Carolina do Sul, depois vou para o treinamento avançado em San Antonio no Texas durante oito semanas. E então, daqui uns 4 meses e meio, a gente vai poder ficar junto.

Mas o que eu vou fazer sozinha? Sozinha durante 4 meses e meio? Sendo uma recém-casada? Não. De jeito nenhum.

Deixa eu contar para você como eu resolvi isso. Fiz o que qualquer esposa psicopata e ex-prostituta faria: fui para um psiquiatra e consegui um atestado de doente mental e o exército me deixou ficar na base durante o treinamento do Gary.
Foi assim que eu enganei o exército da maior potência do mundo.

Mas o Gary não ficou muito feliz com o que eu fiz. Deve ter sido, no mínimo, desconfortável ser chamado para o escritório particular do seu comandante. Preocupante quando ele disse ter uma mensagem importantíssima da cruz vermelha. E decepcionante quando ouviu que por conta dos distúrbios mentais de sua esposa, ele precisaria ir buscá-la no Texas.

Se fosse apenas uma saidinha da base, acho que ele até me agradeceria. Mas ele realmente não ficou feliz com isso porque ele precisou refazer todo o seu treinamento básico para ir me buscar.

Mas sendo sincera, eu tinha mesmo distúrbios mentais. Eu nem precisei mentir tanto para conseguir o laudo. Eu só usei a minha insanidade ao meu favor.

Quando eu vi o Gary, ele estava muito bonito. Não podia acreditar. Depois de marchar, correr e carregar peso durante dois meses no exército, Gary estava com um corpo maravilhoso!

Ele também voltou com um nome forte: Sd. Garrett Lubben. O exército não permitia apelidos e nem fracos, e fez o Gary voltar um homem de lá!

Garrett... gostei desse nome.

Mas havia um problema. Garrett estava sóbrio e com a vida endireitada. Eu estava viciada, com doenças mentais e com demônios me atormentando e controlando a minha vida. E pior do que isso: Garrett tinha virado um gostoso com tanquinho e eu tinha virado uma gorda.

Eu nunca tinha me sentido tão feia na minha vida. Principalmente quando eu reclamava disso um dia e o Garrett me respondeu:

— Só tem mais de você para amar agora, Shelley.

Obrigada por me chamar de gorda, amor.

Mas pelo menos, agora tinha se tornado impossível voltar para a indústria do sexo. Ninguém iria querer assistir uma gorda pelada transando e muito menos fazendo strip ao som de uma música sensual.

Assim, Garrett buscou a sua esposa gorda, precisou refazer seu treinamento exaustivo e nós fomos juntos ao Texas.

Como Garrett ganhava pouco no exército, assim que chegamos em Fort Sam Houston, Texas, eu precisei sair para arrumar um emprego. Vaguei pelas ruas procurando anúncios. Quando já estava suada e me revoltando com aquela situação, vi uma placa sobre um bar que anunciava uma vaga de bartender. Entrei no bar. E tendo MUITA experiência com bares e drinks, consegui o trabalho.

Finalmente eu estava do outro lado do bar. Quando o assunto era preparar bebidas, eu era melhor — Claro que eu era, eu era uma alcoólatra!

E além de ser a melhor naquele lugar, os clientes me amavam, o que me fazia gostar muito daquele trabalho. E foi assim que enquanto Garrett estava sendo escravizado no exército, Tiffany ficava com uma babá no nosso novo apartamento, eu e meus novos amigos do bar festejávamos todos os dias e todas as noites.

Depois, a cada duas semanas, quando o exército dava uma folguinha ao Garrett, eu fazia uma pausa nessas festas para tentar ser uma esposa de verdade.

Eu sentia que as coisas finalmente começaram a funcionar para mim: marido bonito e trabalhador, filha sendo supervisionada por uma babá que não usava drogas e nem era uma stripper, ganhando dinheiro com um trabalho de gente normal. Tudo ia uma maravilha. Mas... Tudo estava bom demais para mim. Então eu tentei estragar tudo ao fazer uma das piores coisas da minha vida.

Uma noite, quando eu estava bêbada e sem dinheiro no bolso, acabei aceitando me prostituir para um dos clientes do bar.

Na minha mente bêbada, confusa e doente, eu não estava fazendo aquilo por ser uma viciada em dinheiro fácil, mas por ser uma mãe e esposa responsável que estava ajudando a sustentar a sua família!

Para piorar minha situação, desse momento de fraqueza e piranhagem, veio a consequência de uma vida inteira: três semanas depois eu descobri que estava grávida.

O homem com quem transei era preto. Não daria para esconder se o filho fosse dele. Se eu não me suicidasse pela vergonha antes, Garrett me mataria dessa vez.

Na noite em que transei com aquele cara, meu Deus, como eu me senti culpada. Como eu me odiei por ter feito aquilo. Eu sabia que era errado. A prostituição não era mais parte da minha vida. Eu me senti tão mal na hora, que transei com o cara só por um minuto e depois empurrei ele de trás de mim já me sentindo culpada por ter feito aquilo com o Garrett. Usamos camisinha. E eu achei que não podia haver nenhuma consequência grave, mas mesmo assim, eu estava grávida.

Eu era uma maldita. Uma amaldiçoada condenada para sempre a viver nas trevas e na corrupção. Eu tinha estragado tudo e não conseguiria fingir que não tinha.

Escorraçada pela minha consciência para falar a verdade para o Garrett, liguei para ele e disse estupidamente:

— Garrett, eu tenho uma notícia horrível. Mas antes que eu a conte, você precisa prometer que não vai me largar. Você promete que não vai me largar se eu contar?!

— Sim, Shelley, eu prometo.

— Jura?

— Juro.

— Tá... Eu transei com um cara quando estava bêbada...

Silêncio.

— ... e agora eu estou grávida.

Desligou o telefone.

Dessa vez ele vai me largar.

Chorando desesperada eu entrei na banheira, liguei a água e chorei até encher o boxe do banheiro com minhas lágrimas. Eu nunca tinha me arrependido tanto na minha vida. Por que eu fiz isso? Odiei o que

fiz. Odiei o meu pecado e minha ingratidão contra Deus e contra o Garrett.

Como pude fazer isso?

Tendo os olhos já inchados, eu Implorei desesperada para Deus:

— Deus, por favor, Deus, por favor, eu te imploro: faça que esse bebê seja do Garrett. Por favor, me perdoa e tende misericórdia de mim. Por favor. Faça que seja do Garrett. Me ajuda. Eu prometo te obedecer em tudo. Eu prometo!

Uns dias depois, Garrett chegou em casa. Ele me encarou, não falou nada e foi para o quarto. Fiquei seguindo ele pela casa, implorando o perdão dele e jurando por Deus que eu faria qualquer coisa para salvar nosso casamento. Prometi até parar de beber.

Também prometi que se aquele bebê não fosse dele, eu o daria para a adoção. Depois de o seguir de joelhos pela casa, ele finalmente me disse se ajoelhando e olhando nos meus olhos:

— Não importa o que você faça, eu não vou te deixar. Eu vou continuar com você. Eu nunca vou te abandonar porque eu decidi te amar.

E ele continuou. E ele não me abandonou. E ele me amou. Mas eu vi a dor nos olhos dele. Eu tinha esmagado o seu coração, e vê-lo nesse estado, após ouvir suas palavras, triturava o meu coração e lançava suas partes para os dentes afiados do remorso...

Garrett finalmente terminou seu treinamento e foi mandado ir a Fort Lewis, Washington. Graças a Deus. Eu precisava sair do Texas e ir para bem longe daquele bar.

Atravessamos o país dentro do pequeno Datsun preto, o que fez a coitada da Tiffany, uma criança agitada, ficar sentada durante 3.218 quilômetros.

Depois de dirigir rezando durante horas e horas na Oregon Coast, eu ouvi uma Voz me responder dizendo:

— Confie em Mim, Shelley.

Eu não tinha escolha senão confiar em Deus. Não havia ninguém mais em quem confiar. Garrett passava a maior parte do tempo fora de casa

e mal conseguia falar comigo quando chegava. Meus pais estavam longe e não se importavam comigo. Minha madrasta me odiava. Eu não tinha nenhum amigo. Era apenas Deus, eu, e o bebê que crescia dentro de mim.

Nas noites solitárias, eu costumava a dizer chorando sobre minha barriga inchada:

— Bebê, perdoe que sua mãe seja tão burra. Eu realmente te amo.

Meu coração se despedaçava ao pensar em dar para a adoção aquele bebê. Todos os dias, sem exceção, eu me ajoelhava implorando para Deus ter misericórdia de mim e fizesse aquele bebê ser do Garrett:

— Por favor, Senhor, tende misericórdia de mim. O Senhor já me salvou várias e várias vezes quando eu era uma prostituta. Me salva mais essa, Senhor, por favor.

Eu era uma bagunça emocional.

Durante a noite, eu tinha flashbacks e pesadelos com cenas do meu passado. Dezenas de imagens de sexo com homens sujos me assombravam e eu acordava gritando e esmurrando meu travesseiro.

Durante o dia eu era uma bipolar. Uma hora eu estava furiosa e jogando coisas na parede, noutra eu estava triste e chorando no chão. Garrett achava que eram os hormônios da gravidez. Mas eu sabia que não eram. Eu estava literalmente guerreando contra os demônios do passado e a opressão demoníaca do presente. E eu estava me saindo mal nessa guerra: eu precisava de ajuda.

Eu precisava de uma igreja.

Desesperada por ajuda, peguei um catálogo amarelo e escolhi a primeira igreja em que o meu dedo encostou, uma igreja chamada “Centro dos Campeões”.

Eu queria ser uma campeã, então ela me pareceu uma boa opção.

Domingo chegou. Dirigimos com o Datsun velho até aquela igreja linda. Senti vergonha do nosso carro. Entramos. Todo mundo estava alegre: papais e mamães conversavam na área das crianças enquanto crianças felizes corriam e subiam nos brinquedos.

Senti raiva da família em que cresci. Eu queria desaparecer dali. Eu me sentia como uma maçã podre entre belas maçãs no mercado.

Para aumentar o contraste ainda mais, destoando com minha depressão, pessoas pulavam para cima e para baixo e balançavam as mãos de um lado para o outro ao som de um coral eufórico e ensurdecedor.

Por que elas estão tão felizes?

— TODAS AS COISAS SÃO PO—SSÍ—VEEEIS — sob luzes fortes cantava e dançava o coral estrondoso de pessoas vestidas com um manto roxo.

Impressionada com toda aquela luz e com a força daquela música, eu caí na cadeira e abaixei minha cabeça. Paranoica, eu pensava que alguém poderia me reconhecer como " aquela Roxy daqueles filmes".

Olhei para o Garrett tendo o medo em meus olhos. Ele sorria como um menino numa festa de criança. Ele estava acostumado com a luz e com a música. Eu estava acostumado com a morte e com a degradação e temia que elas me alcançassem naquele ambiente lindo. De cabeça baixa, fiquei imóvel no banco.

A música parou e um jovem pastor subiu no palco gritando energia:

— O SUCESSO COMEÇA NO DOMINGO!!!

Em seguida, ele louvou o Senhor, abriu um livro e disse que pregaria sobre os nove testes, para sabermos se estávamos no caminho certo ou algo do tipo. Nada daquilo fazia sentido para mim.

Eu estava pegando Garrett pelo braço e me levantando para ir embora, quando ele parou de falar e apontou o dedo diretamente para mim.

— Sabia que VOCÊ tem um campeão dentro de você?

Aquelas palavras me atingiram como um caminhão de uma tonelada. Chutando, gritando e esperneando dentro da minha alma, aquela garotinha pequena e talentosa estava desesperada para sair. Trancada no inferno por quase dezessete anos, ela queria se libertar!

— Eu tenho? — disse baixinho antes de desatar a chorar e ter dezessete anos de dor enterrada explodindo para fora de mim.

Enquanto ele falava, eu chorava a minha má vida na frente de todos. Não consegui esconder. Uma ameba feita de milhões de pedaços traumatizados, eu chorei por todas as injustiças que eu sofri desde quando eu era uma criancinha. Chorei a dor absurda que senti ao ser rejeitada por meus pais. Chorei o ódio imenso que eu tinha de mim mesma. O culto feliz se tornou funeral do meu fingimento, onde mentira após mentira veio à luz. Foi um encontro único com a verdade.

As palavras com as quais o pastor encerrou o culto foram:

— Resista ao mal e ele fugirá de você.

Soluçando, tendo a cabeça enfiada no braço do Garrett, eu ouvi aquelas palavras e soube o que eu tinha que fazer.

Fui para casa. Me ajoelhei. Rezei:

— Jesus, perdoe todos os meus pecados, que são muitos. Por favor, tenha misericórdia de mim e me ajude durante essa gravidez. Faça, Senhor, por favor, que esse bebê seja do Garrett. Por favor, Senhor. Sei que eu apenas mereço ser jogada no lixo ou em lugar pior mas, Senhor, eu preciso desesperadamente de Ti e o Senhor disse que me ama. Por favor, me ajuda.

Enquanto eu rezava, Alguém entrou no quarto. Imediatamente senti Sua Presença. Era Cristo.

O Mesmo Jesus Cristo que eu conhecia quando criança. O Mesmo Jesus que estava comigo na fuga do México. O Mesmo Jesus Cristo que estava comigo na gravação do meu primeiro pornô e do último pornô. O Mesmo Jesus Cristo que me salvou da morte e que me enviou um marido que me amava.

Ele nunca tinha me deixado.

Eu me arrependi de cada pecado que cometi, e agradeci com todo o meu coração por não estar viva naquele momento em que eu poderia estar, com toda a razão do mundo, ardendo no inferno.

Então outro alguém entrou no quarto. Reconheci aquela presença sombria e familiar. Mas Cristo não se moveu.

Forte e belo, Ele estendeu suas mãos, e me chamou a fazer o impossível e tendo uma bíblia na mão, um bebê no bucho e uma fé renascida, eu caminhei até Cristo, Lhe dei minha mão, e juntos declaramos guerra contra satanás.

ATO V - Conheça a Shelley #2

Capítulo Dezoito - Isso é apenas um teste

"Feliz é o homem que persevera na provação, porque depois de aprovado receberá a coroa da vida que Deus prometeu aos que o amam."

- Tiago 1:12

Comecei a ir na igreja todas as quartas e domingos.

Garrett era escravizado no exército enquanto eu aprendia a passar nos testes para provar o meu potencial pessoal. Tendo três meses de gravidez e esperança no futuro, eu começava os meus dias com uma oração e uma breve leitura da Bíblia. À noite eu trabalhava como garçonete no restaurante Acapulco Mexican.

Antes eu costumava a ser La Huera Loca que escandalosamente roubava toda a atenção do lugar, agora eu era uma garçonete humilde que discretamente recepcionava com doçura os clientes que chegavam:

— Hola, queridos, bienvenidos ao Acapulco Mexican.

Quando eu falava espanhol, meu chefe mexicano perguntava onde eu tinha aprendido.

— Eu sou da Califórnia — eu explicava sorrindo.

Os domingos eram o meu dia favorito da semana. Amava me apressar para dentro da igreja e pegar o melhor lugar: primeira fileira, no centro.

— A meta de cada um aqui deve ser passar no teste — o pastor pregava.

Conforme ele passava pelos nove itens do teste, eu via que falhava em todos.

— Você se ofende facilmente? —

— Não!

— Você sabe por quê faz o que faz? — o pastor perguntou aos fiéis.

Porque eu quero alguma coisa. Dããã.

— Você é paciente? Consegue passar no teste do tempo? Você pensa a longo prazo?

Ele podia falar mais rápido. Quero ir embora logo. Eu tô com fome.

— Você respeita a autoridade de Deus na sua vida?

— Ninguém manda em mim — sussurrei com um pequeno sorriso de deboche.

— Como os outros veem você? Você consegue passar no teste de credibilidade?

Glup.

Eu odiava pensar em como os outros me viam.

Milhares de cenas de sexo em que eu era abusada enquanto eu era chamada de "cachorra" ou de "safada" e de "putinha" começaram a rodar na minha mente.

Depois de mais algumas perguntas, o culto finalmente acabou. Me despedi do pessoal e fui para sala da escola dominical buscar minha filha Tiffany, que já tinha 8 anos nessa época. Busquei-a, dei tchau para as professoras e tendo Tiffany segurando minha mão, fui para o estacionamento. Quando entrei no Datsun velho, olhei para a minha barriguinha estufada e fiz um pequeno acordo com Deus.

— Deus, eu prometo te obedecer e mudar de vida. Mas, por favor, faça esse bebê ser do Garrett...

Chegando em casa, fiz um super prato italiano: macarrão com queijo. Sim, a comida não tinha graça nenhuma mas era o que eu podia pagar.

Além do mais, eu não sabia cozinhar. E por mais que fosse ruim, a Tiffany gostava da minha comida. Eu acho. Enfim, ela e eu estávamos famintas e comemos tudo!

As semanas cinzentas e chuvosas de Washington passaram e chegou o dia do meu primeiro exame pré-natal. Já fazia anos que eu não ia ao médico, excluindo, é claro, as idas por uma overdosezinha ou outra. Essas daí não contavam. Dessa vez eu estava indo de verdade e era uma consulta especial: eu iria ouvir pela primeira vez os batimentos cardíacos do bebê.

Esperei na fila do consultório até chamarem:

— Shelley Lubben.

Ri um pouquinho.

O nome ainda soava estranho.

Uma moça com cara de morta me entregou uma papelada mandando me assiná-la.

Olhando aquela massa de papéis, arregalei os olhos com a quantidade de perguntas que nela. Fiquei espantada. Uma grávida e esposa veterana de militar, que esperava sua vez ao meu lado, se divertiu com a minha expressão e me disse:

— Bem vinda ao exército, bem-vinda a essa trilha mortal de papéis

Seja lá o que isso significa.

Fingi entendê-la dando um sorriso amarelo. Depois, examinando a papelada, comecei a ler as perguntas uma por uma. Fiquei assustada.

— Doenças cardíacas?

Não.

— Doenças renais?

Não.

— Doenças no fígado?

Não...

— HIV?

Não... Eu acho.

Odiei aquelas perguntas. Elas me fizeram relembrar o meu passado. Eu só queria esquecê-lo, mas essas perguntas idiotas eram grandes lembretes dele. Milhares de cenas de homens me abusando voltaram a rodar na minha mente. E logo as vozes malignas também vieram:

— Você nunca vai se livrar do seu passado, sua putinha do caralh...

— SAI DAQUI EM NOME DE JESUS — calei as vozes com esse berro mental.

Respirei fundo e olhei ao redor para ver se alguém tinha percebido os meus segundos de insanidade. Ninguém. Voltei a olhar para a papelada e larguei a caneta. Eu não podia mentir. Talvez isso afetasse o bebê. Entreguei a papelada sem ter respondido tudo.

Quase uma hora depois, eles me chamaram.

Entrei numa salinha, onde eu fiquei nua, fiz xixi num teste de urina e troquei as minhas roupas por uma camisola hospitalar. Sentindo um vento frio naquelas partes, entrei na sala de exames, onde sentei naquela cadeira de ginecologia com as pernas abertas.

Me senti muito humilhada.

Sei que essa é uma humilhação muito estranha para alguém que já "mostrou tudo" várias vezes em frente às câmeras. Mas eu a senti.

Enquanto eu tentava pensar em outra coisa, a porta abriu e uma moça de jaleco branco entrou.

— Oi, eu sou a doutora fulana de tal, eu farei seus exames mas depois eu preciso fazer algumas perguntas. Percebi que houve algumas perguntas que você não respondeu no nosso questionário e eu preciso de algumas respostas ainda hoje.

— Tudo bem... — respondi baixinho.

Depois de um exame completo, a doutora disse que eu devia estar grávida de quatro meses.

Merda. Era o tempo que eu tinha dado para aquele cara. Agora vou precisar de um milagre.

Depois dessa notícia desanimadora, vieram então as perguntas que eu não queria: as perguntas sobre o meu passado.

Tentei afastar minha vergonha olhando para o outro lado. A última coisa que eu queria fazer era falar sobre o meu passado. Mas a doutora apelou para os meus instintos maternos dizendo que as respostas eram importantes para a saúde do meu bebê. Acenei timidamente com a cabeça e ela começou o interrogatório:

— Você já teve alguma doença sexualmente transmissível?

Com uma vergonha imensa eu suspirei a verdade:

— Sim...

Ela anotou algo no papel.

— Quais?

Me olhou esperando respostas.

— Herpes...

Anotou algo.

— Na forma vaginal ou oral?

— Nas duas...

Continuou a anotar.

Por que ela tá anotando tanto?

– Senhora, você está interessada em participar de uma pesquisa do exército?

E em seguida ela falou que a pesquisa seria sobre gestantes com herpes. Então ela me olhou ansiosa, esperando uma resposta. Percebendo o interesse daquela médica por mim a mulher de negócios em mim assumiu o controle.

— O que eu ganho em troca?

— Você não receberá dinheiro para participar mas, caso participe, que seria algo muito simples aliás, bastaria algumas amostras de sangue, receberá exames de ultrassom, atendimento personalizado e cuidados especiais por uma equipe atenciosa de especialistas.

A minha parte desesperada por atenção sorriu.

— Sim, eu vou participar da pesquisa.

— Ótimo! Mas antes de você ingressar na pesquisa, vamos coletar o seu sangue e fazer um teste de HIV.

Glup.

Essas três letras formavam a combinação mais abominável do universo. Formavam a palavra maldita da indústria. O pesadelo mais monstruoso de qualquer mulher nos anos 90.

Estendi meu braço. Ela coletou o meu sangue e o levou embora em tubinhos. Quando disse que tinha acabado, peguei minha bolsa e saí.

Toda aquela tensão me deixou morrendo de fome, então precisei ir na nova hamburgueria perto de casa e pedir alguns hambúrgueres de 1 dólar.

Como eu estava grávida e faminta, tinha essa hamburgueria perto de casa, sempre tinha 1 dólar no bolso e comia sempre que eu estava estressada, eu acabei virando uma gorda. E como eu estava MUITO estressada com os testes de herpes, largar a bebida e ter um bebê que talvez fosse de um estranho, eu acabei virando uma obesa.

Quando Garrett voltou do campo básico depois de semanas e, no lugar de sua esposa magrinha, encontrou uma gorda feia.

Eu senti muita vergonha.

No tempo em que ele estava fora, minha rotina tinha sido basicamente acordar, rezar para não ter o filho de um estranho dentro de mim, comer, ler a Bíblia, comer, ver TV, comer, ouvir as fitas com as gravações do meu pastor, comer, dormir, acordar, comer e repetir. Essa rotina me deixou no estado vergonhoso em que Garrett me encontrou.

Aliás, eu estava passando vergonha em muitas coisas.

Eu estava realmente tentando obedecer Deus em tudo o que eu fazia. Mas isso era bem mais difícil do que eu pensava. Passar nos testes estava sendo muito difícil, e eu vergonhosamente falhava em muitos. Mas em minha defesa, fazer os testes para ser uma campeã, estando numa base militar repleta de homens e álcool e comida, não era nada fácil para uma ex-atriz pornô traumatizada.

Os testes para ser uma campeã ficavam especialmente difíceis quando eu ouvia as canções militares cadenciadas ser cantadas por vozes graves e másculas. Quando a tropa passava na frente de casa, eu desistia de tudo e ia ficar sentada na varanda comendo salgadinho e olhando seus corpos perfeitos e seminus.

Delícia... esse salgadinho, é claro!

Agora falando sério, as tentações e os desafios estavam me vencendo e eu já estava quase sem forças. Depois de reclamar sobre minha situação para Deus durante os dias e as noites, Ele me respondeu.

Era domingo e eu tinha pego o primeiro ligar na igreja. Tendo uma caneta numa mão e a Bíblia na outra, eu fazia as minhas notas enquanto o pastor citava Oséias 4:6:

-... O meu povo perece por falta de conhecimento.

Pô, não é à toa que a minha vida é uma merda. Anotei no meu caderno. *Ninguém nunca parou para me ensinar nada!*

O pastor continuou a pregação:

— As pessoas culpam seus problemas pelo fracasso nas suas vidas, mas quem me dera se elas percebessem que seus problemas são oportunidades de evolução.

Caramba. Uma luz gigante acendeu dentro de mim. *Eu nunca tinha visto os meus problemas como oportunidades. Então outra luz acendeu. Espera, se eu tenho um monte de problemas, quer dizer que eu tenho um monte de oportunidades de ser alguém melhor!*

Anotei tudo sorrindo pela sabedoria que eu tinha recebido, e fui para casa pensando em meios de enfrentar os meus problemas como oportunidades para ser alguém melhor.

Aquelas palavras ficaram girando na minha mente pelo resto do dia *"o meu povo perece por falta de conhecimento."* Eu não queria mais perecer. Eu já tinha me cansado de ser uma perdedora e não queria mais perecer por ser burra.

Então eu declarei a burrice como uma das minhas principais inimigas.

Na manhã seguinte, eu acordei e dirigi até a livraria pública mais próxima da minha casa.

Quando eu atravessei aquelas portas, senti um grande frescor na minha alma.

A garotinha curiosa ainda estava viva e ansiosa para ver coisas novas!

Avidamente eu peguei livros sobre tudo. Eu queria aprender sobre tudo o que me cercava. Eu andei pelas estantes pegando livros que falavam desde culinária Italiana às plantas do estado de Washington. Mas quando eu cheguei na estante sobre amamentação, eu parei.

Era muito doloroso esperar por uma alegria tão especial sem ter a esperança de que ela seria realizada.

Como ler sobre amamentação sem saber se eu ficaria com o meu bebê?

Parei diante do corredor e abaixei a minha cabeça. Eu queria muito ficar com o meu bebê. Lágrimas encheram os meus olhos que alternavam entre a minha barriguinha inchada e os livros da estante.

— Shelley, confia em Mim. Pode pegar o livro — a Voz gentil me disse.

Eu sabia que era Deus. Mas eu estava indecisa. Era tão difícil confiar n'Ele. Eu carregava tanta dor e tantos traumas do meu passado... Era tão difícil confiar. Eu não confiava em ninguém. Mas eu sabia que eu precisava confiar em Deus.

— Tudo bem... — respondi.

Com a mão trêmula eu peguei o livro sobre amamentação e fui para casa.

Então, lendo aquela montanha de livros de culinária, em pouco tempo aconteceu: comecei a cozinhar!

Garrett ficou traumatizado de novo. Ele chegou em casa e havia um banquete completo com pão de alho e todo o resto. E sim, eu fiz spaghetti. Venho de Italianos, lembra?

A cozinha italiana era fácil para mim. Lembro da Nonnie me ensinando a fazer Veal Scaloppini quando eu era criança. Ela me deu as minhas melhores memórias de infância, e agora que eu era uma adulta, eu queria ser como ela. Então, fiz spaghetti com almôndegas para o meu marido esfomeado enquanto minha filhinha Tiffany me via cozinhando. Ambos amaram o meu primeiro banquete? um grande símbolo de vitória.

E quando eu estava super feliz com a minha evolução, cozinhando, sendo uma boa mãe e me esforçando para melhorar nas outras áreas da minha vida, o telefone tocou e arrancou essa alegria de mim.

Era o exército.

Uma voz do outro lado da linha disse:

— Senhora Shelley, precisamos que você venha até a clínica para ver a doutora.

— Por quê? Tem alguma coisa errada com o meu bebê?

— Venha à clínica e a doutora te dará mais informações.

Ela pareceu séria e eu fiquei preocupada.

— Mas por que? Que houve? É sério?

— Venha à clínica.

Fiquei apavorada.

Apareci na clínica uma hora antes, tendo os olhos repletos de medo. Mas enquanto eu esperava naquela fila, eu decidi confiar em Deus. Eu falei para Ele que realmente não queria ouvir más notícias. Tendo temor nos olhos e confiança em Deus, eu sentei e esperei.

— Chegue no horário e espere — uma outra mãe resmungou para mim.

— Pois é...

E assim, eu esperei e esperei e esperei e esperei e esperei até que finalmente me chamaram:

— Shelley Lubben.

Fui para o banheiro e mijei com pressa no teste de urina. Corri para a sala. A doutora estava me esperando e sem ter qualquer emoção me disse:

— Shelley, eu lamento te informar...

Meu coração parou.

— ... Mas você não pode participar do nosso estudo sobre a herpes. Você não tem herpes.

— QUÊ?

— Você não tem herpes.

— Como assim?! Isso é impossível. Fui diagnosticada com herpes e estava me tratando com Zovirax.

— Não. Você não tem o Herpes Simplex Vírus — a doutora falou com firmeza.

Então ela explicou que o exército realizava os testes com tecnologia avançada, que o meu teste tinha sido feito no Madigan Army Medical Center, um dos melhores centros médicos dos Estados Unidos, e que portanto o exército não tinha errado: eu não tinha herpes.

Sentei em choque.

Então ela me examinou enquanto eu olhava para o teto com uns olhos enormes. Quando ele terminou e saiu, eu estava tão impressionada, que tentei pôr minha roupa ao contrário. Zonza com tudo aquilo, ouvi a Voz suave dizer

— Shelley, isso é uma pequena recompensa por estar Me seguindo.

É O QUE?????

Não podia acreditar. Deus me curou da herpes simplesmente porque comecei a segui-Lo. Eu nem tinha melhorado naquele teste da igreja. Eu só fiz um esforcinho e agora eu tinha sido curada de uma doença incurável???

Achei que eu ia desmaiar ali mesmo.

Lotada de alegria e num estado completo de choque, eu cheguei até o carro e fui para casa. Dessa vez eu fui direto. Não passei para comer nada. Não conseguia comer nada. Você tá de sacanagem? Como eu ia pensar em comida naquela hora? DEUS CUROU A MINHA HERPES!!!!

Cheguei em casa e esperei Garrett explodindo de ansiedade para lhe dar a boa nova. Quando ele chegou, eu saí correndo para abraçá-lo. Dei um dos maiores beijos da minha vida nele.

— Você não sabe o que aconteceu!!! — falei com um sorriso imenso no rosto.

— Que foi, Shelley?

Fiz uma dancinha gospel jogando os meus braços para o alto e de um lado para o outro, então pulei no colo dele e berrei no ouvido dele:

— EU NÃO TENHO MAIS HERPES!!!!!!" A DOUTORA DISSE QUE O MEU TESTE DEU NEGATIVO E QUE EU NÃO VOU PODER PARTICIPAR DO ESTUDO!!!!"

Garrett não entendeu nada. Perguntou os detalhes. Contei para ele e ele ficou muito feliz! Então ficou mais feliz ainda quando eu o arrastei ao nosso quarto para celebrarmos o meu novo status de esposa sem herpes!

Nunca vou esquecer a maluquice desses primeiros meses. Deus me testou várias vezes, desde o teste da igreja até o teste de herpes, desde coisas minúsculas até o teste da carteira de motorista de Washington, desde o teste de HIV até o teste de credibilidade e até no teste de ser uma garçonete paciente, discreta e gentil.

Eu realmente fui testada várias vezes. E quer saber de uma coisa?

EU PASSEI!

Capítulo Dezenove - Um parto especial

"Porque ele me ama, eu o resgatarei; eu o protegerei, pois conhece o meu nome."

Salmo 91:14

Nada me impediria de provar o meu valor para Deus e de conceber um bebê caucasiano saudável.

Nessa época eu estava grávida de sete meses.

— Senhora, o seu bebê é muito pequeno. Realizaremos alguns testes e um ultrassom.

Acenei com minha cabeça olhando os rostos sem expressão dos funcionários do hospital.

Não é à toa que chamam esses caras de robôs.

Garrett e eu fomos para a sala de ultrassonografia, onde outro médico veio para me examinar. Nesse hospital militar, onde corria solto o rumor de que eles estavam desenvolvendo armas biológicas. Rumor que se tornava plausível quando eu pensava nos rostos dos funcionários e no experimento em que eu quase entrei e no fato de eu nunca ter o mesmo médico. Todas essas coisas me davam o sentimento de que eu era uma cobaia humana ali.

Mas apesar de todo esse clima assustador, a doutora dessa vez era anormalmente simpático:

— O seu bebê tá brincando de pique-esconde — ela disse sorrindo e olhando o ultrassom — Finalmente, temos um sinal de vida!

— Meu bebê é um menino ou menina?

— O pé dele tá na frente. Não consigo ver.

Então a médica movimentou o aparelho, tentando ver por ângulos diferentes, mas como estava tudo muito apertado, ela não conseguiu ver nada. Então ela virou para mim e disse:

— O seu bebê está em posição pélvica e está anormalmente pequeno devido a um retardo do crescimento uterino. Provavelmente faremos uma cesariana daqui umas seis semanas ou mais.

— Meu bebê é retardado?! — perguntei assustada.

— Não, senhora, seu bebê não é retardado — a doutora disse rindo. E depois me garantiu — O seu bebê não cresceu corretamente por conta de uma insuficiência placentária, e por isso que ele está tão pequeno. É uma condição chamada de restrição de crescimento intrauterino. Não há nada com que se preocupar. Mas por segurança, precisaremos monitorar o seu bebê com mais frequência. Ok?

Comecei a hiperventilar. Garrett tentou me acalmar. Comecei a chorar. Ele sentiu pena de mim. Ele conhecia o inferno que eu estava enfrentando, e sabia que receber uma notícia ruim sobre o nosso bebê já era demais para mim. Comecei a lamentar entre as lágrimas:

— Garrett... como... deixei isso acontecer??? — exprimia limpando o catarro do nariz — Tudo estava indo tão bem.... Eu tô rezando... e praticand.... Palavra do Senhor e fazendo tudo o que o pastor mando... e... e... Agora o NOSSO BEBÊ É RETARDADO!!!

— Amor — ele falou gentilmente — nosso bebê não é retardado. Ele é apenas pequeno para o tamanho esperado nessa fase de gestação. A médica vai monitorá-lo atentamente. Fica tranquila. Deus não levou a tão longe para nos mandar um bebê doente.

Derreti em seus braços.

— E, Shelley — ele levantou meu queixo e olhou nos meus olhos — quero que você saiba que eu confio que Deus nos deu um filho meu.

Chorei até soluçar. Como eu precisava ouvir essas palavras gentis. Envolta em seus braços, ele me abraçava forte enquanto eu chorava em seu peito. Eu estava com tanta saudade do meu melhor amigo. Ele passava tanto tempo fora que acabamos nos afastando.

Esse momento doloroso deve ter acontecido por algum motivo, eu pensava enquanto a médica nos olhava sem entender nada.

Nos despedimos de uma doutora confusa e sem graça, saímos da clínica e entramos no carro, onde desgastada física e mentalmente do

meu processo de cura da antiga vida, do meu trabalho, da gravidez e da má notícia, eu caí num sono profundo ao som dos pingos de chuva enquanto Garrett dirigia até nossa casa.

Aliás, talvez eu não tenha mencionado esse fato: tendo cento e cinquenta dias de chuva por ano, eu estava na cidade conhecida como "a capital do suicídio" na América.

Um lugar perfeito para uma ex-atriz pornô que se recuperava dos seus traumas.

Na madrugada chuvosa de 3 de Janeiro de 1997, a hora da verdade chegou. Eu estava pronta para qualquer coisa. Com uma bíblia na mochila, um bebê pequeno no ventre, Garrett do meu lado e Jesus no meu coração, entrei destemidamente no hospital para fazer a minha cesariana.

Fiz o check-in e fui levada para uma antessala do centro cirúrgico, onde tirei minhas roupas e pus a camisola hospitalar. Quase nua e pronta para parir, fui levada pelas enfermeiras para o centro cirúrgico. Passamos por aqueles corredores imensos até entrarmos numa salinha em que um leito estava pronto e uma equipe médica esperava. Deitei sobre o leito e Garrett, um homem repleto de uma gentileza sobrenatural, ficou em pé ao meu lado e segurou firme a minha mão que tremia. Ele sorriu para mim e disse que estaria ao meu lado, não importando o que acontecesse. Eu apertei sua mão e tentei não chorar.

Deus, por favor, Senhor, por favor faça esse bebê ser do Garrett.

De repente, tudo começou. Recebi a anestesia, os médicos se aproximaram de mim, senti minha barriga ser mexida, pessoas começaram a ir de um lado para o outro, enfermeiras pegando instrumentos, médicos se movendo com pressa enquanto mexiam na minha barriga anestesiada enquanto eu repetia sem parar repetia o nome de Jesus.

Quando Garrett, um médico de combate treinado, se levantou para dar uma olhada melhor, eu soube que a hora tinha chegado. Com os olhos fechados e repetindo as poderosas palavras do Apóstolo *"tudo posso n'Aquele que me fortalece"* eu vivia o maior momento de fé da minha vida.

De repente, tudo ficou silencioso.

Então as três palavras mais reconfortantes explodirem da boca do Garrett:

— ELA É BRANCA!!!!

Em seguida ele tirou a cabeça de trás do pano e me olhou com um sorriso imenso.

Lágrimas imensas de alívio romperam os meus olhos. Outra vez eu tinha visto que Deus é Fiel. Deus não me abandonou aos meus próprios erros. Deus ouviu o meu choro e veio em meu auxílio. Agradeci imensamente pelo mais novo milagre na minha vida.

— Muito obrigada, Jesus. O bebê é do Garrett. Senhor, obrigada, obrigada, obrigada, obrigada, Senhor!

Foram as únicas palavras que saíram da minha boca durante dez minutos. As enfermeiras nunca tinham visto uma mãe mais grata a Deus do que eu.

Depois dos médicos fazerem os primeiros testes no meu bebê, uma enfermeira gentil o trouxe para mim. Meu bebê era uma menina. Era a minha nova filhinha. Me apaixonei imediatamente por minha neném polvilhada de branco.

— Por que ela está cheia desse pó branco? — perguntei à enfermeira pensando que talvez eles tivessem passado talco nela.

— Ah, isso é apenas vernix, meu bem. É uma substância branca e gordurosa que protege a pele do seu bebê. Seu bebê é prematuro, então ele tem bastante.

Olhei para o canto da sala e senti que Deus ria. Acho que Ele estava amando e achando tudo aquilo hilário.

Esse foi o início de uma relação longa e íntima com Deus, um Pai amoroso, e não um cara sentado no céu com um martelo. Um Pai cuidadoso que me amava e tinha um plano importante para a minha vida.

Segurando a minha filha recém nascida, Teresa, percebi que Deus me amava do mesmo jeito que eu amava o meu bebê.

Incrível

Capítulo Vinte - Traumas da mamãe

“Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si.”

Isaías 53:4

Deus se tornou o meu Pai. Ele sabia o quanto precisaria d’Ele para enfrentar os traumas que o meu parto ressuscitou.

Tudo era uma maravilha nos primeiros dias após o nascimento de Teresa. Eu mal sentia a dor da cirurgia. Simplesmente não prestava atenção nela. Estava apaixonada demais pelo meu pacotinho de 5 quilos de fofura no meu braço para dar atenção a qualquer coisa desagradável.

Minha filhinha prematura, enrolada naquelas cobertas, era muito pequenina, sequinha e quase sem gordura. Vendo minha filha magrinha tão magrinha, a mãe heroica em mim ganhou forças e cuidou com orgulho da sua nenzinha!

No início, era muito difícil amamentar. Meus dutos de leite tinham sido machucados quando botei silicone. O direito estava mais machucado do que o esquerdo. Então quando Teresa terminava de mamar o leite do meu seio esquerdo, ela começava a chorar desesperada enquanto eu tentava espremer algum leite do direito. Ver minha filha com fome sem que eu pudesse alimentá-la com o meu leite materno, foi uma das experiências mais frustrantes da minha vida.

Por sorte, essa experiência não durou muito porque depois de algumas semanas horríveis, os dois seios começaram a funcionar bem, permitindo que amamentar o meu bebê se tornasse a experiência mais bonita da minha vida.

Em manhãs quietas, ao som da chuva batendo na janela, eu amamentava Teresa ainda embaixo das cobertas. O conforto que ali eu sentia é indescritível. Eu não estava apenas nutrindo e aquecendo a minha filha, eu estava usando os meus seios para algo nobre e belo. Eles não eram mais objetos de desejos baixos e imundos. Não. Meus seios agora davam a vida para outro ser humano e isso fazia eu me sentir incrivelmente feminina.

Mas...Esses sentimentos logo davam espaço para sentimentos extremamente depressivos.

Num primeiro momento, eu tive raiva de mim mesma por não estar alegre enquanto eu deveria. Depois eu li sobre a depressão pós-parto e achei ter entendido o meu problema. Mas quando muito tempo se passou após o parto, e eu ainda tinha sintomas que pioravam enquanto pesadelos e noites de insônia aumentavam, eu soube que tinha algo de errado comigo.

Entra o Trauma.

Toda vez que eu segurava Teresa, eu tinha vontade de chorar. Por que? Porque eu era assombrada pelos pensamentos de que minha mãe nunca tinha me amado como eu amava o meu bebê.

Por que ela não me amou como eu amo Teresa? Por que? Por que?

A espiral desses pensamentos que me atormentavam sempre era acompanhada de imagens do rosto raivoso da minha mãe que gritavam:

— Sua vagabunda preguiçosa, você nunca limpa o seu quarto! Por que você não pode ser como sua irmã? Você é uma desgraça. Eu tenho vergonha de você. Você não honra os seus pais. Sabia que a Bíblia fala que gente como você não vai viver muito?? Sabia né?! Você também sabe que pode acabar indo para o inferno por fazer uma coisa dessa com sua própria mãe né??!

A garotinha em mim se encolhia com vergonha relembrando essas palavras, acusações e ameaças.

Então as imagens mudavam para as da minha época de adolescência, e o som da voz aguda dela me xingando aumentava ainda mais:

— Você ainda me paga, sua ingrata! Sua idiota, achou que eu não ia descobrir, né sua piranha burra? Sua desgraça!!! Essa eu vou contar para o seu pai! Não se atreva a fazer isso senão...

Um flashback de um dia em que brigamos feio continuava vindo à minha cabeça. Nele minha mãe gritava:

— Eu vejo Satanás por trás dos seus olhos. Vou expulsar o demônio de dentro de você! – então pegou as roupas abençoadas que ela tinha comprado de um pastor na TV e arremessou-as em mim para expulsar o demônio —Em nome de Jesus, eu te expulso. Sai daqui demônio!

Mas os anos de abuso, em que aquela boca barulhenta passaram me destruindo emocionalmente, acabaram por me transformar no demônio que ela achava que vivia em mim.

Nesse dia, eu encarei ela com meus olhos verdes furiosos e uma cara contorcida de ódio verdadeiro. E querendo meter medo nela para ela me deixar logo em paz, eu rosnei com uma voz demoníaca:

— Sai de perto de mim, sua vagabunda imunda.

Deu certo.

Ela fugiu chamando o meu pai:

— Amor, vem logo, vem, o demônio entrou dentro da Shelley!

Meu pai veio até o quarto, mandou a minha mãe sair de perto, fechou a porta e bateu palmas. Eu ainda tinha na boca o sorriso maligno. Meu pai não era burro. Ele sabia que eu era uma boa atriz.

E então esse flashback acabava e dava lugar ao próximo que dava lugar ao próximo que dava lugar ao próximo... Tornando os meus dias uma sucessão de tormentos. Quando chegava a noite e eu esperava encontrar descanso no sono, começava o ciclo de pesadelos.

Eu não tinha descanso. Eu não tinha alívio. A minha vida tinha virado um inferno.

Eu odiava tanto a minha mãe. Eu odiava ela com tanta paixão que só de recordar ela me dizendo aquelas palavras frias, sentia um fogo arder no meu ventre.

Cheia de um ódio incontrolável, eu queria arremessar alguma coisa na parede. Mas ver a pequena Teresa dormindo no berço apagava as chamas do meu ódio, me impedindo de ter um surto violento.

Mas então as brasas começavam a ser sopradas quando eu pensava no meu pai. Meu pai, meu herói, meu traidor. O fogo reacendia. Como eu tinha ansiado por seu amor. Desejei mais do que qualquer coisa que ele tivesse me abraçado e me protegido. Lembrando de tudo o que tinha acontecido, eu repetia de novo e de novo para mim:

— Como ele pode deixar ela me tratar tão mal?

Ele deve ter visto pelo menos umas mil vezes ela me diminuindo e gritando comigo. Até os meus parentes sabiam da boca da minha mãe. Mas o meu pai era o bobão que defendia o seu amor de juventude, não importando o que ele fizesse.

Ele não passava de um apaixonado idiota. E de um egoísta que só queria saber de exibir suas ferramentas e suas invenções para receber os aplausos dela. Abusado física e emocionalmente pelo próprio pai, ele amava os elogios sem fim que minha mãe lhe dava.

Eu podia ter lhe dado esses elogios.

Eu era a maior admiradora dele. Nascida com um gênio criativo, eu era exatamente como ele. Mas ele preferia ela, a mulher que me maltratava.

Então o meu ódio se tornava incontrolável e eu arremessava com toda a minha força alguma coisa na parede.

CRASH!!!

E então Teresa começava a chorar.

Ótimo. Olha o que aquela mulher me fez fazer. Agora eu odeio ela ainda mais.

Peguei uma Teresa apavorada no berço e sentei com ela no sofá. Na hora em que pus ela no meu seio, ela parou de chorar. Olhando para a chuva sombria na janela, a sinceridade escorreu do meu coração sob a forma de lágrimas:

—Mas por que ela não me amou como eu amo esse bebê...

Era a pergunta que doía no meu coração.

Após um desses surtos, eu me lembrei do que o pastor falava sobre o perdão: a única coisa que eu absolutamente me recusava a fazer.

Eu podia passar em quase qualquer teste, mas eu não podia perdoar minha mãe e nem os homens que me machucaram. Eles fizeram tudo aquilo comigo e eu simplesmente fingiria que nada aconteceu? Não.

Ela e eles devem pagar pelo o que fizeram comigo, eu pensava e dava um sorriso sádico pensando em formas de castigá-los.

Mas nesse dia, uma Voz interrompeu esses pensamentos:

— Mas se você não perdoar as dívidas dos seus semelhantes, como Deus perdoará as suas?

A Voz e a lembrança do sermão sobre o perdão abafaram um pouco o ódio que ardia em mim. Mas eu me recusava a ouvir Deus. Eu não conseguia e nem queria perdoar.

O resultado disso foi que quanto mais eu cuidava de Teresa, mais eu sofria, xingava e amaldiçoava minha mãe que não cuidou de mim.

Quanto mais eu via aquela criança vulnerável e fraca, mais eu desejava a morte dos homens que tinham se aproveitado de mim.

O meu ódio precisava de um alvo físico para se descarregar. E ele encontrou quem estava comigo na maior parte do tempo: Garrett.

Comecei a culpá-lo por tudo o que havia de errado na minha vida. Se o meu dia tinha sido ruim, era culpa dele. Se a gente era pobre, era culpa dele. Se eu tinha estava obcecada com o meu passado durante o dia, era culpa dele. Se eu tinha pesadelos e flashbacks durante a noite, era culpa dele por não ter me confortado o suficiente durante o dia. A amargura dentro de mim estava se tornando intolerável, e Garrett estava passando do seu limite por aguentar nesse estado durante semanas.

Para adicionar mais um elemento de caos na minha vida, minha mãe começou a me chamar para ir à casa dela. Claro que agora ela chamava. Eu tinha acabado de parir o primeiro neto legitimo dela. Eu a transformara numa avó orgulhosa.

Um dia, eu finalmente aceitei o convite e fui com o meu bebê de seis semanas para o chá de bebê que ela fez na Califórnia. Mordi a minha língua, escondi meu rancor, exibi o meu bebê, abri presentes bonitos e acima de tudo isso: vi minha avó italiana, Teresa.

Eu a chamava de Nonnie, mas o nome real era Teresa. Eu amava tanto ela que pus seu nome na minha filha.

Antes que você me pergunte, fui simpática com a minha mãe. Na verdade, eu fui até doce com a minha mãe. E, à contragosto, eu percebi que, na verdade, eu estava grata por ela ter voltado a falar comigo.

Talvez ela tenha mudado...

Mas uma tarde alegre não bastava para apagar os anos do meu passado, e quando eu voltei para casa, tudo piorou.

Rever a minha mãe e a minha família, acabou trazendo ainda mais memórias do passado para me assombrar. E também não me ajudava o fato de que a mãe do Garrett não aguentava nem me olhar. Eu sentia que todo mundo me odiava, incluindo eu. Eu me sentia feia, sem valor e indigna de receber qualquer amor. Eu não conseguia arrancar de mim a crença profunda de que ninguém me amava. Acabei achando que nem mesmo o Garrett me amava.

Depois de alguns meses em casa com a Teresa, eu precisei voltar a trabalhar. Procurei e achei um emprego em outro restaurante mexicano. Achei que a mudança de ambiente me daria uma chance de

respirar novos ares, mas infelizmente eu respirei demais e senti o cheiro da Tequila atrás do bar. Voltei a beber no aniversário de seis meses da Teresa. E algumas semanas depois, eu já tinha voltado a ser uma alcoólatra. Mas agora eu era uma alcoólatra e mãe de um bebê que exigia cuidados, carinhos e atenção.

Eu me sentia a pior pessoa do mundo e, lutando entre meus dois vícios favoritos, amamentar e me embriagar, fiquei ainda mais depressiva.

Em 1997, após mergulhar numa espiral de descontrole, eu atingi o fundo do poço. Com o aniversário de um ano de Teresa chegando e com uma forte resolução de ano novo, decidi buscar ajuda clínica de saúde mental do exército, o Departamento da Saúde Comportamental. Já tinha passado da hora de ver um profissional.

Cheguei à clínica e esperei e esperei...

— Shelley Lubben.

A secretária me chamou. Deixando crianças gritando e mães esgotadas na sala de espera, entrei na sala vazia do psiquiatra.

Calhamaços imensos na mesa, panfletos sobre depressão, neurose, paranoia e outras doenças mentais. Em cima da mesa, um livro sobre esquizofrenia estava aberto sobre a mesa.

Glup.

— E se o doutor descobrir que eu ouço vozes? — disse baixinho para mim mesma.

Então, a porta abriu de repente e um homem alto, forte, vestido num uniforme do exército entrou na sala e pegou um caderninho e uma caneta. Ele sentou na cadeira e me olhou. Fiquei nervosa. Olhei para o livro de esquizofrenia. Fiquei com medo. Se ele soubesse que eu ouvia vozes, eu seria liquidada.

Comecei a imaginar o exército arrancando a minha filha, me enfiando num hospício, os eletrochoques...

—Sra. Lubben, quais são os seus sintomas?

A pergunta me fez voltar à realidade. Tive medo de contar sobre o que estava acontecendo, especialmente sobre os pesadelos e os flashbacks. Eu queria fugir dali. Ele me olhava esperando respostas.

Vou mentir.

— Doutor, eu...

Eu ia começar a mentir mas mudei de ideia. Decidi ser sincera. Aquele médico só estava na minha frente porque eu o tinha procurado desesperada por ajuda.

—... Eu tenho flashbacks e calafrios durante o dia. Durante a noite eu tenho pesadelos e acordo sentindo que alguma coisa está me sufocando. Estou exausta. Sinto muito cansaço o tempo todo e estou sempre deprimida.

— A senhora quer se matar? — ele perguntou.

— Doutor, se eu for sincera e falar tudo, você vai contar para os seus superiores e me forçar a entrar em algum programa do exército? — perguntei levantando as sobrancelhas.

Eu não era burra para sair respondendo qualquer pergunta que viesse sem pensar antes.

— Bem, se você está machucando a si ou aos outros, sim. Nós teríamos que te internar no nosso hospital, onde você receberia uma ajuda médica especializada.

— Tudo bem, então... Bom apesar de já ter tido pensamentos de morte antes, atualmente eu não estou tentando me matar.

— A senhora já tentou se matar? — ele me encarou sem nenhuma emoção.

Merda... Agora ou eu tomo cuidado ou vão me enfiar num hospício.

Cruzei os meus braços.

— Não. Eu nunca tentei me matar.

Menti. Precisei mentir. Eu não ia ser afastada da minha filha por conta das perguntinhas dele. Eu só queria uns remédios para me sentir melhor e descansar um pouco.

— Me fale sobre o seu passado.

Agora quem vai sentir medo é ele.

— Ah, doutor, eu fui uma dançarina durante oito anos.

— Você sente dores no corpo devido aos anos de dança?

— Sinto, doutor. Muitas...

Então falei para ele que eu basicamente sentia dores 24 horas por dia. Tinha dores no ombro, na lombar, no quadril e no pescoço. Ele ouviu tudo atentamente, fazendo anotações no seu caderninho. Quando eu terminei, ele perguntou como eu tinha machucado o meu ombro.

— Eu tava bêbada e fazendo strip. Escorreguei do palco e caí com o ombro no chão.

— A senhora bebe com frequência?

— Sim. Mas faz duas semanas que eu não bebo.

— Você deve estar sofrendo os sintomas da abstinência do álcool. Já usou outras drogas?

— Sim, eu já usei muitas outras. A mais recente, além do álcool, foram as anfetaminas. Eu as larguei três anos atrás... Mas eu não sinto falta delas. Sinto falta da bebida. Todos os dias eu sinto a falta dela. Mas todos os dias eu tento não beber porque eu preciso ser uma boa mãe para a minha filhinha Teresa.

— Isso é bom, Shelley... Muito bom. Agora, se você puder, me conte sobre os seus pesadelos.

— Nos meu pesadelos, eu sonho com...

Travei. Não consegui falar. A voz não saía. Um nó tinha se formado na minha garganta.

— Shelley, você consegue falar sobre os seus pesadelos?

Uma pressão imensa subiu até a minha boca, desatou o nó da minha garganta e me fez desabafar:

— Eu sonho com vários homens me asfixiando metendo seus pintos na minha garganta enquanto outros me xingam e me espancam!

Então eu vomitei a minha história e as coisas horrorosas que eu tinha feito no pornô e na prostituição. Ele largou a caneta e o caderninho. Ouviu tudo com compaixão nos olhos e atenção nas minhas palavras.

No fim da sessão, que pareceu durar cinco horas, ele me diagnosticou com Transtorno Bipolar, Transtorno do Controle de Impulsos, alcoolismo, Transtorno Depressivo e Estresse Pós-Traumático.

Ele disse que eu deveria tomar Zoloft para a depressão, Antabuse para o alcoolismo, Naproxen para minhas dores musculares, Rivotril para dormir e me deu uma infinidade de conselhos.

Beleza, agora eu sou oficialmente maluca... Mas pelo menos eu tenho a satisfação de saber que eu sou maluca.

O psiquiatra do exército escreveu minha receita e me enviou para o centro de controle de raiva e para o centro de ajuste sazonal. Esqueci de dizer, ele também disse que eu tinha Transtorno afetivo sazonal.

Com trezentos dias escuros por ano no estado de Washington, o que você esperavam?

Tendo as consultas marcadas para o controle da raiva e para a terapia sazonal, eu fui à farmácia, peguei meus remédios e dirigi até em casa outra vez sob uma chuva forte.

No caminho, olhando aquele céu mais uma vez escuro, eu senti saudades da Califórnia. Olhei para o céu de novo, suspirei e disse em voz alta:

— Deus, o Senhor, não pode fazer parar de chover só por um dia?

E, para o meu espantando, uma Voz me respondeu a lamentação íntima que estava escondida naquela pergunta.

— Shelley, você não leu o Meu Livro?

Depois de ver o calhamaço do psiquiatra, eu pensaria ser esquizofrênica. Mas Aquela Voz era muito doce comigo. Eu nunca seria tão doce comigo mesma. De qualquer forma, para quê mentir? Para quê fingir? Eu sabia perfeitamente Quem falava no meu coração: Jesus.

— Claro que eu li o Seu livro, Senhor...

— Leia mais. Há coisas que Eu quero te ensinar.

Então, apesar de ainda sentir sua presença amorosa perto de mim, a Voz ficou em silêncio.

No domingo seguinte, fui à igreja e o pastor começou o culto gritando as palavras de sempre

— O SUCESSO COMEÇA NO DOMINGO!!!

Eu queria ter sucesso...

Nesse dia, o pastor Kevin pregou sobre Josué 1:8, e no meio da pregação citou:

— Não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme a tudo quanto nele está escrito; porque então farás prosperar o teu caminho, e serás bem sucedido.

Caramba, Deus não acabou de falar para eu ler o livro d'Ele?

Então, quando fui para casa, fiz um novo propósito e prometi a mim mesma:

Vou ler a Bíblia de novo... Só vou esperar os antidepressivos fazerem efeito.

Eu era fraca. Eu não tinha atitude. Reconhecia isso. E também estava extremamente desgastada. Não estava sendo fácil criar um bebê e uma criança de 9 anos enquanto trabalhava em um restaurante em que o álcool estava sempre disponível para anestesiar as minhas dores do passado. Não estava sendo fácil mesmo. Na verdade, eu estava passando pelo inferno e sentia que eu nunca sairia dali.

Mas nesse dia, as palavras poderosas do pastor voltaram a minha mente:

—Há um campeão dentro de você!

Às quais eu mentalmente respondia:

Mas eu não me sinto uma campeã.

E elas voltaram:

—Há um campeão dentro de você!

E eu respondi justificando o porque não havia nenhuma campeã dentro daquela mulher esgotada, reclamando sobre tudo o que eu sentia de ruim 24 horas por dia e dizendo que não havia esperança para mim. Mas indiferente ao meu showzinho depressivo, Deus interrompeu meus pensamentos com uma Voz Estrondosa que dizia o estava escrito em 2 Coríntios 5:7:

— Por isso vivemos por fé e não pelo que vemos.

O impacto desse versículo, nesse dia e nessa hora, foi tão grande em mim, que querendo não esquecer nunca esse versículo, eu o escrevi esse versículo na minha parede.

Tá ai... Agora que está na minha parede, eu vou lembrar dele todos os dias da minha vida.

Satisfeita comigo mesma, fui para o quarto sem saber que aquele seria o primeiro versículo de centenas que penderiam na minha parede.

Olhando aquele primeiro versículo, e relembrando a minha história, desde o acidente de carro ao Garrett à cura miraculosa de uma DST, eu cheguei à conclusão de que Deus estava determinado a me transformar numa campeã, e que por mais que eu tentasse estragar tudo, eu era pequena demais para me opor a Sua Vontade.

Era só uma questão de tempo e paciência.

Capítulo Vinte e Um - Uma rua melhor

"Um bom plano de batalha executado hoje pode ser melhor do que um perfeito executado amanhã."

General George S. Patton

Sóbria, medicada e pronta para o plano de Deus na minha vida, eu liguei para a imobiliária do exército, esperançosa de que estivesse disponível a nossa casa com três quartos e sem aluguel. E, depois de um ano esperando e rezando para conseguirmos a casa em Army's Fort Lewis, onde a grama é mais verde e os mercados mais baratos, conseguimos!

O sonho daquela família pobre de militar se tornava realidade.

Quando a moça do outro lado da linha disse que o nosso número na fila de espera era 517, mas que por alguma razão estranha, a casa tinha sido destinada a nós, eu soube que era Deus.

Enquanto eu mostrava a minha determinação e passava nos testes, Ele se mostrava Fiel e me dava muito mais do que eu merecia.

A nossa nova casa na Davis Lane era uma mansão perto do apartamentinho em que vivíamos. Três quartos grandes, mobília de graça e um quintal grande e verde. Eu estava no paraíso do exército!

Agradeci a Deus por tudo o que Ele tinha feito por mim em tão pouco tempo. Eu sabia que não merecia tudo isso em tão pouco tempo: apenas há três anos atrás, eu era uma atriz pornô alcoólatra drogada maluca e aspirante à suicida.

Mas mesmo sem merecer, Deus me deu. E eu amava minha nova rua. As risadas das crianças. As vozes das mamães conversando na varanda. Os quintais verdinhos. Naquele lugar, eu me sentia dentro de uma comunidade. E após, muitas conversas nos eventos organizados pelas outras esposas de militares, eu realmente passei a fazer parte da comunidade.

Foi a primeira vez na minha vida que outras mulheres gostaram de mim.

Mas é claro que nessas conversas eu nunca disse que eu tinha sido uma ex-atriz pornô alcoólatra drogada maluca e aspirante à suicida.

Tá de sacanagem?

Eu finalmente era uma campeã vivendo a vida dos campeões, onde nada é impossível e tudo é uma oportunidade, tinha mudado para lugar lindo, onde ninguém sabia da minha história, e agora eu ia arrastar o meu passado até aquele lugar? Não. De jeito nenhum. Deixando meu passado feio para trás, eu pisei confiante na minha nova rua e respirei o ar fresco dela.

Tiffany estava na escola nova e finalmente tinha alguns amigos. Aquela turma da quarta série dela era muito melhor do que a de terceira. Durante o dia eu ficava lendo a Palavra de Deus e criando Teresa. Durante a noite eu trabalhava no restaurante mexicano, mas agora sem a companhia da Tequila, eu passava os meus dias, e depois recebia meu marido trabalhador com uma boa refeição que eu tinha cozinhado. A vida estava melhorando e eu também.

Mas seria tão bom se eu soubesse cozinhar de verdade...

E foi assim, buscando dominar a arte da culinária, o mercadinho do exército se tornou a minha escola. Eu ia até lá e passava várias horas conversando e trocando receitas com as senhoras vietnamitas. Elas se tornaram minhas doces professoras na arte da cozinha, principalmente nas matérias de arroz e carne.

— Vucê devia fazê calne muída assim. Fica bua di mais — uma das senhorinhas me contou segurando carne enrolada em papel alumínio.

Enrolar a carne? Que coisa estranha. Para que eu faria isso?

Mas eu decidi confiar nas minhas professoras, e adivinhe só? Deu certo! Depois de muita abnegação, trabalho e decepção, é claro.

Mas eu aprendi a fazer a carne enrolada, caçarolas cheias de carne, macarrão com carne, sopa de carne, rolos de carne. O Senhor sabia que eu não gostava de cozinhar carne, e que praticamente só o Garrett e a Tiffany desfrutariam do meu trabalho, mas ainda assim Ele me fez cozinhá-la.

Muitas vezes, quando eu estava me forçando a cozinhar um bom prato de carne para minha família, Tiago 4:7 ressoava nos meus ouvidos *"Se humilhe diante de Deus e Ele te elevará"*.

Dominar essa matéria na cozinha, foi muito difícil. No começo, eu sempre errava na preparação das carnes. Sempre não as temperava direito. Sempre queimava as carnes. Fiquei desanimada e até quis desistir. Eu só não desisti porque Garrett me agradecia e fingia amar cada pedaço daqueles carvões. Então depois de se "deliciar" com o meu banquete, após dizer mil vezes que eu tinha o talento e que o prato estava uma maravilha, ele vigorosamente me encorajava a ir ao

restaurante da base, onde eu poderia aprender ainda mais sobre culinária!

Depois de rir daquela atuação, eu decidi ir ao restaurante.

Envergonhada eu fui falar com o cozinheiro que, para o meu desgosto, estava enrolando a carne num papel alumínio.

— Pssst... — fiz olhando ao redor para ver se ninguém me olhava — Com licença, hm, senhor... Por que exatamente você enrola a carne?

Me vendo envergonhada por não saber nada de comida ou de cozinha, o cozinheiro teve compaixão de mim e me explicou pacientemente tudo sobre as carnes.

— Entendi! — eu dizia acenando enquanto ele me mostrava o sangue escorrendo da carne embrulhada.

Depois do meu passeio pelo restaurante, eu peguei gosto em aprender sobre a culinária com as outras pessoas, e comecei a falar com desconhecidas na base, perguntando quais eram suas receitas favoritas.

Eles amaram!

Estando numa base militar, onde havia mais estrangeiros do que em Nova York, eu pude aprender receitas do mundo inteiro que me eram compartilhadas com entusiasmo! Cozinhando maravilhas, agora eu era uma esposa perfeita!

Mas... o exército nos fez mudar daquela base.

Adeus amigas. Adeus mercadinhos. Adeus receitas. Dei adeus a tudo, menos à minha soberba.

Quando eu saí daquela base, eu estava me sentindo uma pessoa tão incrível que eu me dei permissão para beber.

Eu esqueci que era um alcoólatra em reabilitação.

Eu me achava tão normal e tão superior, que um dia, em uma festinha das esposas militares, vendo todas beberem cerveja, eu simplesmente disse para mim mesma:

— Todo mundo bebe, por que EU não posso???

Peguei uma garrafa de cerveja.

Essa foi a primeira de muitas porque como os nossos maridos quase sempre estavam longe, nós sempre nos reuníamos umas com as outras. E como sempre estávamos solitárias, pobres e tristes, as

nossas únicas companhias diárias eram nós mesmas, cerveja barata e os jogos de tabuleiro.

Mas apesar disso, eu já tinha mudado.

Eu tinha uma campeã dentro de mim e agora ir à igreja era uma das minhas coisas favoritas para fazer e, todo domingo e toda quarta, eu ia até ela buscando a Verdade e pedindo para que Deus me curasse do meu passado. Cheia da solidão que a ausência de Garrett deixava, eu fui forçada a depender somente da companhia de Deus. Eu já sabia que Ele era o meu Pai. Mas essa época me ensinou que Ele também era o meu Amigo.

Eu comecei a entender que Ele não era um cara distante, mau ou indiferente sentado no céu com um martelo. Ele era um Deus gentil, carinhoso e amoroso.

Descobrir essa verdade foi muito importante para mim.

E essa verdade ganhou ainda mais força quando Deus me mostrou o que realmente tinha acontecido comigo durante a minha época de stripper, prostituta e atriz pornô.

Um dia durante o culto, eu me lembrei das corridas que eu fazia bêbada com o meu Miata vermelho. Lembrando de uma dessas corridas, eu tive uma visão clara, nítida, de anjos guiando e protegendo o meu carro. Outro dia durante outro culto, Deus me mostrou que uma vez eu estava andando na frente de um motel imundo na periferia de Los Angeles, quando Ele me disse:

— PARA.

Naquele dia, eu não soube o porquê, mas eu parei de repente. Fiquei lá parada no meio da calçada até que, uns 10 segundos depois, um cara segurando um facão ensanguentado saiu correndo pela porta do motel. Lembrei que eu me virei, ia começar a correr, quando meus olhos foram agarrados pelo outdoor daquela rua, que estava escrito “Jesus Salva”.

Outra vez, eu me lembrei que estava dirigindo a 100km/h na faixa da esquerda da 110 freeway e que eu não tinha visto o carro estacionado na faixa. Então vi que nesse dia, mãos invisíveis tinham pegado o volante e lançaram meu carro para a faixa da direita, me fazendo desviar no último segundo.

Apavorada olhei pelo retrovisor e ainda pude ver o carro parado lá.

Deus me visitava tão profundamente que eu não conseguia ficar em pé durante o culto. Tudo o que eu fazia era chorar, chorar e chorar

pela Misericórdia que Deus teve comigo. Eu achava que eu tinha estado abandonada por 8 anos. Eu não sabia que Deus tinha estado comigo todos os dias daqueles últimos oito anos. E agora Deus mostrava que tinha estado comigo o tempo todo.

Ele me mostrava que se não estivesse lá para me proteger, o demônio já teria me levado há muito tempo. Eu não aguentava imaginar quantas vezes Deus já tinha me salvo. Provavelmente centenas de milhares de vezes. Sob o peso dessas verdades, minhas pernas falhavam e as lágrimas jorravam. Como eu era amada.

Ainda houve outra vez, que Deu me mostrou como Ele tinha me salvado da HIV. Eu não aguentava aquilo. Implorei que Ele parasse de me mostrar a verdade do meu passado. E Ele parou.

Durante uma semana.

No domingo seguinte ele continuou a retrospectiva daqueles anos e me mostrou a verdade cruenta do que realmente tinha acontecido.

Mentira após mentira ia sendo exposta enquanto eu me tornava a rainha do lencinho, limpando, enxugando e escondendo as lágrimas, o catarro e a baba que escorriam pelo meu rosto choroso ao ver que Deus nunca tinha abandonados naqueles dias, meses, e anos. Sempre que chegávamos em casa depois do culto, Garrett imediatamente buscava uma caixa de lencinhos para mim.

Hoje, lembrando de tudo isso, me parece inverossímil que eu ainda ter conseguido servir na creche nesses dias.

Uma vez por mês, após ter chorado um oceano durante o culto, eu era amorosamente forçada a ir ao ministério das crianças. A Igreja dos Campeões era tão grande quanto esperta, e tornava obrigatório os pais que usavam a creche servir no ministério das crianças uma vez por mês. Mesmo eu sendo quem eu era, tendo a história que eu tinha, por meio daquela Igreja, Deus ainda me usava para o bem.

Mas, independentemente do que eu pensasse sobre mim, as crianças me amavam. Animada como se eu mesmo fosse uma delas, eu entretia as crianças com fantoches de Noé e de seus animais.

— Olá, crianças! Meu nome é Noé e esse é o meu barco... Ai girafa!

As crianças riam e amavam quando um fantoche gorducho de girafa mordia os bracinhos de Noé.

Finalmente eu tinha um público que me amava.

E eu amava o público! Sem que elas soubessem, aquelas crianças estava sendo instrumentos poderosos para minha cura. Elas me ajudavam uma ex-prostituta se recuperar dos seus traumas de infância sem que nem elas ou ninguém soubesse. Eu me amava aquele ministério. Eu amava me sentir tão pura perto das crianças.

Aquele lugar era perfeito para mim.

Mas, ansiosa para usar o meu dom de criatividade, ainda no primeiro ano como membro, eu me voluntariei para o time de escritores do Pastor.

Algo me diz que eles riram ao ver minha falta de qualificações.

Mas nada me parava. Eu estava maravilhada descobrindo a da beleza da vida e continuava a seguir em frente.

Deus me guiava como Ele prometeu em Provérbios 3:5-6 *"Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-O em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas."*

Eu obedeci o Senhor, fiz o que Seu Livro mandava, me esforcei para praticar os Seus Mandamentos de propósito e Deus honrou os meus passinhos de obediência me abençoando com surpresas ainda maiores: ele começou a me dar Sua paz.

Quando eu pecava, eu simplesmente confessava e confiava no sacrifício de Seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, para me limpar.

Entendi que se Deus me amava a ponto de me arrancar da pornografia e se Ele até tinha a audácia de consertar a minha vida depois de tudo o que eu fiz, eu não tinha absolutamente nada a temer: Deus agia e queria meu bem. E estando Deus decidido a me salvar, quem era eu para impedi-Lo?

Eu não entendia tudo, mas eu queria me entregar toda. Lia Sua Palavra, rezava, me humilhava diante d'Ele, e confiava n'Ele nos momentos difíceis. Dentre esses momentos difíceis, a vez que eu tive que ir para a reabilitação do exército.

Sim, eu era burra. Eu odiava não poder tomar uma gota de álcool, então busquei ajuda num programa secular e materialista, onde todos fingiam que Deus não existia, que éramos animaizinhos de estimulo e resposta mas que ainda assim tínhamos as forças para melhorar sozinhos.

Não deu muito certo.

Apareci na reunião do ISTOP, o programa intensivo de reabilitação do exército e eu era uma das únicas mulheres lá. O coordenador pediu um a um para que nos apresentássemos e contássemos o motivo pelo qual bebíamos:

— Oi, eu sou fulano.

Todos respondiam ao mesmo tempo.

— Oooi, fulano.

Daí o fulano começava:

— Eu bebo porque....

Quando chegou a minha vez, e eu disse que eu bebia porque tinha virado uma alcoólatra quando eu era uma stripper, prostituta, atriz pornô, e que continuava a beber por conta dos meus traumas sexuais do passado, e detalhei alguns do traumas que me assombravam, estando rodeada um bando de homens fracos, esses começaram a me chamar para sair, para ir na casa deles, para ir em algum bar...

Meu Deus...

Mas pelo menos eu já não os chamava de porcos.

Isso foi um dos upgrades que as reflexões do último ano me deram. Reflexões que agora faziam com que minha vida realmente melhorasse. Não importava o quão má ela parecia, e nem o quanto de problemas eu tinha, eu sabia que Deus estava comigo e que Ele tinha algo melhor para mim.

Casamento melhor, vida melhor, saúde melhor, sobriedade maior. Deus tinha um plano incrível para a minha vida e alguma coisa me dizia: melhor não perder essa chance!

Capítulo Vinte e Dois - Não deixe os D’s te impedirem

Minhas notas do ensino médio eram horríveis. Talvez fumar dentro da sala tivesse alguma coisa a ver com isso. No meu último ano, eu quase não me formei por conta de um F em computação, um D em nutrição e outro D em arte. Na minha oitava série e nos outros anos, as notas também não foram muito diferentes: F’s em história dos Estados Unidos, D’s em matemática básica, D’s em digitação, e às vezes C em inglês. Tendo essas notas, eu achava que nunca me deixariam pisar outra vez em qualquer instituição educacional.

Mas ver Garrett fazendo sua faculdade enquanto estava no exército fez com que eu me sentisse um fracasso, e esse sentimento acendeu minha vontade de mudar.

Enquanto ele se tornava uma pessoa melhor, eu mal conseguia sair da reabilitação do exército para alcoólatras. Enquanto ele trabalhava em tempo integral e ia à faculdade paga pelo exército, eu trabalhava em um restaurante mexicano e ficava em casa com as crianças.

Um dia, quando estávamos na faculdade do Garrett pegando os seus livros, eu me senti péssima comigo mesma. Garrett percebeu minha cara triste e perguntou o que tinha acontecido.

— Eu me sinto uma idiota porque todo mundo aqui é inteligente e faz faculdade.

— Ué, você também pode fazer faculdade.

— Não, não posso... — respondi triste — Eu só tirava D no ensino médio. Eu não fiz nenhum vestibular porque sabia que não passaria em nada. Minhas notas eram horríveis... Garrett, eu sou burr... — meus olhos começaram a lacrimejar.

— Shelley — ele continuou — não deixe os D’s te impedirem. Qualquer um pode ir à faculdade se quiser. Você só precisa fazer um teste para descobrir o seu nível escolar para ser colocada numa turma de faculdade adequada ao seu nível...

— Mas meu nível deve ser o da sexta série e talvez o da oitava série em inglês — respondi inconsolável.

Garrett insistiu:

— Shelley isso não importa. O exército oferece cursos com turmas de nivelamento nas faculdades daqui. Por que você não faz o teste e

descobre em qual nível está? Você é inteligente, Shelley. Se você realmente quiser, você pode fazer qualquer coisa.

A Nonnie me dizia isso...

Sorri ao lembrar da Nonnie. Levantei os meus olhos e perguntei com um fiozinho de esperança:

— Garrett, você acha mesmo que eu consigo entrar na faculdade?

— Sim, Shelley!

As palavras do Garrett entraram no meu coração e senti os céus se abrirem. Esperança! Senti uma luz gigante se acendendo dentro de mim. Garrett segurou minha mão e fomos até a secretaria da faculdade. Paramos em frente ao balcão. Eu respirei fundo e perguntei à recepcionista:

— Oi... Eu posso fazer o teste que avalia o nível para poder entrar na faculdade?

— Claro! A senhora deseja marcar o teste para qual dia?

Essas palavras lindas me deram ainda mais esperança.

— Quero marcar na data mais próxima disponível.

— Ok... deixa eu só entrar aqui no sistema... — ela disse enquanto digitava — rapidinho... pronto, o seu teste está marcado, senhora Shelley Lubben.

Senti um calafrio imenso quando ouvi aquelas palavras. Talvez eu realmente tivesse uma chance. Morri de ansiedade até finalmente chegar o dia. Rezando e acreditando que eu teria uma segunda chance de me educar, eu entrei confiante naquela faculdade e fiz o teste. E você quer saber o resultado?

EU PASSEI!!!

A diretora da faculdade disse que minha leitura e escrita estavam em nível universitário e que em matemática eu estava em nível pré-algebra.

Fiquei chocada.

Pré-algebra? Como isso é possível?

Não segurei as lágrimas quando a recepcionista me entregou um catálogo com os cursos disponíveis. Minha animação era tanta que eu não consegui ler a lista toda. Simplesmente escolhi jornalismo.

Eu amava escrever e escrevia desde a infância. Lembrei do livro que eu escrevi na terceira série. Lembrei do B+ que eu recebi em jornalismo no ensino médio. Jornalismo e Retórica eram as duas únicas matérias em que eu tinha recebido boas notas na minha vida inteira.

Alguns clicks depois, a recepcionista me informou que eu estava oficialmente matriculada em jornalismo. Em seguida, ela me contou sobre os programas de bolsa do governo. Quase caí da cadeira quando ela disse que o governo pagaria o meu curso, livros e os gastos da minha graduação. E depois, eu quase enfartei quando ela disse que eu conseguiria um financiamento estudantil sem conferência de crédito, para ajudar minha família enquanto eu estava em tempo integral na faculdade.

— Sem conferência de crédito? — perguntei maravilhada.

Era bom demais para ser verdade. Eu me belisquei para ver se estava sonhando e perguntei se ela tinha certeza do que tinha dito.

— Claro que eu tenho. Eu sou a conselheira de orientação da faculdade — disse sorrindo.

Animada ao ponto das palavras não exprimirem, eu dirigi apressada para casa e dei a boa notícia para o Garrett. No outro dia, fiz ele me levar ao shopping para comprar material escolar. Fiz até ele comprar um óculos para mim! Agora sim! Eu tinha deixado de ser uma coitadinha alcoólatra para me tornar uma estudante de nível superior!

Prometi para mim mesma quando entrei pela primeira vez na faculdade no outono de 1998:

— Nada vai me impedir dessa vez.

Aquele meu primeiro dia na Pierce Colige foi perfeito. Em primeiro lugar: não tinha adolescentes insuportáveis. Em segundo lugar: eu realmente queria aprender. Em terceiro lugar: ninguém me conhecia, ou seja: ninguém conhecia o meu passado.

Quando entrei na aula de espanhol e abri os meus livros, ri da facilidade deles. Eu sabia tudo o que estava neles: eu tinha sido a Huera Loca!

—Hola mis amigos, mi llamo Shelley — disse amando exibir meu espanhol para a turma.

Abaixei a minha cabeça e sorri agradecendo a Deus pelos bares mexicanos. Era engraçado como uma aula de espanhol me fazia

agradecer a Deus por um tempo horrível da minha vida. Deus estava realmente consertando as coisas, exatamente como o pastor me ensinou sobre Romanos 8:28 *"sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito."*

A aula de espanhol acabou. A aula de inglês começou. Conforme a professora ia falando, eu ia ficando pasma com a quantidade de coisas que eu tinha esquecido desde a oitava série, a última vez em que prestei atenção na escola. Mas depois desse assombro inicial, veio a paixão pela língua inglesa: me apaixonei desde os predicados aos objetos diretos à literatura antiga aos romances modernos.

E depois de tanto ler, eu senti vontade de escrever. Comecei a escrever artigos poderosos, um deles foi "O temperamento maníaco depressivo e o artista criativo". Ao contrário dos meus colegas de classe jovens, eu escrevia desde a minha experiência pessoal. Quando eu terminei de ler o meu artigo para a turma, a professora disse que tinha amado. E adivinha só? Eu tirei um A!

Inspirada pelo sucesso desse artigo, eu decidi escrever outro. Mas dessa vez eu escrevi sobre um tema mais pessoal e mais profundo.

Baseada na minha experiência pessoal e no que disseram os sábios, eu escrevi um artigo com o seguinte título: "A prova da existência de Deus". Escrever esse artigo foi uma experiência maravilhosa. Deus falou comigo profundamente durante sua escrita e me disse que um dia Ele me usaria para mostrar ao mundo Quem Ele realmente era. Me agarrei nessa esperança.

No dia da apresentação, quando eu terminei de ler o artigo, percebi que a sala estava em choque. Eles realmente não esperavam ouvir um artigo como esse numa aula de inglês da faculdade. Fiquei muito feliz com o resultado. E para falar a verdade, eu estava muito feliz com a minha faculdade!

Menos com as aulas de matemática.

Eu cursava matemática básica, o nível mais baixo que a faculdade oferecia e a odiava desde a primeira fração até a última raiz quadrada!

Eu era a mais velha da sala e a única coisa que eu sabia fazer direito era calcular os decimais: a antiga Shelley tinha aprendido a cobrar até o último centavo.

Enfim, entrar na faculdade estava sendo a melhor decisão da minha vida desperdiçada! Estava pronta para mais! Estava pronta para saber tudo! Estava pronta para aprender mais e mais e mais!!!

Até os deveres de casa começarem a se acumular.

A realidade da faculdade começou a me desgastar muito em pouco tempo. Eu escrevia artigos enquanto eu ainda tentava me livrar de vez do álcool. Eu resolvia problemas matemáticos enquanto eu cuidava de uma criança, de um bebê e de um marido. Eu entregava deveres de espanhol enquanto eu tinha que cozinhar o jantar todas as noites. Em poucos meses eu fiquei cansada.

Cansada e chata e briguenta. E comecei a odiar os problemas que eu trouxera para mim e para a minha família.

Mas eu perseverei. Perseverei e no final do primeiro trimestre, eu fui uma das melhores da sala ao tirar 3.73 de média final. Maravilhada comigo mesma, liguei para meu pai e contei que tinha tirado A em álgebra. Ele quase não acreditou. Ele tinha se esforçado muito tentando me ensinar matemática no ensino médio e nunca teve qualquer resultado com o seu esforço.

Talvez porque ele tentava ensinar álgebra para uma adolescente alcoólatra.

Dããã.

Me sentindo no topo do mundo, eu avançava na minha busca pelo sucesso.

Estando Deus ao meu lado e tendo amor próprio pela primeira vez na minha vida, eu estava determinada a não deixar que nada me impedisse dessa vez.

O novo trimestre começou e eu comecei a ter aulas de escrita criativa.

No primeiro dia de aula, eu sentei numa cadeira dos fundos, apontei meu lápis e preparei a minha folha pautada. Angustiada pelos anos de criatividade contida, eu mal podia esperar para começar a escrever.

Assisti a aula com muita atenção e anotei todos os dias que a professora nos deu, sendo a principal delas a de que nós escrevêssemos diariamente num caderninho tudo o que viesse às nossas cabeças.

Decidi seguir sua dica.

Na noite daquele dia, eu pus meu caderno sobre a mesa, sentei na cadeira e peguei a caneta. Como quando uma barragem estoura, que um pouco de água escorre entre as rachaduras do concreto até que subitamente uma quantidade imensa de água arrebenta o concreto e tudo o que estiver pela frente, as palavras saíram de mim. Alguns

pensamentos tímidos e anotações idiotas escorreram pela tinta da caneta até que jorrasse a vez em que gozaram sangue na minha cara e a vez em que eu simulei ser estuprada por seis homens.

Escrevi cada momento de exploração ou fuga que veio até a minha mente sem freios naquela noite. A escritora em mim estava sendo ressuscitada da sua morte súbita na infância. Eu me sentia incrivelmente viva. Um turbilhão de palavras e uma criatividade avassaladora encheram as linhas do papel.

Essa foi a primeira noite.

Continuei com o hábito de escrever por várias semanas. Quando eu percebi que eu já tinha usado metade das folhas do meu caderno, eu me lembro de ter dito:

— Ai se minha família soubesse que agora eu sou Shakespeare!

Mas “ser” Shakespeare, estava exigindo muita atenção e me fazendo ir dormir tarde todas as noites.

Assim, quando o meu marido chato aparecia querendo que eu fosse para a cama com ele às 20:30, eu entregava o nosso monstro de 1 ano de idade dizendo:

—Eu sou uma escritora criativa! Eu não posso ir dormir às 20:30. Me deixa em paz!

A cientista maluca em mim tinha sido despertada e ninguém, nem mesmo minha própria família, iria me impedir.

— Agora é a minha hora de crescer — eu dizia baixinho e voltava a escrever enquanto Garrett saía me olhando magoado.

Ele não podia entender o que eu estava passando.

Garrett cresceu numa boa família e foi para escolas cristãs durante toda a sua vida. Ele era um homem gentil e meu apoiador, mas ele não podia entender e nem me dar o que eu necessitava mais naquele momento: aprovação.

Eu precisava ter a minha própria aprovação: algo que eu nunca tinha tido por mim mesma durante 30 anos.

Para isso, eu trabalhava arduamente e me esforçava além do que era humanamente possível, atingindo níveis que eu nem sabia que existiam.

Virando a noite e bebendo Coca Diet, eu escrevia meus traumas, revisava minhas tarefas até às 3 da manhã, para acordar às 6 da manhã e preparar o café para as minhas filhas.

Eu virei uma máquina.

Ou melhor, eu pensei ter virado uma máquina.

O meu corpo cobrou o meu exagero, e eu voltei a sentir as dores e o mal-estar antigo. Pouco depois, eu voltei a ter aqueles pesadelos horríveis, e em poucas semanas eu voltei a ter depressão.

No início, eu pensei que a culpa da minha depressão era o estresse imenso que eu sentia pela faculdade e por minhas obrigações. Mas depois, eu percebi que o único culpado era o meu caderno que ressuscitava os meus traumas esquecidos.

Eu voltei a tomar meus antidepressivos para tentar me dopar, esquecer e melhorar. Mas nem mesmo o Zoloft conseguia encobrir os traumas que ressurgiam de dentro de mim.

Recebendo memórias horríveis e detalhes das maldades que fiz, meu caderninho deve ser um dos maiores registros da miséria humana na terra.

Mas Deus era Fiel de formas que eu nunca tinha imaginado.

Algum tempo depois, eu percebi que eu não estava lutando contra a minha própria memória, mas que ao me afundar em antidepressivos e em álcool, eu estava tentando lutar contra a mão de Deus que desenterrava meus traumas para que, com Sua ajuda, eu pudesse enfrenta-los e me curar deles. Para que eu visse a verdade e fosse libertada.

Mas vendo que eu fracassava miseravelmente, Deus, imagino eu, usou outra estratégia para me ajudar.

No dia 14 de fevereiro de 1999, meu quarto ano de recuperação e aniversário de casamento, eu fiquei grávida.

Na noite de nosso quarto aniversário de casamento, Garrett e eu bebemos muito champanhe e isso evidentemente não afetou sua habilidade de reproduzir.

Quando algumas semanas depois, acordei enjoada numa manhã e vomitei meu rim pra fora, decidi fazer o teste de gravidez. Deu positivo. Eu fiquei furiosa, para dizer o mínimo.

Eu não queria ficar grávida. Tudo o que eu queria ter um 4 na média final e ter sucesso pela PRIMEIRA vez na minha vida. Ver a minha

esperança de nova vida ser arrancada de mim, me fez odiar o ar que Garrett respirava.

Eu odiei tanto o Garrett a ponto de odiá-lo até gastar todo meu ódio para então recupera-lo e voltar a odiá-lo com todas as minhas forças.

Eu o culpei pela minha gravidez porque ele não cumpriu a promessa de “tirar” na última hora. Eu culpei por ter me colocado naquele estado que me tornaria em alguns meses uma inútil:

— POR SUA CULPA EU VOU PERDER TUDO!!!! — berrei na cara dele em um dos meus surtos de raiva.

Para que você tenha uma noção do quanto eu odiei Garrett quando descobri que estava grávida, eu vou transcrever aqui uma das páginas cruéis que está no meu diário dessa época:

28 de fevereiro de 1999.

Querido Garrett, me pergunto se você sabe o que fez comigo. Eu me sinto estuprada, devastada, desprezada, violentada, culpada, machucada e acima de tudo: não me sinto amada.

Nunca fui tratada com tanto desprezo na minha vida em toda a minha vida. Você roubou algo de mim. Você roubou EU MESMA!

Eu sei que mereço ser tratada melhor do que fui no dia 14 de fevereiro.

Um dia eu estarei com alguém que me ama de verdade, mas, até lá, eu existirei miseravelmente nos braços de alguém que não sabe o que é o amor.

Você não é mais o meu herói.

Essa é apenas uma das que eu entreguei a ele.

Cheia de ódio contra o Garrett, eu me tornei distante e ainda mais focada nos trabalhos da faculdade.

Eu simplesmente tirei minha família do meu caminho: ela me atrapalhava.

Nessa época, tudo era sobre mim. Eu era a única pessoa com sentimentos e vontades na terra, rodeada de personagens que ou me ajudavam ou me atrapalhavam ou que não existiam para mim. Eu era o centro de tudo. Se eu tinha que sofrer por estar grávida, todos deveriam sofrer comigo.

Essa era a minha atitude.

Eu tentei com todas as minhas forças ignorar que eu estava grávida e tirar o 4.0 que eu tanto sonhava. Mas logo eu fiquei sonolenta e enjoada demais para prestar atenção nas aulas.

Após um ano buscando o sucesso, ele foi arrancado de mim quando já estava quase em minhas mãos: precisei largar a faculdade.

Isso acabou comigo. Eu fiquei depressiva a ponto de não conseguir sair da cama. Não conseguia e nem queria me levantar. Eu dizia para mim mesma todas as manhãs:

— Para que eu vou me levantar? Levantar e fazer o que?

Então continuava na cama. Olhando para o teto, pensando besteira e me sentindo um lixo. Um dos meus pensamentos imbecis era o de que Deus estava me punindo pelo meu passado e pelos meus pecados atuais. Tendo isso em mente, sabendo que Deus era muito mais forte, eu simplesmente me deitei na cama enquanto Ele me "espancava" até a morte.

Mas, outra vez fui resgatada de mim mesma. Houve uma manhã em que eu acordei com uma Voz gentil:

— Shelley, você sabe que Eu tenho planos para você. Planos para te fazer vencer, e não para te ver machucada. Algumas vez Eu já fui mau com você antes?

Então várias cenas de dias em que Deus me salvou vieram a minha cabeça. Dias que era para eu ter sofrido e não sofri. Dias que era para eu ter morrido e não morri. Dias que transformaram a minha vida.

Lembrando de sua Fidelidade no passado e de como Ele tinha melhorado a minha vida, confiei que Ele era Fiel, ainda que naquele momento desesperador eu não achasse, e que Ele tinha planos para melhorar ainda mais a minha vida. Deus devia estar organizando as coisas para o meu bem.

Eu só precisava confiar n'Ele. E eu tinha um forte sentimento de que a Sua Vontade era a de que eu abdicasse das minhas vontades pelas vontades da minha família. Que eu me sacrificasse por eles.

E eu obedeci.

Eu abdiquei e me sacrifiquei por eles. Foi a coisa mais difícil que eu precisei fazer. Só Deus sabe do que eu desisti naquele momento...

Enfim, os meses passaram e, apesar de estar me esforçando para ser uma boa esposa e mãe, eu ainda lutava contra o álcool.

Além dessa luta, eu precisei largar todos os meus medicamentos pelo bem do bebê, o que fez ter crises de abstinência e surtos de loucura durante o dia, e aqueles mesmos pesadelos durante a noite.

Meu corpo estava muito acostumado ao Zoloft e às pílulas de dormir. Largar esses medicamentos teve um preço. Do dia para a noite, eu me tornei em uma lunática alucinada envolta num delírio psicótico sem fim.

O álcool me deu um cacete e venceu na primeira parte da gravidez. Mas eu não só apanhava. Eu também batia. Mais de uma vez eu joguei no lixo as minhas garrafas e na pia a bebida do meu copo. Mas ainda assim, a minha vontade estava perdendo a batalha.

Então decidi apelar para uma força superior que havia dentro de mim: os meus instintos maternos.

Comecei a ler todos os livros de gravidez em que eu punha as mãos. Eu queria ver os órgãos sendo formados para que eu pudesse ter empatia pelo bebê. Eu queria ver o meu bebê para que eu quisesse protegê-lo. Eu queria amar o meu bebê mais do que a mim mesma. Mas eu não conseguia.

Eu não conseguia amar nada além de mim mesma nesse momento egoísta.

Um dia, olhando a minha barriga grávida no espelho enquanto eu segurava uma garrafa de Jack Daniels na mão, eu percebi com clareza o quão feia eu era por dentro.

Eu precisava de um milagre. Mas não via nenhum por perto e, conforme os meses de gestação passavam, a situação só piorava: Eu ainda bebia e tinha pesadelos nojentos e surtos de loucura.

O bebê poderia nascer deformado. E Garrett estava frustrado e tinha medo pelo bebê. Além de ter medo pelo bebê, ele tinha medo de mim e do inferno que eu descarregava em qualquer pessoa que se aproximasse dois passos de mim. Ele orava e tentava manter a paz enquanto eu bufava e berrava pela casa.

Mas, graças a Deus, eu tive uma pequena pausa desse inferno.

Eu fiquei completamente viciada na série “A história de um bebê”. Via aqueles episódios por horas e horas, esquecendo do mundo, esquecendo dos meus problemas, esquecendo de mim. Eu fiquei fascinada ao ver os partos únicos que algumas mães escolhiam ter. E vendo tantos partos, eu acabei decidindo um dia:

— Eu também quero ter um parto criativo e continuar com a minha jornada artística de autoconhecimento. Vou dar a luz na minha própria casa. Se elas conseguem, eu também consigo.

Tendo tomado essa decisão, eu chamei uma parteira para a minha casa.

Conversei com ela durante horas e quando ela saiu, um mundo novo tinha se aberto para mim. Aprendi sobre ervas naturais e sobre ambientes ideais para ter um lindo parto. Comecei a ler mais e mais livros sobre bebês e sobre partos. E acabei percebendo que a música "Holy Spirit Rain Down" ficava tocando na minha mente durante as leituras. Principalmente os versos que diziam *"nenhum olho viu, nenhum ouvido ouviu, nenhuma mente sabe o que Deus tem guardado"*. Um dia eu me perguntei o porquê disso e eu cheguei à seguinte conclusão: Deus iria repor a minha perda com algo melhor.

Pedi a Deus que perdoasse o meu egoísmo horroroso e me comprometi, outra vez, a ler a Bíblia diariamente. A faculdade tinha se tornado um ídolo para mim. E Deus, sendo um Senhor ciumento e um Pai cuidadoso, arrancou esse ídolo de mim e colocou em seu lugar o que eu mais precisava: a Palavra d'Ele.

Embora eu ainda lutasse com o demônio do álcool, eu pedi a Deus que protegesse o meu bebê e que tivesse misericórdia de mim e dele e que me ajudasse a lidar com minhas doenças mentais, herança do meu passado horrível. Mas pouco a pouco, nesses meses, eu fui entendendo que as minhas memórias não definiam quem eu era. O que eu pensava de mim não definia quem eu era. A palavra de Deus definia quem eu era. O que Deus pensava de mim definia quem eu era.

Assim eu passei a me agarrar àquelas palavras da primeira carta de São Pedro 2:9 *"mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz"*.

— Eu fui escolhida por Deus para isso — eu reafirmava acariciando a minha barriga inchada enquanto ouvia os batimentos do meu lindo bebê com um estetoscópio.

Eu estava incrivelmente grata a Deus pela saúde do meu bebê. Então a minha gratidão pela saúde do meu bebê se transformava em arrependimento ao lembrar que eu podia ter machucado de forma irreversível uma criatura tão frágil e tão inocente. Arrependida, em lágrimas, eu pedia para Deus perdoar as vezes que bebi no segundo trimestre de gestação. Então, lembrando das vezes que fiquei de porre por conta da bebida, o arrependimento se transformava em remorso

e o remorso em ódio por mim mesma. Era a alquimia infernal que se repetia várias e várias vezes.

Nesses últimos meses de gravidez, eu me odiava tanto e eu teria me matado se não fosse o bebê dentro de mim.

Na verdade, eu nem precisaria me matar: a vergonha e a culpa imensa que eu carregava por ter bebido durante a gravidez me matariam a qualquer momento.

Mas, a morte não pode vencer onde Deus está presente.

Em 17 de novembro de 1999, rodeada de velas, cercada pelos meus familiares, eu entrei em trabalho de parto dentro da minha banheira relaxante.

Dentro daquela água morna, focando em controlar a minha respiração e imaginando uma flor se abrindo, eu me tornei uma em corpo, mente e alma.

Depois de algumas horas de trabalho de parto, tendo minha mão agarrado com força na de Garrett, eu puxei o ar, e fiz força até ver meu bebê sair suavemente para a água morna.

Meu bebê flutuou tranquilamente no topo da água. Foi o momento mais lindo da minha vida. Uma imagem que nunca esquecerei. O som suave da água, a parteira pegando minha filha recém nascida e gentilmente colocando-a no meu colo nu e molhado. Ainda conectada a ela pelo cordão umbilical, a minha filhinha me olhou nos olhos sem fazer um som sequer.

A parteira me instruiu a assoprar o rosto dela para estimular sua respiração, mas eu estava encantada demais para ouvir. Era muito incrível para fazer qualquer movimento. Então Garrett se inclinou e gentilmente assoprou o rosto da nossa filha.

Foi um momento suspenso no tempo ver Abigail Lorraine Lubben respirar pela primeira vez. Todos ficaram em silêncio, fascinados com a maravilha que acabavam de testemunhar. Estávamos maravilhados por termos testemunhado o milagre da vida.

Naquele momento especial, eu realmente entendi o Altíssimo de uma forma que eu achava ser impossível para mim. Eu O entendi como aquelas pessoas de Apocalipse 4:9-11, que jogam suas coroas aos Pés de Deus, entenderam:

"Toda vez que os seres viventes dão glória, honra e graças a Aquele que está assentado no trono e que vive para todo o sempre, os vinte e quatro anciãos se prostram diante d'Aquele que está assentado no

trono e adoram Aquele que vive para todo o sempre. Eles lançam as suas coroas diante do trono, dizem:

—Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e por tua vontade elas existem e foram criadas.”

Naquele momento eu arremessei minha coroa aos pés de Deus e O desafiei a continuar fazendo o impossível na minha vida.

Capítulo Vinte e Três – Chamada para despertar

A juíza alemã Helga marchou até a sala balançando seus peitos gordos e estriados. Sentou na cadeira que foi rebaixada com o seu peso. Colocou suas mãos fortes com dedos largos. Pegou uma caneta e olhou para mim.

Morri de medo dela.

Eu devia ter ouvido Deus mas, como eu tinha um probleminha em obedecê-Lo quando o assunto era a bebida, Ele me mandou a Helga.

Pelo menos eu acho que o nome dela era Helga. O nome dela precisava ser Helga. Ela era uma alemã imensa e assustadora que tinha a missão de me deixar sóbria.

Ainda bêbada da noite anterior, eu andei 2 quilômetros até o hospital militar. Chegando lá, fui direcionada para a ala de transtornos mentais. Eu andei até lá e me tornei uma nova paciente da "ala de transtornos mentais". Mas eu estava desesperada por ajuda.

Eu simplesmente não conseguia parar de beber.

Nem mesmo depois da minha filha nascer. Nem mesmo depois de todos os esforços que eu tentasse. Nem mesmo depois de todos os milagres incríveis que Deus fez na minha vida. Eu não conseguia parar. Eu lutava contra um demônio sanguinário que não queria me deixar ir embora.

E agora aquela mulher assustadora me ajudaria:

— Quantos filhos você tem? — ela perguntou com sua voz forte e seu sotaque alemão.

— Hm, eu tenho três. Uma delas tem 5 meses. O nome dela é Abigail.

— Você amamenta o seu bebê? — disse apertando os lábios e me olhando de cima a baixo.

Bêbada e intimidada, eu falei com uma voz fraca:

— Sim... Eu amamento minha filha. Desculpa... Desculpa mesmo. Eu preciso de ajud... Não consigo largar a bebida... — comecei a chorar.

Helga me olhou como se eu fosse o pior pedaço de carne na face da terra.

— Desculp...

— QUE TIPO DE MÃE É VOCÊ? — ela exigia saber apontando o dedo na minha cara — OLHA PARA MIM. HEIN? QUE TIPO DE MÃE É VOCÊ?

Depois de falar isso, ela esfregou na minha cara como eu era uma mãe horrível mostrando as formas que a bebida envenenava o leite do meu bebê.

Bêbada e depressiva, senti que aquilo era o último prego no meu caixão. Depois de me esculachar por sete minutos ininterruptos, ela pegou a pasta do meu histórico médico, viu que o meu problema com o álcool era antigo, jogou a pasta na mesa e me disse as palavras mais assustadoras que eu ouvi na minha vida:

— A senhora perderá a custódia das suas filhas. Você é incapaz de ser uma mãe e não merece o seus filhos. Aliás, como o seu marido se diz um militar disposto a proteger o país dele se ele não protege nem a própria filha? Se ele não protege nem a sua própria casa? Vou ligar para o comandante dele e ele será castigado por permitir esse abuso infantil.

Fiquei sóbria na hora.

Pedi por misericórdia. Gemi, chorei e implorei para ela não fazer nenhuma dessas coisas. Ela me ignorou e saiu da sala. Comecei a implorar para Deus. Ele também me ignorou. Dois soldados entraram na sala carregando uma cadeira de rodas. Me obrigaram a sentar nela e me levaram para uma sala toda emborrachada e sem objetos cortantes.

Foi a pior fase da minha vida.

Quando eu me acalmei, me medicaram e me levaram para casa, onde chorei até dormir.

Acordei com os passos pesados do meu marido de 1.93m. A cara de Garrett dizia tudo: ele tinha chegado ao limite.

Eu sabia que iria perder ele então implorei que ele tivesse piedade de mim e não me abandonasse.

Ele continuou me olhando com aquele rosto. Eu jurei que faria qualquer coisa para parar de beber.

— Eu não acredito.

Aquilo tudo não podia ter acontecido numa hora pior.

Faltavam duas semanas para nos mudarmos para o Texas, onde Garrett receberia um treinamento médico avançado em Fort Sam

Houston. Dentre as centenas de soldados qualificados que se candidataram para o treinamento, Garrett foi o escolhido para aquela escola de elite. Além de ser uma honra imensa para ele, era uma promoção maravilhosa que aumentaria muito o nosso padrão de vida. E agora eu estava prestes a estragar tudo.

Mas pelo menos agora ele entendia como eu me senti quando a faculdade foi arrancada de mim.

Ele estava com tanta raiva que não falava nada. Implorei e jurei. Ele continuava quieto. Segui ele pela casa me arrastando. Ele saiu de casa. Liguei chorando. Ele não atendeu. Estando com tanta raiva quanto estava, ele se recusava a ter qualquer interação comigo, temendo falar algo que me machucasse demais ou que me traumatizasse.

Assim, eu suplicante e o Garrett mudo, esperamos que Helga, a carrasca da minha vida e da minha família, ligasse para o comandante na próxima semana. Mas, por algum motivo, ela nunca ligou.

Quando percebi, eu já estava vendo planícies na estrada para o Texas.

Eu tinha a misericórdia de Deus estampada na minha testa. Infinitamente grata pela misericórdia que Ele teve comigo de novo, eu jurei fazer tudo para me manter longe da bebida.

Entulhada com montanhas de Dissulfiram, eu ficava em casa o máximo que eu conseguia. Eu só saía se fosse absolutamente necessário. E quando eu saía, eu saía carregando um crucifixo e pedindo a proteção de Deus. Eu me recusava passar na frente de qualquer lugar que vendesse bebida, o que era muito difícil de fazer morando numa base militar. Mas me esforçava. Quando eu ia ao mercado, eu não passava no corredor da bebida.

Minha vontade de vencer o vício era real dessa vez!

Quando chegamos em San Antônio no Texas, eu estava tão paranoica com essa história de bebida, que quando um vizinho nos convidou para jantar, eu perguntei se teria bebida lá e ele respondeu alegremente “Sim!”, eu fechei a porta na cara dele.

Eu nunca mais falei com ele.

Garrett tinha começado suas 57 semanas de treinamento e eu ficava sozinha em casa. Percebendo que todo aquele tempo livre era meu inimigo na guerra contra o vício, eu decidi aprender Web Design.

Comprei um livro de HTML, passei horas lendo-o e logo e comecei a criar sites na internet. O monstro criativo em mim voltou a ser alimentado e a depressão começou a ir embora.

Eu também percebi que quando eu não bebia, minha depressão melhorava uns 50%. Eu devia ter ouvido a programa de reabilitação do exército. Eles não eram tão idiotas quanto eu pensava. Tudo bem que pode não ter sido o melhor programa para mim, mas eles me ensinaram verdade muito importante: o álcool causa depressão.

Agora eu sabia que eles tinham razão.

Estando numa nova cidade do Texas e longe da Igreja dos Campeões, eu praticamente só saía de casa para comprar comida. Eu sabia que para me livrar do álcool só havia essa forma e que, portanto, essa era vontade de Deus.

Eu tinha muitas amigas naquela base que eram esposas solitárias como eu. Em nossas reuniões de coitadinhas onde, lamentávamos a nossa vida solitária enquanto encharcávamos nossos estômagos com álcool.

Esse tempo tinha acabado.

Agora era o tempo de cuidar da minha família e superar completamente o meu passado. Chega de ser coitadinha. Chega de ser uma alcoólatra. Agora era um novo tempo em que Deus queria melhorar a minha vida. Mas antes eu precisava fazer o básico.

Em 9 de abril de 2000, eu oficialmente larguei ao mesmo tempo o cigarro e a bebida.

Garrett trouxe um trabalho do seu curso que mostrava doenças cardiovasculares causadas pelo cigarro. A gente ficou apavorado. Ele jogou seu Marlboro Reds e eu o meu Capri Lights no lixo e fomos imediatamente para as balinhas. Por meio de muita oração e balinhas, demos juntos nosso primeiro passo para nos livrarmos do vício do cigarro e melhorarmos nossas vidas.

Agora éramos um time e trabalhávamos em equipe.

Todos os dias, Garrett ia para o curso às 4 da manhã e saía às 7 da noite enquanto eu criava nossos bebês e aprendia sozinha a programar em HTML e Java Script e a dar os meus primeiros passos no Photoshop, Paint Shop Pro, Microsoft Office e outros. Logo eu consegui os meus primeiros trabalhos na internet.

Quando consegui o primeiro percebi que Deus tinha me abençoado me dando o que eu precisava: um trabalho longe de bares e más companhias, perto das minhas filhas que dependiam de mim e em que eu podia fazer duas coisas que eu amava, criar e aprender.

Depois de meses de esforço intenso, Garrett foi informado que seria enviado de volta para Washington, onde ele seria promovido a oficial não comissionado e seria chefe da clínica cardiológica.

Outra vez Deus se mostrou fiel enquanto provávamos nosso potencial.

O ciclo de melhora voltou a girar e eu comecei a CRESCER como uma rosa poderosa, plantada e enraizada no Amor Abundante de Deus.

Voltei à igreja antiga como uma nova criação sóbria de Cristo. Lá eu também fui promovida. O ministério das crianças precisava de uma nova chefe do departamento da creche. Eu imediatamente aceitei e, usando minha criatividade e o meu dom de liderança, fui capaz de gerenciar aquela turma caótica de crianças agitadas.

Eu vestia orgulhosamente a camiseta da igreja dos campeões, prendia o meu cabelo, e ia receber as crianças e agradecer aos pais que vinham à minha aula.

Numa igreja com mais de 5.000 pessoas, eu pude ensinar a Palavra de Deus para centenas de crianças preciosas!

Sendo a responsável por tudo, desde escrever currículos, programar atividades e recrutar voluntários, eu liderava 30 pais no serviço dos domingos.

Ganhei uma reputação de exímia recrutadora de pais e voluntários, e comecei a ser chamada de “a recrutadora da igreja”.

Ao invés de me orgulhar de conseguir arrancar cada centavo da carteira de um homem, agora eu me orgulhava de conseguir convencer qualquer um a servir na obra de Deus. Afinal, se Deus podia usar até *eu*, Ele podia usar qualquer um!

Aprendi muito sobre liderança, trabalho de equipe, e administração de um ministério grande naquele primeiro ano no Centro dos Campeões.

Tendo fome de conhecimento e paixão em servir a Deus, eu queria tudo o que Ele tinha preparado para mim. Eu era imparável. Eu até trabalhei como designer para e igreja em troca de aulas grátis na escola bíblica. Eu estava determinada a evoluir e a continuar a minha educação. Mal eu sabia que Deus tinha outra graduação preparada para mim.

Estando com os olhos no prêmio e com a Palavra de Deus no meu coração, eu prosperei.

A vida de campeã começou a se tornar real para mim enquanto Deus fazia muito mais do que eu podia pedir ou imaginar. Minha vida estava se tornando exatamente o que está escrito em Efésios 3:20

"E agora, que a glória seja dada a Deus, o qual, por meio do seu poder que age em nós, pode fazer muito mais do que nós pedimos ou até pensamos!"

Amém e que Deus abençoe a Helga!!!

ATO VI - Conheça a Shelley #3-

Capítulo Vinte e Quatro - Construindo a mente de campeã

“Porquanto, Deus não nos concedeu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio.”

2 Timóteo 1:7

Estando finalmente sóbria, agora eu tinha condições de batalhar contra os monstros mentais que ainda me escravizavam. Eu tinha passado por muitos testes, mas agora era hora lutar a batalha real: deixar o meu passado no passado.

— Você não pode viver uma vida positiva tendo uma mente negativa

Eram as palavras que o Pastor Kevin sempre pregava durante o culto. Mais do que qualquer coisa, eu queria me livrar da minha mente negativa e viver a vida positiva de campeã. Mas eu não conseguia me livrar e superar a carga emocional do meu passado que me impedia de ter essa nova vida.

O fardo mais difícil de abandonar era o rancor contra a minha mãe. Agora, eu até queria um pouco, mas ainda não tinha perdoado ela. Exteriormente, podia parecer para o Garrett e minha família que eu a tinha perdoado, porque eu não falava mais mal dela. Mas a verdade é que os meus pensamentos sobre ela não tinham mudado muito desde a minha adolescência.

Assim, cansada de tentar subir a montanha do sucesso carregando esse e outros fardos emocionais do passado, eu cheguei a um momento de decisão: perdoar e ser capaz de subir essa montanha ou ficar onde eu estava e continuar a marchar ao redor dela, frustrada e amarga por não subi-la.

Cansada de ser uma israelita reclamona que não encontrava a Terra Prometida, eu decidi praticar o que eu tinha aprendido nos últimos cinco anos.

Ao invés de pensar mal daqueles que tinham me machucado, eu comecei a procurar as suas qualidades. Pensei em todas as coisas que minha mãe tinha feito por mim na minha infância. Lembrei de como ela me levava ao dentista a cada seis meses e como meus dentes eram lindos por conta disso. Lembrei das festinhas de aniversário que ela fez para mim quando eu era criança. Lembrei da fidelidade dela conosco, dia após dia cozinhando o jantar para a nossa família. Lembrei de como ela sempre deixava a casa limpa. Agora que eu era mãe de três crianças, eu podia entender o amor e o comprometimento que isso tudo exigia para ser feito.

Lembrando a história como ela realmente aconteceu, eu pude entender o seguinte: sim, ela tinha errado feio e me machucado muito quando eu era uma menina. Mas que isso não tinha sido tudo. Ela também tinha feito muitas coisas boas para mim.

Percebendo isso, escolhi não continuar condenando ela por seus erros. Além de ser injusto condenar quem me deu a vida, trocou minhas fraudas, me amamentou, cozinhou para mim durante anos e fez muito mais por mim, quem mais estava sendo prejudicado com isso era eu mesma.

O rancor é um veneno espiritual e mental que machuca mais o dono do que o alvo. Ao invés de punir o alvo e conseguir a justiça, ele consegue apenas intoxicar o dono e torná-lo cego e injusto. Assim, eu decidi abandonar o meu rancor e a minha vida tóxica de vez, e me esforçar ainda mais para praticar o que eu li em Filipenses 4:8

"Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai."

Fixei meus pensamentos em coisas excelentes. Quando satanás mandava seus demônios para esfregar na minha cara o meu passado, eu me agarrava na Palavra de Deus e praticava 2 Coríntios 10:4—5

"As armas com as quais lutamos não são humanas; pelo contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas. Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo."

Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, eu comecei a subjugar tiranicamente todo pensamento negativo que eu tinha. QUALQUER COISA que viesse à minha mente destoando da Palavra de Deus era imediatamente expulsa e censurada.

Praticando de propósito o pensamento positivo, sem que eu percebesse, eu estava construindo uma mente forte de campeã.

— Um hábito demora 21 dias para ser formado — disse o Pastor Kevin.

E ele estava certo. Praticando durante 21, 42, 63, 84 e muito mais dias, o pensamento positivo começou a se tornar natural para mim e as bênçãos de Deus começaram a entrar no meu coração.

Uma das bênçãos foi a mudança de mentalidade que tive sobre minha vida em família. Antes ela era para mim uma obrigação, uma imposição, um fardo a ser suportado. Mas em algum momento desses meses de prática de pensamento positivo e oração, eu comecei a gostar da vida em família.

Começamos a explorar a linda vida selvagem do estado de Washington. Íamos em parques, onde aprendemos a pescar, pegar mariscos, abrir ostras e capturar caranguejos vermelhos nas pedras.

Deus usou Sua natureza para curar a garotinha machucada que havia em mim.

Podendo correr e brincar na areia, eu vivi uma segundo infância nas praias de Puget Sound. Segurando pazinhas e baldes, minha família corria para cavar a areia e pegar ostras e mariscos. Mas mais importante que esses momentos maravilhosos, eram as vezes que Deus usava as maravilhas da Sua criação para falar profundamente comigo.

Um dia, eu cavei bem fundo na areia da praia e peguei uma ostra gigante. Eu estava tentando abrir aquela ostra obstinada com toda a minha força. Tentei várias e várias vezes. Quando eu finalmente me cansei e decidi dar uma pausa, uma Voz veio à minha cabeça:

— Shelley, você é igual essa ostra.

Imediatamente eu entendi o significado disso. Eu me negava a abrir o meu coração para que Deus pudesse curá-lo.

Quando Garrett me viu saindo para uma parte mais afastada da praia, ele sabia que Deus estava me levando para um momento de cura.

Em pé na beira do mar, eu permiti que Deus fosse às minhas partes mais sombrias e expusesse todas as mentiras que eu acreditava sobre mim. As lágrimas saíam dos meus olhos como as ondas do mar de Puget Sound conforme eu sentia que Deus tinha lavado os meus pecados no oceano infinito da sua misericórdia.

A vergonha imensa e a culpa que carregava nos últimos anos finalmente foram tiradas das minhas costas.

Eu não era mais uma garotinha machucada que foi abusada na infância. Eu não era mais uma stripper, prostituta, atriz pornô, drogada, alcoólatra ou qualquer outra coisa degradante. Eu não era mais uma coitadinha. Eu era uma filha de Deus Todo Poderoso.

— Meu Pai fez os céus — disse enxugando as lágrimas sob as nuvens brancas e fofinhas do céu azul claro e bonito.

Maravilhada com a beleza ao meu redor, eu pensava como alguém podia negar a existência de Deus, quando senti algo tocar meus pés. Olhei para o chão e vi que uma estrela do mar eu me agachei para pegar uma estrela do mar que tinha flutuado até mim. Vendo os movimentos gentis de suas perninhas, Mateus 11:29 me veio à cabeça:

"Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas."

Então pensei na gentileza de que Deus sempre teve comigo. Pensei no amor que Ele sempre teve comigo. Ao contrário do meu pai terrestre, que sempre estava ocupado, Deus estava sempre disponível e atento a cada detalhe da minha vida. Senti naquele momento que eu finalmente tinha recebido a atenção e a aprovação que eu precisava.

Ao mesmo tempo em que eu fiquei feliz e aliviada, eu fiquei triste por ter perdido tanto tempo buscando a aprovação de homens no clube de strip, na prostituição, no pornô...

Quanto tempo desperdiçado. Quanto sofrimento em vão. Eu podia estar me relacionando com Deus esse tempo todo. Eu podia ter tomado o seu jugo suave sobre mim a muito tempo. Toda aquela dor

não existiria se eu tivesse buscado ser mansa como Ele. Todo aquele sofrimento poderia ter sido evitado se eu O tivesse buscado antes.

— Desperdicei oito anos da minha vida — suspirei triste enquanto chutava uma conchinha na areia.

Mas então, eu ouvi uma Voz me dizer com clareza:

— Shelley, nenhuma grama do seu sofrimento será desperdiçada. O seu sofrimento ainda ajudará muitos dos meus que sofrem.

Memorizei cada palavra e me agarrei à promessa d'Ele.

A volta para casa foi tão incrível quanto os dias em que eu passei na praia. Quilômetros e quilômetros rodeados da mais pura beleza natural. Longas filas de ameixeiras e arbustos verdes carregados de blackberries beirando a estrada. As pausas que nossa família fazia ao estacionar o carro e pegar aquelas frutinhas escuras e docinhas. E a surpresa de chegar em casa e descobrir que essas frutinhas deliciosas também estavam aparecendo por lá!

Todos os dias do verão, eu enfiava meu bebê no carrinho e levava as minhas filhas para meus lugares favoritos de pegar frutas. E sendo Washington o lugar onde nascem as maiores blackberries do mundo, eu, Tiffany, Teresa e Abigail, nunca estávamos sem umas dessas frutinhas na mão. E quando não estávamos comendo-as, estávamos guardando-as na geladeira e no freezer.

No final da estação, estando nossa geladeira e o nosso freezer entupidos de blackberries, Garrett comprou caixas e caixas com vasos de geleia e eu transformei minha cozinha numa fábrica de geleia!

Eu nomeei com orgulho a minha criação deliciosa de “Geleia da Shelley” e a enviei para nossos entes queridos como presentes de natal.

A reação deles me deixou muito feliz: eles amaram a minha geleia!

Quando o inverno chegou e eu precisei me despedir dos raios de sol, tive a graça de entender que eu não precisava reclamar dos “invernos” da minha vida, porque até neles eu podia encontrar a beleza.

Ainda apaixonada pelas velas, nas noites frias, eu as acendia e as espalhava por toda a casa. Antes elas serviam para me abrigar num

mundo de trevas. Agora elas serviam para me lembrar da chama do Amor de Deus que estava aos poucos crescendo no meu coração.

E Deus, tendo posto Sua Mão sobre a minha mente e minha vida, estendeu-A com Seu toque de cura ao meu casamento.

Em 1995, pela primeira vez, eu me permiti a amar o Garrett.

Eu nunca tinha permitido que eu me tornasse realmente próxima de outro ser humano. Depois de toda a dor e rejeição que eu passei na minha vida, o meu medo e o meu instinto de proteção assassinava o meu amor. Mas após longos anos de luta contra meu passado, eu me permiti amar o Garrett.

Porque antes eu confiei em Deus, eu pude deixar de me preocupar com um abandono hipotético do Garrett. Porque a base da minha autoconfiança e confiança era o Amor que o Deus da criação tinha por mim, e não no que os outros seres humanos tinham, criaturas instáveis como eu, finalmente eu me senti livre para amar.

Livre para amar e até cometer erros nos meus relacionamentos.

Toda a vez que eu ou o Garrett errava, nós sabíamos que o erro já tinha sido perdoado pela Cruz de Cristo. Deus já tinha perdoado todos nossos pecados passados, presentes e futuros. E porque nós aceitamos o sacrifício de Seu Filho Jesus, nós ganhamos a liberdade de crescer em todas as áreas da nossa vida, especialmente no nosso casamento!

Aos poucos, ser a esposa do Garrett se tornou uma das maiores alegrias da minha vida. Eu estava livre para amá-lo sem que os traumas do passado me atrapalhassem. Sem temer que ele me abandonaria. Sem que eu me definisse por qualquer coisa da vida passada e sem que temesse em segredo que ele também me enxergasse assim.

Me permitindo ter tal intimidade com o Garrett, eu pude aprender a fazer amor do jeito que Deus o criou, e não da forma em que o mundo o perverteu.
Tendo os lindos olhos azuis de Garrett olhando profundamente os meus, eu permiti que ele tivesse o controle total do meu corpo e do meu coração.

No início foi muito difícil receber o amor físico e emocional do Garrett, mas Deus me deu forças e a Sua ajuda para que eu praticasse a aceitar ser amada.

Rezando antes dos nossos momentos íntimos, nós convidávamos Deus para o nosso quarto e pedíamos para que ele abençoasse a nossa relação. Sim, nós rezámos antes de nos relacionar! No início eu chorava que nem um bebê. Mas Deus foi me curando até eu conseguir me entregar inteiramente para Garrett.

Por muitos anos, Garrett e eu nos mantivemos longe do sexo íntimo, e fazíamos segundo a minha vontade: sexo frio e sem sentimentos.

Eu não deixava o Garrett me beijar com carinho ou olhar nos meus olhos durante o ato nesses primeiros anos de casamento. O sexo era quase um ritual para mim. Tinha que ser do meu jeito, sob a minha vontade, sob o meu controle. Mas quando fiquei completamente sóbria e tinha instrução de campeã necessária dentro de mim, eu estava pronta para derrubar a "fachada" do sexo que tínhamos e permitir que Garrett expressasse fisicamente o amor que ele sentia por mim.

Eu expulsei de casa a Shelley daqueles primeiros cinco anos de casamento, e agora a nova Shelley se submetia às mãos gentis de Garrett. Juntos descobríamos a beleza do sexo feito da maneira que Deus o criou e abençoado pelo Espírito Santo.

Amém e que Deus seja louvado!

O amor estava no ar e nós íamos descobrindo que 1 Coríntios 13 era 100% verdadeiro conforme nós praticávamos de propósito os mandamentos do Amor Divino:

"O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha."

Igual a subida e a descida da maré na época das ostras, a Palavra de Deus lançava ondas de verdade nas praias da minha vida. Cada mentira era arrastada ao oceano do perdão e esquecimento Divino.

A Palavra de Deus me fez desejar o único motivo da minha existência: cumprir o propósito d'Ele na minha vida.

Arrebatada pela fidelidade e misericórdia de Deus, eu finalmente estava pronta para abraçar a vida de campeã que Ele tinha preparado para mim.

Capítulo Vinte e Cinco - A Vida de campeã

"Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte."

1 Pedro 5:6

Era 2002 e tinha chegado o tempo do sucesso.

Garrett, as nossas crianças e eu começamos a construir uma nova vida fora do exército. Garrett recebeu a notícia de que ele estava recebendo uma dispensa honrosa do exército por conta da condição da sua coluna.

A coluna dele travava com tanta frequência no final de sua carreira que, sempre que ele precisava ficar em casa com um atestado, eu passava dias e dias cuidando dele. Considerando que era eu quem tinha sido cuidada na maior parte do nosso relacionamento, essa mudança foi realmente impressionante.

O tempo tinha passado. E aquela gorda depressiva e alcoólatra deu lugar uma esposa cuidadora que cuidava do seu marido debilitado e a uma mamãe campeã que deixava sua casa impecável, cozinhava pratos deliciosos, criava sites coloridos e excelentes, fazia sua própria geleia, criava suas filhas lindas, servia como líder na Igreja dos Campeões e até já tinha estado na faculdade.

Nada mal para uma ex-atriz pornô.

Após sete anos de reabilitação, eu saí da Igreja dos Campeões totalmente recuperada e curada. A Palavra de Deus realmente fez o que prometeu. Eu era a provava viva disso.

Deus curou tudo na minha vida, desde uma doença incurável, traumas de abusos na infância, feridas do meu pai e da minha mãe, amargura, ódio, ira, rejeição, pesadelos do meu tempo de prostituta, insônia, um câncer pré-maligno no colo do meu útero em 2001, estresse pós traumático, alcoolismo, doenças mentais, o meu casamento e a minha relação com minha família e com a do Garrett. Até a minha sogra me amava agora!

Tudo parecia perfeito. Mas ainda havia um problema. Eu estava tendo pequenos desgastes com as nossas famílias porque eu me negava a fazer a vontade delas: eu não voltaria para a Califórnia DE JEITO NENHUM. Eu nunca mais chegaria perto daquele inferno.

Mas o destino parecia querer a minha mudança para a Califórnia.

Além da pressão das nossas famílias, um trabalho excelente apareceu para Garrett em Fresno, na Califórnia. Mas eu estava tão determinada a nunca mais voltar lá que eu usei de todas as minhas técnicas para ele aceitasse um trabalho no Texas. Não. Eu não voltaria para aquele inferno.

Eu tinha me esforçado demais para voltar a pisar meu pezinho transformado naquele ninho do mal e lar da indústria do sexo. De jeito nenhum! Esse capítulo da minha vida tinha acabado.

Além disso, eu amava o Texas, o último estado cristão da América.

Então estava decidido: minhas filhas cresceriam no Texas e isso seria bom para todo mundo.

Dirigi com muita pressa até o Texas. Nossa nova cidade se chamava Harlingen e ficava perto da fronteira com o México. Meu espanhol era excelente e eu amava os latinos. Estava tudo perfeito. E tornando nossa vida ainda mais perfeita, a proposta que Garrett recebeu em Harlingen, no Texas, era muito melhor que a de Fresno, na Califórnia.

Eu não entendia porque ninguém mais queria essa vaga, e pensei simplesmente que era mais um dos favores de Deus.

Perto de South Padre Island, nós pescaríamos, nadaríamos e moraríamos numa casa grande, bonita e barata enquanto Garrett ganharia uma montanha de dinheiro. Eu sabia exatamente o que eu queria.

Mas ainda assim eu ouvia "Califórnia" ser soprada nos meus ouvidos de tempos em tempos. Apenas ignorei. Na verdade, eu ignorei todos os sinais que apontavam para a Califórnia.

Estando nossas famílias lá e uma vaga com um bom salário, Garrett tentava me convencer a mudarmos para lá. Eu insistia no Texas. Insistia porque o Texas era maravilhoso e também porque eu tinha deixado na Califórnia sete mandados de prisão quando saí de lá em 1995. Acho que eu ainda precisava “confiar” na intervenção de Deus. Mas, enquanto eu não confiava, a minha carteira de motorista de Washington fazia com que eu não me preocupasse com a bagunça que eu tinha deixado para trás na Califórnia.

Eu simplesmente esqueceria minha vida antiga lá.

Quando cheguei em Harlingen no Texas, Gypsy Kings tocava no rádio da minivan e o sol dourava as palmeiras que balançavam ao lado da

estrada. Era um paraíso mexicano. O espanhol fluiu da minha boca e eu agradeci a Deus por aquele dia lindo!

—¡Alabado Sea El Señor! — eu gritei na minha minivan.

Dois minutos depois de eu louvar o Senhor, ascendeu ao ar um cheiro de fralda cagada. Eu queria tanto chegar logo no Texas que acabei fazendo quase nenhuma parada até lá. A pequena Abigail tinha encharcado suas fraldas com fezes e urina. Teresa e Tiffany ora brigavam no banco de trás ora brincavam com nosso gatinho Jinx.

Sim, eu dirigi mais de 3218 quilômetros naquelas estradas esburacadas com três crianças e um gato no carro.

Era uma fuga desesperada de uma mulher que tinha passado os últimos 300 dias sob o céus escuro de Washington. Eu estava sedenta de sol. Eu amava Washington mas eu não aguentava mais viver nas suas trevas. Eu precisava de sol!

Mas enquanto eu ia dirigindo pela estrada, pensando em como seria nossa vida em Harlingen, uma coisa engraçada passou pela minha cabeça: nos últimos mil quilômetros, eu não tinha visto uma única pessoa branca.

Isso não fazia diferença nenhuma para mim, que tinha um passado “multicultural”. Mas estar nos Estados Unidos e só ter ouvido a língua espanhola por 1000km era muito estranho.

Pensando nisso e se tornando intolerável o cheiro da fralda de Abigail, estacionei para fazer uma pausa num shopping na beira da estrada.

Entrei pela porta: nenhum funcionário branco, ninguém falava inglês

— Hmmmm...

Entrei no McDonald's para comprar um lanche. Nenhum funcionário branco, ninguém falava inglês.

Mas como eu falava espanhol, conversei com os funcionários mexicanos. Quando perguntava sobre esse “detalhe” a resposta era a mesma:

— No hay hueros aquí.

Em outras palavras, não havia brancos ali e quando chegamos em Harlinge, vi que também não tinha “hueros” ali.

Eu ia MATAR o Garrett.

Ele tinha ido até Harlingen para fazer a entrevista de emprego e tinha dito que ela era uma cidade incrível maravilhosa para educar as meninas.

EDUCAR COMO SE ELAS NEM TERIAM COM QUEM FALAR EM INGLÊS???

Garrett foi tão sem vergonha que disse que até já tinha encontrado uma casa maravilhosa para nós e que já tinha feito a caução para garantir que ela seria nossa. Mas quando cheguei lá, vi que a nossa “casa maravilhosa” era um barraco numa rua feia a vinte metros de um lixão.

Eu ia matar o Garrett.

Liguei furiosa para minha sogra para xingar o filho dela e dizer como ele tinha me enganado nessa mudança. Como ela queria muito estar perto das netas, ela concordou e disse para eu dirigir imediatamente até a Califórnia. Eu quase concordei. Mas lembrei que a Palavra de Deus fala para a mulher se submeter ao seu marido.

Obedeci e me submeti à vontade de Garrett — o máximo que eu consegui e depois de ter berrado por 40 minutos com o ele pelo telefone.

Depois de alguns dias em Harlingen, chegou o dia de mandar as meninas para a escola.

Era o primeiro dia de Teresa no fundamental um.

Combatendo a raiva da situação em que estávamos, eu tentei ter uma atitude positiva de campeã. Preparei um café da manhã gostoso para as meninas, saímos mais cedo, conversamos no carro, entramos animadas na escola e estava agindo como uma campeã até a professora de inglês da Teresa abrir a porta.

— Hallo. Belcome to de clase room.

Por quê a professora de inglês não sabe falar inglês?

Não. Uma mulher com inglês de favelado não ia dar aula de inglês para minha filha. Não precisava ser uma ex-Huera Loca para fazer o que fiz. A mãe cuidadosa falou mais alto. Olhei ela de cima a baixo e perguntei:

— Você sabe mesmo falar inglês?

Ela não me respondeu. Apenas sorriu sem graça. Foi a gota d’água.

— A gente vai embora daqui AGORA — eu falei virando as costas, arrastando a Teresa pelo braço e indo resgatar a Tiffany na oitava série.

Abri a porta da sala da Tiffany. Mandei ela pegar a mochila e sair da sala. Os coleguinhas mexicanos de turma dela não entenderam nada. Quando ela terminou de guardar seus materiais e saiu da sala, peguei ela pelo braço e saí andando apressada pelo corredor.

— Mãe, o que tá acontecendo, mãe?? — Tiffany ficou me perguntando.

Bufando de raiva, eu não respondi na hora.

Quando saímos da escolas, fomos ao estacionamento, entramos no carro e eu bati a porta, finalmente respondi com um grito:

— A gente tá saindo AGORA dessa M.!!!

Acelerei e as crianças ficaram choramingando enquanto eu bufava de raiva.

Eu quase podia ouvir Deus rindo.

Quase.

Fui direto para a imobiliária e os mandei pôr de novo a casa no mercado porque nós desistimos dela. Garrett surtou quando eu fiz isso porque ele já tinha sido contratado como o técnico cardiovascular do hospital.

Dane-se.

A mãe protetora em mim estava no controle e ela não ia criar suas filhas na fronteira do México.

Aprendi a minha lição e dirigi outros mil quilômetros até a casa da minha sogra em Chino, Califórnia.

A maioria da família do Garrett morava lá. Fomos muito bem recebidos por toda a família. Mas enquanto erámos calorosamente recebidos e Garrett falava que talvez moraríamos por conta da vaga de emprego em Fresno, eu jurava para mim mesma que o Garrett iria achar um trabalho em outro estado.

Eu não ia ficar na Califórnia.

Mas algumas semanas se passaram e nenhuma outra vaga apareceu.

Aff.

Percebi que Deus estava envolvido nisso. E quando Ele se envolve, ninguém pode fazer nada. Você pode até tentar fugir de Deus, mas Ele

sempre vai te alcançar, e se preciso, quebrará suas pernas. Minhas pernas texanas tinham sido quebradas.

Agora eu precisava aprender a me submeter ao plano que Deus tinha para mim na Califórnia.

Mas pelo menos, como eu nunca tinha “trabalhado” em Fresno, eu tinha quase certeza de que eu não iria encontrar nenhum cliente antigo andando pela rua ou na fila do supermercado.

Enfim, nós procuramos casas por um tempo. Vimos várias boas e baratas. Mas é claro que eu quis a imensa e maravilhosa de 3000 metros quadrados com um quintal com 5 hectares de árvores. Como eu não estava pronta para criar raízes, ao invés de comprar uma casa mediana, alugamos essa casa linda em Madera.

A escola cristã em que matriculei minhas filhas era na mesma rua da casa. A vista da minha linda cozinha era para um propriedade que criava cavalos. Era o paraíso das mães.

A Califórnia não está tão ruim assim...

Tendo duas anjinhas matriculadas na escola cristã, meu marido trabalhando em um emprego excelente e ganhando CINCO vezes mais do que no exército, eu era uma mulher abençoada. Minha vida era perfeita e eu estava satisfeita.

Bem, quase perfeita.

Eu ainda sentia um forte chamado para pregar o Evangelho e ensinar a vida de campeã às crianças, mas eu não tinha a menor ideia de como faria isso na Califórnia. Então, ao invés de tentar seguir esse chamado superior, eu passava o meu tempo fazendo coisas banais como limpar a casa, cuidar das meninas, trabalhar com web design e cozinhar o jantar todas as noites. Eu era uma mamãe máquina multifuncional. Uma mãe muito melhor do que antes. Mas mesmo fazendo todas essas coisas, o incômodo por não estar atendendo ao meu chamado era constante.

Eu também tinha me tornado uma esposa melhor. Quando meu mômô chegava do trabalho, eu mimava muito ele. Ele aprendeu rápido que quando a mamãe está feliz, todos estão felizes. Assim ele continuou a trabalhar duro, a me dar atenção, a me fazer feliz e cultivar o nosso amor que floresceu maravilhosamente.

Nós estávamos tão apaixonados, que eu lhe daria mais 10 bebês se eu não tivesse pisado na bola e obrigado a ele "dar um jeito" nele mesmo depois que Abigail nasceu.

Além de eu o ter forçado a isso, o princípio de câncer que eu tive no colo do útero me impedia de engravidar. Depois que saí da indústria pornô, eu descobri que eu tinha HPV, e por conta disso acabei desenvolvendo um princípio de câncer, precisando arrancar metade da minha cervix para me livrar do tumor.

Mas ainda que não pudéssemos ter mais filhos, nossa família de 5 pessoas estava muito feliz. Nós estávamos genuinamente felizes e eu não tinha absolutamente nenhum problema, e agora até mesmo os meus pais e irmãos vinham nos visitar para aproveitar a nossa nova vida conosco.

Eu comecei a experienciar a bondade e a doçura da minha mãe. Ela tinha amadurecido muito com os anos e o seu carisma iluminava o lugar em que ela estava. A personalidade dela era incrível e o seu sorriso era imenso.

Percebi que eu gostava muito dela!

Meu pai também tinha amadurecido muito com os anos e agora eu via sabedoria nele. Eu percebi que amava muito ambos e que tinha verdadeiramente perdoado eles.

Foi um tempo maravilhoso na minha vida.

Também foi um tempo maravilhoso para os meus pais: eles amavam passar o tempo com seus netos. Isso significava o mundo para mim. Finalmente, depois de tudo que nossa família tinha passado, tínhamos nos tornado próximos. Tínhamos nos tornado uma família normal, grande e feliz que frequentemente se reunia em churrascos e festinhas!

Como parte da família vivia no norte, outra parte no sul, e eu vivia no meio da Califórnia, a minha casa se tornou a sede dos encontros da família!

E é claro que isso não me incomodava nem um pouco.

Nesses encontros eu tinha a chance de exibir as minhas maravilhosas habilidades de limpeza e as minhas incríveis receitas de cozinha, sendo muitas dessas aprendidas com a minha sogra holandesa.

Quando eu casei com o Garrett, ela deixou bem claro que eu precisava me endireitar e aprender a limpar e a cozinhar. Depois disso ela me ensinou o modo holandês de cozinha e limpeza.

Quando eu exibi essas habilidades no encontro da família, minha mãe ficou impressionada e disse para a minha sogra:

— É, pelo menos ela ouve você...

— Sim, porque ela parou e me ensinou alguma coisa, dããã — quis dizer.

Mas segurei a minha língua e respondi qualquer coisa com um sorriso amarelo.

Na verdade, eu segurei a minha língua milhares de vezes nesses primeiros anos na Califórnia. Claro que eu segurei. Eu queria que todos amassem a nova Shelley!

Tendo um futuro lindo pela frente, eu não pensava no meu passado feio nem por um minuto. Eu estava num mundo perfeito e nada poderia me desanimar.

Nem mesmo os cristãos preguiçosos que eu trombei no caminho.

Começamos a ir numa igreja nova em Madera. Ela era muito diferente da que íamos antes.

A primeira grande diferença era que os professores estavam sempre atrasados para a escola dominical. Eu não podia acreditar enquanto eu olhava o ponteiro do relógio avançar. A professora da Igreja dos Campeões em mim estava indignada.

E a segunda grande diferença era que o pastor pregava mal e não ensinava muito sobre a palavra de Deus, o que me irritava profundamente. Eu achava que ia morrer antes que ele terminasse de falar sobre as hierarquias de demônios que atuam em Madera.

Como se o diabo fosse se importar tanto assim com uma cidadezinha chamada Madera!

Mas apesar de sua incompetência, o pastor e sua esposa eram muito gentis.

Acabei pensando que Deus estava me tornando humilde por meio daquela Igreja. Acho que eu precisava mesmo. Eu estava muito cheia de mim mesma por conta da prática dos ensinamentos dos campeões, e não aceitava quando alguém não buscava ser excelente na obra de Deus.

Na Igreja dos Campeões, eu fui ensinada por sete anos a buscar ser excelente em todas as coisas que fazia. Eu também tinha ido à escola de formação de líderes, onde eu tinha aprendido sobre liderança e habilidades de trabalho em equipe. A nova igreja que eu ia não sabia nada do que aprendíamos nessa escola. Eles não sabiam de nada sobre a organização de um ministério.

Eles nem tinham um líder de louvor para as crianças!

Vendo aquela igreja que não ia para frente, eu me voluntariei para ensinar àquelas pessoas as técnicas dos campeões.
Eles não quiseram nem sequer me ouvir.
Assim eu aprendi bem rápido que algumas igrejas são como a maioria da população americana: estagnada e improdutiva.

Eu não estava mais acostumada a viver uma vida medíocre e o meu estilo de vida dos campeões ofendeu muitos de lá. Triste e confusa pela preguiça e falta de zelo com a casa de Deus e Seu povo, eu já estava abandonando aquela igreja quando eu conheci uma mulher muito especial.

O nome dela era Pat e ela tinha um ministério incrível nas prisões.

Ela era uma campeã.

Além de ser a diretora e fundadora de uma escola internacional de estudos bíblicos e um ministério nas prisões femininas da Califórnia, ela tinha um doutorado em teologia.

Ela se tornou minha heroína e a minha primeira diretora espiritual.

Nossa relação começou na noite em que eu dei o meu testemunho na igreja. Foi a primeira vez que compartilhei o meu testemunho

publicamente. Mas é claro que eu deixei a parte do pornô de fora. Quando eu terminei de falar, a Pat me disse:

— Shelley, você deveria compartilhar seu testemunho na prisão. Deus fez muita coisa para você!

Em seguida, ela me falou sobre o seu ministério nas prisões femininas e me convidou para contar meu testemunho às presas.

Meu coração pulou de alegria! Tinha chegado a hora que eu tanto esperava! Eu finalmente iria pregar o Evangelho para as pessoas!

Apesar de não ter ideia de como compartilhar meu testemunho e nem de como pregar o Evangelho para assassinas, ladras, estelionatárias e outras presas assustadoras, eu sabia que conseguiria falar sobre a ação de Deus na minha vida.

Aceitei o convite.

Então Pat ficou animada e começou a me falar sobre as prisões, as regras delas, as precauções... Até que no fim da explicação, ela disse algo muito chato:

— Leva sua carteira de motorista da Califórnia, ok?

Puts... Não vai dar certo.

Meu coração se entristeceu. Eu não tinha e nem conseguiria ter uma carteira de motorista da Califórnia.

— Pat, pode ser a carteira de Washington?

— Não, Shelley. Precisa ser da Califórnia.

Meu coração se entristeceu de novo.

Me despedi de Pat, disfarçando a minha tristeza, e eu fui para casa. Quando eu já tinha me deitado na cama e a lamentar como a minha vida era horrível, ouvi a Voz me dizer:

— Shelley, confie em Mim.

Hmm, beleza, Deus. Pode deixar.

Nem morta eu iria ao DMV tirar a carteira de motorista da Califórnia. Ir para que? Para ter que responder a 7 mandados de prisão? Para ir buscar uma carteira de motorista e sair com uma algema e uma arma na cabeça? Não, não, não. De jeito nenhum. Eu nunca iria no DMV.

Era o que eu achava. Uma semana depois eu fui.

Toda vez que eu ia orar esse pensamento ficava aparecendo na minha cabeça. Depois durante o dia, fazendo tarefas banais, ele começou a aparecer também. Quando eu já não podia mais ver um carro sem que eu pensasse que eu precisava ir ao DMV, eu cedi. Decidi confiar em Deus.

Mas não confiei tanto.

Achando que eu realmente seria presa e arrastada até a cadeia ao chegar no DMV, eu me despedi chorando do Garrett e das minhas filhas dizendo que eu as amava e que a mamãe teria que "fazer o que tinha que fazer".

No momento em que pisei no DMV, eu comecei a passar mal: coração disparado, tremedeira, tontura e um mal-estar no corpo todo e, cada vez que eu pensava no que eu podia ser presa, esses sintomas pioravam.

Eu realmente não queria e nem merecia ir para a cadeia.

Eu me esforcei muito para mudar de vida. E agora todo esse esforço poderia ser simplesmente ignorado por algum burocrata desalmado.

Quando eu já estava quase fugindo daquele lugar, eu tirei forças de algum lugar e disse para mim mesma:

— Não. Eu não vou voltar a reclamar da vida como uma coitadinha.

Decidi encarar a situação como uma campeã. Eu decidi encarar a situação como uma mártir que, se fosse presa, seria arrastada por dois policiais enquanto pregaria fervorosamente o Evangelho como uma prisioneira de Cristo.

Eu era a próxima. Implorei desesperada.

Deus, por favor, me ajuda. Por favor, me Ajuda, Deus.

Então aquela voz antiga falou comigo:

— Minta, Shelley. Minta e você se dará bem.

Eu expulsei a voz maligna e escolhi dizer a verdade. Confiei em Deus. Andei até o guichê.

— Nome e número do seguro social — a velha sem emoções exigiu saber do outro lado do vidro.

Eu lhe dei as informações. Ela me perguntou se eu já tinha tido uma carteira de motorista da Califórnia.

Silêncio.

O demônio chegou mais perto. Deus chegou muito mais perto me dando coragem. Engoli em seco e respondi:

— Sim, eu já tive uma carteira daqui.

A velha digitou uns números, fixou o olhar na tela do seu computador e depois me encarou. E disse:

— Espere aqui.

NÃOOOOOOOO!!!!!!!!!

Enquanto eu imaginava as milhares formas pelas quais eu seria presa, eu rezava para Deus e O lembrava de Sua Bondade e Misericórdia infinita e que por isso Ele não podia me abandonar naquela hora se foi Ele Quem me tirou da indústria do sexo, me levou de volta para a Califórnia e insistia que eu contasse o meu testemunho para umas mulheres assustadoras. Sim, agora eu sabia tão bem a Palavra de Deus que eu podia usá-la contra Ele Mesmo. A Bíblia diz que Deus é Fiel e que Ele mantém sempre a Suas promessas. Naquele turbilhão mental que rodava na minha mente, eu O lembrava disso.

A velha voltou. Tremi. Ela me olhou nos olhos. Quase desmaiei. E então disse:

— Não há registros da sua carteira antiga, precisaremos fazer uma nova.

— Oi?

— Não há registros da sua carteira antiga, precisaremos fazer uma nova.

— Desculpe, o vidro não está me deixando ouvir direito.

— Senhora, não há registros da sua carteira antiga. Segundo o sistema, ela nunca existiu. Precisaremos fazer uma nova.

Atordoada, eu precisei tapar minha boca para não gritar. Deu tinha agido de novo. Agido por MIM, um pedacinho miserável da Sua criação.

Quem sou para receber tantos benefícios de Deus?

Eu tentei ficar calma. Mas não estava conseguindo. Estava sendo impossível conter o meu sorriso de triunfo enquanto eu tirava a foto da minha nova carteira. Pô, fala sério, quantas pessoas se livram de sete mandados de prisão com tanta facilidade?

— HA, HA! — eu ria do capeta enquanto fazia dancinhas no estacionamento do DMV segurando a minha nova habilitação provisória de motorista.

Fazendo cha—cha—chas na minha minivan, eu agradecia ao Senhor em inglês, espanhol e em qualquer língua que viesse à minha mente. Eu senti que tocaria o céu. Eu cantava os versos de *“Surely, God is faithful”* enquanto com uma das mãos eu balançava no ar a minha habilitação provisória de motorista e com a outra eu fingia estar segurando um microfone invisível.

Eu fazia tudo isso durante um engarrafamento.

As pessoas me olhavam de dentro de seus carros como se eu fosse uma retardada mental. Mas eu não me importava: Deus Todo Poderoso estava comigo!

Quando a minha nova carteira de motorista do estado da Califórnia chegou, eu a beijei e agradeci a Deus:

— Muito obrigada, Pai... — sussurrei.

Mas que Pai Bom e Fiel é o Que eu tenho!

Tendo a carteira de motorista da Califórnia e estando pronta para o trabalho, eu apareci na Instalações de Detenção Feminina em 23 de Maio de 2003, em Chowchilla, Califórnia. Uma prisão de segurança máxima que era literalmente de frente para a minha casa.

Às vezes eu pensava que se tivesse uma rebelião e as presas fugissem, em poucos minutos, elas invadiriam a minha casa. Mas mal elas sabiam, que se isso acontecesse e elas realmente invadissem, quem estaria em perigo seriam elas. Nós, nossas armas e o meu marido militar estaríamos seguros e preparados. Enfim, chega de pensar besteira por conta do medo.

Tinha chegado a hora de "sujar" as minhas mãos espirituais e começar a trabalhar.

Entramos na prisão, passamos por revistas e fomos guiadas por guardas armados até a porta de uma sala. Entramos.

Fiquei em choque.

Vi dezenas de desastres em forma de mulheres descabeladas e banguelas que, ao contrário do Centro dos Campeões, onde todos usavam roupas cristãs estilosas e tinham Bíblias com capas bonitas, vestiam macacões surrados e tinham Bíblias pretas e mofadas.

Nos apresentamos brevemente para aquelas mulheres feias e assustadoras e em seguida Pat começou a pregar e a louvar. Quando Pat terminou o louvor e me apresentou às prisioneiras, eu respirei fundo e pedi a ajuda de Deus para a apresentação que eu faria. Estava tudo escrito no meu caderninho, tópico por tópico. Cheia de confiança, eu li inspirada e cheia de fogo aquelas palavras Divinas.

As presas bocejavam.

Talvez eu precise dar mais detalhes.

Larguei o caderninho e disse:

— Eu era uma atriz pornô que pegou uma DST incurável, uma herpes genital nojenta, e mesmo assim, Deus me curou.

Olhos arregalados por toda a sala.

Assim eu continuei a compartilhar o meu testemunho enquanto elas me ouviam atentamente.

Meu passado horroroso, o trabalho incrível de Deus na minha vida, a cura que recebi... Tudo o que tinha acontecido acabou se tornando um testemunho poderoso.

No fim do meu testemunho, eu perguntei a todas que ali estavam se elas queriam conhecer Nosso Senhor Jesus Cristo, Aquele que salva prostitutas e atrizes pornô.

Para a minha surpresa, quase todas que estavam na sala se levantaram e formaram uma linha para receberem orações.

Quando uma presa gigante e assustadora se aproximou de mim pedindo oração para tudo, desde seu vício em drogas até os abusos que sofreu na infância, eu pus minha mão em sua testa oleosa e roguei para que Deus tocasse profundamente a vida daquela mulher. Quando rezei para que Deus expulsasse satanás da vida dela e a libertasse das mentiras que a escravizavam, eu olhei para o chão e vi uma poça de lágrimas.
Não pude acreditar.

O Poder da Palavra de Deus transformou aquela mulher assustadora em uma garotinha de 4 anos que chorava desesperada.

Naquele momento eu soube que as prisões eram a minha vocação.

Comecei a me voluntariar toda semana para ser conselheira das detentas. Eu lhes ensinava sobre o Evangelho, o estilo de vida campeão, dava conselhos, e acima disso, eu rezava com elas.

Eu simplesmente estava dando para os outros que Deus tinha me dado.

Pouco tempo depois de minha entrada no ministério, Pat e seu marido se mudaram de Madera, deixando ministério comigo e com o Garrett.

Quando Garrett não podia ir comigo, eu precisava ir sozinha. E eu ia. Ia e ficava trancada sozinha numa sala com mais de 100 detentas. Esse número era assustador para mim. Ainda mais sendo o número de assassinas, ladras, agressoras... Confesso que nunca perdi totalmente o medo mas que ainda assim eu amava cada minuto daquilo!

Eu nunca tinha visto tantas mulheres desesperadas por Cristo na minha vida.

Assumindo o ministério e sendo encorajada por Pat a continuar meus estudos Bíblicos, acabei me matriculando no Instituto Internacional Harvestime, onde tive lições importantes.

Por meio de cursos sobre estratégias para a guerra espiritual, estratégias para a colheita espiritual, métodos de mobilização, evangelismo e muitos outros, Deus foi me preparando para um ministério poderoso.

Eu não sabia naquela época, mas Deus estava me transformando em uma missionária americana que no futuro falaria para muito mais do que 100 detentas.

Nessa mesma época, outra coisa aconteceu no centro bíblico de treinamento em Madera.

Uma coisa muito estranha.

A igreja anunciou uma convidada especial para o encontro mensal das mulheres: uma profetisa.

Como eu sempre ia a esse encontro, eu também fui nesse em que receberíamos a "profetisa".

O encontro era à noite, e quando cheguei lá, perguntei a uma senhora:

— Os profetas e profetisas não acabaram no Antigo Testamento? Se Nosso Senhor Jesus Cristo, o Messias, já veio, essa mulher serve para que?

A senhora apenas sorriu e me encorajou a ir ouvir o que Deus diria por meio daquela mulher.

Então, estando com a guarda alta, eu cheguei no horário do encontro.

Sentei de braços cruzados e esperei até dizerem que a profetisa tinha chegado. Uma garota de 25 anos entrou na sala.

— Pera aí, é ela? — eu perguntei para uma mulher do meu lado.

— É, tô achando que sim...

Eu estava acostumada com a Igreja dos Campeões. Eu queria receber Sabedoria, e não ouvir uma garotinha falar sobre o que ela achava que Deus tinha dito para ela.

Aquela palestra, na minha mente, seria só uma retardada presunçosa falando palavras bonitas. Não havia sentido em ouvir aquela criança falar. Eu pensava todas essas coisas sem perceber que Deus podia usar até uma jovem maluquinha para falar comigo.

A palestra começou.

Ela subiu no palco e perguntou gritando se a plateia queria ser profeticamente tocada naquela noite.

Profeticamente tocada? Pffff...

Depois ela começou a apontar para algumas das mulheres na plateia e a pedir para que ficassem em pé porque Deus tinha uma mensagem para elas.

E logo VOCÊ é a ponte entre Ele e elas?

E de repente ela apontou para mim e pediu para que eu me levantasse porque Deus queria falar comigo. Olhei ao redor. Não podia ser comigo.

— Eu?

— Sim, você.

Agora essa babaca vai me fazer passar vergonha.

Então a contra gosto e sendo forçada pelas outras mulheres, eu fiquei de pé para ouvir o que aquela menina diria para mim.

Apontando para mim, ela começou a falar?

— Assim diz o Senhor. Ele te fez corajosa. Em verdade, Ele está te fazendo corajosa e poderosa para entregar a libertação para as pessoas ao seu redor.

Fiquei com vergonha. Todo mundo estava me olhando. Jurei nunca mais ir nesses encontros. Mas como ela sabia que eu era corajosa? Eu precisava admitir que gostei de ouvir isso e que nessa ela acertou.

Ela continuou:

— Deus disse que você tem uma mensagem profética para a Igreja e que os líderes da igreja precisam te ouvir.

Preciso admitir que a líder em mim gostou dessa parte.

Então ela me chamou para o palco, onde fiquei em pé na frente de todas. Ela disse que eu tinha a unção de Débora e que eu era chamada a ser o alarme da igreja, por ter uma mensagem e um forte aviso.

Quem é Débora? Pensei nervosa. *Como assim eu sou um alarme da igreja?*

A partir daí eu comecei a me sentir muito desconfortável.

Mas a garota profetisa pareceu não se importar. Ela me fez estender as mãos para então abaixa-las com toda sua força e me fazer sentir uma força estranha correndo pelo meu corpo. Depois de fazer isso, ela disse que quando nossas mãos se encostaram, ela “ativou” uma nova coragem que Deus queria que eu tivesse.

Depois de tudo isso eu saí do palco, ainda sem entender nada. Sentei atordoada e envergonhada no meu banco.

Por que ela fez isso?

As mulheres ao meu redor começaram a me cutucar e dizer que estavam impressionadas com a palavra que eu tinha recebido.

— Mas eu nem sei o que eu recebi... — eu respondia sem jeito a elas.

Tudo estava agitado e confuso dentro de mim. Se por um lado eu estava confusa e envergonhada, por outro eu me sentia especial e animada.

Essa contradição interna fez com que eu me sentasse quieta no meu banco.

Subitamente a profetisa chamou minha filha Tiffany e disse que tinha visto tambores ao redor dela, e que ela tinha um dom musical importante. Na mesma hora eu lembrei de quando eu descia as escadas e encontrava a Tiffany batucando nas caixas de sapatos com uma colher de madeira enquanto imitava os bateristas da MTV.

Tiffany e eu ficamos nos encarando.

Será que Deus estava falando conosco por meio de uma garota de 25 anos? Eu fiquei confusa para dizer o mínimo.

Logo o encontro acabou as mulheres ficaram conversando entusiasmadas sobre as “palavras” que cada uma tinha recebido. Eu peguei a minhas bolsa e saí de fininho enquanto a seguinte pergunta rodava na minha mente:

Débora, Débora, quem é Débora na Bíblia?

Mas enquanto eu estava saindo e pensando, alguém tocou o meu ombro. Me virei. Vi uma senhorinha miudinha e de voz doce:

— Com licença, meu bem.

Como eu a via todos os domingos, apesar de estar com pressa de sair dali, eu precisei ser educada e a ouvi-la com atenção:

-... o Espírito Santo manda dizer que você é a noiva guerreira dele.

Ela sorriu, me abraçou e saiu andando.

Hm, okay, isso foi ainda mais estranho.

Agarrei a Tiffany pelo braço e saímos correndo dali. Aquela igreja estava estranha demais para mim. Estranha demais. Planejei dizer para Garrett, assim que eu chegasse em casa, que precisávamos achar outra igreja. Mas quando eu cheguei em casa, ele estava dormindo. Não quis acordá-lo porque ele acordaria cedo no dia seguinte.

Então, como eu estava sem sono, eu fui para o computador olhar uns e-mails, ver uns vídeos e passar o tempo. Tiffany foi dormir enquanto eu fiquei na frente do PC pensando no que tinha acontecido. Eu não conseguia tirar a sensação de que cada palavra que a "profetisa" tinha dito era verdade.

Eu estava muito impressionada com o que tinha acontecido.

— Deus — eu disse — se o Senhor me disse alguma coisa por meio daquela garota, eu vou precisar de alguma prova para acreditar. Só se o Senhor provar para mim que ela falou alguma verdade Sua, eu acredito. Mas eu preciso saber que a prova veio do senhor.

Olhei para o computador e vi o Google na tela. Tive uma ideia. Pedi para Deus que me mostrasse uma web page que tivesse os termos "unção de Débora" e "noiva guerreira" na mesma web page. Se ele fizesse isso, eu acreditaria que Ele falou comigo por meio daquela mulher. Mas, sabendo que achar dois termos numa só web-page poderia ser fácil, eu disse que só poderia haver UMA web-page em toda a internet com esses dois termos. E não podia ser um website, precisava ser uma web-page.

Digitei os dois termos. Cliquei "enter" com um sorriso de deboche.

Em seguida eu cliquei no primeiro link da pesquisa.

O título era "a noiva guerreira". E o subtítulo "a unção de Débora como uma das quatro unções na guerra espiritual."

Cai da cadeira. Era literalmente impossível que os dois termos aparecerem desse jeito numa única web-page na internet. Louvei a Deus. Quando eu sentei de novo na cadeira, conferi no Google: não havia nenhum web site com esses dois termos. Apenas a primeira web page tinha eles.

Ainda balançando incrédula a cabeça, eu pesquisei no Google "Quem era Débora na Bíblia?". Quando eu li que ela liderou dez mil homens para a guerra, eu sabia. Eu sabia que essa seria eu. De algum jeito eu tinha certeza que tinha sido chamada para isso. Mas eu não sabia como.

Na manhã do dia seguinte, eu acordei cedo e contei para o Garrett tudo o que tinha acontecido. Ele sorriu. Ele sabia que sua esposa tinha uma missão importante.

Embora eu não tivesse certeza de qual seria essa missão, eu continuei com meus estudos e com meu voluntariado na prisão, dando continuidade no ministério até o dia que Garrett anunciou que teríamos que mudar porque ele tinha recebido uma proposta de emprego ainda melhor. De coração partido por deixar as detentas e

meu ministério para trás, eu me perguntava o que Deus tinha preparado para mim no lugar em que eu moraria.

Quando perguntei a Garrett para aonde iríamos, ele respondeu:

— Bakersfield.

Glup.

Por quê Deus está me aproximando de Los Angeles?

Capítulo Vinte e Seis — Jornada ao paraíso

Foi estranho mudar para Bakersfield.

Tudo foi entregue de bandeja. Compramos a casa em Bakersfield um ano após eu ter cedido e comprado uma casa em Madera. Como eu amava o ministério das prisões e Garrett amava o seu trabalho, decidimos criar raízes lá. Por isso, quando um ano após a nossa compra da casa em Madera, Garrett chegou em casa e anunciou que teríamos que mudar porque ele tinha recebido uma proposta irrecusável para de uma empresa médica que estava abrindo em Bakersfield, eu fiquei confusa:

— Ué, mas a gente acabou de comprar a casa em Madera.

Mas então ele me respondeu dizendo que a proposta era tão incrível que só podia a ter recebido por meio de Deus. Pensando que "ser vontade de Deus" era uma desculpa esfarrapada do Garrett, concordei relutante em mudarmos para Bakersfield. Assim colocamos nossa casa de madeira à venda. E sem contratar imobiliária, sem fazer reformas na casa e sem praticamente nenhum esforço, eu SOUBE que nossa mudança era a Vontade de Deus quando nós vendemos a casa por 100.000 dólares a mais.

Quem acorda um dia e de repente decide vender a casa que acabou de comprar e ganha 100.000 dólares na venda?

Além disso, a melhor amiga de Pat, diretora do ministério nas cadeias de Bakersfield, assim que soube da minha mudança, me ofereceu uma vaga e me pediu ajuda para o ministério das prisões femininas.

E além disso tudo, conseguimos uma casa perfeita. Quando vimos na visita que ela tinha quatro quartos, uma piscina grande e um quintal imenso, eu prometi a Deus que se conseguíssemos a casa, eu convidaria as mulheres do ministério para os batismos e os churrascos.

Acho que ele gostou da minha ideia: conseguimos a casa.

O quão perfeito é tudo isso? 100.000 dólares na venda da casa em Madera, poder continuar no ministério que eu amava e termos conseguido a casa que queríamos? Não. Deus definitivamente queria que fossemos para Bakersfield.

Assim, em Junho de 2004, nos mudamos para Bakersfield.

Quando chegamos, procurando uma escola para as meninas, descobri que tinha uma escola cristã na esquina do nosso bairro.

Nossa mudança não poderia ter sido mais perfeita!

Estando com dinheiro para gastar, Garrett e eu compramos centenas de plantas caras e roseiras magníficas para enfeitar o nosso quintal.

Garrett, um ex-jardineiro holandês, sabia tudo de jardinagem. Ele tinha passado anos sonhando com o seu jardim ideal e agora tinha a chance de cria-lo. Ele construiu perto da piscina um jardim lindo com palmeiras imperiais e dálias amarelas e vermelhas.

Compramos mais de 20 variedades de rosas, e eu comprei um livro para aprender a cuidar delas. Nosso quintal parecia um paraíso para os apaixonados. A italiana maluca em mim despertou e quis bagunçar um pouco as fileiras simétricas de plantas holandesas. Eu queria a hera rastejante. Garrett queria fileiras coloridas de impaciente. Fizemos um acordo e compramos ambas.

Juntos nós aprendemos a construir um lindo jardim em Bakersfield, um dos lugares mais quentes da Califórnia.

Fazendo 38 graus nos dias de verão, nadávamos na piscina todos os dias. E estando nossos parentes mais próximos do que antes, nós os chamávamos para churrascos e tínhamos os melhores encontros de família. Minha vida era absolutamente perfeita.

Todas as manhãs, Garrett e eu sentávamos no quintal para rezar e agradecer a Deus por tudo o que Ele tinha nos dado. O perfume das jasmins e das rosas nos rodeava. Eram momentos em que o céu tocava a terra. Era incrível pensar o quão longe Deus nos tinha levado em apenas 8 anos.

Agora só falta uma boa igreja...

Então, começamos a visitar igrejas todos os domingos. Mas não estávamos tendo sucesso na nossa busca. Parecíamos não nos encaixar em nenhuma delas. Ou a igreja estava morta no louvor, ou estava morta nos ministérios e no mundo.

Quando percebemos que tínhamos ido em mais de 10 igrejas, ficamos preocupados e nos perguntamos se não estávamos sendo críticos demais. Também nos perguntávamos se não éramos hipócritas por estarmos representando o papel de crentes sem estarmos aprendendo ou tirando nada daqueles cultos.

Depois de muitas idas a cultos nessas igrejas, após comentar o que tínhamos achado da igreja, costumávamos a nos perguntar um para o outro:

— Mas será que a gente não é o problema?

Foi um período muito difícil para nós.

O quanto Bakersfield era perfeita para nós em outros aspectos, ela estava sendo difícil para nós nesse. Fomos em mais de 20 igrejas quando chegamos lá. E apesar de muitas terem coisas positivas nelas, nós nunca encontrávamos uma semelhante a que nós conhecíamos e amávamos, a Igreja dos Campeões.

Estávamos acostumados com o estilo de vida dos campeões (usar a sabedoria da Palavra, o poder do louvor e o trabalho em equipe para construir campeões uns nos outros) e a mentalidade de interior em Bakersfield simplesmente tornava isso impossível.

Um domingo, quando estávamos mexendo nas plantas do quintal e contamos quantas igrejas já tínhamos ido, eu perguntei preocupada para o Garrett:

— E agora o que a gente faz?

— Reza.

Ouvi o meu marido. Comecei a pedir muito para Deus nos mostrar uma igreja boa para nós. Nós continuávamos procurando, mas continuávamos sem achar uma igreja que pudéssemos chamar de “lar”. Como sabíamos que a Vontade d’Ele imperava em tudo, confiamos n’Ele.

Mas ainda que tivéssemos esperança, não estava sendo fácil.

Apesar de estarmos lendo a Bíblia e estudando por conta própria, estávamos extremamente preocupados por não estarmos sendo suficientemente alimentados pela Palavra de Deus.

Provavelmente por ver o desânimo em que eu começava a cair, Deus me mandou uma benção especial: fui aceita na Universidade Internacional Vision para fazer um bacharelado em estudos teológicos.

Graças a Deus fui aceita.

Minha vida melhorou e um novo mundo se abriu para mim conforme eu passei a estudar várias horas por dia o que eu mais amava: a Palavra de Deus.

O primeiro ano de hermenêutica, o estudo dos princípios de interpretação dos livros da Bíblia, bagunçou a minha mente. Vendo todas aquelas formas de estudar a Bíblia por meio de métodos culturais, gramaticais e históricos, eu fiquei furiosa e quis processar todo o mundo Cristão por ter escondido essas formas de mim.

Lembro-me de várias vezes me perguntar com desgosto durante as aulas:

— Mas por que eu nunca ouvi falar desses métodos antes?

Eu me espantava sem cessar ao reestudar de uma forma completamente diferente as Escrituras que me ensinaram durante toda a minha vida.

Fiquei assim especialmente quando eu aprendi sobre as expressões idiomáticas do Hebraico.

Vou dar um exemplo bobo. Há uma expressão que diz "está chovendo canivetes". Nós imediatamente entendemos que "está chovendo muito". Mas um estrangeiro, que esteja aprendendo a língua, pode pensar que enlouquecemos ao entender que falamos que facas estão chovendo sobre nós. Ele pode não perceber de primeira que isso é uma expressão idiomática nossa, e pode precisar de alguém para traduzir adequadamente a frase para ele. O mesmo acontece na Bíblia.

Quando Jesus usa expressões idiomáticas do hebraico, como "*se seus olhos forem bons...*" em Mateus 6:22, o que ele está dizendo é "se você for generoso". Não tem nada a ver com a qualidade das suas vistas. Jesus está falando sobre ser mesquinho versus ser generoso.

Esse é um exemplo de confusão simples. Mas quantas piores não são feitas?

Tratando-se da Palavra de Deus e de Verdades importantíssimas para a nossa vida, não é de se espantar que está escrito em Tiago 3:1:

"Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres, sabendo que receberemos mais duro juízo."

Quantos pastores, bispos, padres e professores de escola dominical e catequistas não seriam julgados com dureza por conta da bagunça que fizeram nas nossas mentes enquanto ensinavam e pregavam?

Enfim, conforme eu estudava a Palavra de dia e de noite, entre as roupas da lavanderia e os cuidados com minha família, eu cresci em conhecimento e, às vezes e em algumas situações, eu demonstrava uma sabedoria que parecia não ter vindo de mim. Dia após dia, eu

sentia que eu era mudada um pouquinho. Algo estava acontecendo em mim.

Eu também tinha começado a estudar a vida dos grandes reformadores como John Wycliffe, George Fox, João Calvino, John Knox e, em particular, Martinho Lutero, o machado de guerra da reforma. Eu ria ao lembrar de como Garrett me chamava às vezes quando eu falava demais no nosso primeiro ano de casamento:

— Seu machado de guerra! — ele berrava para mim enquanto eu não segurava a minha língua grande.

Conforme eu estudava a vida de Lutero, eu me senti atraída pela personalidade dele. Quis ser como ele ao ler que ele tinha sido o ponta de lança da reforma e que ele literalmente impacta o mundo cristão até hoje. Mas ao ler que muitas vezes ficou sozinho, perdeu o apoio de amigos e familiares, criou conflitos internacionais, irou os líderes das nações, criou o caos para a Igreja Católica, eu comecei já não quis tanto ser como ele.

Eu não queria perder tudo o que eu amava.

Mas eu não podia negar a atração que eu senti pelas palavras "a grande reforma".

Conforme eu continuei estudando avidamente a vida de todos os reformadores, eu conheci aquele que se tornaria meu mentor e pregador favorito: Charles Spurgeon, o príncipe dos pregadores.

Era uma pena que ele estivesse morto. Eu queria muito ter ido na igreja dele!

Nessa época eu já tinha comprado todos os livros dele e estava desbravando o mar dos seus sermões. Mar que era muito vasto por sinal, já que antes dos 21 anos ele pregou mais de 600 sermões! Mas eu estava tão apaixonada pelos sermões daquele homem que 600 era um número muito pequeno para mim!

Sim, eu sei. Eu me tornei uma spurgeonista doida.

Eu também estudei a vida fenomenal de Martin Luther King Jr., de Billy Graham e a de uma das minhas católicas favoritas, Madre Teresa. Ela foi a minha maior mentora de todas sobre o amor, a paciência e a humildade.

Finalmente, eu estava recebendo COMIDA e não a migalha que a maioria das igrejas oferecem. Eu comecei a entender que Deus estava me chamando para águas mais profundas e para um conhecimento mais profundo d'Ele. Talvez tenha sido por isso que nós não

encontrávamos a igreja que queríamos, para sermos forçados a mergulhar na Palavra.

Nessa mesma época, outra coisa maravilhosa começou a acontecer: Deus começou a realmente me visitar.

Eu ficava horas sentada com Deus no meu jardim, ouvindo Sua Voz Poderosa falar comigo no meio daquele mini paraíso. Eu admirava as nossas videiras enquanto ressoavam na minha mente as palavras poderosas de Jesus em João 15:

"Eu sou a videira verdadeira; vocês são os galhos. Se um homem permanecer em Mim e Eu nele, ele produzirá muitos frutos; longe de Mim, ele não poderá fazer nada."

Eu refletia sobre essas palavras segurando os galhos das nossas videiras. Eu não queria nunca mais fazer qualquer coisa longe d'Ele. Eu tinha visto como é o mundo longe do Senhor. Vi a miséria, as drogas, o egoísmo, a indiferença, a crueldade, a morte e todo o resto. Eu tinha passado pelo inferno mais de uma vez, e não tinha mais interesse nenhum em ser um galho longe da Videira.

Por meio do nosso jardim, Jesus me ensinou muitas coisas. E até hoje me impressiona como Ele fez isso por meio de algumas plantinhas.

No primeiro ano, como os limões e pêssegos transplantados no nosso jardim, não demos nenhum fruto. Mas conforme fomos obedecendo e nos rendendo aos seus cuidados de Pai, começamos a dar pequenos frutinhos.

Enquanto eu cortava as folhas mortas, para que as plantas pudessem crescer mais, Deus me falava sobre as áreas mortas da minha vida que precisavam ser cortadas para que eu crescesse.

E quando eu tirava ervas daninhas que asfixiavam as minhas plantas, mais de uma vez me veio à cabeça as ervas daninhas que asfixiavam o meu amor e a minha vida espiritual

Algumas dessas ervas daninhas pareciam inofensivas. E eu não queria corta-las naquele tempo. Mas eu obedeci o Senhor. E com muita dificuldade, eu comecei a remover da minha vida tudo o que não era santo, especialmente os relacionamentos.

Isso foi algo muito difícil para uma pessoa que queria tanto ser "amada" pelos outros. Mas eu queria a Presença de Deus mais do que qualquer outra coisa. Como o meu avô tinha me mostrado com as últimas palavras que ele disse para mim, Sua Presença era a coisa mais importante de todas:

— Shelley, você precisa praticar a presença de Deus.

E eu pratiquei.

Entre 2002 e 2004, eu mudei muito. Foi um tempo de consagração poderoso. Eu praticamente virei uma monja. Cortei de vez a música secular da minha vida. Parei de assistir televisão. Expulsei da minha boca todos os palavrões e as conversas vulgares que eu mantinha. Nessa época, eu conseguia ficar um dia inteiro sem pecar. Mas é claro que qualquer um pode fazer isso, desde que passe os seus dias com Deus em um jardim maravilhoso durante dois anos seguidos.

Dia após dia, naquele jardim, eu fiquei viciada na Presença de Deus.

Entre a natureza de Washington e o paraíso no meu jardim, eu cultivei o tesouro da Voz de Deus. Esse cultivo foi a coisa MAIS bonita que eu fiz ou experienciei na minha vida inteiro. Eu amava tanto a Voz de Deus que eu passei três anos estudando sua Palavra, no meu bacharelado em teologia, nos workshops proféticos e na Internet.

Eu realmente queria ler tudo e aprender tudo sobre a Voz de Deus.

Eu fiquei apaixonada pelo Deus da Criação e tudo o que eu queria era ser d'Ele. Eu O chamava de "Abba", o nome carinhoso com que Jesus chamava Deus Pai, que significava "Papai".

Deus agora era o meu Abba. Deus era o meu Papai.

Outra coisa que aconteceu nessa época foi que, aos poucos, eu fui perdendo o gosto de estar rodeada por muitas pessoas. Eu já não me interessava pelas mesmas coisas que elas. Eu já não queria mais ir nas festas do chá com as mulheres dos estudos Bíblicos. Eu não queria ouvir um pastor falar sobre o Super Bowl no púlpito. Eu especialmente não aguentava ver os cristãos compartilhando a sua alegria eterna sobre o seu show de TV favorito.

Quão facilmente seus rostos se iluminavam para essas coisas mundanas e com quanta dificuldade para as coisas de Deus.

Eu tinha me cansado do mundo. Eu já não gostava dele em qualquer tamanho, forma ou moda com que ele viesse se apresentar. Eu preferia ficar em casa no meu jardim, ouvindo o que Deus tinha para me dizer naquele dia.

Eu fiquei tão tão tão viciada na Voz de Deus que ficou até difícil manter uma vida conjugal saudável com o Garrett.

Lá eu estava eu na Presença de Deus, aberta e atenta para ouvir sobre os mistérios profundos de Cristo, e Garrett aparecia querendo trocar

saliva. Assim eu entendi o que Paulo diz ao falar que *“é uma coisa boa permanecer nesse estado* (solteiro), *como eu permaneço.”* Mas, graças a Deus, Garrett foi compreensivo. Nem ele podia negar que Deus Todo-Poderoso estava FALANDO comigo. Que Deus estava pessoalmente me ENSINANDO a Sua Palavra, guardada as proporções, como Ele fazia com Moisés ou Abraão.

Garrett sabia que eu estava tocando “o outro lado” de uma forma profunda e íntima. Aos poucos eu estava me tornando uma amiga de Deus, e Ele queria falar comigo. E eu queria ouvi-Lo.

E foi no outono de 2004, que várias vezes eu O ouvir sussurrar no meu ouvido:

— Conte a sua história.

Eu sabia o que Ele queria. Deus queria que eu contasse ao mundo toda a minha história.

— Uh, não, Deus, isso não dá para fazer — meu coração respondia logo.

Eu já tinha compartilhado minha história com centenas de presidiárias. Poxa, pra que contar sobre o meu passado horrível para mais gente? Já estava bom, não? E assim, eu pensava já estar fazendo bastante coisa por Ele. Eu até tinha um ministério, onde eu pregava e ensinava o Evangelho para centenas de detentas uma vez por semana. Eu estava feliz onde eu estava. E principalmente, eu não queria arruinar minha vida tranquila ao ir a público contar o meu passado e mostrar a verdade por trás da pornografia.

Tá de sacanagem? Agora que minha vida tinha ficado boa eu ia enfiar ela no lixo?

— Ai, não, Senhor. Pede outra coisa, Senhor. Isso eu não posso fazer porque... — e começava a Lhe dar um milhão de motivos pelos quais eu não contaria a minha história.

Dentre esses milhões, havia alguns que sempre se repetiam.

O primeiro deles era o seguinte: “eu não quero lidar com gente maldosa e feia”.

Eu sabia que a indústria pornô tentaria me crucificar se eu tornasse pública a minha história. Eu imaginei toda a maldade que ela faria contra mim se eu mostrasse a sua crueldade. Além disso, eu não queria, depois de todas as outras coisas que eu fiz, ter na minha testa para sempre o rótulo de “ex-atriz pornô” impresso na minha lápide.

O segundo, “eu sou a rainha dos cupcake e a mãe responsável pelas crianças nas excursões da escola cristã das minhas filhas”.

As professoras me conheciam e me amavam. Eu tinha feito amizade com as outras mãe de prestígio da escola. E eu cuidava dos alunos de umas e dos filhos das outras. Eu tinha medo das reações que elas teriam ao descobrir de repente que eu já fui stripper, puta e atriz pornô. Eu tinha pavor até de imaginar.

O terceiro, “minha filha adolescente está na escola, e eu realmente não quero um bando de moleques atormentando ela por conta do meu passado.”

Além disso, ela finalmente estava conseguindo socializar e tinha entrado na banda de elite da escola como uma percussionista. Como eu tiraria essa coisa boa da Tiffany depois de toda a maldade que eu tinha feito com ela no passado?

O quarto, “meu marido trabalha com médicos e outras pessoas sérias e de prestígio, das quais eu quero esconder meu passado.”

E o quinto lugar, “se eu contar tudo como realmente aconteceu, talvez eu perca as boas relações com a minha família, relações que me custaram muito e que eu ansiei por muito tempo para tê-las.”

Enfim, esses eram os cinco primeiros motivos de uma lista com milhares de motivos pelos quais eu não poderia e nem iria “contar minha história” para o mundo.

Então, em outro pôr do sol daquele outono, após Deus ter suspirado mais um “conte a sua história” no meu ouvido, eu respirei fundo e fui para dentro de casa, fingindo que não tinha ouvido nada.

Tinha chegado a hora de ficar agarradinha com o meu Garrett em nossa cama quentinha e confortável enquanto eu estudava a minha Bíblia Comentada por Wycliffe e dizia querer ouvir o que Deus tinha para me dizer naquela noite...

Capítulo Vinte e Sete — Dane-se o paraíso

O Espírito de Deus me acordou às 3 da manhã:

— Conte a sua história.

Eu até pensei em beber uma água, fazer um xixi e fingir que eu não tinha sido acordada com plena energia por Deus. Mas logo eu desisti dessa hipótese e finalmente concordei:

— Ok, Deus. O Senhor venceu. Vou contar a minha história.

Aí vai um fato sobre mim, eu não discuto com Deus às 3 da manhã. Especialmente quando o Espirito Santo me acorda, me impele, e me dá força e habilidade para terminar um site inteiro e escrever toda a minha história em apenas três horas.

Mas aí vai outro fato sobre mim: nessa época eu já era uma web designer experiente. Eu sabia muito sobre optimização de pesquisa e sobre como ser achada no Google, e eu convenientemente esqueci essa parte. Criei o site de um jeito que ninguém ia acha-lo. E se alguém achasse, provavelmente seriam algumas mulheres que eu ajudaria a sair da indústria do sexo.

Sorriso.

Eu era malandra, admito. Mas é que, por mais que fosse necessário, e por mais que fosse ajudar muitas pessoas, eu realmente não estava pronta para compartilhar minha história com o mundo.

Enfim, criei o site. No início deu certo, eu tinha obedecido a Deus mas ninguém me achava. Mas é claro, que o meu trabalho mal feito não impediu em nada que Deus conseguisse o que Ele queria. Ele podia fazer qualquer coisa que Ele quisesse. E fez.

Em alguns meses, centenas de pessoas do mundo inteiro começaram a achar o meu seite. Eu sabia porque tinha um monitorador de visitas e sempre ficava de olho em quantas pessoas tinham visitado meu site.

Quando eu comecei a receber e-mails com pedidos de entrevistas, eu soube que a situação tinha ficado séria:

— Vou precisar falar com as crianças...

Então, depois de uma reunião de família sobre os planos de Deus, eu fui para a direção da escola cristã das meninas.

Entrei na escola e fui para a recepção. Lá, uma moça me levou para a sala da diretora. Eu estava tão nervosa que no caminho tropecei nas minhas pernas várias vezes. Chegando na sala da diretora, eu esperei, esperei, esperei e esperei até que a porta a abriu e a diretora me chamou.

Entrei na sala.

A diretora, vestida com um terninho e tendo um óculos redondo no rosto, sentada em sua cadeira com aquele aspecto formal e sério, me olhou. Eu a olhei de volta. Ficamos em silêncio.

— Senhora Shelley, o que te traz aqui?

Continuei em silêncio. Ela ficou em silêncio. Nos encaramos outra vez. Não aguentando mais aquele constrangimento, eu cuspi logo:

— Diretora, eu sou uma ex-atriz pornô e Deus me salvou de todos os perigos que existem sob o sol — e contei toda a minha história, desde a minha expulsão de casa até a criação do site com a minha história que estava sendo visitado por pessoas do mundo inteiro. E disse que em breve eu começaria a dar entrevistas, e que portanto eu queria que a escola ficasse atenta às minhas filhas para que elas não sofressem bullying e garantisse que as outras crianças não as atormentariam.

Para minha surpresa, quando eu terminei de falar, a diretora tirou os óculos e me disse que ela era uma ex-viciada em heroína e que a mãe dela tinha sido prostituta!

Assim, continuamos a conversar, ela me contou sua história, depois a história de sua mãe, e no final me garantiu que a escola não toleraria qualquer forma de bullying com as minhas filhas.

Saí daquela sala agradecendo a Deus

Muito obrigada por ela não ter sido um monstro comigo, Jesus... Acho que tudo vai dar certo agora.

Em pouco tempo, as centenas de visitas no meu site se transformaram em milhares, e logo toda a escola estava sabendo sobre a minha história.

As mães e as professoras vinham me abraçar e me dizer o quanto estavam comovidas e emocionadas com o que leram. Especialmente a moça da biblioteca, que chorou um rio falando sobre o que Deus tinha feito na minha vida. Eu já sabia que minha história tinha ajudado algumas detentas que estavam presas nas drogas e no álcool, mas era uma novidade para mim que ela pudesse ajudar cristãs piedosas.

E foi dessa forma, que aos poucos, eu comecei a entender que a história da minha vida, ou melhor, a História de Deus na minha vida, tinha o poder de impactar, emocionar e dar esperança para todos os tipos de pessoas do mundo.

Um dia, a organização "Moralidade na Mídia" me convidou para uma entrevista online. Essa era a grande chance. A minha ideia era que compartilhando a minha história com o mundo inteiro, todos veriam a ação de Jesus na minha vida e, vendo-a, O louvariam e O amariam ainda mais.

Assim eu fui fazer a entrevista: esperançosa, tendo boas intenções e sem ter a menor de onde eu estava me metendo.

A entrevista começou. Eu fui apresentada ao público. Contei a minha história e comecei a responder algumas perguntas. Uma delas foi a seguinte:

— Shelley, o que você acha do vício em pornografia?

— Vício em pornografia?

— Sim. Qual a sua opinião sobre os milhões de pessoas viciadas em pornografia?

— Oi?

— Qual a sua opinião sobre os milhões de pessoas viciadas em pornografia?

— Milhões?

— Sim. Qual a sua opinião sobre?

Eu não tinha a menor ideia disso.

Desde 1995, quando eu entrei na Igreja dos Campeões, eu estava trancada numa bolha cristã. Eu não tinha ideia do que era o vício em pornografia e nem do tamanho que ele tinha e apesar de passar muito tempo no internet por ser uma web designer, eu não entrava em nenhuma rede social. Eu só entrava nos fóruns de web designer para pegar umas dicas com outros colegas. Ninguém nunca tinha falado sobre vício em pornografia. Nós só falávamos sobre programação.

Então eu fiquei completamente escondida do mundo da pornografia por mais de 10 anos. Na verdade, eu fiquei afastada do mundo moderno durante 10 anos. Eu não assistia TV senão para ver programas infantis como o Barney. Eu não ouvia música secular e nem o rádio. Eu basicamente criava meus filhos, estudava a Bíblia e

Teologia, ensinava o Evangelho para presidiárias e ganhava dinheiro criando sites.

Essa era minha vida: uma bolha cristã tranquila e calma.

Então quando a entrevistadora falou no telefone sobre aquilo, minha bolha foi estourada.

Depois do meu choque, ela me explicou que o vício em pornografia tinha se tornado o principal problema de saúde mental nos Estados Unidos. Depois falou as estatísticas assustadoras da pornografia. Falou a imensidão de vídeos publicados por ano, a vastidão dos sites na internet e o universo de pessoas viciadas na pornografia.

Eu sentei sem ar na cadeira.

Eu estava horrorizada com os milhares de sites pornôs que existiam na internet. Eu estava aterrorizada ouvindo que a indústria pornô lançava 11.000 filmes por ano, enquanto Hollywood lançava apenas 400. Eu fiquei traumatizada ao ouvir que CINQUENTA E QUATRO POR CENTO dos pastores já tinham visto pornografia na internet no último ano.[29]

— Até os pastores? — eu perguntei atônita.

Eu não podia acreditar.

Eu pensava que qualquer líder cristão tinha uma vida pura e santa. Como um homem de Deus podia já ter visto pornografia??? Eu simplesmente não entendia. Eu tinha perdido o chão. Me senti vivendo em outro mundo durante todos esses anos.

Como assim ATÉ os pastores já tinham visto pornografia na internet???

Eles não tinham medo do cacete que Deus iria dar neles por eles se dizerem guiadores de almas enquanto faziam umas m. dessas???

Depois de ouvir atordoada todas aquelas coisas, a entrevista acabou e eu fiquei triste.

Na verdade, eu fiquei furiosa. Como as igrejas e o governo não faziam nada contra a indústria pornô e os seus crimes? Eles não sabiam a verdade sobre a pornografia? Eles não sabiam que as mulheres odeiam estar ali? Eles não sabiam o que as pessoas ali passam? Como elas se drogam? Como elas são drogadas? Sobre os set's imundos? Sobre as DST'S? Sobre os que morreram de AIDS? Eles achavam que não tinha nenhum ser-humano real por trás daqueles vídeos? Eles não sabiam de NADA????

Eu fiquei completamente revoltada. Minha pressão subiu. Meu coração acelerou. Eu já estava prestes a esmurrar o sofá quando ouvi Deus me dizer com clareza:

—Shelley, escreve um artigo sobre a verdade por trás da pornografia.

— Sim, Senhor. Eu vou escrever esse artigo AGORA!!!

Cheia de uma ira santa, eu sentei na cadeira e comecei a escrever um artigo com todos os detalhes sobre o que acontece por trás das câmeras em um set pornô. Um artigo sobre a verdade por trás da fantasia do pornô.

Quando eu terminei, o artigo me deu medo. Eu nunca tinha falado explicitamente sobre toda aquela podridão. Fiquei com medo da minha criação. Revisando aquele artigo e lendo todos aqueles termos e cenas horríveis, eu pensei que talvez eu devesse atenuar as coisas. Tinha ficado explícito demais. Assustador demais. Real demais.

Quando eu já começava a atenuar as coisas, eu soube que não era para fazer isso: o Espírito Santo tinha escrito aquele artigo abarrotado com a verdade nua e crua e chocante por meio de mim.

Então, quando salvei o artigo e saí de perto do computador, Deus fez algo maluco que eu nunca vou esquecer.

Os versos de "Você fez um homem grande chorar" tocaram na minha cabeça enquanto eu desligava o computador. Por quê essa música secular estava tocando na minha mente? Fazia muitos anos que eu não ouvia a música "Start Me Up". Então, depois de usar o Rolling Stones para falar comigo, me veio à mente o que Ele falou em Lucas 19:40 "*Digo-vos que, se estes se calarem, as próprias pedras clamarão.*"

Caramba, pensei no meu coração*, Deus usou uma musiquinha de rock e depois complementou com uma passagem do Evangelho para falar comigo. Minha teologia foi completamente aniquilada.*

Postei o artigo e do dia para a noite, a verdade sobre a pornografia foi espalhada pelo mundo.

No fim de 2005, os visitantes do meu site cresceram de milhares para dezenas de milhares. Igrejas, organização, viciados, atrizes e pessoas atingidas pela pornografia do mundo inteiro começaram a entrar em contato comigo. Todo mundo começou a entrar em contato comigo, inclusive a indústria pornô também.

Agora eram eles que queriam falar. E eu era tão ingênua que fiquei muito animada com isso! Por meio de uma única entrevista, eu

acreditava ser capaz de mudar o coração deles ao mostrar o amor de Jesus e lhes oferecer esperança e cura.

Foi nesse estado que Luke Ford, um cara simpático e jornalista da indústria pornô, me encontrou para uma entrevista. Ele começou com a seguinte pergunta:

— Shelley Lubben, qual era o seu nome de palco?

Corei de vergonha. Respondi baixinho:

— Bem, eu nunca contei isso a ninguém antes...

E eu tinha um motivo para isso. Eu não queria que nenhum dos meus leitores ficasse tentado a me ver nos pornôs que fiz. Mas lembrei que o site do Luke era um site sobre pornô, e que nenhum cristão decente leria aquilo.

Além disso, eu estava de saco cheio com os vários e-mails de diretores do pornô que me acusavam de ser uma mentirosa.

Pensando nessas duas coisas chegue à conclusão de que aquele era o tempo e o lugar perfeito para divulgar o meu "nome antigo" e dar credibilidade às minhas palavras para o público viciado e calar as bocas daqueles diretores que me acusavam de mentirosa.

— O meu nome de palco era Roxy.

E, depois de revelar meu nome, estando desorientada, insegura e assustada com o mundo da pornografia de 2005, eu contei a minha história tentando não "ofender" ninguém da indústria.

No fim eu agradeci ao Luke pela entrevista e aguardei ansiosa pelo feedback da indústria.

Aqui vão duas amostrinhas dos vários e-mails que eu recebi:

"Sua vaca filha da puta. Ninguém liga para o que uma piranha convertida diz."

"Mentirosa desgraçada. Você continua a mesma vagabunda desesperada por atenção. Mas agora você consegue o que quer sendo uma putinha de Cristo!"

Eu não podia acreditar nos e-mails e comentários maldosos que apareceram na minha tela.

Quando eu terminava de ler tudo assustada, chegavam e-mails piores ainda. Diretores e pessoas pro-pornô começaram a me ameaçar com toda a maldade que há no poço do inferno.

Eu fiquei apavorada.

Como aquelas pessoas não enxergavam a beleza do que Deus tinha feito na minha vida? Como elas podiam dizer coisas tão graves para alguém que elas nem conheciam?

Para piorar as coisas, uns dos que se dizem cristãos começaram a me mandar e-mails com censuras brutais e uma lista sem fim de sugestões de coisas que eu podia ou não dizer no meu ministério pornô.

Para piorar ainda mais, pela primeira vez os meus pais souberam o que tinha acontecido quando eu fui expulsa de casa. Depois de terem lido o meu testemunho no site, eu achava que eles louvariam a Deus por ter me salvado tantas vezes, e até comemorariam que Deus estava usando para o bem toda aquela dor e crueldade que passei e fiz.

Mas sabe o que aconteceu? Minha mãe me ligou e disse:

— Shelley, você está ouvindo o demônio.

— É O QUE?!

Não podia acreditar. Depois de cuspir em cima da minha conversão, minha própria mãe se voltou contra mim. E após dizer para mim e para os outros que eu estava ouvindo o demônio, ela começou a falar para todos os nossos familiares sobre o "ataque e a injustiça horrível" que eu tinha lançado contra ela e contra meu pai. E depois envolveu o meu irmão e minha irmã na história, que me deram a honra de ler os seus e-mails de reprovação no meio de outros do mesmo tipo.

E como eu me defendia e respondia aos insultos e às censuras, antes que eu percebesse, eu tinha sido sugada para o inferno dos e-mails, onde toda a sabedoria que eu adquirira na Igreja dos Campeões evaporou numa nuvem de xingamentos e palavrões.

Para piorar ainda mais o que já estava péssimo, naquele mesmo ano, satanás decidiu atacar a nossa família, e o pai do Garrett morreu num acidente de BICICLETA em 1 de abril de 2005.

Tudo ao nosso redor se voltou contra nós e a paz do nosso paraíso foi arrancada de nós. Nós estávamos vivendo literalmente como Jó.

Frágil e machucada, eu roguei a Deus por respostas. Fui atendida.

Um dia, quando eu estava rezando, uma mulher gentil e desconhecida me mandou um e-mail, dizendo que, enquanto ela rezava, ela sentiu a necessidade absoluta de enviar esse versículo para mim:

"Tu, Senhor, conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti; porque ele confia em ti." Isaias 26:3

Lendo esse e-mail, vindo de uma desconhecida, eu me senti muito consolada por Deus.

Decidi obedecer o versículo para suportar a provação. Confiei em Deus, me esforcei para praticar a sua presença, e mantive a minha mente firme n'Ele e nos Ensinamentos da Escritura. E deu certo.

A minha vida começou a melhorar e eu estava ganhando forças para combater o mal e perseverar no ministério.

Foi então que o diabo em pessoa resolveu me visitar.

A noite estava fria e escura. Minhas filhas e meu marido estavam quentinhos sob as cobertas, enquanto eu, é claro, estava lendo os e-mails. Do nada, eu comecei a sentir um peso horroroso sobre mim que aumentava muito a cada expiração.

Acho que vou desmaiar. Eu nunca desmaiei antes. O que tá acontecendo comigo?

Quando eu me levantei da cadeira e me olhei no espelho, eu percebi que tinha uma NUVEM NEGRA sobre mim esmagando a minha cabeça.

Repreendi aquilo com O Nome de Jesus enquanto tentava chegar ao quarto para Garrett rezar por mim. Fui me agarrando nas paredes, tentando me manter firme, passo a passo, mas a força demoníaca acabou me derrubando.

Eu desmaiei perto do quarto da minha filha de 5 anos.

Nem eu e nem Garrett sabemos como aconteceu, mas alguém me arrastou até o meu quarto e me colocou embaixo da tábua de passar roupas. De repente, eu ouvi Garrett chamar meu nome e eu acordei com um par de olhos me olhando. Não eram os de Garrett. A minha foto de Jesus tinha caído da parede e Ele estava me olhando diretamente nos olhos.
Assustada com tudo o que estava acontecendo, eu tentei me levantar. Caí. Eu ainda sentia aquele peso e agora me sentia asfixiada. Garrett, um ex-médico de combate, pensou que estava com algum mal-estar cardíaco, mas quando eu mal espremi a palavra "satanás" enquanto apontava para minha garganta, ele começou pensar que aquilo talvez

tivesse alguma origem demoníaca. Eu arregalei os olhos para ele como quem dizia O QUE MAIS PODERIA SER, SEU IDIOTA???

Garrett começou a rezar e após poucas palavras do Pai Nosso, o peso sumiu.

Finalmente pude respirar.

Garrett tentou me tranquilizar mas eu fiquei tão apavorada que agarrei todas as versões da Bíblia que eu tinha e fui com elas para debaixo das cobertas, onde eu me arrependi por todos os pecados que eu tinha cometido desde os meus 3 anos de idade.

Eu fiquei ATERROZIDA!

Eu chorei pedindo a Deus:

- Deus, por favor me salva... Eu tô com medo, Senhor!

Fui atendida. Senti a Presença de Deus. Soube então que ele estava comigo o tempo todo e que nada poderia ter me feito mal. Ele me lembrou que satanás não tinha nenhuma autoridade sobre nossa família e que bastava usar o nome de Seu Filho Jesus para expulsa-lo. Enquanto isso vinha à minha mente, eu relembrei as passagens de guerra espiritual e comecei a recita-las em voz alta para que TODOS, incluindo o demônio, pudessem me ouvir. Passagem após passagem, eu declarei o nome de Jesus até ficar cansada e dormir.

Mas então satanás me acordou. Subitamente os meus olhos abriram e eu VI com toda a nitidez do mundo uma fumaça preta em forma de um vulto "humano" na entrada no quarto.

Uma voz saiu de dentro dela e eu literalmente ouvi essas palavras:

- Esse é um dos meus sistemas no mundo e você não vai f# esse sistema.

Essas foram as palavras exatas do demônio. Eu imediatamente comecei a rezar APAVORADA e senti a Presença Maravilhosa de Deus comigo.

Cheia do Espírito Santo, eu virei para o demônio e respondi com firmeza:

- Vai tirar satisfação com Jesus Cristo.

Poof.

Ele sumiu.

Foi a experiência mais assustadora em toda a minha vida. Aquele primeiro ano de luta contra Satanás seria o primeiro de muitos...

Eu que não conhecia as estratégias do inimigo dos Santos, não tinha noção da guerra que travaria contra ele tinha apenas começado: a guerra contra o inferno e todos os seus demônios por milhares de almas preciosas.

Capítulo Vinte e Oito — O relato de Tiffany

Conto de uma filha de atriz pornô

Eu odiava a minha mãe. Eu odiava tanto ela que tentei sabotar tudo o que ela fazia, incluindo o "ministério" pornô dela.

Quando eu era criança, por ser mais escura e mais cabeluda do que minha mãe loira e sexy, eu me sentia diferente e feia. As outras crianças olhavam para ela, olhavam para mim, viam a minha aparência mestiça e riam perguntando de quem eu era filha. Depois viam os meus pelos e gritavam uivando para mim:

— Lobisomem!!! AUUUUU....

Eu respondia enfiando a mão na cara deles.

Eu era uma mestiça asiática que fazia karatê e que não levava desaforo para casa.

Além disso, bater neles era uma forma de aliviar a minha raiva. Eu já estava furiosa nessa época. Odiava a minha mãe. Odiava aqueles homens que ela levava para casa. Cada um daqueles bêbados desgraçados que ela namorava sempre me dizia que queria ser o meu papai!

Diante dessas palavras, eu ficava feliz e começava a me dizer esperançosa:

— Puxa, a gente vai ser uma família de verdade!

Mas então cada um deles sumia para em poucas semanas ser substituído por outro bêbado desgraçado que voltava a dizer que queria ser o meu pai. Simplesmente desapareciam. Mas não antes de me tocar lá embaixo.

Eu odiava quando eles faziam isso porque, quando eles terminavam, eu sentia uma sensação estranha e gostosa e acabava querendo me tocar lá embaixo também.

Foi assim que eu comecei a me masturbar com quatro anos.

Aquilo era gostoso e fazia a dor ir embora por um tempinho. Quando me masturbar me entediava, eu fingia ser um menino que fazia "coisas" com meus animais de pelúcia. Um vez eu achei a cintaralha da minha mãe e comecei a brincar de sexo anal com o meu ursinho.

Hoje eu penso que era estranho uma menina de 4 anos saber usar tão bem uma cintaralha vermelha de 20 centímetros para penetrar um ursinho em várias posições. Pensando onde eu aprendi isso, lembrei que foi vendo por acidente a minha gravar um filme pornô na nossa sala.

Eu tinha cinco anos de idade quando vi minha mãe transando pela primeira vez.

Um dia, eu desobedeci a ordem dela de ficar no quarto e calar a boca. Eu estava curiosa e queria ver como era o trabalho da minha mãe. Eu já tinha visto as câmeras, as luzes e todos os equipamentos algumas vezes na nossa sala. Então eu pensava que ela era uma atriz de Hollywood. Mas quando naquele dia, vi um homem puxar o "troço" dele para fora e começou a enfiar dentro dela, eu soube que ela não era uma atriz de cinema.

Eu me senti imunda vendo aquilo. Pensei em como ela era uma mãe horrorosa. Senti ódio por ela. Fiquei angustiada. Me masturbei.

Quando eu terminei e voltei ao mundo real, olhei para o meu quarto, olhei para mim, olhei para a sujeira que eu tinha feito e odiei a minha vida.

Eu senti vontade de morrer.

Nesse dia, aquela voz que sempre me incentivava dizendo "está tudo bem, Tiffany, pode fazer aquilo tranquila. Não há nada de errado com isso. Ou você não merece nem se divertir um pouco?" quando eu terminei e olhei ao redor me disse "você deveria se matar logo".

Naquele dia, eu não a ouvi. Mas alguns anos e milhares de sugestões depois, eu decidi ouvir o seu conselho. Achei uma faca imensa em casa. Cortei meu pulso com toda a minha força. Achei que eu ia morrer. Mas não morri.

Enquanto eu enxugava o sangue com uma toalha, eu ouvi aquela voz dizer:

— Na próxima vez, corte quando sua mãe não estiver olhando.

Glup.

Eu morria de medo da minha mãe. Tinha medo da reação dela ao ver meus pulsos. Tinha medo da reação dela se eu fizesse algo que ela não gostava. Eu sabia que ela ia me dar um tapão na cara e gritar comigo se eu não a obedecesse. Era sempre assim. Foi assim quando ela me viu experimentando as perucas dela. Eu só queria ser como ela.

Na verdade, eu queria estar com ela. Mas ela nunca tinha tempo para mim. Eu era invisível para ela.

Quando aqueles porcos iam na nossa casa, minha mãe me dava um Pager e me mandava ficar no quarto ou lá fora até que ela me chamasse com um *beep*. Eu sabia que não podia voltar antes, senão ela ficaria brava e gritaria comigo. Então eu passava a maior parte do tempo fora de casa, sem ser percebida por ninguém.

Se eu tinha fome, quando estava na rua, eu ia na casa da vizinha ou mandava um *beep* para a minha mãe e ela aparecia para me comprar algum salgadinho no Wienerschnitzel's.

Se eu tinha fome, quando estava em casa, eu sentia fome calada no meu quarto ou discretamente eu tentava descer as escadas para ir na cozinha.

Se eu conseguia descê-las até o final, era porque a gravação tinha acabado. Se eu não conseguia era porque eu era interrompida pela visão de vários homens mexendo nos pintos e filmando a minha mãe na posição de um cachorro enquanto um homem peludo a penetrava, xingava e batia.

No segundo caso, eu sempre ficava com medo e subia correndo as escadas.

Um dia, quando morávamos naquela casa que sempre estava cheia de estranhos, eu queria tanto receber alguma atenção, que subi no colo de um amigo da minha mãe e perguntei se ele queria transar comigo.

Ele apenas sorriu e me olhou de um jeito estranho.

Mas houve um dia que eu pensei que enfim receberia atenção e amor. Minha mãe saiu comigo para o shopping e me deu um sundae de chocolate. Eu fiquei muito feliz e quis comer logo. Mas antes que eu pudesse provar o sundae, a minha mãe tomou ele de mim e virou nele um líquido transparente de uma garrafa preta com um rótulo branco. Eu não sabia o que era aquele líquido com cheiro forte. Fiquei com medo e não quis mais o sundae. Minha mãe me fez provar, dizendo que o sundae ficaria mais gostoso. O sundae tinha ficado com um gosto horrível. Quando eu não quis mais provar, a minha mamãe me forçou a comer tudo.

Desmaiei.

Muitas vezes, quando eu tentava abraçar a minha mãe, ela dizia que não queria me tocar. Eu sabia que ela não queria porque eu era metade asiática. Ela sempre me disse que eu não era como ela. Que eu

era uma coisa que apareceu do acaso. Que eu era uma coisa que não deveria existir. Para piorar ainda mais o sentimento de não ser como ela, as outras crianças me chamavam de bastarda.

Mas não receber amor e ser tratada como um fardo ou como um lixo não foram os meus únicos problemas: eu fui sexualmente abusada na infância.

Eu era uma garotinha e minha mãe tinha me deixado com um de seus namorados para fazer qualquer coisa. Provavelmente um programa. Eu estava assistindo TV com esse namorado dela e, como o programa era muito engraçado, eu estava rindo muito. De repente, o namorado da minha mãe me mandou ficar quieta senão eu dormiria pelada com ele. Quando eu ri porque ele disse “pelada”, ele me fez ir para a cama com ele.

A gente ficou pelado e a palavra perdeu a graça.

Ele me fez tocar no pau dele. E ele tocou na minha vagina.

Daí a minha memória fica muito confusa até que ela apaga completamente.

Eu tinha menos de 6 anos.

Eu realmente odiava a minha vida. Eu tinha medo de acordar toda manhã. Para aguentar cada dia, eu fingia que estava num filme, e que cada vez que eu acordava, eu estava em outro filme. Assim me tornei uma atriz, como a minha mãe.

Teve também um dia, que eu conheci outro namorado da minha mãe. Ele era alto e mais legal do que os outros. Ele disse que amava minha mãe. Não acreditei. Meu coração magoado de cinco anos já estava endurecido.

A única coisa boa na minha vida era assistir a MTV. Eu viajava nas notas musicais para lugares distantes da minha vida horrível. Aos cinco anos de idade, minhas bandas favoritas eram Van Halen, Metallica e Alice in Chains. Eu me sentia conectada ao vocalista do Alice in Chains pelas emoções que ele expressava. Lembro-me de dizer uma vez assistindo um show dele na MTV:

— Eu acho que também me sinto assim....

Mais tarde, eu descobri que o meu cantor favorito tinha se suicidado e que tinha demorado duas semanas para as pessoas perceberem. Eu já estava mais velha quando descobri isso e eu tive certeza de que me sentia exatamente assim: ninguém sentiria minha falta se eu fosse embora.

Um dia minha mãe casou com aquele cara mais legal. E de repente, o pai e a mãe do meu "novo pai" começaram a me dar muitos presentes. Eles eram muito legais comigo. Mas ainda assim, eu não confiava no filho deles.

Às vezes, quando eu chamava o meu novo pai de "Gary", ele pedia para que eu o chamasse de "pai".

—Ok, Gary— eu respondia e subia as escadas.

Nenhum homem podia mandar em mim.

Conforme a minha idade aumentou, aumentou o número de cortes no meu pulso. Eu me sentia feia, asquerosa e me masturbar todos os dias fazia eu me sentir uma fracassada. Eu pensava ser a única do mundo que fazia aquilo.

Eu também estava gorda e me sentia obesa porque tinha ganhado peso por comer quando me sentia mal. Comer fazia com que eu me sentisse um pouco melhor, especialmente chocolate.

No ensino fundamental e no ensino médio, eu não tinha nenhum amigo. Ser uma percussionista na banda do ensino médio era a ÚNICA coisa que me dava ânimo para sair da cama.

Nessa época eu já odiava a minha vida com todas as minhas forças e me sentia o maior pedaço de merda do mundo. Eu era grande, marrom e tinha uma pele gorda e molenga. Eu me sentia literalmente um pedaço de merda ambulante.

Por isso, quando minha mãe tornou pública a sua história, eu me tornei uma rebelde.

No início eu tentei fingir que estava tudo bem, mas no fundo eu a culpava de ter feito isso só para machucar.

Eu também culpava Deus.

Como Ele e a minha mãe podiam me machucar de novo quando FINALMENTE eu tinha encontrado alguma paz na banda da escola?

Fiquei rancorosa e vingativa. Comecei a me mutilar ainda mais. Minha mãe sempre me perguntava porque eu só usava casacos. Eu dizia que estava sempre com frio. Ela nunca soube que eu me cortava. Eu também só usava jeans para esconder minha gordura e minhas cicatrizes. Em Washington era fácil de disfarçar, estava sempre frio. Mas quando voltamos para a Califórnia, um dos estados mais quentes dos EUA, e eu continuei com os meus casacos, minha mãe começou a suspeitar que tinha algo de errado comigo.

Finalmente, cansada da minha vida, eu decidi ouvir aquela voz e eu tentei me matar em 15 de Maio de 2006, três dias antes do aniversário da minha mãe e dez dias depois da entrevista dela no 700 Club.

Eu tinha começado a tomar Lexapro, um antidepressivo poderoso para síndrome pré-menstrual severa. Pelo menos esse era o diagnóstico dos médicos. Eles diagnosticavam uma depressão por conta da TPM fortíssima que eu tinha sem que tivessem ideia da minha luta contra as consequências horrorosas do abuso infantil que sofri na infância.

Mas como eles iam saber? Eu nunca contei para eles.

Na verdade, eu nunca contei para ninguém pelo o inferno que eu estava passando.

Em todos aqueles anos em que minha mãe passou sendo curada profundamente, eu nunca fui curada. Todo mundo simplesmente assumiu que eu estava bem.

Por isso, descobrir que eu ia reprovar em geometria na escola, foi a gota d'água.

Eu queria provar o meu valor para meus pais. Queria mostrar para as pessoas que eu não era uma gorda estúpida. Quando eu era criança, eu não conseguia nem ler. Eles mal me deixaram passar de ano no jardim de infância. Como eu frequentei mais de treze escolas por conta das mudanças que o exército ordenava, eu nunca tive uma chance de aprender. E agora, na adolescência, minhas notas estavam sempre baixas. Eu me sentia a pessoa mais burra do mundo.

Se eu fosse burra mas popular como alguns burros da escola, a minha situação ainda seria tolerável, boa até. Mas eu era uma excluída, não tinha nenhum amigo e os meus poucos colegas, também excluídos, estavam se distanciando de mim. Ou seja: eu era burra, feia e excluída pelos excluídos.

Para piorar, a minha família estava passando pelo inferno do pornô. Tínhamos perdido o apoio dos nossos parentes. E agora eu ia reprovar.

Saber que eu ia reprovar foi a gota d'água. Então quando aquela voz sussurrou, outra vez, no meu ouvido "Tiffany, se você morrer não sentirá mais dor. Você deveria se matar logo", eu não pensei duas vezes.

Matei a última aula e dirigi para casa enquanto ria como uma histérica no caminho todo. Subitamente a ideia de estar morta em algumas

horas, se tornou a melhor ideia no mundo, uma ideia tão genial quanto a invenção da eletricidade.

Mas Deus não pensava assim. Ele fez a minha mãe tentar me impedir. Enquanto eu dirigia, ela me ligou dizendo que queria passar a tarde comigo no salão. Eu disse para ela que estava ocupada e desliguei. Mas ela continuou me ligando e disse que tinha um mau pressentimento, perguntou se eu estava bem e disse que precisava passar o dia comigo.

— Eu não quero ir ao salão fazer as unhas hoje. Eu estou bem — menti para ela.

Mas ela não acreditou. Ela sabia que alguma coisa estava errada.

Quando eu cheguei em casa, percebi que sobre a nossa casa havia uma névoa preta. Eu podia literalmente ouvir o demônio rindo vitorioso. Eu não tinha mais forças para lutar.

Sentia que ele tinha vencido.

E sua vitória estava garantida porque, além do meu desespero, eu me sentia diferente. Eu estava eufórica e eu estava vendo tudo de uma forma diferente, como se eu estivesse drogada.

Eu entrei e joguei minha mochila no chão. Andei direto até a cozinha. Peguei a faca e comecei a serrar meu pulso como se eu fosse uma violinista. Completamente descontrolada eu serrava o meu pulso com a mesma intensidade que eu odiava a minha vida.

Minha mãe ligou de novo. Por algum motivo, no meio daquele frenesi sanguinário, eu atendi. Ela disse que estava sentindo que tinha algo muito errado comigo e que realmente precisava falar comigo. Desliguei o telefone sem falar nada e tropecei até o banheiro, onde, após desmaiar várias vezes por conta da perda de sangue, eu desmaiei de vez.

De repente eu acordei completamente lúcida com o som de uma Voz que dizia:

—Levanta.

Olhei ao redor e não entendi o que tinha acontecido.

Eu comecei a surtar e a Voz me disse:

— Calma, Tiffany. Eu estou aqui.

— Deus, o que eu fiz??? O que eu fiz???

Deus respondeu com calma

— Você cortou seu pulso. Fica tranquila. Quero que você pesquise “Lexapro” no Google.

Mesmo sem entender esse pedido de Deus, imediatamente após despertar com os pulsos serrados e metade do meu sangue espalhada pelo chão da casa, eu cambaleei para o computador, digitei Lexapro e apareceu um aviso sobre os adolescentes que tinham se matado enquanto tomavam essa antidepressivo.

Deus estava me garantindo que eu não era uma psicótica e que isso não era da minha índole.

Subitamente eu fui inundada por Seu Amor e senti o Seu Carinho por mim naquele momento.

Pouco tempo depois, minha mãe e meu pai chegaram em casa e viram todo aquele sangue no chão. Eles perceberam o que tinha acontecido e me levaram para hospital, onde um enfermeira na ala de emergência perguntou se eu tinha tentado me matar.

Respondi envergonhada:

—Hm...Eu... Sim.

Eu olhei para meu pai e vi que ele estava chorando muito.

Foi o pior momento da minha vida.

Eu tinha deixado os meus pais sem chão. Minha mãe estava absolutamente confusa. Ela tinha certeza de que tinha sido Deus Quem tinha mandado ela contar a sua história e começar um ministério para ajudar as pessoas exploradas na indústria da pornografia, e a mostrar a verdade para os viciados para ajuda-los na luta contra a pornografia, mas ainda assim, sua família estava sendo destruída, sua filha tinha acabado de tentar se matar e ela tinha começado a ter problemas graves de saúde. E o que a devia deixar mais confusa era o fato de que mesmo com todos esses problemas, ela nunca tinha desistido de mim.

Na verdade, ela lutou ainda mais por mim.

Ela ia no meu quarto me ensinar sobre a Palavra de Deus. E me encorajar com Histórias da Bíblia, por exemplo Davi em Ziclague. Ela me ensinava a trilhar o caminho de Deus e a nunca desistir. Ela me dizia o quão linda eu era, e lia as Escrituras mostrando o amor incrível de Deus por mim. Ela não entendia o que eu estava passando, mas sabia que Deus poderia me curar. Ela era a prova viva disso.

Mas ainda assim, sua filha tinha tentado me matar.

Recebi alta do hospital, fui para casa e a minha situação não melhorou muito.

Um dia, não aguentando mais o meu sofrimento, eu disse para Deus que ou Ele provava que existia e que me amava ou eu ia dar um jeito me matar de vez.

Depois de dizer isso, eu joguei a Bíblia no ar e ela aterrissou aberta no Salmo 103:

"Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios. Ele é o que perdoa os teus pecados, que sara todas as tuas enfermidades; que redime a tua vida da perdição; que te coroa de benignidade e de misericórdia."

Naquele dia eu fui salva.

A partir daquele dia, eu comecei a confiar e a me apoiar na Palavra de Deus e, aos poucos, fui sendo curada com o passar dos anos. Para me ajudar, como Ele fez com a minha mãe, Deus me mandou um homem bom e misericordioso chamado Shane, meu amor e alegria dos meus dias.

Em 15 de Agosto de 2009, quando eu tinha 20 anos, eu casei com ele, o primeiro menino que beijei. Eu finalmente tive a chance de me aprofundar na Palavra de Deus sem ser interrompida. Casada com Shane e sob sua proteção, Deus começou a me ensinar sobre o Amor Imenso que Ele tem por mim. Como se meu casamento demonstrasse a união e exclusividade que Deus queria ter comigo.

Meus pais tinham me dado um grande exemplo de casamento cristão, e agora era a minha vez de experimentar um relacionamento repleto de amor.

Depois de uma jornada difícil, eu acabei ao lado da minha mãe, pronta para lutar o bom combate.

Eu sei que é uma luta urgente, especialmente porque Deus me preparou para ela nas profundezas do inferno. Mas eu estou pronta. Estou pronto para lutar contra satanás, seu exército de demônios e destruir o trabalho das trevas.

Eu não me masturbo mais e não tenho mais raiva de ninguém. Incrivelmente, agora estou cheia de compaixão e vontade de ajudar os que sofrem, como eu sofria. Eu também estou cheia do fogo da Verdade e da Justiça de Deus para espalhar sua palavra nos quatro cantos da terra. Para um tempo como esse, eu sei que nasci e fui escolhida por Deus para ser uma de Suas mensageiras.

Meu nome é a prova disso. Minha mãe não sabia naquela época, mas o nome "Tiffany" significa "Aparição de Deus."

Nascida de uma prostituta, quais eram as chances?

Mas Deus tinha um plano perfeito para minha vida e Ele também tem um para a sua!

Quer que eu reze por você hoje?

Se sim, por favor, diga essa oração comigo e conheça o Deus que sara todas as tuas enfermidades, que redime a tua vida da perdição e que te coroa de benignidade e de misericórdia:

Pai Nosso, eu quero Te conhecer.

Eu acredito que o Senhor mandou Vosso filho Jesus para morrer por meus pecados; para me curar de minhas doenças; para me resgatar do poço do inferno. Portanto eu Lhe peço que me salve e me ensine os Vossos Caminhos, e que me coroe com Vosso Amor e Compaixão.

Pai, muito obrigada por me amar tanto.

Amém.

Nossa família está rezando por você!

Capítulo Vinte e Nove - Jornada ao inferno

A oração ganhou um novo sentido na vida da minha família.

Estando nossos parentes contra nós, recebendo ataques da indústria pornô e censuras dos que se dizem cristãos, e tendo os outros ministérios anti-pornô tentando nos levar para o mundo das fofocas, eu soube que era tempo de ajoelhar e rezar até rasgar a pele dos meus joelhos.

Eu definitivamente não estava pronta para um ministério anti-pornô internacional. E eu acho que ninguém no mundo estaria. Assim, onde eu acharia mentores espirituais para ISSO?

Então, inspirada pelas palavras poderosas de um pregador, "Deus não fará nenhum grande movimento sem uma grande oração", eu rezava. Eu rezava muito. Eu comecei a rezar por coisas específicas que eu precisava para que pudesse continuar o ministério para o qual Ele tinha me chamado. Uma dessas coisas era a ajuda dos nossos amigos. Eu implorava a Deus para que Ele mandasse pessoas para nos ajudar, como os amigos verdadeiros de Billy Graham em "Uma autobiografia" tinham sido enviados para ajudá-lo.

Naquele tempo, era apenas minha família no front da guerra contra a pornografia. A guerra tinha apenas começado e nós já estávamos exaustos. Especialmente eu.

Diversas doenças estavam me debilitando para o trabalho no ministério que eu tinha acabado de criar, desde infecções de estafilococos à anemia severa, causada por menstruações anormalmente intensas.

Eu mal tinha começado e já estava adoecendo.

Quando as minhas doenças começaram, eu me lembrei das palavras da minha mentora Pat, com as quais ela me avisou para cuidar melhor da minha saúde se eu realmente quisesse criar e manter o ministério para ajudar as pessoas afetadas pela pornografia. Experiente no mundo dos ministérios, ela me avisou.

Mas eu não quis ouvir.

Eu estava tão envolvida na parte espiritual do ministério, que eu simplesmente esqueci base corporal necessária para que ele acontecesse.

Na verdade, até Deus me avisou sobre minha saúde. Quando eu comecei o ministério em 2004, mais de uma vez, durante a oração, me veio à cabeça que eu precisava entrar em forma para aguentar a missão que viria.

Eu não me preparei porque eu simplesmente não entendia o tamanho da missão para qual eu tinha sido chamada.

Na minha mente, eu era apenas uma mãe cristã e professora do evangelho, que morava em Bakersfield e às vezes lutava contra a pornografia.

Estando muito envolvida na escola das minhas filhas e nas minhas aulas de teologia, eu mal percebia quando as minhas entrevistas apareciam na TV ou no rádio. Minto. Eu percebia. Na verdade eu percebia até demais.

Era muito legal me ver e me ouvir na televisão e no rádio.

Mas falando sério, eu estava tão ocupada com a minha vida pessoal e com o trabalho real do ministério, que eu não pude terminar de assistir ou ouvir quase nenhuma das entrevistas que eu dei.

Em 2006, eu estava expondo o mundo nojento da pornografia em 1 ou 2 shows por semana. E a consequência dessa publicidade toda foi que, a partir desse ano, o meu ministério realmente começou: as atrizes pornô, prostitutas e strippers começaram a entrar em contato comigo.

Durante horas e horas, eu as ouvia falar sobre seus problemas mentais, traumas, experiências sexuais macabras no set de gravação pornô, denúncias contra a indústria e outras coisas horrorosas. Meus ouvidos cristãos já não estavam aguentando. Eu ouvi centenas de milhares de mulheres do mundo todo falar sobre seus problemas e traumas sexuais.

Até mesmo mulheres na Alemanha!

Coisas obscenas, que até o momento eu ignorava, rasgavam os meus ouvidos vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. E embora eu estivesse confusa sobre a natureza “pornográfica” do meu ministério, eu continuava firme. A compaixão de Nosso Senhor Jesus Cristo enchia o meu coração e assim eu sofria junto daquelas mulheres que pediam ajuda desde os quatro cantos da terra.

Eu ficava no MySpace por horas conversando com atrizes, strippers, prostitutas, atendentes de tele-sexo, esposas, maridos, jovens e todos os outros tipos de pessoas que vivem sob o sol e que pediam ajuda

para saírem da indústria do sexo, da pornografia e das suas consequências.

A consequência de todo esforço sem ter me preparado fisicamente antes, foi que, amando e zelando pela cura dessas pessoas, eu acabei esquecendo a minha própria saúde!

Mas, mesmo com a saúde debilitada, o ministério continuou a crescer e, quando percebi, eu já estava indo nas convenções pornô para expor a verdade da indústria e resgatar as pessoas de seus grilhões demoníacos.

Começou em Janeiro de 2006.

A minha igreja alugou uma sala perto da feira para alcançarmos as atrizes pornô. Eu fiquei muito feliz! Eu poderia causar um impacto mais profundo nelas ao conversar com elas pessoalmente. Eu mal podia esperar para ajudar, resgatar e levar A Mensagem de Esperança para aquelas mulheres que sofriam o que eu tinha sofrido no passado.

Mas duas semanas antes da convenção, o pastor mudou de ideia e decidiu que precisamos alcançar os viciados em pornografia ao invés das atrizes.

Eu fiquei chateada. E também não entendi o que o pastor queria.

Como faríamos para convencer viciados em pornografia, que estavam se deliciando numa convenção pornô, na qual chegaram a pagar para entrar, saírem da convenção que adoravam para buscarem ajuda para seu vício em pornografia?

Mas enfim, colocamos toda a confiança em Deus, e eu e um pequeno time da igreja de Bakersfield caímos na estrada, rumo a Adult Entertainment Expo em Las Vegas. Quando chegamos lá, por nossa sala ser próxima da convenção, mas não dentro, nós nos dividimos e eu fui uma das únicas a entrar na convenção.

Pouco familiar com a indústria moderna da pornografia, um novo mundo macabro se abriu para mim.

Assim que entrei, imagens de sexo violento projetadas num telão rasgaram meus olhos. Vídeo após vídeo, as mulheres eram abusadas enquanto homens asquerosos penetravam cada orifício de seus corpos.

Ver aquilo foi demais para mim.

Mas quando eu virei a minha cabeça para não ver mais aquelas cenas horrorosas, eu vi uma outra cena pavorosa: uma multidão de milhares

de fãs olhando a desgraça daquelas mulheres com um deleite extremo nos olhos.

Eu nunca tinha visto tantos homens cruéis em um só lugar.

Como lobos famintos que encaram seus alvos antes de estraçalha-los, aqueles homens encaravam as atrizes pornôs. Prontos para saciar a sua sede de podridão. Prontos para subjugá-las aos seus desejos imundos.

Eu queria ir embora dali.

Mas Deus me mandou aguentar firme e ir rezar para as atrizes nas cabines.

Obediente à Voz Dele, eu fui para as cabines. Quando eu parei em frente à primeira cabine e olhei para a multidão de fãs tirando fotos com atrizes que se deliciavam com aquela atenção imunda, eu tive uma percepção importantíssima: aquilo era uma questão de vida ou morte.

Aquelas pessoas estavam correndo um risco seríssimo de ir para o inferno: elas estavam por vontade própria, como eu estive no passado, escolhendo o pecado, a crueldade, a vaidade, a corrupção e a morte. Elas estavam com seus próprios passos se assemelhando a demônios a cada dia que passava.

Se uma delas morresse ali agora, para que Deus a salvaria se ela odeia as coisas do céu e ama as do inferno?

A urgência que eu senti naquele momento é inexplicável.

Fui de cabine em cabine, rezando, clamando pelo Espírito Santo e expulsando demônios em nome de Cristo. A poderosa guerreira em mim se ergueu, e quando eu percebi, eu estava batalhando pelo destino imortal daquelas almas.

A exposição acabou, voltamos para casa e pouco tempo depois, aconteceu: homens e mulheres começaram a entrar em contato comigo dizendo que saíram da indústria pornô ou que se livraram de vez do vício em pornografia.

Eu não tinha falado virtualmente e nem pessoalmente com muitas delas, mas Deus em Pessoa estava resgatando elas. Era incrível ver a Mão de Deus agindo com tanta força em meio a tanto mal. E o que me deixou mais chocada foi que muitas dessas pessoas eram aquelas para quem eu tinha rezado na cabine!

Foi assim que a oração tomou um novo significado na minha vida e na vida da minha família: vendo os seus resultados.

Conforme eu continuei a rezar cada vez mais e me esforçar cada vez mais no meu ministério para as mulheres presas na pornografia, eu descobri que Deus já estava trabalhando para resgatar as atrizes, strippers, prostitutas, garotas do tele sexo e todas as mulheres envolvidas na indústria do sexo.

Um movimento mundial de Deus tinha começado em 2006, mas as coisas começaram a acontecer tão rápido, que eu quase não acreditava no que via, especialmente quando eu vi uma página com inúmeros ministérios anti-pornô que tinham surgido e estava atuando com uma intensidade assustadora.

Eu nunca tinha lido ou visto nada parecido com o que Deus estava fazendo na terra naquele momento.

Deus certamente estava planejando algo IMENSO!

E logo EU fui escolhida para ser uma de Suas líderes na luta contra a indústria do sexo!

— Mas Senhor, eu sou uma idiota. Quem sou eu para liderar um movimento desse tamanho???

Eu ficava perguntando para Deus durante as orações. A resposta chegava por meio de Sua Voz e as dos outros cristãos ao meu redor:

- Seja humilde, Shelley. Você vai precisar de muita humildade.

Mas o que realmente é humildade? Eu me perguntava várias vezes.

Então, buscando a resposta, eu comprei um livro sobre a grandeza da humildade. Eu sabia que eu não tinha humildade para liderar um movimento internacional. Eu não estava pronta para ser a “Madre Teresa” da indústria pornô. De jeito nenhum. Eu era uma tonta que amava dar entrevistas, uma idiota que gostava das câmeras mais do que eu deveria.

Mas Deus foi Fiel e trabalhou para arrancar uma grande parte dessa vaidade de mim, me preparando ainda mais para esse ministério.

No começo da minha escola de humildade, Ele amorosamente enviou os outros ministérios pornô para me enlouquecer. Nossas briguinhas imaturas somadas com a minha saúde decadente e com a guerra que o demônio lançava contra nós e com o meu desgaste por ouvir durante horas e horas mulheres traumatizadas falando sobre as coisas

horríveis que fizeram com elas, definitivamente tornavam mais humilde.

Mas apesar de ter sido doloroso aprender a ser um pouco mais humilde, eu estava precisando disso: eu era uma idiota no começo.

Retiro o que eu disse. Me deixe corrigir: eu ainda sou uma idiota.

Okay, agora eu fui sincera.

Mas falando sério, eu soube que precisaria de mais humildade quando em 2006 surgiu o interesse geral na vida de atriz pornô de Shelley Lubben. No que eu considero o meu “ano de estreia” no ministério contra a pornografia, eu comecei a receber convites para palestrar na mídia e nos grandes canais de televisão, cristãos e seculares, e em todos os lugares dos Estados Unidos.

Finalmente. Estou fazendo o que eu nasci para fazer!

Minha grande aparição na TV cristã foi numa entrevista para os 700 Club. Depois, eu apareci numa transmissão ao vivo em 5 de maio de 2006, filmada em minha casa em Bakersfield.

Cheia do Espírito de Deus e do testemunho salvador de Nosso Senhor Jesus Cristo eu respondi às perguntas dos entrevistadores e do público. Quando a live terminou, os produtores da 700 Club disseram que, durante a hora em que eu apareci no show, 546 pessoas enviaram mensagens dizendo elas não tinham ideia da verdade por trás da pornografia e que agora que a conheciam se esforçariam ainda mais para largar o vício maldito da pornografia.

Agora eu pregava o hardcore Evangelho de Jesus Cristo!

E é claro, houve a reação demoníaca.

O demônio não queria deixar uma ex-escrava sua sair impune após dar um testemunho daquele para uma audiência de cristãos que se esforçavam para se libertar. Então ele garantiu que DEZ DIAS DEPOIS, a minha filha de 17 anos tentasse se matar cortando os pulsos com uma faca imensa.

Se você pudesse apenas imaginar a dor que eu e minha família sentimos ao vermos Tiffany deitada naquela maca de hospital...

Depois do que aconteceu com Tiffany, eu tinha certeza que era a minha hora de desistir. Minha família estava sofrendo por minha culpa e eu já tinha feito demais. Eu já tinha feito o suficiente e agora era a hora de cuidar da minha própria vida. Mas Deus não concordou comigo. Na verdade, ele discordou brutalmente.

Um dia depois do ataque demoníaco à Tiffany, Ele me fez pregar no encontro do grupo “Celebre a Recuperação”. Imagina que tapa aquilo era na cara idiota do demônio. Foi uma pregação nascida do mais puro sofrimento. Naquele encontro eu pude ver Deus tocar e curar muitas pessoas ali, e uns meses após o meu testemunho, muitos dos que estavam presentes me mandaram e-mails dizendo que tinham se libertado do vício maldito da pornografia.

Deus arrasou!

E tudo voltou a melhorar no nosso ministério e, aos poucos, na nossa vida também. O único contratempo que tivemos foi que eu e minha família não fomos alcançar as atrizes pornô na Adult Entertainment Expo em janeiro de 2007.

Como os ministérios anti-pornô estavam brigando demais, eu estava confusa e tinha se tornado muito difícil para mim participar daquela bagunça, eu me separei dos outros ministérios anti-pornô.

Isso não foi nada fácil.

Não foi fácil me separar porque eu tinha aprendido muito sobre união e trabalho em equipe no Centro dos Campeões. Mas ao mesmo tempo, eu não conseguia engolir a mensagem polida e agradável que aqueles ministérios pregavam para milhares de pessoas viciadas, cujas vidas estavam sem Deus, sem Esperança e sem Amor por si ou pelo próximo. Ou seja, pessoas cujas vidas eram um inferno na terra e que corriam o risco de morrer e ser jogadas no lixo por Deus, sofrendo e abandonadas para SEMPRE no inferno.

Aquelas pessoas precisavam do Evangelho puro e não adulterado de Nosso Senhor Jesus Cristo. E não de um pinto de 9 metros de altura que eu vi ser inflado em um dos estandes de um ministério uma vez.

Eu entendo que eles estavam querendo chamar atenção, mas sério, eles não levavam a sério o Poder da Palavra de Deus. E tive certeza disso quando eu vi um vídeo do site deles. Um vídeo que dizia que cada vez que alguém se masturbava, Deus matava um gatinho.

O desrespeito grosseiro pelos Atributos Santos De Deus me horrorizava. Não. Eu definitivamente não iria me envolver com esse tipo de gente. Apesar de ter tentado morder minha língua e ter mais sabedoria para lidar com esses outros ministérios e organização, pelo bem das mulheres que iam para esses ministérios desesperadas por ajuda, eu não consegui. E como eu fiz na época de atriz pornô, eu simplesmente desapareci do meio dos ministérios anti-pornô.

Quando eu decidi sumir de vez, a seguinte pergunta estava me atormentando dia e noite:

— Como eu poderia alcançar atrizes, produtores e fãs, que se deleitavam numa convenção pornô, sem comprometer a Verdade de Deus?

Nessa mesma época, em que eu buscava uma resposta para essa pergunta, eu preguei o Evangelho e compartilhei meu testemunho para uma audiência de 2.000 homens cristãos na cidade de Bend, no Oregon.

Muito nervosa mas cheia do Espírito Santo, eu disse para os homens da audiência, que lutavam contra o vício em pornografia, se levantarem e receberem a cura por meio do poder de Jesus Cristo.

No início, apenas 30% dos homens se levantaram. Mas eu senti que Deus me mandava chamar mais deles, então eu esqueci todo o meu nervosismo e gritei com uma voz forte para a arena escura:

- Deus disse que há MAIS de vocês e que devem se levantar. Qualquer um que se levantar será livrado HOJE.

Então, imediatamente outros 40% se levantaram.

Era uma vista extraordinária para mim, mas algo mais extraordinário aconteceu: a vista era EXATAMENTE A MESMA que Jesus tinha me dado quando eu tinha 9 anos de idade.

Extremamente emocionada, eu tentei segurar as lágrimas enquanto eu interiormente eu agradecia a Deus por tudo o que Ele tinha feito por mim e O louvava por tudo o que Ele fazia ao meu redor.

Eu simplesmente não podia acreditar. Eu não conseguia acreditar no que eu via.

Era incrível demais para ser verdade.

Além desse momento inesquecível na arena de Bend, eu via nitidamente a ação de Deus nas mensagens de pessoas que me contavam que tinham sido libertas do vício e da indústria da pornografia no mundo inteiro e que me agradeciam por contar a minha história e tê-las ajudado a se libertar da pornografia. Cada mensagem era um relato de ação de Deus em suas vidas. A divindade de Deus me arrebatava.

Deus mostrava continuar amando os pecadores de novo e de novo e de novo.

No final de 2007, tendo sucesso no alcance de atrizes pornô e de viciados, espalhando a verdade sobre a pornografia e pregando o Evangelho em viagens, entrevistas, palestras e testemunhos para a televisão cristã e secular, para igrejas de todos os Estados Unidos e para organizações e instituições educacionais, Deus começou a mover nossos corações para uma ação ainda maior para curar as pessoas das consequências da maldita pornografia.

Por conta do clamor de milhares de pessoas escravizadas, pela necessidade de alguém com experiência pessoal na indústria e pelo desejo imenso de ajudar na salvação daquelas almas, Garrett e eu fomos até um advogado para fundar oficialmente a Pink Cross Foundation: a organização cristã sem fins lucrativos que seria a primeira a ajudar homens e mulheres a saírem da indústria pornô por meio de apoio financeiro e emocional.

Nós não buscaríamos mais as atrizes pornô apenas por meio da internet.

Não.

Tinha chegado a hora de invadir o mundo delas e alcança-las pessoalmente para as informar sobre o Amor que Jesus Cristo tem por elas.

No início, eu não soube por quem começar. Por sorte, essa dúvida não durou muito tempo. Eu tinha tirado um tempo para construir relacionamento com pessoas que ainda estavam aprisionadas na indústria por meio do MySpace. Eu genuinamente amava aquelas pessoas. Eu amava tanto que cheguei a me preocupar se entrar em contato com elas iria magoa-las ou envergonha-las de alguma forma. Roguei a Deus pedindo sabedoria. Também não demorou muito para Deus a me desse.

Durante a oração, eu percebi que eu não poderia fazer quase nada para envergonhar alguém que estava acostumado a expor seu corpo infectado com DST'S para que milhões de pessoas anônimas se masturbassem.

Definitivamente não havia motivo para vergonha ou receio. A minha missão era muito mais importante do que o bom convívio. Essas pessoas viviam vidas miseráveis, longe de Deus e de Seu Amor. E para voltar para Ele precisariam ser acordadas com uma dose brutal de realidade.

Eu seria quem lhes daria isso.

Então, em 2008, eu reservei um estande na convenção Erótica LA. Em seguida, eu corri para levantar dinheiro para o projeto de alcance colossal que eu tinha planejado. Passei meses tentando convencer as pessoas a ajudar na obra de Deus para ajudar as pessoas aprisionadas na indústria pornô.

Mas Deus estava um passo à frente.

E enquanto nosso time de ex-atrizes pornô e ex-viciados em pornografia se preparava para pregar num dos ambientes mais hostis para a Cristandade e reunia doações para isso, Deus preparava o coração dos legisladores para ouvir um relato de testemunhas primárias sobre os efeitos secundários e maléficos da pornografia na sociedade.

Senhor, tende misericórdia.

Fui chamada em Janeiro de 2008 para testemunhar contra a indústria pornô pelo membro da assembleia, Charles M. Calderon, que queria aprovar uma lei para taxar a indústria pornô com esmagadores 25% de impostos.

Isso arrastaria muita gente da indústria para a pobreza e ajudaria a melhorar os efeitos secundários da pornografia.

Quando percebi, sem estar preparada, eu estava enfiada num mundo da política. Ao menos, eu achava que não, mas Deus me provou o contrário quando usou o meu testemunho e o testemunho de Daphne, minha amiga e também ex-atriz, para expor TODA a indústria do sexo da Califórnia.

Agora Deus queria caçar todo o entretenimento adulto, e não apenas a indústria pornô.

Em 12 de maio de 2008, minha família, Daphne e eu andamos para o capitólio do estado da Califórnia.

Quando eu entrei naquele prédio imenso, eu estranhamente me senti em casa. Eu nunca tive tanta certeza de algo na minha vida. Impressionada com as pessoas poderosas e tomadoras de decisão ao meu redor, surgiu uma vontade de ser poderosa como eles e mil pensamentos de reformar a Califórnia surgiram na minha cabeça ansiosa.

Eu tenho que admitir, quando o membro da assembleia Charles Calderon disse que tinha muita gente na oposição e que por isso precisaríamos nos mudar para uma sala maior, a realidade começou a me esmagar, eu fiquei MUITO nervosa.

Comecei a falar para Deus:

Ai merda, caramba, Deus, eu tô indo testemunhar contra a indústria multibilionária da pornografia. Me ajuda. Não tô preparada. Por que eu cheguei tão longe tão rápido?

Como sempre, Ele sorriu para mim e disse Suas duas palavras famosas

— Confie em Mim.

E eu confiei.

E apesar da lei não ter passado naquele dia, sete meses depois, em agosto de 2008, outra lei semelhante foi aprovada pelo comitê de taxação da assembleia. De repente a Califórnia começou a entender a pornografia como um problema de saúde pública. E a indústria pornô foi muito prejudicada por conta disso.

Foi uma vitória imensa.

Em resposta à nossa vitória, a reação dos demônios se intensificou, e eu estava indo ao médico quase toda semana. Por que? Porque apesar de estar longe da indústria do sexo por muitos anos, as consequências negativas insistiam em continuar no meu corpo. E a cada vez que eu fazia algum progresso no meu ministério os sintomas misteriosamente se intensificavam.

Assim, a cada ida ao médico, eu me ajoelhava e rogava a Deus para que eu pudesse continuar a lutar contra a pornografia, ajudar todas aquelas pessoas e não morrer no meio do caminho!

Nessa época, muitas vezes, durante a oração, as palavras de Mateus 5 vieram à minha mente:

"Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra."

Um dia eu me perguntei: por que esse trecho fica voltando à minha mente? O que Deus quer me dizer?

Me fazendo essa pergunta, meditando sobre ela, conversando com os meus mentores e pedindo a resposta para o Espírito Santo, eu entendi.

Mansidão significa força controlada. Eu estava usando a minha força de forma descontrolada e por isso estava demolindo o meu próprio corpo.

Então, após entender isso, eu me esforcei para controlar minha força, busquei a humildade, arma principal nessa guerra, e me esforcei para

praticar o amor ao próximo e a Presença de Deus. Comecei a rezar dia e noite para o Altíssimo, pedi para outras pessoas dedicadas rezarem por mim, e é claro, trabalhei muito.

Eu também aprendi a só depender do Espírito de Deus, especialmente quando fiquei completamente sozinha e sem ter ninguém que pudesse entender o que eu estava passando.

Quando ninguém tinha sabedoria ou conselho para me ajudar no "ministério que se tornou uma missão" que eu tinha criado, só havia o Espírito Santo para me ensinar.

Assim João 2:27 se tornou uma realidade concreta na minha vida:

"Quanto a vocês, a unção que receberam dele permanece em vocês, e não precisam que alguém os ensine; mas, como a unção dele recebida, que é verdadeira e não falsa, os ensina acerca de todas as coisas, permaneçam nele como ele os ensinou."

Eu finalmente entendi o que a Escritura dizia, e me esforcei para aprender a confiar na liderança do Espírito Santo.

Isso foi uma das coisas mais difíceis de fazer, especialmente quando tinha tantas pessoas me dizendo outras coisas!

Meus pais me diziam uma coisa. Meus mentores me avisavam outra. Evangélicos, Muçulmanos, Católicos, Mórmons, Ateus e todos do universo me diziam seus pontos de vista. Todos eles queriam opinar sobre a minha missão contra o pornô e sobre qual deus seguir, mas o meu Deus simplesmente disse:

—Me siga.

E quando não eram as opiniões de estranhos, eram as opiniões da nossa família, cuja maioria concordava que já deveríamos ter desistido do ministério a muito tempo.

Se tornou muito difícil me manter firme quando até o meu próprio marido disse que tinha dúvidas sobre a missão que Deus tinha nos dado.

Perdendo a firmeza veio a incerteza, tendo a incerteza veio a dúvida, tendo a dúvida veio a crise ministerial que se manifestava na seguinte pergunta: será que nós fomos realmente chamados por Deus para liderar uma missão internacional contra a pornografia, ou será que nós mesmos nos demos essa missão e deixamos nossa família ser destruída por ela, sem que Deus tivesse qualquer coisa a ver com isso?

Mas a crise passou à força de muita oração e eu acabei percebendo que eu não deveria olhar para direita ou para esquerda, apenas para Deus e seguir em frente. Onde quer que estivesse a Vontade Dele, era onde eu deveria estar. E se eu não soubesse qual era Sua Vontade, eu deveria cair de joelhos pedindo que eu soubesse qual era Sua Vontade e rezar pedindo os dons necessários para realiza-La.

Também percebi que nesse tempo de aprendizagem extrema, eu estava constantemente sendo crucificada.

Incapaz de receber qualquer consolação nos pastores modernos que pregavam o evangelho da prosperidade, eu procurei a ajuda lendo os Santos de Deus. Madre Teresa, São João da Cruz, São Francisco de Assis, Santa Teresa de Ávila, São Paulo, etc.

Lendo-os eu descobri que, por mais que eu não gostasse da cruz do meu ministério e nem dos sofrimentos horríveis que eu estava passando, desde os e-mails cruéis ao cansaço por ouvir atrocidades feitas com mulheres durante horas aos problemas de saúde, eles eram maximamente importantes para que eu pudesse evoluir e me aproximar de Deus.

Mas por mais que eu tivesse entendido, isso não diminuiu os meus sofrimentos.

Na verdade, esses até pioraram.

Depois de sete anos, eu voltei a ter pesadelos. Imagens de mulheres e crianças sendo brutalmente estupradas invadiam a minha mente junto de sonhos em que eu batalhava contra satanás e demônios gigantes. Hoje eu já nem sei se eram sonhos. Pelo estado catastrófico em que eu acordava e o caos em que a cama estava, eu penso que talvez estivesse realmente lutando contra entidades demoníacas todas as noites.

Meus pesadelos eram tão violentos, que eu precisei trocar minhas roupas de cama porque eu as tinha rasgado enquanto agonizava dormindo.

A coisa ficou tão feia, que eu nem conseguia mais transar com o Garrett porque, cada vez que começávamos, as imagens pornográficas, às quais eu estava sendo exposta diariamente, ficavam vindo a minha mente.

Eu estava traumatizada outra vez.

Mas isso era um resultado esperado. Apenas imagine: uma mulher e mãe liderando uma luta contra a pornografia e buscando alcançar

atrizes pornô enquanto conversava com milhares de viciados que buscavam se curar enquanto também pesquisava durante horas e horas sobre a indústria pornô para ter material para ganhar a luta no tribunal enquanto também precisava conversar com advogados e ministros que eram contra a pornografia.

Como eu não ia ficar mal depois de tudo isso?

Então, acredite no que eu digo: eu estava sofrendo muito por conta da pornografia.

Eu estava carregando uma cruz por conta dela.

Mas você quer saber o que doía mais? O fato de que, quando exausta, eu pedia orações na internet e, além dos comentários cruéis e censuras de anônimos ou sugestões de pessoas que nunca pensaram no assunto, eu recebia censuras sem compaixão daquele que se diz o povo de Deus.

Foi quando eu percebi que a condição da Igreja era pior do que eu imaginava.

Além daquelas mensagens frias, quando eu fui buscar ajuda e orações para o ministério nas igrejas do San Fernando Valley, onde a maior parte da indústria pornô está, adivinhe só?

Eles não me recebiam.

E quando recebiam, sequer me davam um cartãozinho de visita para que levasse as atrizes pornô para aquela igreja.

Que m. de igreja é uma igreja que exclui quem mais necessita da palavra de Deus? E o Céu? E a Vida Eterna? E a Redenção? Essas igrejas que selecionam seus fiéis por seu prestígio social servem para que?

Tudo o que eu queria eram orações e cartões de visita para poder entregá-los às atrizes.

Eu queria tanto que as atrizes tivessem igrejas para onde ir, que eu me voluntariei para dirigir e leva-las até a igreja grande e bonita da rua Sherman.

Mas quando eu conversei sobre isso com o pessoal da igreja, eles disseram que precisariam falar com a diretoria primeiro.

Nunca mais me responderam.

Eu fiquei furiosa e decepcionada: eu provava pela primeira vez o gosto da cristandade comercial.

Eu jurei que se um dia eu tivesse a chance de ir a uma certa televisão cristã, eu iria arrancar o ouro de suas cadeiras e ordena-los ir direto para o fundo do inferno por terem a pandemia de pornografia sobre a terra.

Mas então, eu descobri que a situação da igreja estava ainda pior do que eu imaginava.

Eu descobri por meio dos e-mails que eu recebia de pastores, bispos, padres e missionários de todo o mundo, que a Igreja de Jesus Cristo, não importando qual afiliação ou denominação, é uma das principais consumidoras da indústria imunda da pornografia.

AAAHHHHHHHHH!!!

Eu gritava com todo o meu fôlego no quintal enquanto eu cuspia para Deus o desgosto extremo que eu sentia por essas pessoas que supostamente amavam a Ele.

Ali eu estava, entregando todo meu sangue para o movimento anti-pornô que Deus fazia para libertar e salvar aquelas pessoas, e lá estava a maioria daquelas pessoas estavam se divertindo com siriricas e punhetas para os vídeos pornô.

PUTA QUE PARIUUUUUU!!!!!!!!!

Quando eu pensava nessas coisas, a mãe campeã e a mulher chamada Shelley desapareciam e uma psicótica surgia no lugar. Quando essa surgia, eu pegava um taco de baseball e ia bater na tora de dois metros de madeira que eu tinha comprado na Home Depot, imaginando que ela fosse o governo ou certas organizações "cristãs".

No final de 2008, parecendo um profeta enfurecido e revoltado com os ímpios e com o povo de Deus, eu fui de novo para o capitólio e testemunhei contra os horrores imensos da indústria clandestina e satânica da pornografia.

Nesse dia, eu levei um batalhão de ex-atrizes que Deus tinha acabado de arrancar da indústria para testemunharem comigo sobre as condições terríveis de trabalho na indústria pornô. Deus com Sua Infinita Sabedoria tinha criado um pequeno e ardente exército de mulheres para ajudar na destruição de um dos maiores males da história. Nosso testemunho foi extremamente poderoso e eu tenho a certeza de que os céus aplaudiram as ex-atrizes pornô naquele dia!

E quer saber?

O Estado da Califórnia também nos aplaudiu e começou a nos ouvir!

Mas o preço de ter essa vitória e entrar para história foi caro. Um preço caro que a minha família e a família dos outros membros da Pink Cross tiveram que pagar: ameaças de morte da oposição, ataques satânicos constantes nas nossas vidas, difamação, perseguição e muitas outras coisas horríveis.

Estando sendo atacados por todas essas coisas e vendo que não estávamos dando conta, começamos a nos reunir para orar juntos, clamando a Deus por apoio.

E advinha?

Pouco tempo depois, um grupo de capelães militares do sul da Califórnia se voluntariou para nos ajudar em nossa missão e até mesmo nos ordenar!

Deus ouviu a nossa prece!

Em 4 de abril de 2009, Garrett e eu fomos oficialmente ordenados como capelães da ordem de São Martinho, com o rito tradicional de Martinho de Tours. De repente, nossa missão anti-pornô começou a parecer uma verdadeira reforma quando Deus jogou a pista de "Martinho" em nós.

Nossa missão de anti-pornô parecia ainda mais com uma reforma por conta do preço que tínhamos pagado.

Como esse livro é sobre a verdade, eu vou falar ainda mais sobre a verdade por trás de Shelley Lubben e de sua família arruinada.

Nós literalmente desistimos da nossa vida perfeita e linda e de tudo com o que gostávamos, para ajudar pessoas que riem de nós, continuam vendo pornografia e não se importam com as vidas tristes e destruídas que são necessárias para que exista um único vídeo pornô.

Pessoas que ignoram que para que uma mulher, que um bebê inocente, acabe sendo analmente penetrada por um estranho enquanto outros estranhos se masturbam e fazem uma gravação, que será vista por mais de 1 milhão de pessoas, alguma coisa MUITO ERRADA precisou acontecer na vida dela. Que ela está doente. Que ela precisa de ajuda. Pessoas que valorizam mais um orgasmo do que a destruição do próximo. Pessoas que se deliciam com a destruição do próximo.

Por elas lutamos e delas recebemos o escárnio.

Eu admito que eu tive meus momentos de "Elias", nos quais eu pensei que era a única na cidade que realmente se importava com essas

pessoas, mas com o passar dos anos, Deus me mostrou que havia milhares de seres humanos dedicados e amorosos que não desistiram e nem iriam!

Por exemplo, a Dra. Judith Reisman, especialista em pornografia mundialmente reconhecida e autora judia poderosa, que na minha opinião é a maior das heroínas desconhecidas da nossa nação.

Ela tirou seu tempo para me instruir, me encorajar, me ensinar sobre a história da nossa nação e como a maior geração do nosso tempo foi sabotada pela pornografia, e como um dos maiores culpados era um homem chamado Kinsey. [Kinsey: Crimes and Consequences – por Dra. Judith Reisman]

Meu coração era rasgado em pedaços ao ouvir sobre a imensa destruição que a Playboy e outros pioneiros do pornô tinham causado na nossa nação, e ao ver que muitos que poderiam ter sido grandes homens foram reduzidos a garotos egoístas e imaturos pela pornografia. Que a pornografia tinha silenciosamente corroído a nossa nação.

E ao mesmo tempo em que Dra. Reisman começou me instruir sobre o ataque pornográfico à nossa nação e suas consequências, “cientistas” do sexo que tinham usado crianças para estudar os orgasmos, literalmente me entregando trinta anos de sua experiência numa bandeja de prata, eu estava enfiada nas trincheiras das convenções pornô com a equipe da Pink Cross Foundation.

Meu time estava em chamas e fazendo o impossível.

Nós entrávamos confiantes nas convenções pornô, segurando nosso banner que declarava “não há beleza no pornô” até chegarmos ao nosso estante preto e rosa. Lá pendurávamos o nosso banner na entrada, fazendo com que todos os que passavam parassem e notassem.

Quando percebíamos a confusão no rosto de quem passava, ao ver um banner desse numa convenção pornô, nossa equipe se aproximava e oferecia educação, oração e a verdade explícita sobre os bastidores da pornografia. Pudemos conscientizar milhares de fãs e atrizes pornô.

Em seguida, repletos do Espírito Santo, eu e o meu time recém ordenado marchávamos para os grandes estúdios pornô, informando aos diretores, atrizes, atores e funcionários que se eles não parassem, se arrependessem e mudassem de vida, pagariam com suas almas no Dia do Juízo de Deus.

Após isso, íamos em cada cabine, rezávamos por cada atriz e ordenávamos que as correntes que a escravizavam fossem rompidas e que ela fosse livre.

Era o tempo da indústria pornô ser oficialmente destruída. Era o tempo da criação de Deus ser declarada livre para viver e fazer algo poderoso e incrível com sua vida. Deus NÃO iria mais tolerar o comércio sexual de seres humanos. Era o tempo de milhares de homens e mulheres serem libertos da indústria pornô.

Após irmos à convenção em Las Vegas, em janeiro de 2010, eu passei a confiar totalmente na habilidade de Deus de cumprir e fazer muito mais do que Ele originalmente tinha prometido.

Tendo um time poderoso ao meu lado, milhares de pessoas maravilhosas do mundo todo rezando por nós, recebendo o apoio dos nossos amigos, eu percebi que nada era impossível para Deus.

Minha vida era a prova disso.

Minha mudança de stripper, mendiga, drogada, prostituta, atriz pornô, alcoólatra, mamãe dos cupcakes e líder internacional só podia ter sido feita por Deus!!! Como eu que não conseguia controlar o que entrava na minha boca poderia ter feito isso? Isso era impossível para mim. E vendo a minha vida, eu vejo que NADA é impossível para Deus. Só Ele poderia ter feito algo assim.

E Ele não fez só isso. Deus fez muito mais. Deus agiu em cada ponto das nossas vidas. Deus AGE em nossas vidas, basta pedirmos e rezarmos muito.

Como um Pai amoroso, ele prestou atenção em nós e cuidou bem de nossas vidas. Ele agiu até na compra da nossa casa. Quando compramos a casa em Bakersfield, eu nem tinha notado, mas Deus orquestrou a coisa de tal forma que estávamos morando na avenida Elias.

O profeta que eu senti que minha vida imitou naquela vitória contra a indústria da pornografia no tribunal da Califórnia. O profeta que venceu 850 falsos profetas de Baal e levou o Fogo de Deus sobre eles.

Exatamente, 850 falsos profetas não puderam triunfar contra UM profeta que conhecia a Verdade.

Vou deixar que você pense nisso por um minuto.

Capítulo Trinta - A profecia do Circus Maximus

Começou com o estupro das mulheres sabinas.

Os imperadores romanos promoviam corridas de bigas que eram tão atrativas que “ninguém tinha olhos para mais nada.” Dessa forma, enquanto os homens sabinos aproveitavam as corridas, as mulheres solteiras de sua tribo eram estupradas ou sequestradas para se tornarem esposas dos romanos.

Anos após ano, os estupros e os sequestros se repetiram e durante 400 anos as corridas distraíram os Sabinos e Romanos.

Atendendo a necessidade dos cidadãos romanos por entretenimento de massa, as corridas de bigas eram o evento mais visto do mundo e eram o espetáculo principal do primeiro circo do mundo: o Circus Maximus.

Era um espetáculo.

O maior evento romano de todos os tempos, onde mais de 200.000 espectadores se entregavam às apostas, shows e prostitutas. Todos se entregavam ao frenesi, à loucura e ao prazer. A entrada para o “maior show da terra” era gratuita e qualquer pessoa poderia entrar, até mesmo os pobres de Roma.

Fãs de todos os níveis sociais se uniam, se pintavam com as cores de sua torcida organizada e torciam para os pilotos de bigas seminus.

Vindo do fundo da sociedade, o piloto geralmente era um escravo que tinha sido apoiado por alguns negócios que investiam no seu treinamento com os cavalos. As corridas davam apelidos aos pilotos, e os fãs muitas vezes se irritavam com eles e arremessavam coisas da arquibancada.

Muitas vezes os pilotos caíam e morriam ao serem atingidos com esses objetos. Mas isso não tinha importância nenhuma, o piloto logo era substituído e a festa continuava.

Sob o espírito do que os romanos chamavam de *furor circensis*, nome da histeria que tomava conta das massas, os fãs comiam, bebiam e brigavam por dias e dias.

A excitação, o risco e o frenesi eram elementos vitais para uma boa corrida.

Após sete voltas na pista, que podiam incluir até 12 bigas ao mesmo tempo, os pilotos que conseguiam não cair e nem morrer pisoteado por cavalos furiosos e conseguiam terminar a corrida entre os três primeiros, levavam prêmios para casa e se tornavam celebridades como Scorpus, um dos pilotos mais famosos de todos, que ganhou 2.000 corridas antes de morrer no seu auge aos 27 anos de idade.

Mas as corridas de bigas não era o único entretenimento. A possibilidade de estuprar uma mulher sem que ninguém percebesse, por estarem todos aglutinados no coliseu assistindo aos jogos, atraíam homens de todo o império.

Sobre uma plataforma elevada ou sobre os seus palácios, os imperadores amavam a glória que os jogos davam ao seu nome.

Desde o nascer ao pôr do sol, um quarto da população de Roma ia assistir a uma média mortal de 25 corridas por dia. Durante as pausas entre as corridas, o Circus oferecia cerimônias religiosas, caça de bestas, o show de horrores dos gladiadores e outro show ainda mais abominável: o assassinato dos Cristãos.

No ano 64 DC, o imperador romano Cesar Nero tentou sistematicamente exterminar todos os que professavam a Fé em Cristo. Sob o seu reinado maligno, os romanos assistiram todo o tipo de atrocidade sobre suas vítimas. Ele não apenas matava os Cristãos, ele os fazia sofrer muito antes de morrer.

Nero se divertia ao mergulhar os Cristãos em alcatrão para depois empalá-los nos postes ao redor de seu palácio e em seguida incinera-los, gritando:

— Agora vocês verdadeiramente são a luz do mundo.

Diante da multidão imensa do Circus Maximus, Nero ordenou todo o tipo de tortura contra os Cristãos. Até mesmo que peles de animais fossem amarradas nos Cristãos e que Esses fossem jogados na arena com cães, lobos ou leões famintos, para serem brutalmente devorados diante de milhares de espectadores “entretidos".

Outras vezes, ele ordenava que os Cristãos fossem crucificados. Mas ao contrário do primeiro tipo de morte, que provia um “espetáculo” rápido e impressionante, os Cristãos crucificados insistiam em demorar para morrer, deixando a multidão entediada.

Tal “problema” era resolvido ao jogar alcatrão nos Cristãos e queima-los vivos.

Toda Roma estava em êxtase vendo os Cristãos serem crucificados por entretenimento.

Era um espetáculo horroroso que não é muito diferente do que acontece hoje.

Acordem, Cristãos, o espírito de Nero está vivo e bem.

O mundo aplaude enquanto vocês são lançados na arena para serem devorados por seus próprios vícios. O demônio empalou seus corpos em Roma e agora empala os seus corações mundanos no vício da pornografia para que, chegada a hora certa, vendo suas carnes podres arderem no inferno, ele lhes diga com escárnio:

— Agora vocês são oficialmente a luz do mundo.

Agora ouçam ao profeta Isaías.

Isaias - Capítulo 58:

"Grite alto, não se contenha! Levante a voz como trombeta. Anuncie ao meu povo a rebelião dele, e à comunidade de Jacó, os seus pecados.

Pois dia a dia me procuram; parecem desejosos de conhecer os meus caminhos, como se fossem uma nação que faz o que é direito e que não abandonou os mandamentos do seu Deus. Pedem-me decisões justas e parecem desejosos de que Deus se aproxime deles.

'Por que jejuamos', dizem, 'e não o viste? Por que nos humilhamos, e não reparaste?' Contudo, no dia do seu jejum vocês fazem o que é do agrado de vocês, e exploram os seus empregados.

Seu jejum termina em discussão e rixa, e em brigas de socos brutais. Vocês não podem jejuar como fazem hoje e esperar que a sua voz seja ouvida no alto.

Será esse o jejum que escolhi, que apenas um dia o homem se humilhe, incline a cabeça como o junco e se deite sobre pano de saco e cinzas? É isso que vocês chamam jejum, um dia aceitável ao Senhor?

"O jejum que desejo não é este: soltar as correntes da injustiça, desatar as cordas do jugo, pôr em liberdade os oprimidos e romper todo jugo?

Não é partilhar sua comida com o faminto, abrigar o pobre desamparado, vestir o nu que você encontrou, e não recusar ajuda ao próximo?

Aí sim, a sua luz irromperá como a alvorada, e prontamente surgirá a sua cura; a sua retidão irá adiante de você, e a glória do Senhor estará na sua retaguarda.

Aí sim, você clamará ao Senhor, e ele responderá; você gritará por socorro, e ele dirá: Aqui estou. "Se você eliminar do seu meio o jugo opressor, o dedo acusador e a falsidade do falar;

Se com renúncia própria você beneficiar os famintos e satisfizer o anseio dos aflitos, então a sua luz despontará nas trevas, e a sua noite será como o meio-dia.

O Senhor o guiará constantemente; satisfará os seus desejos numa terra ressequida pelo sol e fortalecerá os seus ossos. Você será como um jardim bem regado, como uma fonte cujas águas nunca faltam.

Seu povo reconstruirá as velhas ruínas e restaurará os alicerces antigos; você será chamado reparador de muros, restaurador de ruas e moradias.

"Se você vigiar seus pés para não profanar o sábado e para não fazer o que bem quiser em meu santo dia; se você chamar delícia o sábado e honroso o santo dia do Senhor, e se honrá-lo, deixando de seguir seu próprio caminho, de fazer o que bem quiser e de falar futilidades, então você terá no Senhor a sua alegria, e eu farei com que você cavalgue nos altos da terra e se banqueteie com a herança de Jacó, seu pai. " Pois é o Senhor quem fala.

Notas finais

Capítulo um: Sob o grande topo

1. Entrevista de Regan Starr; Talk Magazine, http://www.cwfa.org/articles/ 3838/LEGAL/pornography/index.htm, February 2001.

2. Entrevista da atriz pornô Jersey Jaxin;

http://www.shelleylubben.com /audio/ Jersey1.mp3

3. Entrevista Becca Bratt: http://www.shelleylubben.com/porn—stars—speak—out— stds—drugs—and—abuse—0, May, 2006.

4. Christian XXX. “Christian Sings the Blues”. January

2008. http://

cwians.typepad.com/christian_sings_the_blues/2008/01/i

5. Shelley Lubben. AIDS, suicídios, e mortes relacionadas à drogas desde 1999.

http://www.shelleylubben.com/sites/default/files/PornFa 2009deaths_lubben.pdf

6. Entrevista Michelle Avanti:

http://www.shelleylubben.com/shelleys—blog/shelleylubben/06/3/2009/michelle—avanti—leaves— porn

7. Jasyn Jones. A pornificação da cultura americana

em 23 de abril de 2003. Site do The Daily Utah Chronicle. http://www.dailyutahchronicle.com/opinion/the—pornographication—of—american— culture—1.362967

8. Fatos e estatísticas da TV. http://www.parentstv.org/ptc/facts/media facts.asp

9. Sharon Mitchell, médico das atrizes pornô, “nós garantimos

a segurança da indústria do entretenimento adulto.” Vídeo em http://www.youtube.com/watch?v=5G1AIgh _X3E

10. Shelley Lubben. Mortes relacionadas com AIDS na

Indústria pornô americana desde 1985.

http://www.shelleylubben.com/sites/default/files/AIDS_

_deaths_lubben_0.pdf

11. Rong—Gong Lin II. “Ator pornô relembra o pesadelo de testar positivo para HIV.”

http://articles.latimes.com/2009/jun/15/local/me—porn — hiv15

12. O doutor das atrizes pornô, Sharon Mitchell, fundador da AIM

(Fundação de saúde da indústria adulta Entrevista da lenda pornô, Sharon Mitchell, com a corte. http://www.sharonmitchell.plazadiscounts.com/page15.html

13. Jonathan E. Fielding, M.D., M.P.H. Indústria do filme adulto

Relatórios de saúde

http://www.shelleylubben.com/sites/default/files/LA_Pu 17—09.pdf

14. Entrevista de Kemi Andrews; Entrevista com Luke Ford em 15 de setembro de

2004.

http://www.lukeisback.com/stars/stars/kami_andrews. htm

15. Site do New York Post Estresse conjugal ao extremo1

http://www. nypost.com/p/pagesix/marital_stress_in_the_treme_qCVvDPkseFQh58M

Capítulo dois: Mande entrar os palhaços

16. Baseado nas entrevistas e testemunhos de funcionários da indústria pornô, nós estimamos que 90% desses funcionários são sobreviventes do abuso sexual na infância. Essa estatística é considerada razoável baseado na longa documentação estatística realizada pelo Governo Do Estados Unidos:

Uma a cada quatro garotas foi sexualmente abusadas antes dos 18 anos. (Http://www.cdc.gov/nccdphp/ace/prevalence.htm, ACE Study — Prevalence — Adverse Childhood Experiences); 1 a cada 6 meninos foi abusado antes dos 18 anos. (http://www.cdc.gov/nccdphp/ace/ prevalence.htm, CE Study — Prevalence — Adverse Childhood Experiences); An estimated 39 million survivors of childhood sexual abuse exist in America today. (Abel, G., Becker, J., Mittelman , M., Cunningham—Rathner, J., Rouleau, J., & Murphy, W. 1987). Confissão de crimes sexuais de parafílicos não encarcerados. Journal of Interpersonal

Violence, 2(1), 3—25

17. Dusk in Autumn Blog. Em qual idade as mulheres são mais atraentes? http:// akinokure.blogspot.com/2008/03/at—what— age—are—females—at—their. html, March 25, 2008.

18. April Garris. The Porn Effect Blog. “De mito à realidade”

http://www. whodoesithurt.com/april—garris/177—april— garris, March 8, 2010.

19. Adam Higginbotham. O broker pornô em 9 de outubro de 2004.

Telegraph Magazine, apresentada por The Age.

20. Shelley Lubben. AIDS, suicídeos, e mortes relacionadas à drogas desde 1999.

http://www.shelleylubben.com/sites/default/files/PornFa 2009deaths_lubben.pdf

21. Atrizes pornô mortas http://www.rame.net/faq/deadporn/

22. Glenn Peoples. Análise: Importantes tendências de venda que você precisa conhecer;

http://www.billboard.biz/bbbiz/content_display/industr ea6265fac02d4c813c0b6a93ca2, quarta—feira, 2 de junho de 2010.

23. Nominações para o prêmio AVN de 2010 anunciadas

http://business. avn.com/articles/Nominations—for—2010— AVN—Awards—Announced—370904.html, December 2,

2009 anos.

24. O site das estrelas do rock mortas. http://thedeadrockstarsclub.com/deadrock.html

25. A associação de gravações da América (RIAA).

http://www. riaa.com/aboutus.php

26. Ibid., 20.

27. Relatório Kaiser diário de HIV/AIDS. Grupo diz que há um surto de HIV entre as atrizes pornô de L.A. Oficiais de saúde obtêm relatórios médicos das trabalhadoras. http://www.kaisernetwork.org/daily_reports/rep_index. DR_ID=23346, April 23, 2004.

28. Rev. Daniel R. Jennings. A expectativa média de vida de uma

Atriz pornô

http://danielrjennings.org/TheAverageLifeExpectancyOf APornStar

Capítulo 27 Dane—se o Paraíso

29. Blazing Grace. Estatísticas e informações sobre a pornografia nos Estados Unidos. http://www.blazinggrace.org/cms/bg/pornstat

Sobre a Autora

Shelley Lynn Lubben, nascida em 18 de maio de 1968, é uma ex-atriz pornô que se tornou uma das líderes de um movimento mundial contra a pornografia.

Ela abandonou a indústria do sexo em 1994 e após oito anos de recuperação no Centro dos Campeões em Tacoma, Washington, ela voltou para a sociedade como uma nova Campeã, ensinando e pregando nas prisões para as presidiárias do centro da Califórnia.

Ordenada capelã pela Ordem de São Martinho, Shelley também é bacharel em estudos teológicos pela Universidade Internacional Vision.

Agora, após 15 anos de recuperação, Shelley tem aparecido na TV e no rádio secular e cristão, onde ela expõe os males da pornografia e compartilha sua história inspiradora de redenção por meio de Jesus Cristo.

Shelley também é diretora executiva da Pink Cross Foundation, uma organização sem fins lucrativos que oferece esperança, tratamento, e apoio para as mulheres aprisionadas na indústria do sexo ao redor do mundo.

Shelley Lubben é convidada a várias partes do mundo para palestrar, testemunhar, educar e aconselhar pessoas, organizações, profissionais e governos, sobre a indústria demoníaca da pornografia, o vício em pornografia, a reabilitação de abusos sexuais e sobre o estilo de vida dos Campeões.

Shelley é mãe de três filhas lindas, e está casada com o Sr. Maravilha, Garrett Lubben, há quinze anos.

Recursos

Para mais informações sobre o vício em pornografia, abuso sexual, a verdade por trás da pornografia e ensinamentos dos Campeões, visite o site de Shelley em www.shelleylubben.com

No site www.thepinkcross.org você pode encontrar:

Informações e artigos sobre a verdade por trás da pornografia e sobre como se recuperar do vício em pornografia.

Informações e artigos sobre como se recuperar de abusos sexuais e da indústria do sexo.

Histórias de outras ex-atrizes pornô e ex-prostitutas para te educar sobre a verdade do mercado humano de sexo.

Vídeos e áudios de Shelley Lubben compartilhando seu testemunho.

Fóruns de ajuda para aqueles que lutam contra o vício em pornografia e fóruns privados para mulheres em reabilitação da indústria do sexo.

Conheça mais sobre a Pink Cross Foundation, uma instituição sem fins lucrativos baseada na caridade, que se dedica a alcançar as trabalhadoras e trabalhadores da indústria do sexo para apoia-los emocional e financeiramente, e dá-los apoio em sua recuperação, e ajudar aqueles que sofrem pelo vício em pornografia.

Continua...